

NA GRANDE GUERRA



110
9.962

NA GRANDE GUERRA

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA
• • • DE MANUEL LUCAS TÔRRES
RUA DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 59 A 61

REP. 63

9902

AMERICO OLAVO

NA

GRANDE GUERRA



7. 07611



1919
GUIMARÃES & C.^a — Editôres
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

REVUE DE LA

REVUE

GRANDE GUERRA


REVUE DE LA
REVUE DE LA
REVUE DE LA
REVUE DE LA
REVUE DE LA



NA GRANDE GUERRA

PRIMEIRA PARTE

A declaração

uando em 7 d'agosto o ministerio a que presidia o Dr. Bernardino Machado apresentou ás Camaras a proposta para que Portugal acompanhasse a sua velha e fiel aliada, não fez mais do que pedir-lhe uma sancção, um assentimento que as disposições constitucionaes tornavam obrigatorio para adoptarmos uma conducta nacional, a que de facto, por circumstancia alguma poderiamos eximir-nos. N'essa data a nossa atitudo futura estava já fatalmente determinada e o nosso lugar entre as nações em lucta rigorosamente marcado, por forma tão clara, tão evidente, que só cegos de entendimento poderiam deixar de ver.

Com effeito tinha Portugal de longa data o seu tratado com a Inglaterra pelo qual, em caso de guerra *ofensiva* contra esta, era obrigado a prestar-lhe o seu

concurso, o seu auxilio contra a nação agressora. E se os tratados para as nações sem honra não são mais do que bocados de papel que espiritos sem o sentimento do valor das convenções e mãos brutas podem desprezar ou despedaçar, para outros são cumpromissos que forçam irremissivelmente, a despeito, não importa de quantas dificuldades, de quantos sacrificios, de quantas luctas, mesmo da fatalidade, da ruina, da destruição, do aniquilamento.

Portugal rico de maravilhosas tradições, de admiraveis ousadias que abriram aos demais povos occidentaes todos os recantos do mundo, dominado por prejuizos de nobreza e de cavalheirismo, proprios das raças latinas e animados e requintados em seculos de gloria e de esplendor, fiando muito a sua segurança e a conservação dos seus dominios no estabelecimento de ligações com povos fortes com os quaes tenha comunidade de interesses, não poderia por sua honra nem sequer por sentimento da propria conveniencia, — renegar a sua promessa de concurso no momento em que lhe fosse pedido, se não entendesse melhor fazer a prévia declaração de que dentro dos seus recursos acompanharia mesmo aos mais infortunados destinos a sua aliada, com a qual voluntariamente tratára e á força da qual devêra talvez tantos anos de paz externa, de tranquillidade e de equilibrio nas relações com os demais povos.

Senhor de vastos e afastados dominios a cujas necessidades de defeza, de administração e de intercambio a sua reduzida frota de commercio não poderia bastar, necessitado d'uma ligação intima e constante com o Brazil que com o peso do seu oiro lhe equilibra a balança comercial e de relações permanentes com os demais paizes de que importa as mercadorias indispensaveis á alimentação da sua população, estaria condenado ao isolamento, á ruina e ao des-

membramento, desde a hora fatal em que lhe faltasse o concurso, o auxilio dos povos que mercê da supremacia marítima, conservassem, detivessem a liberdade dos mares para satisfação das suas necessidades de ordem comercial e industrial. E sendo as suas duas maiores colonias mordidas profundamente na superficie do continente africano, confinantes com territorios d'alguns dos povos em guerra, porventura dos dois que a aspiração de hegemonia sobre o mundo mais sacudiu e assanhou, reservava-as o futuro para theatro de sangrentas e duradouras operações em que se empenhariam as forças coloniaes d'um e d'outro, ás quaes a escassez das nossas e a falta de tonelagem propria, indispensavel, á sua sustentação e reforço, nem poderiam impedir nem ao menos crear um arremedo, sequer, de embarço. E quem sabe os ignora-dos destinos que a esses theatros de operações, ou melhor, de occupação por parte do vencedor, estariam reservados, um dia, chegarlo o momento das negociações, da imposição d'uma nova ordem de cousas, impeditiva de futuras guerras sem que á meza, em torno da qual se reunissem os representantes dos luctadores n'um desejo tardio de reconciliação, se sentasse tambem um delegado portuguez, porta-voz dos nossos direitos e afirmação viva do nosso esforço, dos nossos sacrificios, da nossa participação.

Uma outra forte razão de ordem moral nos impelia para a contenda: as nossas intimas, indestructiveis afinidades com a França.

Visinhos da Hespanha, formados n'ela na reacção libertadora da reconquista, poucos portuguezes conhecem a sua historia dos tempos em que não intercepta a nossa, nem o seu movimento social e politico, nem a sua vida intellectual, os seus pensadores, e poetas e prosadores e escriptores de teatro e artistas, que não sejam os que fizeram estarrecer de admira-

ção o mundo inteiro, a poder de obras primas de pintura.

Bem, conhecemos apenas as suas touradas sangrentas e barbaras em pequenas cidades fronteiriças, zarzuelas estafadas nos palcos dos nossos teatros e a pletorica escoria de *ratoneros* que invade as duas grandes cidades do paiz e nos leva ao primeiro articular d'um *usted*, ao justificado receio da invasão dos nossos bolsos, ao instintivo movimento de palpar a carteira.

Da Italia sabemos pouco mais que a duzia e meia de palavras sobre a Renascença, contidas nos compendios do liceu, e decoradas ha já distantes annos, sem comprehensão e sem curiosidade, apenas no desejo de satisfazer o professor e evitar a vergonha familiar d'uma rapoza. Contentamo-nos d'ouvir as suas operas no Colyseu ou em S. Carlos, falando das suas epocas de maravilha e de esplendor, com ignorancia e com emphase, no receio de que o ouvinte nos encaminhe traiçoeiramente para detalhes.

Da Romenia direi apenas, que constituiu uma embasbacante surpresa para muitos, que arrancou bastos ahs! de admiração, o facto de se dizer que esse povo, perdido lá longe na confusão babelica dos Balkans, tambem é latino.

Mas da França nem um só portuguez, mesmo escassamente culto, ignora todas as étapes da sua deslumbradora jornada atravez do tempo, o seu movimento social de redemptoras repercussões na vida politica do mundo inteiro, nem a sua arte, nem a sua literatura, nem o seu teatro e a sua musica, até mesmo as suas revistas, o dia a dia dos seus jornaes. Detentora da hegemonia literaria e artistica, ela é a mais viva, a mais exuberante e requintada representante da nossa raça, e uma vez vencida — nós senti-

mo-lo bem — seria o proprio genio latino ferido em pleno coração.

Negarmos-lhe o nosso esforço, o nosso concurso n'aquella hora decisiva para os destinos dos povos latinos, abandonal-a á sanha e á ambição rapace d'um povo mais numeroso e mais forte de longa data trabalhando na sombra para a vencer, seria praticar um crime, uma monstruosidade cuja memoria maldita nem mil annos de Historia conseguiriam esbater.

Estas são razões d'uma forte e clara evidencia, contra as quaes não procedem as intrigas e afirmações de politicos empenhados n'uma campanha de bota a abaixo a todos os governos que não sejam do respectivo partido, nem a relutancia manifestada por uma parte da população portugueza virgem de energia, de força moral, acomodada em décadas successivas de preguiça de inutilidade e de abandalhamento, especie de alforreca moral boiando na maré cheia dos acontecimentos, apenas sensivel aqueles que lhe perturbam a inconsciente flutuação.

* * *

De tres origens diferentes brotou a contra-propaganda, uma vez definida a attitude a seguir pelo paiz na guerra que prometia alastrar sobre a Europa inteira.

Os reaccionarios e monarchicos, que outrora haviam julgado a aliança luso-britanica de natureza puramente dinastica e penhor seguro da conservação d'uma organização politica onde medrassem as suas incompetencias e se estadeassem as suas vaidades e privilegios, esperavam do triunfo da Alemanha, imperialista e cultora do regimen pessoal, a morte das democracias, o regresso do paiz á situação anterior a 1910, a volta ao trono do ex-rei Manoel, favorecido

então com o seu recente casamento com uma princesa alemã.

Juntavam-se-lhes *snoobs*, postíços e desmiolados, simples cabides de fatos caros as mais das vezes fugidos ás reclamações do alfaiate, passeiantes pretendidamente preciosos da sua inutilidade, freguezes fieis d'esquina, onde assediam com insolencias soezes as senhoras que imprudentemente lhes passam ao alcance. Mas estes, verdadeira floração nacional, de que o paiz não pode orgulhar-se, não avolumaram o pequeno regato que continuou coleando, inofensivo, por entre a indeferença da sociedade portugueza.

Por outro lado, uma parte dos officiaes do exercito, que em bastos annos de paz se haviam habituado a olhar o exercito apenas como modo de vida, como comoda occupação burocratica, mal paga sim, mas isenta de canceiras e de riscos, começou de discutir a mêdo a principio, as vantagens e inconvenientes da nossa participacão, insistindo especialmente n'estes, para terminar por esboçar o desejo de se arrogar o direito de tomar resoluções que apenas competem segundo disposições constitucionaes bem claras, ao alcance das mais simples intelligencias, a um poder especial do Estado.

N'outro qualquer paiz onde as noções de disciplina não fossem tão precarias, onde claramente se comprehendesse que o exercito não é mais do que um instrumento para fazer a guerra, os officiaes aguardariam com firmeza e com coragem o momento em que as estações competentes os chamassem ao cumprimento do dever. Infelizmente não succedeu assim em Portugal e da nossa memoria não se apagará nunca, a lastimavel impressão, de sabermos amontoadas no ministerio da guerra, verdadeiras resmas de requerimentos de demissão, e de vermos officiaes acorrendo em levas e pressurosos, ás juntas medicas

a pretextar estados de saúde que diziam impossibilitá-los do exercício das suas funções em guerra, mas não tinham sido até então impeditivos da ardua, violenta, fatigante missão de instruir e preparar tropas, nem do recebimento das prestações que o Estado mensalmente lhes acordava.

E de tal maneira, um e outro facto se agravaram que o ministro da guerra, movido pela necessidade urgente da sua repressão, tomou medidas atinentes por um lado á recusa de todas as demissões durante o periodo de guerra e por outro ao estabelecimento de juntas de sucessivo recurso em cujas malhas ficassem presos, os que por virtude de uma falta de rigor de constatação pudessem ir, injustificadamente, a caminho da reserva ou da reforma.

Temos em terceiro lugar a acção desenvolvida por um dos partidos da Republica, afastado desde muito tempo das cadeiras do poder, consoante a sua justa representação parlamentar.

O seu jornal iniciou então uma campanha contra a participação, que no fundo vizava apenas a enfraquecer e derrubar o partido que detinha o poder, publicando artigos que só poderiam procurar alimentar, favorecer e intensificar a corrente contraria á guerra, chamando a si o apoio dos monarchicos e militares acima referidos.

A primeira cousa de importancia que este jornal aventou, e que serviu de *pivot* á má argumentação dos seus antigos habituaes leitores, e sobretudo á dos novos, foi a de se saber se a Inglaterra havia ou não solicitado a nossa intervenção. Se a Inglaterra a tinha pedido, não havia remedio senão sujeitarmo-nos, resignarmo-nos, virmos á guerra, não como quem quer cumprir galharda e gloriosamente um dever, mas como quem se deixa esborrachar pela fatalidade d'um destino.

O chefe do governo d'então, o Dr. Benardino Machado, talvez para ir de encontro a esta campanha, pronunciou um discurso na Camara dos Deputados na presença do ministro d'Inglaterra e dos demais ministros das nações aliadas, no qual declarou que a Inglaterra havia pedido o concurso de Portugal. Isto diante do ministro de Inglaterra, e afirmado pelo ministro dos negocios estrangeiros!

O primeiro dia foi de surpresa para os contrarios á intervenção. Mas logo refeito d'ela, o mesmo jornal deixou transparecer que o ministro era um mystificador de tal natureza, que seria capaz de produzir aquella afirmação, e ainda mais, n'aquellas condições, sem um vislumbre sequer de veracidade, só devendo merecer crédito quando do documento em que o pedido havia sido feito, tivesse sido dada publicação. Que viesse para ali o documento, porque o publico queria lê-lo e saber se o paiz ia para a guerra por dever, ou como objecto da loucura d'outro partido politico.

Demais sabia o articulista, bem conhecedor dos negocios do Estado, que semelhante documento não poderia ser publicado e a este facto se deve, talvez, a insistencia na necessidade da sua apresentação ao publico. Este, porem, na sua quasi totalidade, afóra alguns elementos militares, mais avisado que o articulista, aceitou que o pedido tivesse sido feito e que a publicação não poderia realisar-se.

O jornal firme no desejo de levar a cabo a sua obra indisciplinadora e dissolvente, apresentou então uma nova base de discussão que só conseguiu ter uma fraca aceitação. Portugal entraria na guerra oferecendo os seus portos, emprestando o seu material, mas não expondo os seus homens, — que bem precisos eram áquella exploração politica.

A situação que nos criariamos seria de tal maneira infeliz, que o publico a olhou com repugnancia. E

comquanto essa idéa talvez tivesse acordado no espirito d'alguns individuos, já dispostos a todas as fraquezas, um proposito timido de defeza, o que é certo é que o moral portuguez não enfermou de depressão sufficiente para que ela tivesse voga.

Uma terceira idéa, diria mesmo um ultimo recurso, appareceu então, contra a vinda de portuguezes para França. Portugal paiz cujo futuro dependia da conservação das suas colonias, tendo ali a guerra, ali devia concentrar todo o seu esforço, com o qual tambem auxiliava os seus aliados e participava d'ela. Esta tendo já uma base sobre que se estabelecesse, conseguiu um apreciavel numero de adeptos e talvez tivesse calado em parte no espirito publico. De facto Portugal tinha colonias e tinha necessidade de fazer ali a guerra, quer para defender o seu territorio da invasão alemã, quer para colaborar com os demais aliados. Mas era tudo o que poderia fazer? Dar-lheia esta situação direito a uma representação na futura conferencia da paz, consoante nos é indispensavel? Trar-nos-ia o auxilio financeiro e em navios de que necessitamos? Era o sacrificio, proporcional aos demais povos em guerra? Vel-o-hemos d'aqui a pouco.

Apresentada a demissão do governo Bernardino Machado, deligencias de toda a ordem foram feitas no sentido de se formar um governo de concentração, no qual entrassem elementos de todos os partidos politicos com representação parlamentar. Aos fins politicos d'aquelle partido porem só convinha ou um governo seu (não se sabe como visto que não tinha situação parlamentar que o permitisse) ou então um governo exclusivamente tirado do partido que havia feito mais larga propáganda da intervenção de Portugal. Esta ultima situação era porem a que mais lhe conviria.

Depois de longos dias de lentas, difíceis e talvez mal intencionadas negociações, o partido democratico foi constrangido a aceitar o encargo de formar um governo que teve uma existencia de duração efémera.

A possibilidade de se apoiarem n'um partido republicano, deu então a officiais do exercito a facilidade de se lançarem na contenda, como se estivessem possuidos do desejo de bem servirem a sua Patria e a Republica. E a simples medida de transferencia de um official por virtude d'um conflicto n'uma terra de provincia, deu logar a uma manifestação militar que teve por resultado a queda do governo democratico e a chamada ao poder pelo então presidente da Republica, Dr. Manuel d'Arriaga, do general Pimenta de Castro, cujos sentimentos germanofilos eram por demais conhecidos. Foi o chamado movimento das espadas.

Officiaes de algumas unidades entregaram aos respectivos comandantes as suas espadas como signal de protesto contra o procedimento do ministro da guerra, e como este não tivesse usado nem da decisão nem da rapidez, e do rigor que só era compativel com a gravidade de semelhante acto, o movimento generalizou-se estendendo-se a uma grande quantidade de corpos do paiz. Simplesmente esse movimento pela perturbação de disciplina a que tinha de dar lugar e pelas interpretações a que se prestava, mesmo começado com o alegado proposito de solidariedade com um camarada, não era nem vantajoso nem nobilitante para o exercito em que se produzia. E, em poucas palavras, o que d'ele ficou o seguinte: uma manifestação de officiaes do exercito foi feita para derubar um governo que preparava, cumprindo uma resolução parlamentar, uma expedição militar a França. Uma manifestação de solidariedade foi feita a um

presidente de novo governo cujos sentimentos germanofilos nunca escondeu.

O publico simplista perguntou-se primeiro : porque motivo só os militares se manifestam n'este momento ? É simplista ainda, assentou em que os profissionais da guerra a unica cousa que queriam evitar, era a ida para a guerra.

O homem que n'estas condições organisou e julgou ter formado um governo, não tinha um só voto no Parlamento, tendo sido guindado á situação de presidente do ministerio, apenas pela amisade d'um Chefe de Estado esquecido das disposições constitucionaes que se comprometera respeitar e das praxes que nunca deveria abster-se de observar. E organizado assim, o governo seguiu o logico procedimento de substituir á lei o seu arbitrio, lançando-se abertamente n'um caminho de violencias, e de perseguições de ordem pessoal.

O partido politico que mais contribuira para esta estranha situação e que tanto fizera demorar as negociações para a organização do ministerio demitido e que durante elas mostrara mesmo o desejo de constituir governo, tendo apenas duzia e meia de deputados, desvendou então um dos seus propositos, visto que assegurou ao governo Pimenta de Castro o seu apoio politico, mesmo quando este fechou o Parlamento em que esse partido tinha uma representação, correspondente ás forças eleitoraes de que dispunha. Sem nenhum proposito politico — que não posso nem devo ter n'estas notas de analyse e exposição — só posso concluir que esse partido colocado na situação oferecida ao general Pimenta de Castro, se teria lançado no mesmo desencadear de violencias, que aprovou e apoiou, na esperança de que pudessem aproveitar-lhe para consecução dos fins politicos que tinha em vista. E a reforçar esta minha convicção, surge o argumento

forte de que, declaradas dissolvidas as Camaras por um acto inconstitucional, a futura representação do paiz foi constituida em bolo, para uma farta divisão do qual, o mesmo partido enviou delegados seus a uma reunião havida n'um dos ministerios.

O citado general que era mais um comandante do governo do que um presidente de ministerio, destrambelhado, atrabiliario, desmascarou então as suas intenções relativas áquele partido. A quasi totalidade dos representantes seria constituida por amigos seus não oferecendo ao seu aliado mais do que a magra, exigua, risivel probabilidade de eleger um representante!

Foi no dia 13 de maio de 1915, que se realisou a ultima conferencia que d'este assunto tratou. É só então o partido em questão, desiludido, rompeu abertamente e raivosamente as suas relações politicas com o governo, declarando retirar-lhe todo o apoio.

Representantes seus procuraram entender-se com aqueles que preparavam uma acção violenta, legalista, tendente a derrubar o governo. Esse desejo foi porém tardio, porquanto logo no dia seguinte um movimento revolucionario rebentou, mesmo sem esse apoio, e victorioso ele, foi constituido um governo de concentração de republicanos independentes e elementos dos varios partidos politicos da Republica.

A' inconstancia de orientação do referido partido, ao seu oportunismo aplicado á realisação dos seus fins politicos, á sua nefasta propaganda, perturbadora da ordem social e destruidora da disciplina do exercito, attribuo eu, e creio que com justiça, a agitação em que o paiz viveu nos ultimos tempos e muitos dos males de que enfermou a nossa expedição militar a França. Apoiando hoje este para lhe retirar a confiança amanhã e apoiar aquele, deprimindo e desacreditando os individuos que dentro do Estado desem-

penhavam as mais altas funções, fazendo o que em Portugal se desacreditou já com a designação de campanhas de moralidade, explorando com os burocratas, os janotas e os egoístas da tropa, oferecendo-lhes como escudo o seu apoio republicano guardados com o qual eles se puderam lançar em pronunciamentos, flutuando constantemente na procura do norte incerto dos seus propositos, praticou uma obra dissolvente cuja extensão só mais tarde, quando o tempo d'ela bastante nos separar, poderá ser inteiramente avaliada.

Ao governo Pimenta de Castro sucedeu o do velho e austero republicano José de Castro que feitas as eleições cedeu o logar a um outro de concentração de dois partidos politicos. Este foi depois recomposto restando apenas no poder o partido democratico, contando no entanto com o apoio do partido politico que antes partilhára da acção governativa. Foi este governo que determinou e regulou definitivamente a partida da expedição militar á França.

Ouasi no momento da partida do primeiro contingente d'essa expedição, rebentou um movimento militar que rapidamente se estendeu a varios pontos do paiz onde estacionavam outras unidades preparadas para seguirem. Da intenção do movimento poderá julgar-se, notando que apenas se produziu em unidades que deveriam seguir para França. Varios officiaes d'essas unidades desertaram, atravessando a fronteira espanhola, logo que viram que o movimento era sufocado. Outros renderam-se com os soldados que haviam arrastado para uma aventura, que a ter conseguido exito, resultaria uma inapagavel mancha sobre a Patria além da perda da situação internacional que o envio da projectada expedição nos assegurava.

Surgiu no entanto um embaraço grave a mais para o governo de então, tolhido n'uma rêde de conside-

raveis dificuldades. Deveria ele fazer prender os responsáveis, para efeito de ulterior julgamento? Ficariam esses officiaes em Lisboa aguardando que corresse, lentos e cansados, todos os termos dos processos, enquanto outros os deveriam substituir nas contingencias da guerra?

Se assim succedesse, ao mesmo tempo que o governo iria de encontro ao desejo dos que se haviam revoltado, iria tambem praticar uma injustiça em relação a outros que aguardavam socegradamente a hora e a vez da sua prestação de serviço de guerra.

Seria o convite a todos os que não tinham vontade de seguir para que se revoltassem porque assim realisavam os seus fins.

Deveria demittir-os immediatamente para dar um indispensavel exemplo de força e ainda para evitar a substituição? Era um procedimento que as leis não auctorisavam senão depois de julgamento que ainda viria longe. Demais, quando a preparação para a guerra foi iniciada, muitos officiaes cuja situação de fortuna pessoal lhes poderia permitir a vida sem o recurso do soldo, e outros ainda que sentiam encontrar nas suas especiaes aptidões a forma de procurarem uma nova carreira, haviam apelado com insistencia para a sua demissão dos quadros do exercito. E esta havia sido justamente recusada, porque sendo o exercito uma instituição especialmente creada para fazer a guerra, seria uma obra criminosa deixar que officiaes aproveitassem o tempo de paz para colherem os beneficios e proventos que as respectivas situações lhes facultaram, para uma vez chegado o momento de guerra, do sacrificio e risco, deporem o encargo das suas obrigações sobre os hombros d'aqueles que tendo tido sempre o sentimento d'elas, se tinham disposto ao integral desempenho da sua função de soldados, por mais amarga que fosse a hora e por mais

duras e violentas que fossem as situações a atravessar.

Um primeiro ponto ficou assente. Os officiaes seguiriam para França, qualquer que fosse o procedimento ulterior a seguir. Sancionar e ir de encontro á intenção da revolta é que não. Mas viriam presos, ficariam presos uma vez chegados a França? Qualquer das duas hipoteses implicaria a sua substituição. Continuariam no comando dos seus soldados? De pouco ascendente sobre eles poderiam dispôr os que os tinham arrastado a uma semelhante aventura.

Q governo depois da promessa dos officiaes de cumprirem o seu dever, resolveu passar sobre o lamentavel incidente uma generosa e apagadora esponja.

N'esta má, desastrosa situação moral, se fez o embarque do primeiro contingente para França, seguindo-se os outros sem perturbações, sem luctas e direi mesmo d'alguns, com confiança, quasi com alegria. Não se podia é certo evitar que dentro de cada corporação alguns officiaes recalcassem, emquanto em Portugal, a sua relufancia contra a vinda, mascarando-a com uma pretendida campanha republicana e moralista contra o governo democratico, acocorando-se por detraz da opposição que lhe era movida por um já referido partido da Republica. Mas todos marcharam, alegres uns, dispostos ás contingencias das suas obrigações muitos, alguns ainda ruminando odios contra aqueles que os tinham compelido á situação de terem de luctar pelo presente e pelo futuro do seu paiz, em vez de os terem deixado devorar tranquilamente o soldo — que só para esse efeito tinham ingressado no exercito — os que eram do quadro permanente.

Os contingentes seguintes vieram com regularidade, com calma, em grande parte dominados pelo desejo de fazerem cá fóra quanto possivel lhes fosse

para engrandecimento de Portugal e para reatamento das suas brilhantes tradições militares. No meio d'estes, porem, outros vinham, continuando uma surda e odienta campanha que não poderia deixar de produzir lamentaveis e perniciosos efeitos.

* * *

Em 1914, logo após a resolução das Camaras, entendi eu, votante e militar, ter obrigação moral de apresentar requerimento para ser incorporado em qualquer das unidades que para efeitos de guerra fossem mobilizadas. Recordo-me bem que tendo para esse fim procurado o chefe do gabinete do ministro da guerra, este ao saber o que junto d'ele me levava, falou em ar de surpresa, acabando por perguntar-me, rindo-se intimamente de mim, se eu acreditava na possibilidade da partida de tropas. Naturalmente surpreendido, respondi que acreditava não só na possibilidade mas na necessidade indispensavel de as enviar. E ele, como quem pratica um acto inutil, mas que implica apenas deferencia: em todo o caso deixe cá ficar o requerimento.

Em agosto de 1916, uma ordem mandava-me apresentar n'um dos batalhões que deveria receber instrucção afim de seguir para França.

Officiaes e soldados convocados para um largo periodo de treino, instrucção e manobras, perguntavam-me se se tratava d'uma preparação para a guerra ou simplesmente de exercicios de instrucção complementar para previsão de qualquer situação inesperada. Por mim, não me fiz illusões e desde a primeira hora respondi aos individuos colocados sob as minhas ordens, que ali estavamos para fazer a guerra visto que superiores razões — que procurei explicar-lhes — a isso nos levavam. No espirito de muitos ficou a agra-

davel esperança de que o seu sacrificio ficaria ali, no trabalho de dois mezes, após os quaes viria uma definitiva volta para os lares, que com os seus confortos, as suas afeições, eram uma acariciadora tentação.

Nos começos de maio de 1917, foi annunciada a convocação dos elementos da minha unidade cuja partida foi marcada para meados do mesmo. Não ha quem não tenha sentido apertar-se-lhe o coração ao receber a nova de ter que deixar por tempo indeterminado, ou talvez para sempre, familia, casa, amigos, as mais fundas e mais queridas afeições. Ha apenas quem o tenha sabido disfarçar.

Chegou o dia da partida. Imaginei sempre que alguns dos meus homens tivessem relutancia em embarcar, e preparei-me para qualquer surpresa que surgisse. Todos eles apareceram porem, tristes uns, é certo, mas dispostos a cumprirem o serviço que a Patria d'eles reclamava.

As perturbações especialmente provocadas para trazerem impedimento ou ao menos embaraço ao embarque, não surtiram o efeito desejado. E na manhã de 24, tendo tomado o comando dos meus soldados, com eles me dirigi para o caes, entrando para o transporte D, que nos deveria conduzir ao porto de Brest. Algumas horas depois da entrada fiz as derradeiras despedidas aos amigos que a bordo quizeram acompanhar-me e vi já com saudade, afastar-se lentamente d'aquela terra bem amada o vapor que devia trazer-me.

A viagem

Ia-se o sol sumindo, muito ao longe, no mar, quando todos os navios do comboio se puzeram em marcha, singrando Tejo abaixo em demanda do mar largo, que deveriam atingir ao anoitecer, aproveitando as horas de escuro para se afastarem da costa onde costumam cruzar os submarinos, espiando os barcos que transitam junto d'ela. Toda a gente sóbe á tolda para vêr distanciar-se a cidade e esfumar-se no longe e na sombra que sobre ela desce. Brilham ainda n'uns ultimos raios de sol, as casas altas encarrapitadas no cimo das montanhas e de lá espreitando as que jazem nos vales ou descem pelas encostas até á beira do rio.

Pouco a pouco todas elas vão perdendo do seu detalhe, do seu contorno, do seu desenho para se integrarem no conjunto, os baixos escurecendo e tomando os altos um tom rosado que insensivel e gradualmente se ensombra e se vae tornando arroxeadado. Todos teem os olhos fitos n'aquella terra que nuitos não tornarão a vêr e que se distancia, deixando na alma uma amargura funda, um mundo de saudade e de recordações. As praias da margem norte desfilam já deante dos nossos olhos e a cidade fica já, lá para traz, escondida pelas montanhas.

Afastamo-nos da costa, proa ao oeste e gosaremos ainda a triste consolação de vêr a terra, negra já, que pouco a pouco se esbate e se imprecisa. A' frente e aos lados contra-torpedeiros inglezes escoltam o comboio mergulhando as proas, fundo, na agua que salta, cobre, escorre e volta novamente ao mar. Uma longa esteira branca e revolta ao centro alonga-se, espraia-se, e vae desfazer-se em ondas decrescentes, morrer, no mar chão, tranquilo, imóvel. Alongamos os olhos amargurados, saudosos já, pelo indistincto perfil escuro do que ainda conseguimos vêr da nossa terra.

E pouco a pouco tudo desaparece menos os contra-torpedeiros que junto de nós andam, atraz e a deante, augmentando e diminuindo a marcha, como os cães fieis que nos campos zelam, infatigaveis, a segurança dos rebanhos.

Começam então as instrucções especiaes de bordo, a divisão preventiva das tropas pelos escaleres para o caso de torpedeamento, a distribuição dos cintos de salvação mandados ajustar, e junto de cada barco, a formatura do pessoal a ele destinado, para bem saber no caso de desastre o ponto preciso onde tem de acorrer. Até alta noute todo o tempo é consumido em instrucções, em instalação dos soldados, em recomendações. É fatigado do esforço dispendido e das fortes emoções vividas resolvi recolher ao meu beliche onde já dormiam os meus outros companheiros.

No dia seguinte são êles que me despertam porque se avisinha a hora do café. Não me compete serviço algum n'aquela manhã, motivo porque resolvo chamar o creado para perguntar-lhe no meu mau inglez, se lhe era possivel trazer-me o café ao camarote. Deixou-se convencer e dentro em pouco, servia de companheiro á visita agradável d'uma bandeja com torradas, biscoitos, manteiga muito branca e muito

fresca, café e leite. Manhosamente, tirei um depreciado papel de 25 tostões e dei-lhe. Deixou-se como-ver e enternecido perguntou-me se eu queria alguma cousa mais. Anteriores viagens haviam-me ensinado que a primeira cousa a fazer a bordo ou n'um hotel, é gratificar bem o individuo que nos serve, ao primeiro trabalho que nos faça. Feito isto cousa alguma nos falta mais e por seu proprio interesse, o creado procura constantemente agradar-nos.

Fui vêr os meus soldados. Alguns apenas, sobre o convez n'aquela manhã de bordo. Capotes vestidos, *cache-cols* até aos olhos, não parecem os descendentes dos antigos navegadores que deslumbraram o mundo com a audacia maravilhosa dos seus empreendimentos. Caras palidas, expressões de enjôo e de fadiga, indicavam uma noute mal dormida, no constante balar sobre a agua. Muitos dos rapazes viam o mar pela primeira vez.

Desci, vi os outros na parte que lhes era destinada, da qual imaginavam não poderem arrancar-se — a cabeça andando á roda, vomito, lassidões, falta de vontade, de inergia. De cousa alguma servem palavras de conforto, conselhos. Apenas um ou outro menos abatido se vae, na esperança de melhorar, uma vez ao ar livre, lá em cima, sobre a tolda. Os outros ficam, n'aquela ar horrivel da camarata em que dormiram centenas de homens, e que toda uma noute de vomito, em verdade empestou. A despeito da minha habitual resistencia tenho de sahir, quero respirar livremente tambem, sentir fustigar-me a cara o vento fresco que desce do norte. Quando a minha cabeça emerge no buraco por onde devo sahir, sinto uma consoladora sensação de alivio, a paz do meu estomago, que a estada em baixo, havia seriamente ameaçado.

Horas de almoço. Quasi ninguem quer comêr, as

bôcas recusam-se a aceitar. Os officiaes de serviço lá andam na faina de convencer os soldados a alimentarem-se para melhorarem. Muitos começam com repugnancia, todos com lentidão. O que é certo podem é que algum tempo depois quasi todos se teem refeito um pouco. Dos officiaes tambem, varios não querem descer á sala de jantar, — que a vida em baixo perturba-lhes a cabeça. E' o mesmo, almoçarão lá em cima sobre o convez.

Depois afluem á sala de fumar. Fazem má lingua, falam de politica interna e externa, agridem ministros, desfazem-lhes em duas palavras de critica facil, inconsciente mas pretenciosa, obras que levavam muitos dias a delinear e a executar, e em que se empenharam inteligencias e esforços notaveis, agindo em conjuncto. É como toda a conversa entre portuguezes tem fatalmente de descambar em assunto mulheres, lá vae um estadear de aventuras, cada qual, procurando esconder a vaidade que o leva a contar as suas. E detalham a coisa, condimentando-a com fructos da imaginação propria, para a tornarem mais viva, mais picante, mais sugestiva, mais animal. D'aqui ao palavrão, á pornografia, á obscenidade soez, nem vae um passo de forma que insensivelmente e com gaudio ali caem todos.

Do meu canto, fumando tranquilamente no meu velho cachimbo, observo com uma tristeza infinita o que se passa. Sinto que o espirito de todos quantos ali estão, não foi nunca moradia d'uma afeição pura, d'esta inclinação forçosa para uma creatura, que é, pelo menos durante algum tempo o mobil, o termo de todas as nossas aspirações — pobres arestas d'um prisma subindo anciosamente para um vertice, onde ela se encontra. Se algum dia, um só d'elles tivesse guardado no coração um grande amor, um fundo sentimento, mesmo que ele se tivesse exteriorizado só

em palavras ardentes de promessa, teria o pudôr de o ocultar, especialmente n'aquelle momento em que se falava com desvergonha e com desmando. As emoções que nos deixam os fundos sentimentos, são tesouros que escondidamente, religiosamente guardamos, avaramente para nós sós — que um simples facto de contar, mesmo a um amigo depositario seguro de segredos, nos parece um sacrilegio de partilha.

Um rapaz alto, esguio, entra, gingão, melena a sahir por debaixo do bonet que descae para o outro lado sobre a orêlha. Veiu de Coimbra onde no tempo de estudante *esmifrou* longas e enternecidas borra-cheiras no Magrinho e na Joaquina Cardoso. Dizem que canta bem, e parece que assim é porque na estravagante assembleia de obscenidade, se faz um silencio respeitoso. Depois um supplica, com ar humilde, um choradinho, que lembre bem, que faça sangrar de saudade da nossa terra. O outro tem um ar de indecisão e d'orgulho, talvez pensando que não deve deitar um dos seus fadunchos áquella gente. E passeia um olhar enfatiado de fadista por todos os companheiros a vêr se descobre algum que tenha tambem um aspecto de *trama* e rapioca de viela suspeita. Insistencia reiterada e o nosso homem concede.

Faz-se um silencio completo para que se não perca um só acorde da guitarra, para que se não esbata um eco do fado que a garganta vae desferir. Soam os primeiros acordes confirmadores da afinação. Depois é a voz que começa, arrastando-se, plangente, chorosa, soluçando as desditas d'uma rameira sentimental, apaixonada. É a voz sobe docemente como uma prece, implorando a piedade e a admiração para a infeliz e amargurada creatura cujo termo é o hospital. Ha expressões comovidas, emoções vivas, que eu leio n'aqueles rostos onde ha olhos que se humedecem. Lá do fundo um arriscou esta heresia: até parece um

rouxinol. Logo outro protesta, grosseiro: cala a boca bruto. E n'um instante armaram uma discussão em voz gritada que começou no canto do rouxinol e já ia, não sei porque estranha sequencia, no tecido dos novos fardamentos, quando foi interrompida por uma voz que dizia apoiada por muitas outras: o que nós queremos, é ouvir cantar; não estamos cá para chatices. Deante deste portuguesissimo argumento todos se remeteram ao *prudente silencio de Conrart*, como dizia o Sebastião Videira.

E lá recomeçou a voz pastosa, agarrando-se, ás inflexões do fado, gemendo quadras desgarradas, soltas, que faziam a delicia dos auditores. Houve um que pediu aquele fadinho — mais abaixo mais abaixo... , havendo murmurio da aprovação na reunião. E lá veio o fado, bem garganteado, muito estranho de sentimento e de depravação, que acariciou a lascivia d'aqueles companheiros. Em resposta ao pedido que depois foi feito, respondeu com ar de segurança: «Ná; hoje não vae mais que já estou estafado e amanhã tambem é dia». E, a beata pendente do habito de ter as mãos ocupadas com a guitarra, e o olho pisco por causa do fumo, começou: aquela gaja... Mas n'isto um outro assomou á porta dizendo: Oh! rapazes! está-se a vêr a terra e parece que vamos em frente do Porto.

Saem todos para o convez na curiosidade de vêr terra e de saber porque motivos, depois de termos procurado o mar alto, nos encontramos á vista da costa. Mas quem possui a chave do inigma conserva a impenetrabilidade da esfinge.

Dentro de momentos todo o convez da proa se acha literalmente coalhado de soldados. A palavra *terra* foi para todos magica, miraculosa. Creio que sem excepção todos estão a pé quasi não sentindo o enjôo, e olham com alegria aquela terra enevoadada

que ainda é a nossa. Passamos muito tempo acompanhando a longa distancia a linha da costa.

Os soldados sob a ação do ar puro, do vento um pouco frio refazem-se do mal estar. Já ninguém quer descêr. Alguns trazem tambem guitarras e harmoniuns, cantam ao desafio. Outros armam roda e bailam á moda lá da terra — uma especie de passo suspenso, com estalos pela fricção dos dêdos. Que podem eles fazer mais, pobres *laparotos*, trazidos dos campos, onde a sua instrução foi descurada e até, n'outros tempos, contrariada? Não podem lêr, q'ualquer cousa que os divirta, as instrua ou as eduque. Não podem escrever ás familias de quem trazem amargas, inapagaveis saudades. Não podem como eles dizem, espai-recer, a não ser a vista pela mensidão raza e azul da agua.

Fico-me á amurada, a meditar na desdita dolorosa que o passado deixou no nosso paiz, no presente que os homens que nos precederam nos legaram, deixando-nos empobrecidos, sem instrução, desarmados, sem navegação, sem industrias, sem comercio, sem força e vivendo n'uma paralisadora ignorancia e perturbadora indisciplina. Lazaro ao som da voz do Cristo, dizem que se levantou e caminhou. O meu paiz é um lazaro, ou melhor um paiz de lazarus, que não sabem nem querem caminhar.

Do brilho das nossas navegações e conquistas, do apogeu das nossas glorias, extenuados do esforço dispendido e deprimidos de pavor religioso, rolámos ainda cobertos de veludos e sedas e recamados de ouro e pedrarias, empunhando guitarras, nos areas ardentes de Marrocos onde parece ter ficado a alma esmorecida, desiludida, da nação. D'ali insensivelmente, guiados pela mão tremula e indecisa d'um velho, baixamos á dominação espanhola em que nos acomodamos o melhor d'uns estirados sessenta annos, e

donde sahimos, pelo logico desmoronar do imperio de Carlos V. D'ahi marchamos aos empurrões, cae aqui escorrega acolá, arrastados pela marcha progressiva d'outros povos, unidos apenas no desejo de resistir a novo assalto do espanhol que nos havia pilado e escravizado, que sobre nós tinha exercido violencias e barbaridades, cuja recordação ficou para sempre na memoria revoltada do povo portuguez.

Ha um momento em que parecemos despertar. E' quando nos sacode a mão forte do Marquez de Pombal e quando o facho da sua luminosa intelligencia projecta um intenso clarão sobre a nossa marcha para o futuro. Exercendo então os homens a sua acção sobre os povos por favor do rei, morto D. José, a reacção beata de D. Maria, reatou a tradição de abandalhamento e de dissolução da sociedade portugueza.

É desaparecido da scena politica o velho marquez, da sua obra os seus inimigos só deixaram, aquilo que era grande de mais para que fracas e rancorosas mãos pudessem destruir.

Na eterna estrada do tempo foi um momento, um lampejo, um relampago, que só serviu para tornar mais difficil a visão, na noite escura em que de novo nos mergulhámos. E lá recomeçamos a penosa jornada, famintos, ignorantes, beatos e desgraçados, até que chega em 1820 o eco longiquo do movimento libertador de 89. Seguiu-se a lucta entre o espirito reaccionario, religioso, dominador, e as aspirações de liberdade, a intuição de liberdade que sentem confusamente as massas populares, os oprimidos, espoliados, escravizados.

Essas luctas constituiram um flagelo, dos mais nefastos efeitos a dentro do paiz. Repetindo-se com frequencia, deram logar ao desprestigio da auctoridade, ao agravamento da indisciplina, muito mais grave nos povos incultos, onde cada individuo não póde ter a

noção do papel que na sociedade lhe compete desempenhar. Durante 14 annos successivos pouco mais fizemos do que lutar. Continuamos pois ignorantes, preguiçosos, mas ainda mais indisciplinados. As industrias não florescem no nosso paiz e algumas que ali ha, são sob propriedade ou direção de estrangeiros, que ali aportam com uma mão atraz e outra adiante, mas com vontade de trabalhar n'aquella terra de madraços. Comercio, dizem-mo bem claramente as estatisticas, que temos a nossa balança comercial desequilibrada em 25 mil contos annuaes. Literatura, depois da morte de Eça de Queiroz, Fialho de Almeida e Ramalho Ortigão, não vejo que tenha ficado um prosador d'aquella categoria. Poetas? Depois que o sr. Guerra Junqueiro se meteu a estudar phrases com fundo, com substancia, com sentença, e as energias mentaes do sr. Gomes Leal, se deixaram vencer pela acção devastadora do alcool, conheço o sr. Eugenio de Castro e o meu amigo Augusto Gil. Depois ha o sr. Fausto Guedes que ás vezes deseja dizer cousas que tem lá dentro sem que o permita a sua possibilidade de exteriorisação, o sr. Teixeira Pascoaes, que volta as frases do avesso e as embrulha depois n'uma nebulosa para as tornar menos visiveis, e o sr. Correia d'Oliveira que se efeminiza, se desfaz em diminutivos e deliquescce depois.

As artes plasticas é que se teem desenvolvido um pouco. O portuguez remediado ou rico, viaja. Vae a aguas ao estrangeiro e constitue um dos seus luxos, uma ida a Paris ou a Londres. Uma das partes obrigadas na viagem, é uma visita aos museus. O portuguez por uma questão de luxo proprio tem-se acostumado a vêr e começa de desenvolver o seu gosto, especialmente pela pintura. Isto á força de snobismo e vaidade. De resto como a propriedade d'objectos de arte é indispensavel a um interior que se preza,

os ricos vão alimentando o fogo sagrado sobretudo da arte pictural.

A vida do paiz, sob o ponto de vista industrial, commercial, literario, artistico, e scientifico parou, estagnou, jaz da preguiça, no marasmo imbecil das cousas inconscientes, inertes.

Debruçado na amurada, vendo fugir a agua com vertigem junto de mim socegada ao longe, como fogem no meu passado as horas que me foram felizes, o meu pensamento recae insensivelmente n'aquella reunião da sala de fumar, de que me afastei, e que desenha, sintetiza bem a maneira de ser do nosso paiz, reunião que é verdadeiramente um Portugal em miniatura.

Indolentes, espapaçados, estiraçados na comodidade mole dos coxins, dando apenas occupação á lingua n'um proposito de dizer mal seja de quem fôr, sobretudo de quem manda e com um tal desembaraço que pareceria uma curiosa ousadia, se não fosse uma desgraçada, descosida inconsciencia, definem o feitio nacional. Não ha acto de presidente, de juiz, de ministro, de general que não seja criticado, desfeito, arrasado. Programas financeiros, projectos agricolas, organizações de expedições sentenças acordadas, tudo é verberado, achincalhado.

Ninguem se dá ao trabalho de dizer ou de pensar como se faz melhor, mas todos estão d'accordo, por um vicio nacional inveterado, em que a cousa feita é uma imbecilidade, uma grandissima pouca vergonha. Sim, que em Portugal, a pessoa que desempenhar uma alta função, tem de ser uma besta, um malandro, ou um ladrão.

Que ministros, que generaes, que admiraveis chefes de estado se iria recolher para maravilharem o paiz, o mundo inteiro, n'aquella reduzida assembleia de duzia e meia de portuguezes, apanhados a esmo,

os primeiros que ali se lembraram de acudir!! Depois as mulheres — que constituem um dos fracas do portuguezinho e que lhes fornecem motivos para a maledicencia em que se compraz e com que assalta mesmo as reputações firmes (se é que ali as pode haver) e ocasião para contar aventuras proprias com impudor e licenciosidade, a descambar lamentavelmente na mais crua pornografia. E lá vem por fim o fado, gemido, trinado, chorado e a infeliz infalivel rameira, chafurdando no vicio, de que talvez não sae por preguiça, para poupar-se a trabalhos. Com uma meza de batota a um canto, com que se explorassem uns aos outros, nada faltava para se fazer a sintese da vida portugueza. Ralacice, má lingua, vaidade, ignorancia e pretensão de intelligencia e fado, e jogo.

Chegado a esta desoladora conclusão, meti-me a passear de lés a lés sobre a coberta. Umás paragens para rapidas palestras com este, com aquele e assim se escoaram aquelas horas de bordo, longas, quando a viagem não é de recreio ou de passageiros.

Desceu a segunda noute e com ela se acirrou mais a impaciencia pela chegada ao ponto onde pela primeira vez deveriamos aportar. Muitos presistiram no desejo de ficar em cima da tolda embrulhados em capotes e cobertores, inteiramente vestidos, não sei se por lhes fazer mal a descida, se pelo receio d'alguma surpresa de submarino. Por mim, entendo melhor descer, despir-me e meter-me no meu confortavel beliche que o inglez havia cuidadosamente preparado. De resto se tivesse de atirar-me á agua seria forçado a despir-me mesmo mergulhado n'ela, o que seria uma complicação, e para saltar a um escaler tanto se salta vestido, como despido com a roupa n'um braço. E embalado n'aquelle imenso e suave berço que era o «D», adormeci socegradamente, até ao momento

em que uma mão de mansinho me sacudiu um braço para despertar-me.

O inglez trazia-me o pequeno almoço, receava que arrefecesse.

Os meus companheiros haviam já partido. Reconfortado, levantei-me e recomecei a minha faina da vespera, cuidando dos meus soldados.

Os dias a bordo, quando os vapores levam apenas tropas, são sempre eguaes — são a vida n'um grande quartel que balança e em que não ha exercicios. Lá de fóra a impressão é sempre a mesma agua azul e profunda refletindo o ceu, sempre o mesmo circulo de mar de que somos mesmo em movimento, constantemente o centro. Só a hora do poente foi uma maravilha de luz, de brilho de policromia.

Uma nuvem negra, enorme, espessa, fixou-se no poente como um castelo imenso, de altas, rendilhadas torres. O sol desceu muito para alem desencadeando sobre ela um diluvio fulvo de luz viva, que reduziu a sua parte alta a chama amarela. E a mancha luminosa tornou-se barra larga ao longo de todo o contorno, e pouco a pouco nã eterna mutabilidade das cousas a barra adelgaçou-se, tornou-se debrum e fimbria, desenhando-se por fim, apenas a traço fino como uma aresta de diamante, e desapareceu. Depois a nuvem no alto, esgarçou-se, abriu-se em rasgões enormes, que a dividiram, espalhou-se, distanciou-se, esbateu-se dando logar a uma diluida, suave, comovedora sinfonia de côres em que havia todas as tonalidades, toda a gama que maravilha os olhos e que em verdade só existe no ceu, e nas paginas adoraveis de Samain quando ele canta o que de dôce, de colorido, de enternecedor, de tocante, se passa nas tardes da Natureza. O baixo da nuvem seguiu, fugiu, desfez-se, no momento em que o sol se sumia já, congestionado e tolhido, inofensivo, na hora de morrer.

Um clarão imenso empurperou, ensanguentou o poente, descoloriu-se, arroxou-se, e a noute, descendo mansamente, poz um azulado termo áquela placida estranha, impressionante, empalidecedora agonia dos tons. Muito tempo me conservei ali, encostado á amurada, preso de emoção fundamentalmente vivida, sofrendo de que ela só pudesse ser colhida na impressão inapagavel que me ficára. O sol voltará como sempre a fazer o seu eterno giro, levantar-se-ha no oriente, bello, creador, na sua curva ascencional e em cada tarde fatigado do curso, da ascensão, vae repousar, esconder-se para alem das montanhas e do mar. Mas o mesmo aspecto de beleza, a reprodução da maravilha a que os meus olhos estasiados assistiram, essa nunca mais tornará; é como o tempo que passou e que já não volta mais.

Pelas 11 horas da manhã do dia seguinte uma longinqua mancha brumosa, indecisa, mostrava emfim a terra demandada, cuja proximidade era acusada já desde manhã por uma quantidade apreciavel de gai-votas brancas, como se a sua plumagem lisa, impenetravel, houvesse sido feita da mais pura espuma do mar.

Todos os olhos se fixaram n'aquela bruma acinzentada que esfumava o horisonte na nossa frente e que indicava o termo da etape maritima a percorrer. Encostados nas amuradas, apinhados na proa, sentados nas enxarcias, todos querem vêr a terra que o sangue novo de muitos terá de regar. E pouco a pouco o D aproxima-se da costa e a nevoa que a envolve, lentamente se vae esbatendo e dando lugar a formas imprecisas ainda, pastadas n'um só plano, pela distancia que d'ela nos separa. Um contra-torpedeiro francez avança a toda a velocidade sobre nós levantando sobre a prôa uma montanha de espuma que constantemente se renova. Passa, saúda, e logo se coloca á

frente indicando o caminho a seguir. Pontos, manchas brancas começam de surgir, que são dentro em pouco casas, aldeias espalhadas ao longo da costa, que se avoluma e ganha forma e se alleia e se escarpa. Ao fundo, atravez d'uma entrada estreita, divisa-se uma grande aglomeração, uma cidade que é o ponto do nosso desembarque. D'um lado e d'outro, ha enormes estaleiros onde se trabalha febrilmente na construção e reparação de navios. Alguns, amarrados junto aos molhes, esperam que as mãos acostumadas dos operarios lhes concertem as avarias.

Dentro do porto grandes edificios, a um lado e outro da cidade, com altas, esguias chaminés d'onde o fumo negro rola veloz, enovelado, como agua que rompesse uma represa e se precipitasse em torvelinho, para se espalhar, cadenciando-se a distancia. São forjas, caldeiras em plena, ardente laboração.

O mólhe é perto já e distinguem-se sobre ele os trabalhadores do porto num vae-e-vem *affaire*. Um ruido surdo, de ancora cahindo á agua, a que se segue o escorregar metalico da corrente passando com atrito forte. O vapor faz marcha á retriaguarda para a não forçar. Um rebocador pequeno aproxima-se com officiaes portuguezes. Chega a ordem para formar as companhias afim de seguirem n'aquela mesma tarde ao seu destino.

N'um instante os meus homens encontram-se, alinhados, dispostos ao desembarque, impacientes de verem as novas terras que desafiam a sua ingenua e lôrpa curiosidade. Sou o primeiro a descer levando a relação de todos eles, e cuidadosamente os confiro á medida que vão dando entrada no barco em que me encontro.

Quando todos ali estamos e somos um verdadeiro cacho humano dentro da pequena embarcação, abalamos para terra e de novo nos formamos sobre o

molhe. Os soldados teem então a sua primeira contrariedade nas terras de França. Ha ordem rigorosa para todos deixarem os sacos em que traziam as suas roupas, as ultimas cousas que o cuidado e o carinho dos seus lhes haviam dado.

Os sacos, devidamente marcados, lá iriam depois. Os homens, desolados, ali os deixaram n'um montão, do qual os seus olhos se despegavam com saudade que só era amenisada por uma vaga esperança de os tornarem a reaver. Mas quando ?

Sahimos do caes e fomos esperar n'uma rua proxima o desembarque das demais companhias.

Um simples capitão, dava ordens e contra ordens, com um ar, uma segurança, um tom, que intimamente me perguntei se não seria um capitão general, em vez d'um official com tres escassos galões no braço e muito desejo de conseguir alguns mais, em pouco tempo. Uns camaradas ao lado, sollicitos, explicaram-me que aquella importancia, aquella quasi impertinencia, provinha de especial situação no C. E. P. onde um apagado alferes se attribuia sempre uma consideravel categoria, mesmo em relação aos majores que faziam parte da *malta* destinada ás trincheiras. Em geral estes officiaes, enviados a regular questões em que intervinham superiores seus, não tinham o cuidado de apresentarem-se dizendo trazerem taes ou taes ordens do seu general. Simplificando a questão, como se as graduações se pegassem por contagio, como se a permanencia perto d'um general os elevasse tambem a este posto, suas senhorias davam ordens e permitiam-se por vezes a liberdade de ser menos atenciosos para officiaes mais antigos e mais graduados. Este procedimento era requintado então nos officiaes do Estado Maior, que já em Portugal parecem senhores da tropa — o que lhes vale uma desagradavel situação, entre os camaradas, sensivelmente agravada em França.

Reunidas as companhias foi dada ordem para seguirmos para a gare, onde um comboio nos aguardava já. Tenho ouvido dizer que os primeiros portugueses que a França 'aportaram, tinham um ar que infundia piedade, eram uma especie de caminheiros pedintes, sujos, amarrotados, embrulhados em mantas e afogados em *cache-cols*.

Deve ter sido assim, por que esses homens estiveram embarcados onze dias, dos quaes oito dentro da barra do Tejo e aportaram aqui em dias de chuva e frio horriveis, que lhes emprestaram ainda um peor aspecto.

Dos que vieram comigo poderei dizer, que vi muitas vezes tropas melhores, mas que muitas outras as vi peores, mesmo tropas estrangeiras. E muitas vezes tive occasião de pensar que, se occupassemos metade do tempo que consumimos esterilmente a criticar a dizer mal das cousas, na tentativa de as corrigir, poderiamos ser um povo e uma tropa de elite. Banda de musica á frente o batalhão desfilou até á gare proxima.

Os soldados foram ali destinados aos dez para cada compartimento, sobre a vigilancia d'um cabo e os officiaes por 4. A cada vagon foi distribuida uma certa quantidade de bolachas, *corned beef*, marmelada, leite e manteiga, que constituiram a ração para tres dias de viagem.

Tres dias de viagem para atravessar uma pequena parte da França! Era uma eternidade para o portuguez, que mesmo depois da guerra ainda conseguia ir em 6 horas ao Porto, ou sahir em Villar Formoso com uma viagem de 20 horas. Mas não o é para aqueles que conhecem o enorme movimento que todas estas linhas tem, o que de metodo e de ordem tem de ser applicado, para que os serviços ferro-via-rios constituam um sistema, uma organização, que tudo prevê, tudo transporta, a tudo acode.

Aquela tarde muito alongada, de fim de maio, ainda nos deixou, depois do signal de partida, algumas horas para nos embevecermos na contemplação da mais caprichosa, mais cortada, mais verde, e mais irrigada paisagem, que possui a sempre adorável França, a dilacerada patria do espirito, do martirio, mas do heroismo. Por toda a parte montanhas quebrando-se em irregularidades de vertentes e por elas massas cerradas de arvores frondosas e bastas, que lhes tecem uma espessa e revolta cabeleira. As mais baixas e mais verdes, com um mais moço ar de viço e de frescura, troncos despídos e descobertos, milpartindo-se em raizes que mergulham soffregas na terra, parecem escorar no fundo, com firmeza, junto de pequenos prados arelvados ou perto das aguas sussurantes, as outras, como que a dobrarem-se para melhor se agarrarem ás encostas.

A agua cae aqui e alem em quedas altas, em cascatas largas, cujo som cantante e fresco, nos acaricia ao mesmo tempo a vista e o ouvido. De distancia em distancia nos rios que o comboio ladeia, as represas largas invertem na sua limpida transparencia, paisagens, que n'elas se aprofundam nitidas, espelhadas, e recurvam, em concha lá no fundo, o ceu imenso e azul. N'aquela quente tarde de maio, a proximidade da agua dava uma consoladora sensação de frescura e o arvoredado copado e denso, convidava a um refugio, a um repouso, lá de longe, como uma tentação viva.

Mas o nosso destino era correr, coleando a meia encosta, n'aquelas fragas que se crispavam, se franziam, se enrugavam, na descida vertiginosa para a agua, ou para o vale.

Já a tarde desce silenciosa, docemente, e a paisagem toma um somnolento aspecto de recolhimento e de meditação, de embevecimento e de religiosidade e

ainda nós cuidadosamente inclinados á janela, olhamos com admiração aquela paisagem de sonho, a imprecisar-se, a escurecer, a diluir-se em sombra e fechar-se em misterio para nos deixar. E quando a noite amorosa e suavemente a descoloriu e a afogou, e alagou em escuridão, ainda nós, cautelosamente debruçados, espreitavamos o fugir d'aquelas formas adivinhadas no cinzento escuro da distancia.

Depois fatigados, ao fim d'uma curta e arrastada palestra, adormecemos nas incomodas posições que são permitidas a quem dispõe apenas d'um limitado metro de banco, para repouso de todo o corpo.

Pela manhã, ao fim d'algumas horas de somno entrecortado, com todo o corpo dolorido, e o sol a bater-me de chapa sobre os olhos, n'uma curva da linha, despertei de vez e estudei uma vã tentativa de precaria lavagem. Nem uma gota d'agua existia no lavabo. Desilusões, a impressão de sugidade e de desgosto que sentimos, quando temos o vicio da agua, o habito de limpeza, do aceio. Ah! como eu recordei com amarga saudade aquele *bife* quarentão, de risca sempre cuidada e longos pendentos bigodes côm de manteiga, que em cada manhã depois d'um confortavel e reforçado *breakfast*, tirava do bolso com discreção a providencial chave do quarto que me permitia o tonificante regalo d'um banho frio!!

Como eu considerei então que tinha sido de uma avareza feroz, sovina e reles, em relação aquele servidor solícito que com cuidado espreitava as minhas necessidades, os meus desejos e a quem no transcurso eu havia dado duas magras, desvalorizadas notas de vinte e cinco tostões, envaidecido de que ele me tomasse por pessoa generosa de bons habitos e de bons haveres!

Aqui, desprovido d'outros recursos, resignado, resolvo aguardar a primeira paragem para descer e

com tres garrafas que na vespera haviam saciado a minha sêde com excelente cerveja, trazer a agua escassa para uma rapida passagem sobre a cara escanhoadada. O comboio deve ter uma regular demora e chega noticia de que vae ser distribuido um inesperado mas bemvindo café. Vou primeiro vêr os homens, cuidar de saber se ali veem todos, recomendar uma vez alem de tantas que é defeso sahir das gares quando o comboio pára, e anunciar-lhes que vão receber café e que desejo que o façam com toda a ordem, sem pressas que perturbem a regularidade da sua distribuição.

Escoada uma curta hora, e reentrados os soldados nos respectivos logares, aquele quartel ambulante poz-se de novo em marcha, ao longo das curvas das encostas, ou atravessando as montanhas cavadas de longos, interminaveis tuneis. A paisagem vai-se suavizando pouco a pouco, os montes são cada vez menos altos, menos abruptas as encostas, menos asperas, menos esgarçados, menos agrestes os cimos, menos afiadas as arestas, ha menos massa rochosa, negra, uma curva mais doce e mais lenta suavisa a descida lá do alto e faz morrer a montanha em mais vastos prados, onde de longe em longe começam de aparecer valados largos e claros e transparentes, espelhando o sol como longas, estiradas, chapas de prata polida. Sob o calor que aperta, parece que o sólo respira e sae d'ele e sobe para nós um cheiro de terra revolvida, de herva e d'arvores.

Com o sol alto, a pino, procurando com a sua luz viva os recantos das montanhas, todo o interior do vale em que seguimos, a paisagem amarela-se, brilha, incendeia-se. Mas o sol inclina-se e uma onda de verde e de sombra desce, escorrega docemente pelas vertentes, atinge o mais profundo do vale, alastra pelos prados. A agua, d'um espelhado menos vivo

já não fere, não hostiliza os nossos olhos, parece que ganhou em serenidade, em profundidade e transparência, á medida que sobre ela o tenue veu de sombra se desenrola. As ribeiras sussurrantes teem menos pressa, como se o calor as ouvesse fatigado, e lá vão mais preguiçosas, procurando todas as anfractuosidades das suas margens para a elas se colarem amorosamente, e são mais suaves nas suas descidas, arqueiam-se com mais voluptuosidade quando se despenham na procura do novo leite, que em baixo as aguardam e teem um som mais cristalino na sua queda. As arvores que alegam o campo em frente, parecem agora respirar melhor, reverdecem, mostram mais palidas as suas novas folhas de primavera. Começa a sombra a subir pela encosta fronteira, serenamente, imperturbavelmente como a fatalidade, e vae avermelhar e arroxear os cimos. Recobra o campo o seu ar de tristeza, de recolhimento e de misterio, as arvores, o campo em volta, tomam um aspecto de meditação cada vez mais triste, á medida que a noute lenta desce e afoga e torna indefinidas as formas.

As aldeias pelo dia, com largas e direitas ruas arborizadas, bordadas de bizarras, alegres casas brancas envolvidas de risonhos jardinsitos, não são agora mais do que amontoados informes de manchas claras de muros caiados, e escuras de telhados enegrecidos pelo tempo, e pela falta de luz, d'entre os quais, aguda, esguia, a torre da igreja emerge e sobe para o ceu, como uma supplica.

Pela manhã do dia seguinte conseguimos enfim saber que iamos desembarcar a Wizernes depois d'uma rapida demora em Etaples onde teriamos de deixar os doentes que trouxessemos. Encontramo-nos já então n'uma região quasi plana, cortada de largos drenos, cujas margens são guarnecidas de troncos baixos reforçados, De longe vejo formigarem homens

sobre os campos, perto de centenas de tendas de campanha em cone muito agudo, dando tudo aquilo, assim á distancia, a impressão d'um paiz de liliput. N'alguns, mais proximos da linha ferrea, vejo que fazem exercicios militares ou se dedicam a jogos esportivos.

Pela côr dos fatos distingo que são inglezes e pela profusão em que ali estão reconheço que me encontro já na zona de guerra.

A esta altura, quando o comboio se aproxima d'um acampamento, um soldado levanta uma grande bandeira americana e agita-a no ar, como a saudar-nos. Americanos ali! E quizeram, tiveram especial empenho em que soubessemos que eram eles e não inglezes que n'aquelle momento nos davam as boas vindas.

Quando nos aproximamos de Etaples, vimos sobre uma grande extensão, casas e abarracamentos de lona branca, sobre os quaes flutuavam a bandeira da Cruz Vermelha aliada á bandeira verde e vermelha de Portugal. Ali se haviam estabelecido as primeiras instalações portuguezas sobretudo, os hospitaes que tinham necessidade, para doenças de tratamento longo, de ficar longe do *front*. Mal o comboio parou e des-cemos no desejo de mover as pernas entorpecidas pela longa permanencia dentro do compartimento, um ruido continuo de rebentamento de granadas se fez ouvir a distancia, no ar. Todos os olhos, ávidos, se levantaram e assistimos com interesse, com emoção mesmo, ao primeiro acto de realização da guerra.

Dois aeroplanos inimigos voavam sobre Etaples e os anti-aerios tendo-os descoberto, faziam sobre eles um fogo violento no desejo de os fazer cahir.

Desenas sobre desenas de granadas foram atiradas, e os pobres soldados não comprehendiam como os aparelhos sahiam incolumes d'um tão furioso bombar-

deamento, attribuindo já, a impericia dos atiradores, o facto d'elles continuarem o seu vôo. Não sabiam que em primeiro logar não ha pontos de referencia com o auxilio dos quaes se possa determinar a distancia e em segundo que se atira para um alvo muito pequeno, e constantemente em movimento, animado d'uma grande velocidade. E lá seguiram eles, constantemente perseguidos pelo rebentamento de granadas que deixavam o ceu manchado de pequeninas nuvens brancas, como as ha no ceu da nossa terra quando o tempo ventoso se anuncia.

Esta primeira scena da guerra alegrou os homens, sacudiu-os, chamou-os um pouco á realidade e sobretudo distrahiu-os, fornecendo assunto para as mais animadas palestras e para a apresentação das mais ingenuas opiniões e mais desconcertadas criticas. No meio d'uma viva conversa, um rapagão, verdadeiramente lusitano e primitivo, com um ar decidido, sustentava que a guerra assim, com aeroplanos e artilharia e metralhadoras não tinha mesmo geito nenhum.

O que ele queria, era ter em campo raso, um numero equal de portuguezes e alemães, cada um com uma espingarda na mão e com os seus cartuchos, a vêr qual dos dois grupos de contentadores vencia. E a guerra segundo o seu original juizo, acabava ali, n'um instante; quem morria era enterrado e esquecido, salvo pela ternura d'uma mãe ou pelo amor d'uma namorada, e escusavam os povos de viver annos na guerra matando-se com o auxilio de todos os artificios e a applicação de todas as manhas e invenções. Até nem era honrado, dizia ele, estar um homem detraz d'uma trincheira a atirar balas e granadas que vão acertar não se sabe em quem. E um homem morre sem ter sabido com quem luctou, finda ao acaso, á sorte. Em terreno plano e a peito descoberto é que era!!

E' claro que entre portuguezes era infalivel a apre-

sentação d'uma opinião contraria e o estabelecimento de correntes, que já davam logar a palavras asperas, quasi de raiva, filhas da inconsciencia com que o portuguez se deixa apaixonar. Aproximei-me mais, fiz abrir a roda e chamei com ar paternal mas firme, os rapazes á razão, desfazendo aquele improvisado comicio de contradita.

Afinal o que o primeiro tinha dito era uma infantilidade que tinha o seu quê de pitoresco, qualquer cousa que fazia lembrar o velho feitio lusitano, o tradicional cavalheirismo, e a simples valentia portugueza. O outro deveria até ter apreciado aquella opinião, e não arriscar uma tolice, exclusivamente na portugue-sissima intenção de contrariar, para fazer berrata, armar discussão, questão, zaragata. Sob este balde de agua fria, aqueles *dois partidos* cujo programa era a forma de executar a guerra, esmoreceram, desagregaram-se, dissolveram-se, e passados poucos momentos, estavam os respectivos ex-membros, pacificamente assentados entre outros companheiros, á espera de que fosse dado o signal de partida, para chegarem enfim ao termo d'aquella segunda etape.

Pela 1 hora da tarde chegámos enfim a Wizernes onde deveríamos descer, para uma longada de dez kilometros que nos deixaria no local onde teríamos de permanecer por algum tempo, durante a nossa preparação para fazermos a guerra, segundo os novos processos.

Logo á chegada affluir grande quantidade de officiaes, de automovel uns, com braçoes, cintos de couro bem envernizados, ar de aceio, de luxo, de requinte, que eu não estava acostumado a ver na tropa. Veem dos quartéis generaes, das escolas á rectaguárda, dos estabelecimentos militares.

Entretanto uns perguntam noticias de Portugal, das suas perturbações de ordem publica, da consistencia

do governo — aquele negregado, violento e inclassificável governo, que havia feito da tropa um organismo para execução da guerra, e não uma instituição cujos membros deveriam receber o seu soldo, a troco d'uma rápida passagem diaria pelo quartel, para umas horas de má lingua, e irem depois em passeio pela cidade, expondo as vistosas fardas recamadas de dou-rados e salpicadas de botões, com um descommunal kepi alemão enterrado até á nuca, quantas vezes com sacrificio das orelhas. Outros forneciam indicações sobre a fórma como seriamos instalados e a maneira como a instrução seria ministrada. Tambem falam muito sobre as linhas, mas nunca lá estiveram senão por poucos dias, de visita ou de passagem.

Os homens formam, rapidamente, para nos pômos a caminho e chegamos a tempo de fazer a instalação ainda com dia. Sahimos da gare, atravessamos uma curva de nível e logo nos vimos sobre uma estrada larga, exposta ao sol, na qual encontramos soldados inglezes.

A primeira indispensavel indicação, é que temos de marchar sempre bem alinhados e encostados á direita, para não impedirmos o movimento da estrada. De facto a cada instante automoveis e camions passando constantemente, lançam sobre nós verdadeiras, fartas nuvens de poeira, que pousam no fato, nos cabelos, no bigode e nas sobrancelhas. Sobretudo os automoveis, n'uma velocidade vertiginosa de corrida, torciam e arrastavam em ressaca verdadeiros turbilhões de pó. Todos aqueles officiaes, tratam certamente de serviços que dizem respeito á vida dos respectivos exercitos e portanto as suas velocidades de risco e de incomodo para os transeuntes, são perfeitamente justificaveis, julgo eu. O que é certo é que percorridos quatro quilometros, longos, estirados, arrastados, com as pernas entorpecidas dos muitos

dias de viagem em comboio, quando chega o momento de dar um descanso á tropa, nos olhamos e nos encontramos todos envelhecidos de 50 annos. Não foi porem do tempo, nem do esforço dispendido que os nossos cabelos embranqueceram e os nossos bigodes e as sobrancelhas, e as pobres pestanas, ganharam já junto da raiz uma especie de massa branca e densa. Foi da quantidade inumeravel de automoveis constantemente em movimento — e que movimento! — levando lá dentro officiaes preparados e protegidos contra a guerra do pó, que sustentavam heroicamente com os outros vehiculos.

Recomeçamos a jornada, que temos deante de nós ainda seis kilometros a percorrer! Temos já a necessaria, indispensavel fiscalisação, o controle dos officiaes do Estado Maior, do quartel general, que vão recebendo as continencias a que teem direito e vão dando ordens, pssando á frente para pararem e nos verem de novo e darem mais algumas uteis ordens n'aquella importante marcha de dez kilometros para o local do estacionamento. Noto que o Estado Maior não falta onde é chamado a desempenhar a sua função e que é solícito e cuidadoso no seu integral desempenho.

O comandante do batalhão teve mesmo já a sua atenção pedida para o facto de haver homens que não vinham no seu alinhamento, para o excessivo alongamento que tem as fracções da sua columna e para a inter distancia dos pelotões que parecia exagerada, de cinco passos. E a fiscalisação assentava, judiciosa, sentenciosa, que estas pequenas cousas teem uma grande importancia na guerra. O comando certamente aceitava aquellas sabias considerações, visto que muito justamente insistia para que fossem reparados os erros cometidos e para que dessemos á tropa a disposição que á esclarecida fiscalisação agradava e que por esse facto devia ter uma consideravel impor-

fancia, sendo a mais consentanea com o interesse da tropa em campanha. Ao crusarmos a aldeia de Clety, encontramos soldados e officiaes portuguezes que ali estavam acantónados e que constituíam o pessoal da escala de metralhadoras pesadas. Deram-nos indicações precisas sobre o termo da nossa viagem, já ali, apenas a dois kilometros, que habitualmente faziam a pé, em simples passeios pela tarde, quando o tempo da instrução e do serviço era terminado. Para além d'esta encontramos já de volta o automovel adstricto á fiscalisação, que deu mais umas indicações importantes — que ficavamos d'ali a dois kilometros em Avroult e que abalou em rapida carreira, certamente atrahido pela exigencia de outros serviços de importancia e responsabilidade, interessando igualmente á vida do exercito em operações.

E emfim, estafados da caminhada lá atingimos a terra desejada onde os nossos musculos haviam de repousar das fadigas d'uma tão longa viagem. Encontramos então a nossa secção de quarteis — o ajudante, um sargento e alguns soldados — que haviam previamente d'acordo com o *maire* dividido a aldeia em quatro partes cada uma das quaes devia acomodar uma das companhias da minha unidade. Os homens foram instalados nos *grainiers*, em palha que havia já servido a uma outra unidade que ali havia permanecido algum tempo, não porque a secção de quarteis tivesse descurado o assunto, mas porque havia cinco dias que ali se encontrava, trabalhando por conta propria e completamente isolada, per falta de comunicação com o quartel general.

O melhor que pudémos, preparámos o nosso acantonamento com o esforço dos homens que vinham de chegar e procuramos, cada um a casa que o deveria acolher. E assim se chegou a noite do primeiro repouso reparador.

Em Avrault

Mal rompeu a manhã seguinte, despertei e fui assaltado pela impaciencia de vêr o local em que me encontrava e as condições em que havia herdado a minha parte da aldeia, da unidade que me havia precedido. Cousa alguma estava feita, certamente porque a unidade, partindo, havia tambem levado aquilo que n'outro acantonamento poderia precisar. Comecei por pensar que seria melhor e mais vantajoso preparar com cuidado, com todas as condições indispensaveis, os diferentes campos antes de para ali serem enviadas tropas, e que como estas só eram deslocadas quando substituidas por outras que chegavam, todas as forças que viessem depois, encontrariam os campos nas condições indispensaveis ao seu estabelecimento. Mas tudo aquilo de que os serviços de hygiene dispunham já, e os serviços administrativos podiam fornecer, e fosse de primeira necessidade para a instalação, deveria estar entregue á secção de quartéis que depois de alguns dias ali se encontrava. Não aconteceu assim, infelizmente; e nos primeiros oito dias vivemos entregues a nós proprios, sem nenhuma especie de comunicação com o exterior. Tudo nos faltava já; a roupa que os soldados tinham deixado nos sacos, sobre o caes de desembarque, seria exce-

lente n'este momento para fazerem a muda. Palha para se substituir a velha, tambem seria necessaria, para evitar a invasão de parasitas. Mas como sahir d'aquello local? Onde ir? Alguem da secção de quartéis lembrou então que o meu amigo Victorino Guimarães se encontrava apenas a 5 kilometros de distancia e que alguma cousa eu poderia conseguir, pelos serviços administrativos, a que pertencia. Não havia, porem, processo de transporte e já me dispunha a ir de longada, quando vi que o automovel da agua seguia a direcção desejada. Subi, fui á terra proxima e no dia seguinte por pedido directo, pessoal, consegui então, aquilo que ali devia estar já, no momento da chegada das tropas.

Os primeiros quatro dias foram destinados ao repouso dos homens, para se refazerem das fadigas da longa viagem e para procederem á sua limpeza e instalação.

Depois começou a vacina contra a febre tifoide, indispensavel á imunisação de homens que tem de fazer uma campanha, forçados a beber muitas vezes a agua que ha, mesmo da que se empoça sobre o terreno. Demais com o nosso soldado, inculto, que bebe toda a agua desde que seja corrente e que abusa de qualquer outra desde o momento que a tenha perto, a vacinação é absolutamente necessaria. Recordo que, quando se procedia a experiencias com esta vacina e a controversia era viva a respeito da sua efficacia, o ministerio da guerra, em França, resolveu que de dois batalhões que deveriam partir para Africa, um fosse vacinado e outro não. Aconteceu que, de febres d'origem intestinal, morreu no batalhão que não havia sido vacinado quasi metade do efectivo, emquanto que o outro regressou na sua quasi totalidade á patria.

Os efeitos da vacinação são particularmente incómodos, porquanto o paciente é atacado de dôres, que-

branto e febre, por vezes violenta. Durante o periodo d'absorção do sôro pelo organismo, este sofre perturbações que trazem um acentuado mal estar. Alguns homens sofrem pouco e raros são os que não sentem cousa alguma. De forma que no dia seguinte á pratica d'esta medida, uma companhia não é mais do que um vasto hospital. E como ha serviços diarios a executar, de vantagem se torna não vacinar todos os homens no mesmo dia, deixando entre cada um dos dois grandes grupos em que a companhia se divide, um intervalo de pelo menos quarenta e oito horas — que tantas são aquelas durante as quaes o paciente amarga os violentos efeitos da vacina.

Poucos dias depois um automovel, pára á porta da casa destinada a secretaria, mesmo sobre a estrada larga que liga St. Omer a Fauquembergues. E' a melhor construcção d'esta aldeia que tem apenas duas duzias de casas em cima, espalhadas a um e outro lado da estrada, e outras duas duzias n'uma estreita rua que lhe é paralela e que passa junto á igreja, alta, esguia. O general que comanda a divisão a que a unidade pertence, acompanhado dos seus ajudantes, fazia visita ao comandante do batalhão, seu amigo pessoal e aproveitava a ocasião para saber das nossas necessidades e mandal-as apontar para lhes dar satisfação. Creio que começaram então as requisições das cousas necessarias, não só de roupas, e calçado, mas sobretudo de material indispensavel á preparação em França, dos soldados portuguezes, para tomarem parte n'uma guerra, inteiramente diferente d'aquela que antes de ulterior de aprendizagem poderiam apprehender. A satisfação d'essas requisições fez-se, porém, com uma grande lentidão, de forma que a rapidez da instrucção foi bastante prejudicada. Assim, iamos usar pela primeira vez a granada de mão, a granada de espingarda, a espín-

garda-metralhadora, processos de combate de que ainda nos não tínhamos servido. Pois a vinte dias de estada em França foram entregues 24 granadas de mão para instrucção e treino de proximoamente um milhar de homens!

Os officiaes e os sargentos por seu lado não tinham recebido instrucção especial, de forma que foi necessario envial-os a escolas, para os colocar em condições de a ministrarem aos seus homens.

E assim começaram de ser distrahidos de junto dos seus soldados, os officiaes, de forma que as exigencias do serviço pesavam sobre um numero limitado d'estes e os comandos das frações transitavam de mão em mão, com prejuizo pelo menos da disciplina. Por outro lado a demora na preparação alongava-se enormemente, custando a estada da tropa em França, diariamente, uma importancia consideravel, de todo o ponto justificada quando do seu trabalho e da sua ação, se consegue um resultado digno de apreço, mas merecedora pelo menos de censura quando se dá em pura perda, sobretudo a ser paga por um paiz de escassos dinheiros, ao qual é preciso um esforço financeiro enorme, para a comparticipação na guerra. Se um dia fôr necessario organizar uma expedição para algum paiz em que se empreguem processos de guerra que desconheçamos, parece que deveremos usar d'um pouco mais de metodo do que houve na nossa primeira expedição a França. Em primeiro lugar, as unidades quando chegam aos seus locaes de instrucção, devem já ali encontrar officiaes e graduados seus, conhecedores das especialidades a ensinar e em numero suficiente para poderem ministrar a instrucção, dispondo já do material que lhes é indispensavel. Isto se urgir a sahida de tropas, porque mais natural será fazer a aprendizagem no proprio paiz, que sae muito menos cara. Em segundo lugar não se comprehende

que tendo vindo a expedição por contingentes, não tenham partido com os anteriores officiaes e graduados, destinados a instruirem os corpos a vir mais tarde. Atenho-me ao ponto de vista da economia e do prestigio que o official deve ter junto dos soldados que comanda, e que é difficilmente sustentado quando conjuntamente aprendem uma mesma instrucção, n'um mesmo campo, como repetidas vezes succedeu. Com a tropa, soldados de linha, baterias de artilharia e os diferentes serviços é que a lucta é praticavel. Pois o que eu julgo, que merecia uma especial atenção, era a organização dos quartéis generaes, a profusão de automoveis, para os diferentes serviços pessoaes, a organização de todos os serviços á reataguarda, repartições, etc. Reservar-me-ia o futuro algumas surpresas mais ?

Os amores

Por uma quente tarde de Junho em que passeiava sobre a larga estrada a saudade, a nostalgia da minha terra, a doce recordação de horas em que a felicidade me havia embalado, e em que procurava consumir o tempo que mediava entre o termo do meu trabalho e o momento de recolher-me, surgiu na minha frente, escarranchado sobre um russo enorme, a figura amavel do Garrido, que havia sido um dos mais queridos companheiros, dos tempos já distantes da polytechnica. Esboçou um ar de agradável espanto, saltou do cavallo com presteza e, n'um instante, puxou-me para si e esbarrachou-me contra o arqueado macisso do peito, com o auxilio dos mesmos dois musculosos braços que n'outros tempos fizeram a desgraça dos seus contendores e a admiração dos que assistiam ás sempre rapidas pugnas. «Vou a St. Lievin e tu deverias vir tambem. Ha lá a mais bonita mulher de em vinte leguas ao redor. Em cada tarde lá vou á peregrinação — que é a unica distração que n'esta região encontro. Mas não percas tempo, homem, arranca d'ahi.»

Lembrei-lhe que deveria levantar-me cedo, que necessitava aplicar toda a minha actividade ao desem-

penho da minha trabalhosa missão de comandante d'uma companhia.

— Teorias. Precisas de distrair o espirito e de regalar o corpo. Nem d'outra maneira consegues levar a cabo o teu serviço. Neurastenisas-te, adoece.

Meia hora depois, já os dois a cavalo, em direcção á terra desejada, contava-me a sua estranha aventura, com uma infantilidade, umz quasi innocencia que me fazia vêr claro até o mais intimo da sua alma. O seu feitio integro, cavalheiresco, medieval, estava em briga com o seu sentimento amoroso e ele sentia-se diminuido, amesquinhado, vexado, por se ter deixado vencer, por não encontrar na inteireza do seu moral, fontes de energia que lhe permitissem resistir á solicitação d'aquêle passeio, á diaria visita pela tarde, quando o trabalho era findo, e necessario se tornava, ali, longe da familia, d'amigos, de comodidades e de conforto, de tudo que fazia amavel a vida d'outrora, arranjar um pouco de distração na qual o espirito descançasse e se alheasse das recordações saudosas que fatalmente o entristeceriam. Havia quinze dias que ele com o coração a estuar, envergonhado da sua acção, perturbado como uma creança, disfarçando o seu amor deante dos camaradas, como um criminoso se esconde da policia, fazia ininterruptamente aquêle passeio. Nunca se tinha trahido, e da sua bôca nem uma palavra tinha sahido que o pudesse denunciar e o expuzesse ao ridiculo, á mófa dos camaradas, que sempre haviam sentido o seu prestigio, e que n'ele veriam apenas um ingenuo lórpa, amoroso, quasi apaixonado por uma rapariga de *estaminet*, que oferece a boca fresca, rosada, aos beijos dos freguezes que lhe deixam no estabelecimento umas desenas de francos em cada noute, que acha licito o apalpão discreto, e se familiarisa com o palavrão capaz de fazer córar um marujo, mesmo dos

que são trazidos dos bairros duvidosos da Mouraria ou d'Alfama. Agora, porem, que me apanhava ali, queria contar-me tudo, desabafar, ouvir a minha opinião e queria que lhe dissesse ao fim de toda a historia, se ele era ainda o mesmo homem, se a minha amizade e a minha consideração tinham ficado intactas. Tinha lá ido uma tarde com o Macêdo que já conhecia a rapariga e havia ficado, surprehendido, maravilhado, com o verde esmeralda dos seus olhos ora vivos brilhantes, ora sonhadores e profundos, transparentes e suaves como lagos. A pureza e a finura dos seus traços fariam crêr n'uma ascendencia d'elite, e o bem lançado do seu corpo alto, esbelto, seria d'uma correção perfeita, se não fôra o seio um pouco forte, aprumando-se, tumido, n'aquela delicadeza. Havendo tambem nas suas maneiras qualquer cousa de desembaraço, todos os seus movimentos eram cadenciados, cheios de rithmo, de graça e de harmonia. O Macêdo sempre abrutalhado, beijara-a sofregamente, e apertara com a mão forte o torneado duro do seu braço, que a manga de cassa transparente deixava entrever, rosado e perfeito.

Para não parecer estranho, ele cumprimentara-a com uma certa efusão, dissera-lhe duas palavras envaidecedoras, e dispuzera-se a satisfazer a obrigação de cliente novo, fazendo servir uma garrafa de Champagne de que ella tambem bebêra um pouco. Outros camaradas haviam depois entrado para o quarto interior, enquanto a velha avó lá fôra, ao balcão e ás mezas, servia, carregada de annos e de cerveja os civis e os soldados inglezes e portuguezes que ali affluíam e pejavam o estabelecimento até ás oito horas.

A mesma rudeza nos cumprimentos, a mesma ordinareza nas maneiras, nas palavras. Os olhos d'ella vivos, alegres, riam e ella defendendo-se d'um ou d'ou-

tro mais atrevido, ia servindo o Champagne, os licôres e recebendo o dinheiro dos que partiam. Ele havia falado pouco, porque passara muito tempo, com as suas preocupações d'artista a admiral-a disfarçadamente, e aproveitara depois para se afastar d'aquêle ruido grosseiro, o pretexto d'uma palestra com a velha avó, que terminada a faina se assentara fora, junto do balcão, á espera que aqueles senhores se fatigassem do divertimento. De vez em quando ela levantava-se de em volta da meza redonda e grande, para vir, surprehendida, ouvir o que poderia haver de interesse, que prendesse a septuagenaria avó e um rapaz, n'uma longa conversa. Ele havia falado da sua simpatia pelos velhos, da governante e dos velhos creados que o haviam visto nascer e ainda viviam em casa, enfim, de cousas simples e amoveis, que tocavam um pouco o coração da velha. E quando a hora da partida chegara, e o Macêdo se preparara já e se despedira com um apalpão mais forte e um beijo mais àvido, ele tratara de fazer uma despedida simples, inteiramente diversa da de todos os demais camaradas. Surprehendida, ela havia perguntado um pouco despeitada do seu desinteresse unico n'aquella sociedade — *vous ne m'embrassez pas?* Respondera-lhe tranquilamente que sim, se isso lhe dava prazer. E sem elan, aflorara apenas a fenda fresca e sensual d'aquelles labios, que descerrados n'um sorriso deixavam ver duas fiadas de dentes, brancos como neve, lustrosos como perolas. Já na porta, com a mão d'ele ainda presa n'um derradeiro *shak-hand* ella arriscara ainda — *c'est sur qu'on aura le plaisir de vous revoir, que vous reviendrez demain?*

Na noute que se seguira áquella primeira visita, só muito tarde conseguira conciliar o somno. A cada tentativa que fazia para fechar os olhos, respondia-lhe a presença já impertinente d'aquella mulher, fa-

zendo-lhe correr mais apressado o sangue nas veias e estuar a carne de desejo. Ele refizera muitas vezes em todos os seus detalhes, cujas recordações o assaltavam então, as scenas a que assistira e á evocação d'aquela encantadora figura de mulher, a sua carne minada de desejos, estremecia e vibrava. Mas quasi lhe ganhara raiva, á mercenaria que oferecia o impudor dos seus beijos ao primeiro que chegava, e os não guardava avaramente para um só que fosse o eleito da sua alma. E quando o somno o vencera, havia já estabelecido a firme resolução de não voltar a ver aquela beleza rara, desentranhando-se, prodiga, em beijos, para venda d'umas garrafas de Champagne.

No dia seguinte porem, após a hora do trabalho, nada mais havia a fazer e a recordação que durante todo o tempo o havia perseguido ainda o assediava, implacavel. Mil vezes ele tinha sentido o desejo de ir, para dizer aquella creatura fisicamente perfeita, que era um aborto, uma monstruosidade moral, cuja alma era um trapo e cujo sentimento ele relegava a categoria de esfregão. E talvez tivesse presistido na resolução de a não ver mais, se o Macedo, insistente, o não tivesse demovido.

Quando ali chegara, sentiu que a sua visita causara prazer aquella gente. A rapariga fôra para ele e cumprimentara-o vivamente, sem lhe oferecer o habitual beijo e corando. E a boa velha abandonou um momento os seus clientes para vir dizer-lhe que tinha uma grande satisfação em tornar a vel-o n'aquella casa. Depois tinham começado todas as atenções discretas, delicadas, que ele não julgara poder encontrar n'aquele lugar, e que por esse mesmo motivo o captivavam e ele já não resistia ao desejo de ali ir. E cada hora a mais lá vivida, fôra uma malha a mais na teia sentimental que agora lhe tolhia a vontade firme d'outros tempos.

Como o Macedo se havia deslocado para uma aldeia mais avançada, passara a ir só, e nos momentos em que estavam a sós, uma estreita intimidade se fôra estabelecendo entre eles. Ela tornava-se então uma rapariga inteiramente diversa da que os freguezes conheciam. Nem uma palavra crua, nem um gesto que não fosse cheio de correção e de finura, e o olhar perdia a vivacidade, dilatava-se, aprofundava-se e tinha a quieta transparencia d'um lago muito verde, pela tarde, á hora em que as margens melhor se retratam e se recolhem e entristecem. Ela interessava-se então pelas suas leituras preferidas, folheava os livros que ele habitualmente ia comprar á gare, pedia que lhe lesse algum cousa, ou lhe recitasse alguma poesia preferida. E ele habituara-se a emprestar-lhe livros simples, primeiro, depois os melhores que pudera encontrar, porque aquella creatura, apagada, perdida, n'um *estaminet*, sabia ler, e sabia escolher as mais bellas paginas mesmo d'um livro d'Anunzio, de Loti ou d'Anatole France. E ele enternecia-se quando ela folheando-os, lhe pedia que relesse esta ou aquella passagem, sempre escolhida entre as melhores, as mais intensas e mais emocionantes, as mais vividas e palpitantes e admiraveis de toda a obra. Como aprendera ela a fazer aquella seleção? Sempre adorara os livros e desde pequenina que a velha avó pela manhã, passava amargos trabalhos para a arrancar ao regalo da leitura àvida, e á cama confortavel em que lia. E havia no intimo d'aquela corpo gentil, no mais recondito d'aquela alma, que para os outros aparecia como amoralisada pelo meio corruptor em que se tinha formado e vivido, um educado, requintado gosto literario, que ninguem poderia suspeitar.

Os cavalos a passo, as redeas sobre o pescoço, deixavam que aquella onda de emoções, tanto tempo contida em segredo, subisse e se espraiasse, no meu

coração amigo. Ela era outra na intimidade, simples, terna, pudica, quando a sós com ele. A primeira vez que a atrahira amorosamente a si e apertara nos seus braços fortes aquele corpo tacteado por tantas mãos de conhecidos d'ocasião, ela corara muito, acolhera-se no seu peito, onde procurara esconder-se n'um pudor inesperado, e o beijo quente que desejara dar-lhe na bôca, só conseguira encontrar a testa que se lhe oferecia. Refeita d'aquela primeira fraqueza, defendera-se e fugira rosada, confusa, como se pela primeira vez aflorasse a sua pele, a revelação sensual d'um beijo.

Vieram depois os beijos soffregos, vorases em que ele procurara beber-lhe a alma, a vida, a vertigem de que só tinham despertado pertencendo-se inteiramente, corpo e alma.

E ele insistia nos detalhes, queria fazer-me comprehender que havia n'aquela creatura duas mulheres distinctas. A que oferecia beijos indiferentemente, ao primeiro que chegava, e cuja carne se não revoltava ao contacto do atracão atrevido, e uma outra toda ternura e pudor, amorosa, apaixonada que para ele só, em segredo, se revelava.

Ainda os cavalos, metidos a trote se encontravam a uma dezena de metros da porta, no recanto, e já a sua figura curiosa se divisava lá, espreitando se porventura ali vinha o escolhido do seu coração. Cumprimentos simples, um *bonsoir* amigo e quasi respeitoso á bca velha e passamos ao interior, n'aquello momento deserto. Ele apresentou-me como o unico confidente que ali poderia ter e recebi um acolhimento amavel, serio, caloroso. E foi ruborisada, envergonhada, que ella correspondeu a medo ao beijo soffrego que elle lhe deu.

A' volta, um pouco tarde, eu socegava os seus escrupulos dizendo-lhe que fazia bem em querer aquella

rapariga que punha todas as aspirações da sua alma e todos os desejos da sua carne, n'um simples, desinteressado, inegavel amor.

E assim estabelecia a sua desejada separação entre a creatura cujo habito desde os mais tenros annos afizera aos beijos e ás obscenidades cruas e a outra que ele escondidamente amava, e que para comprazer, eu passaria a chamar duqueza de Hardingham.

Aprendisagem

A porta do *senhor maire* cuidadosamente deixada sobre o trinco, havia permitido como sempre o acesso facil ao quarto onde repousei ainda um numero consideravel de horas, antes que a corneta fizesse ouvir os sons gritantes da alvorada. Um banho frio, uma barba á pressa, uma *toilette* ultra rapida, e n'um momento me encontro, o primeiro, no lugar da formatura, dando o exemplo da pontualidade. Aqueles que a vontade ou os acontecimentos levaram ao serviço militar, sabem bem que a dentro do organismo exercito, facilmente se pode compellar quem quer que seja ao cumprimento da obrigação, sem murmurio, contrariedade, desde o momento que o superior dê constantemente o exemplo.

Uma vez no campo, a instrucção tinha de limitar-se, reduzir-se, praticando-se a gymnastica que desembaraçasse os movimentos e freinasse os homens, para collocal-os em condições de dar o maximo de intensidade e de resistencia. Depois ensinava-se, a construcção da arma ingleza que vinha de ser distribuida, *Lee-Enfields*, e o seu manejo simples cuja descripção á ultima hora apparecera em separata. A mais, havia pela tarde umas marchas, longas, estiradas, destina-

das a preparar o soldado para grandes deslocamentos que porventura fossem necessários.

Muitos homens porem, não podiam andar, porque dias antes, sem treino, com umas horriveis botas novas que lhes haviam distribuido á ultima hora, os haviam feito, ir e voltar á escola de gases de Mametz. Nada menos de 32 kilometros que haviam posto o soldado de infantaria em face do seu grande inimigo, n'uma guerra de movimento—a bota—inimigo que o havia deixado bastante mal tratado logo na primeira refrega. Após um dia de descanso no qual 30 % dos homens transitou pelo posto medico, nova ida e volta foi ordenada, com as mesmas crueis botas, sobre a mesma alongada extensão. O resultado foi o unico que poderia esperar uma pessoa sensata. Os homens com os pés em bolhas, em feridas, tentaram ir na sua quasi totalidade ao medico, e em verdade não marchou um grande numero, porque aquele, consciencioso, atendeu e bem, ao estado em que muitos se encontravam. Pelo caminho porem, sobretudo na volta, muitos dos que ainda foram, coxeavam já, diminuiam a velocidade da marcha, ficavam estropeados.

O assunto poderia ter sido satisfatoriamente resolvido se, devendo os homens ali ir dois dias, os tivessem mandado bivacar, transportando n'uma mochilã umas mantas e a alimentação, se se não quizesse aplicar um carro a fazer este insignificante serviço. Não. Forçaram-os a meter os pés dentro d'um calçado largamente abundante em agressivas asperezas interiores, puzeram-lhes sobre os hombros mochilas carregadas com todos os artigos que lhes haviam sido distribuidos e lhes não serviriam durante aqueles dois dias, e vá de atiral-os a um vae-vem, que os deixou em grande numero, impossibilitados de serviço por muitos dias.

A instrução de gases era rápida, nada fatigante. Officiaes a um lado, soldados a outro, lá se desfiava aquele interminavel rosario dos *tempos* em que a mascara se collocava. E o pobre alferes de cavalaria, muito serio, repetia pacientemente sob um tecto de grande fenda de campanha, que havia as posições de gaz alerta e gaz alarme e que ao primeiro tempo...

Feito com presteza aquele movimento, metido o nariz n'uma pinça inferior da mascara, escafandro reduzido de grandes oculos redondos, cravados os dentes nas saliencias do tubo respirador, ajustado o aparelho ao rosto por meio d'uns elasticos passados em V por defraz das orelhas, lá íamos em bicha, entrando quasi aos apalpões, no interior d'um comprido casinhoto dentro do qual se volatilisavam os gases lacrimogeneos que serviam para prova das mascaras.

Verificado que nenhum instruendo se queixa de ardor nos olhos, vá de mandar tirar as mascaras, expondo-os á acção irritante do gaz. E agora ali, sem penas nem amarguras, os olhos a fecharem-se, eram verdadeiras cascatas de lagrimas, que rolavam, se despenhavam pela face, enquanto nós nos dirigiamos rapidamente para a porta reaberta.

Passado um dia de intervalo, voltando a uma repetição dos movimentos que era necessario fazer com toda a rapidez, segundo a opinião do lente, fivemos de ir, mascaras já collocadas, ao cacifro escuro e longo dos gases asfixiantes, onde, expostos á acção d'este, tinhamos de fazer a substituição das mascaras pelos capuzes, com os quaes ficavamos verdadeiramente com o aspecto de presidiarios de antigos tempos. E ficou prompta aquela instrução que se não fôra a jornada das seis leguas e meia por dia e a pouca resistencia dos pés grosseiros dos soldados, feria sido adquirida por toda a gente sem inconveniente de maior.

Os homens porem foram tratados, com prejuizo da instrução, já se vê, do serviço e do Estado que teve de pagar os medicamentos, e oito dias passados o *excelente calçado* portuguez era justamente, substituido por calçado inglez, muito mais resistente, mais duradoiro e mais compadecido, uma vez bem tratado, das pobres extremidades, que deveria antes proteger que agredir. Emfim, um calçado solido mas polido, delicado, amavel para os pés.

* * *

Depois d'alguns dias de instrução, simplesmente acrescida d'aquela reduzido movimento de pôr e fírar a mascara por tempos e seguidamente, recebida ordem para ir com duas companhias á escola de Marthes para ali me dirigi preparado para uma estada de oito dias. Mandaram-me bivacar n'um campo onde os soldados cuidadosos me fizeram uma tenda com quatro impermeaveis e alguma palha, e deram-me a escassa indicação de que receberiamos instrução no dia seguinte, ás 7 horas da manhã.

Como fosse quasi noite e a disposição dos homens exigisse a minha presença, não pude ir onde me fornecessem indicações precisas a respeito do local em que ela se realisaria, quem a ministrava, programa que seguia, etc. A clarividencia de quem dirigia esse serviço, imaginava a existencia da mesma qualidade n'este pobre mortal que eu sou e enganava-se redondamente. Na manhã seguinte, 6,50 a tropa encontrava-se formada aguardando que apparecesse alguem que pudesse ao menos dizer o que haveria a fazer, o local da instrução, onde era feita a apresentação. Sete horas, sete e dez, sete e vinte. . . Decididamente ha aqui qualquer coisa que é necessario

deslindar, esclarecer. Um oficial avança até um campo proximo, invisivel, do ponto em que me encontrava.

Lá está um capitão, alto, apumado, bigode kaiseriano, aspecto rigorosamente militar. O camarada faz-me o favor d'um esclarecimento? Ha meia hora que os soldados estão debaixo de forma sem que se saiba onde devem ser conduzidos afim de receberem instrução. O outro secco, direito, severo, respondeu: nada tenho com isso; aqui limito-me a instruir os homens que chegam e a registrar e comunicar superiormente a hora a que comparecem.

A esta resposta seguiu-se um incidente ligeiro mas escusavel, entre os dois officiaes. E alguns momentos depois, quando os homens se encontravam já no local designado, reconheceu-se, emfim, que os que deveriam ali ir pela manhã, das 7 ás 11, eram outros que ainda não tinham vindo e que aqueles só lá deveriam ir das quatorze ás dezoito horas. Emfim um temporal n'um copo d'agua, uma instrução perdida, apenas porque a vespera tinha sido domingo e certamente a estação directora havia tido muito trabalho, muita occupação... preparando muitas cousas a executar na semana que se seguia.

A instrução foi em verdade proveitosa e interessante para soldados e officiaes. Esgrima de baioneta de movimentos rapidos energicos, de estocada, de parada e resposta. Carreiras com obstaculos, saltos, que dão resistencia, facilidade de movimentos. Meia hora de descanso e mais hora e meia de instrução de granadas de mão e de espingarda.

Os homens divididos em pequenos grupos, eram entregues a monitores que rapidamente os instruiam sobre a nomenclatura, enviando-os depois a treinarem-se no arremesso.

As outras quatro horas eram sempre passadas em marchas ao longo das estradas em que se procura-

va uma cadencia accelerada que dá mais *allure*, mais garbo, mais vivacidade á formatura e lhe tira, aquele ar pastoso e molengão que teem as tropas em Portugal, mal instruidas como em geral o são. Começar a marcha a cento e vinte passos por minuto, sem instrumento regulador e querer conservar essa velocidade, é desejar um impossivel em soldados que não tenham um grande treino, um prolongado habito de marchar. A cadencia desce fatalmente, como se relaxam as cordas novas, que veem de ser afinadas n'um instrumento.

No entanto nunca isto se fez em Portugal, chegando-se não sei se por inepcia se por relaxamento, a regulamentar a marcha á *vontade* na qual só as filas testas seguem com passo ordinario, indo as restantes como querem, o que dá logar a que as columnas se alonguem e que marulhem as cabeças e os corpos, como a superficie do mar quando varrida de vento forte. E alem dos inconvenientes, a tropa assim, tem um aspecto absolutamente desagradavel. O passo deve pois ser rapido, egual sempre, quer se marche á *vontade* quer em sentido. E para evitar o facto de por vezes as armas serem transportadas como cajados, deve exigir-se todo o rigor da sua conservação nas bandoleiras como os inglezes, ou a tiracolo como os alemães. Como auxiliar excelente das marchas, deveria fazer-se em Portugal a adaptação de letra especial a composições devidamente cadenciadas, dando, depois d'elas, instrução nos quartéis quando os soldados ali chegam para a aprendizagem de natureza militar. Assim consegue-se um maior rendimento de marcha e menos fadiga, porque os homens se distraem cantando qualquer cousa que todos sabem, e não canções regionaes que uma grande maioria, desconhece e que só servem, por via de regra, para perturbar a ordem.

São porem estes detalhes, inteiramente insignificantes para a consideração de creaturas preocupadas com altos assuntos militares, graves problemas a resolver sobre a instrução de tropas, o seu aboletamento, os termos em que devem ser interrogados os prisioneiros a fazer mais tarde, muito mais tarde, quando as tropas entrarem em operações e sobre tudo com questões d'ordem estrategica de que muito devem saber pessoas que teem um curso de especialização da arte de praticar a guerra, melhor ainda, da sciencia da guerra.

Reatando porem, os soldados tiveram na escola de Marthes oito dias de instrução intensa e proveitosa, depois do que recolhemos ao local do acantonamento onde nos esperavam já saudosos os camaradas e os acolhedores civis d'aquella região. E alguns dias passados, a mez e meio da data de chegada, tendo recolhido da escola de metralhadoras ligeiras varios officiaes que ali haviam sido enviados por uma quinzena, pudemos enfim, começar uma completa instrução do soldado, com gymnastica, esgrima, granadas, metralhadoras, defeza anti-gaz, limpeza de trincheiras, etc., instrução intensiva que poderia ter começado oito dias depois da chegada, se, como atraz digo, se tivesse enviado antes da vinda de cada unidade, os officiaes que deveriam frequentar as escolas de especialização, os quaes seriam depois encarregados de fazer preparar o campo, recebendo o material indispensavel, para que sem perda de tempo os homens adquirissem o conhecimento da novo forma de fazer a guerra e do novo material a empregar.

Parece que tudo isto teria sido de facil resolução, se não fora a occupação constante, fatigante, exgotante que os officiaes que deveriam dirigir estes serviços tinham a pezar sobre os hombros, pezo que difficilmente, podiam supportar, a despeito de estar distribuido por muitos.

Messe

Passados alguns dias entrava eu em companhia de outros amigos na casa onde estava instalada a *messe*, apressando-me a apresentar ao official mais graduado o meu pedido de desculpa pelo atrazo involuntario. Uma indispensavel ida a Fauquembergues mesmo entre o fim do trabalho e a hora do jantar, e uma lamentavel demora lá, resultante d'um facto com o qual eu não contava.

Fomos desculpados, é claro, com amisade e bonhomia, muito embora lá no intimo lhe tivesse ficado a certeza de que o facto em questão, teria sido algum encontro agradavel e uma estada mais prolongada n'algum estabelecimento da cidade proxima, onde eram verdadeiras tentações umas creaturas que na nossa terra, em tempo de paz e mesmo na mais modesta vila, nem mereceriam um só olhar de interesse. A quasi dois mezes de civilisação, perdidos n'aquelas pequeninas aldeias, arejando apenas de longe em longe ás cidadesitas proximas, condenados a viver, n'uma região onde havia milhares d'homens e apenas duas duzias de mulheres, filhas d'Eva bem mais feias do que n'outros tempos desprezavamos, são origem de perturbação das noutes e dos dias, do socego, da tranquillidade, da paz do coração.

Mas emfim, por aquelle fim de jantar, a amabilidade do official que presidia á meza desculpava-nos, e era tudo que pretendiamos, preparando já uma outra desculpa para a primeira infeliz vez em que de novo tal acontecesse. E depois d'umas palavras, amaveis, amigas e de saborear com prazer, com regalo umas fructas frescas e um café, eil-o que parte, deixando á vontade a consideravel quantidade d'oficiaes que por proximidade das respectivas unidades, constituia uma unica e numerosa *messe*.

Pouco a pouco dissipada a atmosfera de respeito em que o jantar correrá, escapados que foram alguns á franceza, entre os restantes a animação cresceu, a alegria espalhou-se, a conversa tornou-se ruidosa. O Leandro que estava ao fundo, sempre irreverente, alvitrou que falassem só tres de cada vez para nos podermos entender. E acrescentava affectando um ar de gravidade, que o fizessem o Bertoldo, o Ribeiro, e o Martins, que todos tres falavam muito bem. Ele até se tinha esquecido de os lembrar e recomendar com insistencia ao eleitorado do seu paiz quando das ultimas eleições, sem o que, certamente, suas senhorias aquela hora se encontrariam muito longe d'ali, no confortavel fauteil da Camara, fingindo-se *affaires* com uma correspondencia basta e importante.

O Bertoldo, entrado pelos annos, manhoso e desconfiado, sempre em guarda com os *doutores* vindos da escola, onde ele não tinha conseguido entrar, ripostou com ar agreste, que mesmo não desejaria lá estar e que sabia que não tinha *educação* que isso permitisse. Mas muito cheio de si ia acrescentando que havia lá outros muito mais brutos do que ele.

Os olhos procuravam rir mas sentia-se o esforço que ele fazia para isso, a raiva vinda de longe contra os que haviam estudado emquanto ele havia en-

durecido os lombos a gastar as taboas rijas das tarimbas. E insistia, irritado, que não era tão estúpido como parecia, que também tinha aprendido alguma coisa e que em Mafra havia até tirado uma nota bastante alta. Ali estava o Martins que era de seu curso e que sabia muito bem se ele fizera figura ou não.

Este, gordo, a cara alastrando-se em papada fôfa, um ar bonacheirão de conego repleto, aconselhava, prudente, ao outro que não fizesse caso porque o que ele queria era conversa.

Fizesse como ele. Com tanto que a alimentação não fosse pouca, o trabalho muito e a ida para o front breve, tudo estava bem, e podiam dizer o que quizessem.

N'esta altura já o Almiro e o Rosa haviam entabulado uma conversa sobre assuntos filosoficos em que se abordava o materialismo e o espiritualismo, questões muito da ignorancia e da predileção do Bertoldo, que readquiria um pouco de tranquillidade e alongava uma orelha curiosa para o lado á espera que o rumo das considerações lhe permittisse uma entrada. O Rosa argumentava logo contra, e olhava o Ribeiro defendendo com calor um simulacro d'opinião, em ar de quem lhe aceitava qualquer alegação.

E logo o outro, imprudente, não sabendo que se tratava apenas d'uma armadilha que os prendesse n'uma discussão, arriscou seguro de si, umas baboseiras dizendo-se espiritualista.

Depois aqueles retiraram disfarçadamente e deixaram os dois luctadores na arena, desarmados, incarnizados, sob o olhar divertido e impiedoso dos espectadores.

O Bertoldo começava sempre fazendo uma gymnastica difficil de frases que o apresentasse bem falante, gymnastica de que resultava de vez em quando uma ou

outra queda inevitável, na grosseria, no calão. O esforço que agora fazia para esconder e apagar a mancha escura da sua incultura, para se puxar, guindar á craveira intelectual de muitos camaradas que haviam feito estudos e que ele intimamente invejava, não produzira ainda o fructo indispensavel para evitar o es-corregão na ordinarez. Tendo começado tarde, pela volta dos seus quinze annos, o estudo da instrução primaria, pouco mais tinha aprendido até ao momento em que a necessidade de trepar na tropa o tinha forçado ao estudo dos programas que o poderiam passar pelas graduações, lentamente, como quem sobe a calçada irregular, aggressiva e ingreme, d'um calvario. A proximidade da sua entrada no quadro dos officiaes, levava-o a aplicar-se mais, com paixão, quasi com desespero, porque ele não queria ser menos do que os outros e sentir-se diminuido, depreciado. Todas as cousas as mais simples, as mais correntes que agora apenas desabrochavam para o seu espirito, avolumavam-se, pareciam-lhe enormes, desmesuradas e era assim que comparava, sinceramente convencido, o curso que havia feito em Mafra, ao que os outros haviam feito em longos, trabalhosos annos, pelos bancos da Polytechnica e da Escola de Guerra. Ele não podia medir o caminho que ainda lhe faltava percorrer, e cada vez que avançava um passo, sentia mais perto o termo da jornada, não divisando o que ia para além do seu desconhecimento, os novos horisontes que constantemente se abrem deante dos que sabem caminhar. E falava continuamente n'este ou n'aquele que era do seu *curso*, acentuando bem a palavra para a impor aos outros, o que fez dizer ao Almeida, sempre garoto, irreverente, que aquele homem era do curso do seu impedido.

A discussão começada com quasi serenidade tinha já percorrido toda a apaixonada gama dos tons, e os

argumentos eram lançados em voz gritada, violentos já, como pedradas.

Cada contendor procurava anciosamente, enquanto o outro esbravejava, arranjar uma razão com que o arrasasse, o fulminasse.

A's vezes falavam ao mesmo tempo, fazendo um barulho ensurdecedor, onde se não podia entender mais do que palavras entrecortadas, rapidas, como paradas n'um jogo de espada. O jantar farto, bem regado de vinho e de cerveja, o café saboreado com alguns licores, tinham preparado, facilitado aquele estado de exaltação. E o Bertoldo quasi fóra de si, o olhinho pequeno, muito brilhante, uma sobranceira alta, em arco, a outra descida com decisão, com energia, a pele vermelha e oleosa de transpiração. gritava já de pé, agressivo, para o outro, que ou a cousa tinha de ser como ele dizia ou então a questão tinha de ser liquidada d'outra maneira, pela violencia. Era o ultimo, o decisivo, o fisico, o *material* argumento, que ele apresentava em defeza da sua teoria.

O Almiro, mais graduado, apresentando uma calma que intimos frouxos de riso ameaçavam quebrar, chamava o orador á ordem, dizendo-lhe que as razões a apresentar eram só de ordem intelectual, não sendo lícito aos adversarios, o emprego insultuoso das palavras nem o do macisso contudente das mãos. E tudo serenou, amainou, não sabendo mesmo os antagonistas porque se tinham deixado levar aquele estado de irritação, eles que no fundo eram bons amigos e melhores camaradas.

Em tirocinio

Acabavam de comunicar-me a ordem chegada, para envio de tres officiaes ao *front* onde deviam fazer uma estação de oito dias, para primeira aprendizagem de serviço de trincheira.

Cabendo-me esse serviço immediatamente, fiz preparar a minha valise n'essa mesma noute para ser conduzida ao romper da manhã seguinte, no camion que devia levar-nos á estação do Aire, onde deveria tomar o comboio para St. Veuant.

Uma grande curiosidade me assaltava de encontrar-me pela primeira vez perto do *boche*, de ver, sentir, palpar a guerra, mesmo barbara, requintadamente cruel e deshumana como aquele a tinha emprehendido. Visitava-me, é certo, de vez em quando, o vago receio do desconhecido, e perguntava a mim proprio, se iria encontrar-me em situações em que os meus recursos de coragem fisessem má prova. Mas logo me tranquilisava sabendo que outros lá estavam, portuguezes como eu, e que depois de tres annos, soldados d'outros povos, nem mais fortes nem mais valorosos do que os nossos, faziam a guerra com constancia e sem desfalecimento.

Alguns officiaes, é certo, vindos já do *front* contavam cousas espantosas de bombardeamentos, de que-

das de morteiros, de justeza de tiro de *snipers*, talvez no desejo de tornarem mais graves aos olhos dos outros os transe porque haviam passado. E um houve que tendo sido convidado pelo comandante da unidade, no regresso do estagio, a fazer uma conferencia aos demais camaradas, a terminou dizendo que não queria assustar ninguem mas que só podia traduzir a realidade vivida, por esta simples expressão — *um horror*. E de facto na redondeza gordurosa da sua face, a contração nervosa, o tic que constantemente lhe deslocava o queixo para um lado, tornara-se muito mais repetido, visivelmente exagerado.

Isto foi dito também com intenção de abalar o moral dos camaradas, na presença de superiores, sem que uma só palavra de reprovação tivesse sido pronunciada. Um militar, sobretudo um profissional já regularmente graduado, deve ter feito a gymnastica especial de se dominar, deve ter um seguro imperio sobre si para poder guiar, dirigir, os homens que lhe são confiados.

Quando o automovel chegou, para ele subi cheio de curiosidade e de confiança. E atravez das estradas por onde me levou, o simples desejo de ver a paisagem, me desafiava e prendia. Duas horas depois, tendo ido a varias povoações onde outros officaes entravam para desempenho do mesmo serviço, cheguei enfim, após a travessia da pequena cidade do Aire — formigueiro de militares sobretudo inglezes e portuguezes, — á porta da gare que devia fornecer-me o transporte para St. Veuant, onde tinha de fazer a minha primeira apresentação e receber a notificação do destino que me aguardava. E pela tarde, já eu seguia de novo em direção ao comando d'uma brigada, onde a amabilidade do comandante me fez beber um whiskey que fez acompanhar d'alguns bolos.

Ali na brigada, assisti pela segunda vez a um acto violento de guerra. A artilharia alemã visava uma posição portugueza que nas vesperas havia sido descoberta pela sua aviação, e desencadeava sobre ela um terrível fogo, com emprego de grossos projecteis, cujos estilhaços cahiam como chuva sobre o proprio quartel da brigada.

Simplemente a bateria, tendo presentido na vespera uma regulação de tiro, havia, cuidadosamente, deslocado para uma outra posição, de reserva.

Com outro official, aproximamo-nos quanto possivel do ponto da queda dos projecteis.

As granadas sucediam-se uma a uma, com um ruido de rasgar de pannos, e cahiam com grande regularidade n'um ponto central primeiro, depois cincoenta metros á rectaguarda, cincoenta metros á frente. A cada uma que cahia, uma colossal onda de terra e estilhaços, de restos de casas e de abrigos, subia e se dispersava no ar, para cair de novo desfeita. No instante da chegada dos estilhaços, encostavamo-nos ás arvores grossas e folhudas, encolhendo bem os hombros, metendo-os quanto possivel sob as abas largas, redondas e protectoras, dos capacetes metallicos.

Sentia-me já contente de mim mesmo, da minha serenidade, quando avistei a distancia caminhando para o nosso lado, duas raparigas que trabalhavam n'um campo proximo e que provavelmente desejariam recolher ás casas, sempre ameaçadas. Na direcção que seguiam iriam passar perto do ponto da queda mais recuado e eu senti o desejo de lhes gritar que estavam em perigo. Elas porem, tranquilamente, esperaram que uma granada cahisse n'este ponto, atiraram-se a terra um momento, e depois, emquanto as peças visavam para mais longe, atravessavam, o passo estugado, seguindo sem pavor e sem hesitação o seu ca-

minho. Nas mulheres d'aquelas regiões, habituadas ao risco constante, aquilo que eu em mim, vaidosamente, julgava já um arrojo, era simplesmente um acto banal da vida de cada dia.

Mais uma hora de caminho na direcção das linhas e cheguei ao comando do batalhão em que deveria fazer a minha primeira aprendizagem util, de serviço de linhas. Lá encontrei amigos de tempos da escola, com os quaes deveria seguir pela manhã imediata, quando ainda não fosse claro o dia, para a porção de linha que os seus soldados iam guarnecer. A partida far-se-ia ainda de noute para que os observatorios inimigos não pudessem acusar a rendição e perturba-la com bombardeamento, que n'estes momentos é sempre de lamentaveis consequencias. Quando a rendição se executa, umas trincheiras de comunicação servem de entrada e encontram-se sempre cheias dos que chegam e outras de sahida, e estão precisamente nas mesmas condições, com os que partem. Os bombardeamentos por motivos de rendição fazem-se portanto sobre estas trincheiras cuja posição está perfeitamente determinada por fotografia d'aeroplano e por observação, e causam habitualmente bastantes victimas. Eis o motivo porque em geral aquella se faz ao cahir da noute ou ao romper da manhã.

Os soldados, já divididos em grupos, seguem sob o comando d'um graduado para os postos que lhes haviam sido destinados e que eles de antemão conheciam. Acompanhado d'um capitão, velho amigo e d'um tenente que comandava então a companhia em que eu deveria ficar, dirigi-me trincheira abaixo, em direcção ao abrigo que deveria ocupar com ele e alguns subalternos mais.

Era um *dug-out*, um *elefante*, de ferro espesso e canelado coberto com sacos de terra, tendo a um e outro lado duas camas e uma ao fundo, que me foi

destinada. As camas eram o que ha de mais simples : um rectangulo de travessas de madeira a que adaptavam uns pés, feitos de travessas cortadas. Como enxergão, uma teia de arame de fazer capoeiras, que na guerra tem a applicação de cobrir as passadeiras de fundo, para evitar o escorregão e a queda.

E como colção, mais aproveitavel durante o dia que de noute, umas mantas, algumas vezes, raras, estendidas sobre um pouco de palha que o cuidado amigo d'um soldado nos vae procurar. Ali ficámos até que a rendição ficou concluida, e assignado os recibos e comunicada para o batalhão, o official substituido partiu, contente de ter-lhe o serviço corrido sem novidade de maior, e da certeza de seis dias á rectaguarda, nos quaes dormiria em lençoes, já com relativo conforto, em socego que esperava não fosse perturbado pela artilharia inimiga. Pelo menos era a certeza d'um banho proximo e d'um somno sem as botas a apertarem os pés, dilatados da marcha fatigante sobre as grades do fundo das trincheiras. Um ultimo desejo de felicidades e lá vae ele trincheira acima, alegre, contente, para voltar dentro de poucos dias, de novo sob o peso das passadas responsabilidades.

O 2.º comandante da companhia fica na séde do comando, enquanto nos dirigimos a vêr a primeira linha. De passagem entramos na cosinha onde os soldados trabalham já e fazem fumo que denuncia aquella instalação. O tenente, reprime o facto, ameaça, explica-lhes que se assim continuam, não tardará a cosinha a voar sobre a acção das granadas. Depois seguimos ás voltas em direcção á frente inimiga.

A' esquerda houve uma aldeia, da qual só restam os alicerces das casas, um ou outro distante pedaço de panno de muro, crivado de estilhaços, fazendo no ar prodigios de equilibrio. Um grande casarão, desfeito,

no interior do qual avisto uma massa confusa, torcida, de ferros, vigas e rodas e eixos, pedaços de tecto ainda dependurados de restos de parede, era a mais rica fabrica de tecidos da região que alimentava uma numerosa, laboriosa população operaria, agora em operações, na guerra, ou fugida á morte nas regiões proximas do *front*. Da antiga Richebourg — rica, alegre, debruçada sobre a grande estrada, nada mais resta do que estas ruinas, este lucto, esta desolação

E' a primeira vez que este espectáculo se oferece aos meus olhos, que eu sinto bem o horror da guerra, em que sofrem talvez menos aqueles que luctando, batendo-se, mal teem tempo de pensar, do que os outros, velhos ou mulheres, que vivem a agonia de terem as suas aldeias assoladas, os seus lares desfeitos, de se verem lançados para sempre na irremediavel miseria, a sua terra revolvida, irreconhecivel, das suas casas não existindo sequer uma pedra, um tijolo, um resto de informe argamassa. Eu não via ali a briga, a lucta, vagas de homens de cada lado destruindo-se, matando para não morrer. Não via massas, avançando em ondas e lançando-se, heroicas, aos assaltos cujo relato fizesse depois estremecer de emoção. Aos meus olhos oferecia-se apenas aquele aspecto decomposto de tudo que na paz dera alegria, o bem estar, a abundancia, a fortuna. Os que se batem e vencem e morrem teem o orgulho da victoria, ou a paz da qual não se desperta.

Mas aqueles, que ali viveram, mulheres ou velhos, esses que andam foragidos, miseraveis, constantemente nos olhos o espectáculo horroroso da destruição dos seus derradeiros bens, a que muitos de longe ainda assistiram, esses, para quem resta apenas a recordação de que em tal ou tal logar existiu a sua propriedade, impossivel a refazer, nunca mais terão alegria

nem felicidade, mesmo que para o seu paiz venha a gloria do vencedor.

Apenas seria peor escravo e desgraçado, do que miseravel mas livre.

Continuamos o caminho pela trincheira de comunicação. De vez em quando, recomenda o meu companheiro que é necessario dobrar-me um pouco porque a trincheira é pouco profunda e facil é das alturas ao sul do Bosque Misterioso (Biez) ver um corpo direito, e fazer trabalhar as metralhadoras. Obedecendo, dobrei-me e passei.

Depois de zig-zaguearmos uns duzentos metros, desembocamos emfim na 1.^a linha que alguns dias antes havia sido teatro d'um rijo combate, em que aquele mesmo batalhão havia tido numerosas baixas. Avançamos para o primeiro posto, que tinhamos na frente e subimos á banqueta onde um soldado, agachado, olhava cuidadosamente atravez d'um orificio feito nos sacos. Espreitei levantando a cabeça acima do parapeito para ver a trincheira *boche*, n'aquele ponto apenas a uns 70 ou 80 metros do local em que nos encontravamos. O soldado inquieto aconselhou cautela, porque os *snipers* atiravam constantemente para ali e era quasi milagre escapar a uma surpresa d'aqueles atiradores especiaes. Baixei-me e desci para surgir um pouco mais longe e ver de novo o terreno que se estendia na minha frente. Nem um tiro, nada que fizesse acreditar na guerra, senão aqueles rasgões na ferra, em que os homens circulavam e vigiavam, e a destruição barbara em volta.

Percorremos todos os postos em que havia constantemente um homem vigilante á banqueta ou ao periscopio, e outro sentado, preparado sempre para render aquele, em caso de necessidade. Os restantes tinham ido repousar um pouco, pois chegadas os treze horas, deviam começar a tarefa da reparação das trin-

cheiras, feita exclusivamente pelas tropas que a guardavam.

«Alem, aquele monte coberto ainda de arvores, é o Bosque Misterioso. Diz-se que ali foi uma brigada ingleza da qual nem um só homem voltou. É a chave de toda esta posição. D'ali, com observatorios entre as arvores, eles espiam, seguem, todos os nossos trabalhos, os nossos movimentos, e dominam-nos de lá com o commandamento que aquella altura lhes oferece.

Este é talvez o segredo do motivo porque nunca avançamos d'aqui.»

Abrir ali uma passagem, é o impossivel, é como ir de mãos atadas, contra um muro de cêrca. É a situação aqui é má porque nem á força de disfarce conseguimos esconder as nossas disposições.

Não faltavam as recomendações. As horas passavam, n'um cuidado aqui, um conselho ali, uma ordem mais longe. De novo entrados na trincheira de comunicação, uma granada vinda de muito longe, soprava em direcção a nós. Encostamo-nos ás grades de revestimento, e ela passa acima das nossas cabeças indo fixar-se a uns duzentos metros na nossa frente. Depois outra e outra e outra. «Certamente que é na direcção da cosinha. Foi o fumo de ha bocado que lhes chamou a atenção. Viram dos observatorios e dizem-no com os seus canhões.»

Os tiros cessaram e nós continuamos a subir. Começava já a guerra, a destruição na minha presença.

Ao chegarmos acima encontramos os rancheiros, transidos ainda do susto que haviam apanhado. As granadas haviam visado mas não atingido o alvo, e eles que tinham fugido para um abrigo a distancia, voltavam já ao seu trabalho. De novo começam as recomendações sobretudo com o fumo e com o aceio que é indispensavel manter com um rigor extraordinario.

Aqueles que nunca trabalharam nas linhas, imaginarão que são pequenas cousas, de somenos importancia, estas, de hygiene n'uma trincheira ao ar livre, trincheira que o azar da guerra pode levar a abandonar d'um dia para outro. E no entanto se pensarem que uma população numerosa a habita constantemente, que se cada individuo que ali vive, contribue para sujar, e suja de facto, e ninguem limpa, ao fim d'alguns dias montes de podridão fermentam, atrahindo toda a variedade de animaes e sendo origem das mais perigosas epidemias. O inglez n'este ponto é extraordinariamente rigoroso. E é tal a preocupação da hygiene na trincheira, que um official que faz conservar aceada a parte cuja guarda lhe é confiada, que consegue que os homens tenham sempre as armas limpas e oleadas e alinhadas no seu posto, que os mantem olhando o terreno na frente, durante uma hora ao romper da manhã e durante uma outra ao cahir da tarde, é já considerado um bom official, cuidadoso, disciplinador, que merece a confiança dos seus superiores e o respeito dos seus subordinados.

Pois aquella trincheira guarnecida por portuguezes encontrava-se n'um irreprehensivel estado de limpeza, porque assim a tinha deixado o controle escrupuloso dos officiaes e graduados que haviam sido rendidos.

Reentramos para almoçar. Do abrigo ao lado chamam o comandante da companhia para lá ir falar ao telefone para a linha. Acompanho-o. Fala-se por meio de cifra com receio de que o alemão perceba o que se diz, com o emprego do seu amplificador que a alguns kilometros lhe permite ouvir claramente. Nós fazemos a mesma cousa, procurando por meio de identico aparelho conhecer as suas comunicações. E' tambem a hora de fazer o comunicado da situação. E lá vae pelos fios «Inimigo lançou ás 11,35 quatro granadas sobre M. a 32.30. Situação calma e vento. . . E'

verdade de que lado está o vento? Eu não sei... Pois então ponha: vento variavel.

Voltamos. O almoço espera, fumega, rescende. O rapaz que o prepara é um especialista, faz honra áquela companhia, ao bom gosto d'aqueles rapazes. Primeiro uma *porridge* com assucar. Um pouco de presunto com arroz e depois uns saborosos bifes com batatas fritas, queijo, *confiture* de laranja azêda e um café ainda com torradas e manteiga.

Felicitações ao comandante, ás quaes ele entristecido responde que o que faz falta é o peixe, que é horrivel aquele bife, intragavel já o presunto. A' rectaguarda sim, podia-se comer bem, regalar o estomago com os mais raros, mais saborosos acepipes. Mas nas linhas só havia que sujeitarmo-nos áquilo.

Terminado o almoço, sentamo-nos á porta n'um banco que ali havia a gosar o admiravel dia de primavera. Fazia bem aquele sol que não queimava, aquele ar que era uma caricia, o cheiro da terra que subia e perfumava. Ali mesmo recebi a visita de Antonio Granjo que pertencia a uma companhia estabelecida á esquerda, e que em França, para onde voluntariamente tinha vindo, dava mais exemplos do seu patriotismo e da sua bravura. Conversámos largamente e aprendi tambem, eu militar de carreira, com aquele amigo, oficial de ocasião, mas que me tinha precedido no trabalho das linhas, inteiramente novo para mim nos seus detalhes. A alegria, transparecendo nos seus olhos muito vivos, a barba quasi tão crescida como o cabelo cortado rente, davam-lhe, a despeito da farda dentro da qual o via pela primeira vez ajustado, o seu aspecto de sempre. E tive eu um enorme prazer em vêr ali, aquele advogado, que no momento em que muitos profissionais procuravam eximir-se ao cumprimento dos seus deveres militares, já para alem da idade em que poderia ser cha-

mado, quiz enfileirar ao lado d'aqueles que em França se deveriam bater e sacrificar, pela hora, pelo presente e pelo futuro da Patria Portuguesa.

Quando nos deixou, propuz ao tenente que fôssemos ao interior da antiga fabrica em destroços que perto avultava na sua ruina. A tranquillidade era completa ali, só se ouvindo o ruido surdo, indistincto, do canhoneio muito longe, talvez para a região d'Armentieres ou mais ao Norte. Sahimos, atravessamos uma dezena de metros de caminho ladeando um renque d'arvores, curtas, grossas bordando os taludes d'um dreno, e chegamos á segunda linha na qual nos deslocamos um pouco para a esquerda. Um casinhoto quasi desfeito, o tecto tombado para a frente apoiando-se a um resto de muro que as granadas não haviam atingido em cheio, as telhas já caidas e a madeira esburacada e enegrecida, devia apresentar qualquer particularidade, pois que um caminhsito, profundo e dissimulado ali conduzia. Perguntei o que era, mais ainda por curiosidade aguçada do que por obrigação de saber, de inquirir. E o Rosado, amavel, explicava que era um observatorio do batalhão, que nós poderíamos ver, se isso para mim pudesse ter interesse.

E sob a afirmação pressurosa de que tinha muito, para lá nos dirigimos, cuidadosamente, disfarçadamente, para que o inimigo não attribuisse áquella ruina mais importancia do que tem qualquer outra, inaproveitada.

Passamos. A parte anterior tinha uma apparencia inteiramente diferente. Uma pequena porta de metro e meio de altura n'uma parede d'uma espessura enorme, de cimento, levava-nos a um interior onde eu não via cousa alguma, mas onde sentia a cada movimento que fazia, estendendo os braços e o corpo, um muro. Encontrava-me dentro d'uma especie de poço

secco, elevando as suas paredes no interior d'aquella casa. Tacteei, procurei uma escada que ele me indicava e eu não via. Semelhante ás de chaminé, cravado no topo contra o muro, quasi se ajustava a este em toda a sua altura.

Subi e continuava a não vêr cousa alguma até que passada a cabeça acima d'umas taboas que serviam de sobrado, avistei uma tenue claridade, vinda do exterior, da frente.

Subi mais. Um soldado que eu agora distinguia, afastava-se para o extremo do banco situado deante d'uma fresta que correspondia a um rasgão na madeira do telhado pendente. A sombra que este produzia impedia o inimigo de ver a fresta, e as paredes, construidas com muita espessura e solida argamassa, davam ao observatorio uma grande resistencia, relativa segurança a quem lá tinha de permanecer.

O soldado observador explicava pacientemente, depois de uma pergunta minha, que áquella hora raramente se via um *boche*.

Pela manhã, sim, ou ao cahir da tarde, quando trabalhavam ou se dirigiam á linha. A'quella hora porren; descansavam, repousavam, preparavam-se para mais uma noute, quem sabe, se de ataque. Mas talvez não, que nas vesperas ou na manhã d'este o movimento era maior e se via sempre descendo para as linhas, homens equipados, preparados para o assalto. Olhei durante muito tempo pelo oculo de observação aquele terreno que subia levemente na minha frente até lá ao alto, sobre cuja esquerda se encontrava o famoso bosque. Pouco a pouco a minha vista ia-se habituando a *vêr*, ia descobrindo linhas ziguezagueando no terreno que saía da sua uniformidade para ganhar forma, traços, sulcos, relevos. Era todo um sistema de trincheiras, desdobrando-se sob os meus olhos curiosos, ávidos. E ficando muito tempo,

na impaciencia de vêr um alemão, um só que fosse, sahi desolado.

Partimos, atravessamos a rua du Bois, admiravel estrada larga, d'antes arborizada, que correra larga e umbrosa entre duas fillas de caprichosas casas agora desfeitas, cortadas cerces umas, escavadas, completamente desaparecidas outras. Por vezes sobre grandes extensões de terra revolvida e agora acamada e coberta de herva nem um vestigio da antiga habitação pode ser notado.

Entramos na grande fabrica, escorregando cautelosamente junto aos bordos d'um rasgão n'uma parede.

Tudo é destruição, esfacelamento, ruína. As rodas colossaes que outrora se moviam, ordenadamente, sem resistencia sobre os eixos oleosos e espessos, os tubos, o vigamento de ferro, os teares, os depositos, tudo se encontra n'um confuso montão de cousas indistinctas, quasi impossiveis de reconhecer. Ha eixos gigantes, torcidos como se fossem vimes, volantes enormes, quebrados, estilhaçados, como se fossem frágeis, de vidro. A mim mesmo pergunto que violencia, que monstruosa furia foi necessario desencadear, para conseguir aquele desespero, aquela contorsão, aquele inenarravel, informe, emaranhado de ferros.

O ruido seco, rapido d'algumas balas cravando-se, successivas, na parede, arranca-me á meditação, ao assombro. «Fomos vistos; uma metralhadora alemã faz fogo sobre nós. Abriguemo-nos e passemos a estrada rastejando», disse o tenente. E 20 minutos depois entravamos de novo no abrigo, onde ele era esperado havia já algum tempo pelo comandante do batalhão que descera ás linhas e desejava falar-lhe.

No dia seguinte appareceu o Granjo com uma novidade, que dentro em pouco nos era comunicada tambem. A artilharia portugueza ia bombardear o bosque

de Biez com cinco mil granadas incendiarias n'essa mesma noute. Logo combinamos para depois do jantar que ele me oferecia, irmos assistir ao espectáculo, para o qual tomaríamos logar n'um camarote de primeira ordem, de trincheira.

Os relogios certos, á hora precisa, o bombardeamento começou, partiu d'uma frente sobre a qual o fusilar de clarões eta constante, vertiginoso. E os meus olhos pasmados, maravilhados, começaram a vêr ao longe, acenderem-se lentamente na escuridão densa da noute, numerosos sulcos luminosos, cada vez mais rubros que se recurvavam em arco cheio e longo e explodiam depois, espalhando chamas que lambiam vorazes, as arvores, a terra, e ateavam incendios destruidores. Trez quartos de hora d'aquela chuva de projecteis incandescentes, e tudo estava terminado, e eu voltava á companhia em que deveria ficar, no desejo de assistir á sahida das primeiras patrulhas. Queria ver como era executado esse serviço, dos de mais risco, dos de maior responsabilidade, dos de menor lealdade, n'esta guerra de traição e de exterminio.

Lá estavam já os homens preparados, promptos, quasi descuidados, á espera da hora determinada. Depois, sem ruido, cuidadosamente, um a um, escoregaram ao longo do parapeito, na direcção das trincheiras inimigas. Na minha frente, ainda a pequena distancia, eles não eram mais do que sombras indistinctas que eu conseguia ver, apenas porque tinha tido a atenção de as seguir. Por momentos estacavam, e quietos na escuridão, não se distinguiam dos troncos d'arvores decepadas, que na minha frente avultavam.

Avançaram, casaram-se pouco a pouco á escuridão e desapareceram de todo.

E já eu não conseguia distinguir o menor ruido, ainda os soldados junto de mim, applicando o ouvido, afeitos já, diziam o ponto em que os patrulheiros se

encontravam, a direcção que seguiam. A prevenção tinha sido feita em toda a linha, de que uma patrulha ali sahia n'aquelle momento recolhendo n'um ponto determinado, uma hora mais tarde. Evitava-se assim que os soldados no parapeito, fizessem fogo sobre os proprios camaradas em serviço na frente.

Durante muito tempo procurei ver, advinhar ao menos pelo ruido o ponto, a direcção em que os patrulheiros caminhavam. No exterior porem, tudo era silencio, cortado apenas de longe pelo costurar da metralhadora com o qual o inimigo queria mais, dizer-nos que estava vigilante, do que atirar sobre alguém que pudesse distinguir. Procurava tambem pôr em risco, dificultar a acção d'aqueles que se aventurassem para alem do parapeito, e eu ficava-me no receio de que os rapazes fossem, por azar, atingidos.

Uma impaciente hora se escoou, lenta como um seculo, ao fim do qual no ponto de entrada os vi chegar, todos, satisfeitos já da missão cumprida.

Cousa alguma tinham visto no terreno inter-trincheiras. Apenas tinham presentido para alem das linhas alemãs, o ruido de bater pregos, certamente na reparação do madeiramento das trincheiras e algumas vozes de honrens que ignoravam a proximidade d'elles. Nos soldados havia impressões diversas ácerca d'aquelle genero de serviço. Uns havia que o temiam, que o julgavam o mais arriscado que n'uma guerra de trincheira se desempenha. Para outros era um serviço que se cumpre, que se não troca quando a nomeação chega. E para os restantes emfim, de espirito aventureiro, qualquer cousa que se fazia pelo prazer de correr o risco, pelo desejo de lutar com o *boche* n'um encontro nocturno, procurando-o, com cuidado e com disfarce, surprehendendo-o embuscados n'uma cova, os corações a bater n'um misto de medo e de audacia. E algumas vezes, tendo-se apro-

ximado do ponto das linhas alemães em que não presentiam viv'alma, a baioneta em riste, saltavam lá dentro á procura d'algum inimigo isolado que desprevenidamente passasse, ou d'algum objecto que trouxessem como *souvenir*.

O dia seguinte foi tranquilo, calmo. Pela manhã, quando a terra começava a sahir da sombra fazia-se o *a postos*, e todos os homens, despertos espreitavam, por cima do parapeito, com atenção, se algum movimento se preparava áquela hora facilitadora. E quando o dia foi inteiramente claro, cada posto tendo deixado a sua sentinela, vigilante, fez a limpeza da parte de trincheira em que tinha permanecido a noute, cuidou das armas que ficaram oleadas e alinhadas, indo em seguida repousar nos abrigos mais proximos do local do posto.

A despeito do aceio relativo, havia sempre que dizer. Isto ainda não estava bem, aquilo devia estar mais cuidado, o portuguez é pouco limpo, e enfim quando já cousa alguma havia a notar, pelo esmero com que os homens tinham procedido, o official dizia risonho, para os seus soldados, que aquilo estava passavel. E eles ficavam contentes sabendo já que o official tinha achado bom e prometendo-se proceder sempre da mesma forma. Não, que eles não desejavam fazer como os outros que rendiam e deixavam os postos n'uma enxovia!

O soldado, sobretudo o mais cuidadoso com a hygiene, não concede que os de outra unidade sejam tão limpos como ele. Tem o aceio como uma virtude e, intimamente, não deseja que ela se torne correntia para que, pessoalmente, não caia no comum, na vulgaridade, no comesinho.

Quando ao cahir da tarde quente e longa, de fim de primavera, terminado o jantar, saboreavamos com gosto um café e uns cigarros, comodamente instala-

dos nos bancos á frente do abrigo, um tiro distante e um soprar de granada correndo na nossa direcção se fez ouvir. Imediatamente corremos para a porta e nos abrigamos, a ver onde rebentava a primeira, qual a intenção do inimigo.

Um *shrapnell* explodiu ao alto, sobre nós, atirando ao ponto em que nos encontravamos antes, uma consideravel quantidade de estilhaços e de balas. Não é para nós, explicou o tenente tranquilamente. E' para a *Decauville* que nos passa á porta.

Poucos segundos depois alguns inglezes chegavam correndo e entravam de roldão no nosso abrigo. Mal refeitos do susto, explicavam que nem sabiam como tinham conseguido escapar áquela metralha que inesperadamente sobre eles havia desabado. Conduziam a vagoneta, que reabastecia as metralhadoras pesadas, algumas das quaes eles guarneciam ainda, e o alemão, porque soubesse que ao escurecer começava o movimento n'aquella linha ou porque tivesse ouvido o ruido das rodas sobre os carris, atirava para ali com granadas de balas.

Esperámos e contámos o tempo pelo relógio. Dez minutos depois outro tiro e outra granada rebentando mesmo por cima de nós, vindo um estilhaço enorme bater violentamente contra uma pedra, á porta, ua qual acendeu uma verdadeira chama.

Uma vez que tinha mediado um espaço de dez minutos entre os tiros, era natural esperar da intelligencia do *boche* que todas as outras se seguissem com o mesmo intervalo. E assim foi.

A passagem fazia-se então, aproximando-se a vagoneta até uns duzentos metros do ponto de rebentamento das granadas, e assim que uma explodia, fazia-se a passagem com toda a rapidez. Os soldados inglezes, já tranquilos, procediam a este serviço enquanto nós á porta do abrigo, os relógios na mão,

regulávamos as passagens que assini se fizeram com risco mas sem desastre.

N'essa mesma noite, chegou ordem para suspender a patrulha marcada para as onze, porque um bombardeamento ia ser feito a essa hora sobre um ponto das linhas inimigas.

Esperámos, pois, com uma certa impaciencia sabendo já de antemão que o inimigo responderia com violencia. E chegado o momento, pouco depois do ataque ter começado, os morteiros inimigos ligeiros e medios, fizeram fogo de tal forma que eu, ainda inexperiente, imaginei que as nossas trincheiras ficariam destruidas.

Dez minutos durou aquele tombar de ferro. Depois, só os nossos canhões atiravam. O inimigo, calava-se e esperava melhor ocasião para recommear.

Corremos ao telefone a saber o que se havia passado, estando eu convencido que teríamos muitas perdas. Por cifra soubemos immediatamente, da primeira linha que, com muita sorte, tínhamos apenas tres feridos. E passado algum tempo tudó entrava na calma, no silencio, na serenidade das noites campesinas, primaveris.

Miserias

No regresso á minha unidade, as perguntas choveram de todos os lados, todos queriam *impressões*, saber como as cousas haviam corrido, se o risco era grave e constante, se nós viviamos debaixo d'aquella atmosfera de horror de que tinha falado o primeiro camarada que de lá tinha vindo.

Descrevi com simplicidade a natureza e a variedade de serviços, como cada um era executado e contei as impressões que havia colhido. E creio que em todos se atenuou o mau efeito de palavras imprudentes e exageradas que aquelle pronunciara e que teriam sido alarmantes e de detestavel efeito moral, n'uma unidade que confiasse menos em si propria e não estivesse na disposição de fazer tanto como as unidades portuguezas que já estavam no *front*, ou as estrangeiras que em quasi tres annos de lucta se não haviam deixado nunca vencer pelo desanimo, antes se haviam batido com perseverança e com admiravel bravura.

Aos meus soldados, digo tambem, que a guerra não é feita por deuses, mas sim por homens como eles, com as mesmas fraquezas de que eles enfermam e com os mesmos rasgos de heroismo de que são capazes. Supôr que para alem da linha alemã estavam

simplesmente heroes e para áquem, nada mais do que cobardes, dominados de pavor, era fazer á raça portugueza uma injuria que pelo menos as suas tradições militares desmentiam. Demais todos eles eram novos, entre os vinte e os vinte e seis annos, emquanto os outros eram de todas as edades, dos de sessete aos cincoenta, fatigados, esgotados já, e eu não queria acreditar que rapazes como eles, desembraçados e destemidos, não conseguissem deffrontar, um inimigo assim, mesmo que este fosse largamente experimentado nos processos da guerra moderna.

Estas palavras naturaes, que de resto, pelo juizo simples que definem deviam estar no espirito de toda a gente, melhor, de todos os officiaes, levavam a confiança e a quasi tranquillidade ao espirito do soldado, que é preciso não deixar esmorecer nunca, sacudir, encorajar constantemente, tornar orgulhoso da sua valentia, da sua bravura. Basta muitas vezes darmos a um homem a impressão de que o julgamos capaz da pratica de tal ou tal acto de audacia, para que ele de facto comece de sentir a disposição o desejo, de o executar.

E no entanto isto não se faz por parte de muitos officiaes. Alguns fizeram da profissão militar apenas um meio de vida, uma forma de receber alguns escudos em cada mez que sirvam para alimentar uma modestia preguiçosa, uma existencia vegetativa, apagada. Nunca tinham pressentido a possibilidade do Estado reclamar d'eles, em serviço de risco e em sacrificio, a contra prestação correspondente ás importancias que o Estado em cada mez depunha nas suas mãos. Não tinham pensado n'isso e não tinham, portanto, feito a ginastica moral que pode levar os homens, serenamente, ás situações mais violentas.

Outros são officiaes d'ocasião, recrutados *à lá dia-*

ble, de todas as origens, de todas as proveniências, sem que se tivesse visto previamente com cuidado, os que tinham aptidão para officiaes e aqueles que não deviam passar de simples soldados. Demais vinham da vida civil, tão falta de disciplina, em que a profissão militar é considerada inferior, e foram arrancados ás suas comodidades, aos seus habitos, que punham muito acima dos interesses do paiz, e das obrigações que a ele os deveriam ligar. E tornavam-se despeitados, apenas interessados em perturbar a boa ordem dentro da instituição a que eram forçados a pertencer.

Officiaes ha aqui em França que mesmo deante dos seus soldados dizem que foram mandados para o matadouro, que vieram para a guerra exclusivamente para servir intenções do sr. Afonso Costa, baixezas do sr. Bernardino Machado ou negocios do sr. Norton de Mattos. Discussões nas *messes* abordam muitas vezes o assunto politico, o odio aos politicos que fizeram cumprir os tratados de aliança e que quiseram dar o seu esforço á admiravel causa da salvação da civilização latina. Da Inglaterra, dos inglezes, dizem as peores cousas, e pelas horas calmas, para divertimento, na presença das ordenanças e quantos outros soldados, cantam á guitarra, inseparavel de portuguezes, fados do *cavanço*¹ em que são achincalhados mesmo os mais altos comandos.

Quando não ha uma mão rija, uma vontade firme, um espirito orientador e disciplinador, tudo é desordem, desorganisação, fraqueza, indisciplina.

Um dia um official profissional e graduado dizia n'uma *messe* com desplante e com raiva, na presença de outros menos graduados, «depois que o sr. Afon-

¹ Cavar, — cação militar que quiere dizer fugir.

so Costa nos vendeu a pele aos inglezes...» o que levou um outro official a metel-o na ordem com frases duras de estranheza e de reprovação. Pois passado algum tempo este official sahia da unidade em que deveria caber-lhe a gloria de comandar soldados, abandonava uma posição de comando, para ir esconder os seus receios no comodismo d'uma ajudancia de brigada. E peor ainda, este acto de escapanço, de fuga aos riscos da linha, este abandono, este *cavanço* depressor do espirito dos seus soldados, foi olhado por alguns camaradas como cousa natural, camaradas que se lamentavam sinceramente de não poderem fazer a mesma cousa.

Mas ha peor. O official que um dia regressou do *front* para dizer com o queixo a deslocar-se lateralmente por virtude de contração nervosa, que a vida nas linhas era simplesmente definivel pela palavra *horror*, assegurava aos demais que não seria ele que ali voltaria, conseguindo alguns dias depois, antes dos seus soldados entrarem na linha, arranjar uma colocação, um *cachapinato* que o eximisse aos riscos, aos perigos que o seu corpo tanto receiava. E achava o acto normal, corrente, correcto, não tendo pudor de que os seus homens vissem o seu receio ou o seu nenhum espirito de sacrificio pelo paiz que aqui ajudava a representar.

Nenhum d'estes officiaes dera a verdadeira prova das suas qualidades, das suas virtudes militares, nenhum d'elles participara ainda de verdadeiras operações de guerra; o exercito portuguez tinha já uma grande quantidade d'officiaes, com uma dura, rude, perigosa experiencia, e, no entanto, o regimen do compadrio e de empenhoca, levava a escolher não estes, mas aqueles que até então cousa alguma haviam feito que os impuzesse. Pois um d'estes nunca tendo tomado parte em operações foi desempenhar nada

mais nada menos, do que o serviço de chefe da repartição que as dirigia!

Muitos outros que eu em Portugal conhecera ardidos propagandistas contra a participação na guerra, agora os vejo aqui, na ancia de conseguirem uma colocação qualquer fóra da unidade ou ao menos no comando d'um batalhão, onde os perigos são menores. Logicamente, sendo militares apenas para actos de paz, querem deslocar-se para logares onde não tenham que praticar a guerra. A febre de fugir, de escapar-se, contagiou o exercito e muitos querem a guerra mas simplesmente, á rectaguarda, com *messe* comoda e farta, instalação confortavel e pingue subvenção. A ponto que alguns d'elles diziam mais talvez com amoralidade que cinismo: *se a guerra é isto, chega-m'a.*

Mas ha peor ainda. Militares profissionaes, vi eu accorrendo ás juntas, pejando os hospitaes, sujeitando-se á baixeza de implorar aos medicos uns dias de permanencia nas ambulancias, uns dias de licença, uma baixa, uma reforma, que fosse a salvação do corpo embora trouxesse a morte moral. Um dia um capitão recentemente chegado de Portugal, baixou á ambulancia de Fauquemerges para observação.

A' hora da visita o medico que o deveria observar perguntou-lhe de que se queixava. Da vista, respondeu ele promptamente. Sou de tal maneira miope que não posso desempenhar o meu serviço.

Serenamente, o medico perguntou ainda, desde quando enfermava d'aquelle mal e desesperou-se ao receber a declaração, de que sempre assim havia sido.

Quere dizer, emquanto tratara de estorquir dinheiro ao Estado por serviços que não podia prestar, tudo estava bem. Arranjara empenhos para conseguir a entrada na Escola de Guerra que uma junta rigoro-

sa, conscienciosa, teria impedido, e uma vez terminado o curso, n'uns estirados annos de vida n'uma guaranição de provincia, devorara com socego e sem repugnancia o soldo que o Estado lhe pagava. Mas no dia em que este o chamou á execução do serviço a que se obrigara, o primeiro acto do official, é dizer que não póde, que nunca poudes, nem ao menos tendo tido este rasgo honesto: Sr. Estado aqui tem o seu dinheiro, que indevidamente lhe gastei. Perdoe-me tel-o enganado durante tanto tempo, que eu por meu lado procurarei resgatar a má acção que pratiquei.

Eu sinto que é doloroso falar dos erros cometidos, dos vicios, dos males de que sofre uma instituição a que se pertence, mas sei tambem que não é escondendo uns e outros, que os erros se corrigem que os vicios desaparecem e os males se curam. Não os expondo, não os criticando, não os julgando, faz-se apenas uma obra imperdoavel de hipocrisia e de crime.

Talvez alguns que mais tarde se deem á enfastiantes occupação de ler-me, pensem que me move um proposito de agravo a pessoas cujos nomes eu desconheci sempre ou se varreram já da minha memoria, ou não desejo publicar, quando é certo que tudo isto, toda esta lama, toda esta vergonha, me amargura demais para que eu possa pretender castigar os que a teem produzido e avolumado.

Dar-se-ha o mesmo em unidades já no *front*? Aparecerá a mão forte, o pulso rijo ao serviço d'uma cabeça inteligente e d'um espirito firme e justo, que oponha um dique, uma barreira insuperavel, a esta desmoralisação?

A mim mesmo faço, anciadamente, esta pergunta, mas só o tempo, poderá dar-me resposta.

Enguinegattes

Havia oito dias que me encontrava com uma companhia em Avrault, tendo as outras partido já, sem que eu soubesse para onde.

Imaginava já que todos de nós se haviam esquecido, quando recebi a ordem que aqui me trouxe, novamente para junto dos meus camaradas.

Quando da chegada a Avrault, havíamos sido mal recebidos porque os soldados provincianos que nos haviam precedido, diziam á partida, quando deviam deixar-nos o acampamento livre, que os soldados que os deviam render eram de Lisboa, e entre eles havia verdadeiros *apaches*. É esta palavra tão conhecida em França e que tanto pavor infunde aos socedados camponezes d'esta região, pol-os em desconfiança, em sobresalto. Pouco a pouco, porem, a impressão foi desaparecendo e aquela boa gente foi-se familiarizando com os portuguezes chegados de novo, que eram trabalhadores, aceiados e sociaveis. É eu que fiquei ainda com duas centenas de soldados emquanto os outros se deslocavam para a frente, pude constatar a pena enorme que todos tiveram de os vêr partir e pude ouvir os bons desejos que todos manifestavam de que conseguissem ali voltar.

Um adeus amigavel ao sr. *maire*, um agradecimento

ás senhoras por todas as atenções de que sempre fôra alvo, umas palavras ao agarotado Roger, que por vezes me divertia, vendo-o meter os outros pequenos na forma como soldados, um *au revoir á tout le monde* que encontrava e entro na forma em direcção a esta terra onde agora me encontro, e que é simplesmente horrível.

Duas ruas tortuosas que se cruzam e cujos leitões são de lama de um palmo, mesmo n'este secco começo de verão.

De longe em longe no caminho longo e triste que conduz á casa que me destinaram, um lago lateral, alastrando do meio da rua para uma propriedade, reflete no seu verde escuro e sujo, as arvores que o ensonbram e os rasgões que as suas ramagens deixam recortar no azul do ceu. As casas são separadas, de aspecto mal cuidado e pobre. Um outro portal grande deixa adivinhar as entradas para as grandes *fermes*, que, mesmo elas, teem um ar envelhecido empobrecido — ha trez annos privadas de braços que possam fazer-lhe reparações.

Por mim encontro-me instalado cá ao longe de todas as outras n'uma velha, antiga *ferme* onde fui recebido com ar aggressivo, que implicou o meu pedido de intervenção do sr. *maire* — um pobre velho, imbecil e destrambelhado, que apenas serve para ajudar ao cántochão, em cada tarde, na sempre cheia igreja da povoação.

A auctoridade havia ali marcado dois logares para officiaes, mas, na vespera, tinham recebido a inesperada visita d'um antigo conhecimento, que tinha dado logar a que só um estivesse livre. Imediatamente expliquei que não podia intervir no caso, que a auctoridade me havia destinado áquella casa e que por mim cousa alguma podia fazer, senão instalar-me conforme aquella me determinava. Uma bonita rapariga, loira,

uns olhos azues, muito cheios, muito redondos, declarou então encolerizada que eu não ficaria, porque ali dentro era a sua avó quem mandava. Lamentei sinceramente ser desagradavel a uma velha e respeitavel senhora e tambem a uma rapariga formosa como ela era, mas as ordens eram terminantes e eu já d'ali não sahia, mais ainda, seguro de que ao fim d'algumas horas de convivio, nós ficaríamos como velhos amigos. A insistencia caprichosa da moçoila deu então logar a que eu chamasse o official encarregado dos boletos e este solicitasse os officios do sr. *maire*, que só pode exercer o seu logar com o auxilio da filha, que desempenha oficialmente o logar de ajudante, espertalhona, activa, desempenada e culta, que n'aquelle meio dominaria sempre, mesmo sem a sua qualidade official, que lhe emprestava um pouco mais de prestigio. O sr. *maire* acorreu pressuroso e satisfeito de contrariar aquella gente, que hostilizava a sua filha, que entretinha intrigas de terra pequena, que se comprazia por despeito, por ciume, em ser-lhe desagradavel, em avolumar, inventar historias, que a pudessem diminuir, depreciar. E declarou que os officiaes haviam de ficar ali, porque os logares lá estavam reservados.

Ajoujada ao peso dos annos, o corpo já em ponto de interrogação, a velhinha mostrou-nos os aposentos que nos destinava — um pequenino quarto interior e um outro, enorme, com uma grande meza ao centro e a cama avultando, velha e vasta, ao fundo contra dois panos de parede.

Lá dentro tudo era mal cuidado, sem gosto, desfeito pelo tempo, pelo abandono, disposto só de forma que pudesse servir n'aquella permanencia de alguns dias. Só a um canto se encontrava um grande armario holandez, uma maravilha de marcenaria em carvalho escuro, figuras em relevo d'uma tal perfeição

que mais pareciam sahidas d'um cinzel que d'um espro. Os grossos pés que outrora se alongavam em cachorros, encontravam-se desfeitos, carcomidos, irreconheciveis. E todo o madeiramento que ficara junto á parede humida, colado talvez, já depois de centenas d'annos, desfazia-se, apoderecido, á simples pressão dos dedos.

Só a cosinha, local de constante permanencia d'aquela familia, tinha um ar de aceio, de limpeza, de cuidado. Um enorme fogão ao mesmo tempo de aquecimento e de trabalho, oferecia uma larga superficie ás panelas de cobre de todos os tamanhos e feitios que muito brilhantes, como novas, guarneciam todo um enorme pano de muro. Tenazes, espevitadores, pás, toda a sorte de aparelhos, ajudavam aquella decoração. E por cima, um aparelho diferencial de que pendiam umas correntes que se terminavam por ganchos, pelos quaes outrora, nos dias de festa, em que a familia era numerosa, se elevavam as panelas, agora inproveitadas, dependuradas contra o muro. E a um canto, um velho relógio inglez, muito alto com as horas sempre certas lá no topo, e uma caixa enorme, dentro da qual uns grandes pezos luzidios, em lento, constante movimento, marcam a cadencia, a marcha no tempo, o caminho para a velhice, para o aniquilamento.

Umás horas de tranquila conversa, acabaram por trazer aquella familia arrependida da resistencia que oferecera para acolher-me sob o seu tecto. Começava de confiar que os soldados recémchegados não faziam os desmandos de que os que haviam d'ali deslocado, os haviam julgado capazes. E olhavam-nos surpreendidas de que não tivessemos o aspecto de bandidos apanhados em bairros perigosos d'uma cidade que sabiam chamar-se Lisboa, mas de militares como os outros, de ar retrahido, campesino uns, outros de aspecto desembaraçado citadino, espertalhaf. Palavras.

de segurança a respeito da conducta dos soldados, que o porte, a attitude respeitosa em face dos superiores confirmavam, traziam pouco a pouco a paz áquela casa.

E trez dias depois tínhamos já entrado no caminho da intimidade que leva ás pequenas concessões, e que nós aproveitavamos para prepararmos um interior com mais comodidade, com mais conforto.

* * *

Alguns dias depois quando o Ribeiro Gomes chegou de Portugal, já conseguíamos que um enorme quarto ao fundo, que sempre se havia conservado fechado, nos fosse cedido, para instalarmos com decencia e com mais á vontade, a *messe* que até ali havia funcionado na propria sala em que eu dormia.

A velha, a filha, as netas, todas queriam ser agradaveis, mostrando-se reconhecidas por pequenos serviços que em casa lhes conseguira, com a habilidade de profissão, d'alguns dos meus soldados. E queriam tambem corresponder á afabilidade com que eram tratadas, ás atenções que até á nossa chegada não tinham recebido.

Abriam a porta até ali sempre fechada, deslocaram toda a sorte d'objectos empoeirados para um outro quarto mais ao fundo e fizeram logar a duas camas, vastas e fôfas, n'aquelle interior, que fôra durante largos annos um misto de santuario e de arrecadação. Por todas as paredes crucifixos, imagens, oleografias, corôas funebres, trazidas dos cemiterios onde os restos dos mortos se haviam desfeito já.

Aqui e alem pendiam, emoldurados e cobertos de vidros protectores, os testemunhos dos factos de relevo da vida, da historia apagada, d'aquella familia de rendeiros ricos e sovinas. Lá estavam, amarelados

e largos, poucas letras sobre um fundo vasto, os certificados de batismo, do dia em que as piedosas famílias haviam levado, mesmos os velhos d'agora, a serem lavados da mancha abominavel d'um pecado que não haviam cometido, mas que sobre cada recém-nascido pesara com a força d'um destino, d'uma herança, d'uma tara. Boletins de comunhões com a promessa de dias de indulgencia, anotada ao fundo, pela esmola dada. Notas de casamento sobre as quaes estavam coladas as flores de laranjeira que haviam coroado as noivas nos dias das cerimoniaes.

Consgo ler que ha nascimentos de 1770, casamentos ainda no seculo XVIII e depois, toda uma serie de obrigações, de sacramentos cumprindo-se pelo tempo, por paes, filhos, netos e já bisnetos.

Ali aprendo que Jeanne Devigne nasceu em 1840, fez a sua primeira comunhão em 1852 e se casou em 1862 tornando-se Dupuys. D'uma corôa de flores roxas, esmaecidas, pendem fitas marcando a letras d'ouro quasi apagadas a data inesquecivel do começo da sua viuvez. Evoco aqui todo um passado de devoção, de piedade, de simplicidade. Dias eguaes, correram para gerações que se sucederam, n'este canto ignorado da França, nascimentos, casamentos, mortes, os mesmos campos nas mãos das mesmas familias, cultivados com os mesmos fartos trigaes, os mesmos centeios, as mesmas beterrabas.

A vida dos homens, a sua transformação é rapida, vertiginosa; a da terra, a das cousas, leva seculos e dá-nos por isso uma impressão de eternidade.

Emfim, tínhamos conseguido uma regular instalação, ampla — um grande quarto para dormir, uma sala espaçosa para jantar e ler e o direito de cosinhar n'aquelle fogão que alastrava pela cosinha a sua imensa superficie.

Assim que o Ribeiro Gomes chegou, começaram

de afluír as visitas que vinham fazer-lhe os cumprimentos de boas vindas, por um lado, cada qual não querendo ficar em falta, e por outro, no desejo de bisbilhotar, sobre novidades de Lisboa, da política, da Brazileira e do Martinho, como se todas estas instituições alfacinhas devessem ter-se modificado com a lamentavel ausencia de S. Ex.^{as}. Tambem desejavam, é claro, desabafar, contar cousas, descoser ali as ultimas tiranias de quem ordenava, as poucas vergonhas dos camaradas, os mais recentes escandalos da aldeia, emfim expôr a nú, ao sol, os factos a que na vida de aldeia as imaginações emprestavam relevo e que podiam servir á satisfação do vicio genuinamente portuguez da má lingua.

Um cotovelo apoiado no peitoril da janela, que deita sobre o *fumier* — quadrado fundo estendido por quasi toda a extensão do pateo — vejo n'um rodar de cabeça, o Martins assomar ao largo portal de entrada, contornar toda a frente d'aquela agua cobrindo adubo a aproveitar mais tarde, e dirigir-se á minha porta, o ventre farto abaülando-se dentro d'um uniforme de cotim já desmerecido, a papada estremecendo a cada resalto da calçada, quando os pés, grandes e chatos, não assentavam em cheio em superficies lisas das pedras.

Ainda a alguns metros já os seus olhos inexpressivos, quasi parados, procuravam rir, fransindo-se em rugas nos cantos. Depois entrou, e como cada um dos que o haviam precedido, dirigiu-se ao visitado e abraçou-o, talvez sinceramente, no desejo, no prazer de encontrar mais um companheiro de desgraça.

Inquiriu da terra, de Lisboa, querendo mesmo saber se ainda se encontrava no mesmo sitio e que acontecimentos tinha agitado a vida intranquila d'aquella distante cidade. Ah! que por cá não ia a cousa bem, não. Constantemente serviço, sobresaltos, a ameaça

d'uma ida breve para o *front*, com homens que talvez mesmo valesse a pena instruir melhor. Sim, que talvez valesse a pena esperar mais algum tempo porque possível era que os alemães não quizessem fazer mais uma campanha de inverno. O Lopes, então, do lado, censurou-lhe o facto de não ter ainda contado aquella tragedia em que tambem ia sendo victima. E logo ele aproveitando a deixa, espraizou a sua historia, aquelle susto de que ainda se não tinha refeito e que tinha chegado a perturbar-lhe o somno durante algumas noutes.

«Calcule que me encontrava em Marthes, no campo de granadas á hora da instrucção ; mesmo ali junto de mim estava um numeroso grupo de soldados formando circulo á volta d'um sargento que explicava a granada *Hale*. De repente ouço um estrondo enorme, gritos, gemidos, vejo soldados fugindo espavoridos, e outros por terra, ensanguentados, contorcendo-se. Apalpei-me febrilmente, a cabeça, o peito, olhei o corpo, as pernas e V. não sabe a minha *alegria* quando vi que tinha ficado *elisio*.» N'esta altura os rapazes em volta riram com vontade, como uma represa que se abre, e o Martins riu tambem, inocente, convencido de que aqueles amigos tinham tambem tido um grande contentamento por ele ter conseguido escapar d'aquelle lamentavel desastre sem uma leve beliscadura na pele, a que ele tinha um tão grande apego, e supunha agora constantemente ameaçada.

Mais pela tarde, quando todos os outros haviam retirado e só haviam ficado os companheiros de casa e de *messe*, o Ribeiro Gomes, sempre em procura de melhorias no interior, de comodidades e elementos de distração, começou de inspecionar com vagar e com rigor, o velho piano, que havia quarenta e tantos annos não tocava -- depois da invasão dos prussianos, segundo contava a velha. Cuidadosamente,

seguro como forte conhecedor, e ajudado pelo Lopes, desarmou-o deixando-lhe as cordas, descidas e lassas, a descoberto. Com uma escova libertou as cordas, as cravelhas, do pó que as acinzentava e escondia. Por detraz d'estas meteu uma mão, o braço, não sei a procurar o quê e de lá trouxe, com surpresa de todos nós, uma vela, que a velha surpreendida também, dizia ali jazer desde a negregada época em que certamente os prussianos ali a haviam deixado cahir.

Depois d'uma demorada vistoria, o Ribeiro Gomes de pé, a distancia, estirando o labio inferior entre o polegar e o indicador, outro braço cruzado sobre o peito, os olhos um pouco piscos, considerava, atestava, que aquele mostrengo era afinavel se tivéssemos uma chave. O Lopes do lado, enthiasmado, apaixonado por musica, investido temporariamente nas funções de provisor e director das oficinas, assentou, ordenou: venha á minha real presença o serralheiro d'esta unidade. E quando ele appareceu: — fica V. S.^a emprazado a apresentar-me amanhã uma chave que faça rodar aquelas cravelhas.

Feita esta, começou a laboriosa e paciente afinação em que eram consumidos os restos da tarde e se entrava ainda pela noute — o Lopes de pé alumiando as cordas enquanto o Ribeiro Gomes dobrado, a orelha avançada á procura do tom, tentava com receio sibil-as, sem desastre.

Não havia, porem, paciencia que resistisse a muitas horas d'aquello trabalho árido, aborrecido, enervante. E pela noute d'ali partiamos a fazer a volta dos tristes, em torno d'um quadrado longo que as estradas, cruzando-se, limitavam ao lado da aldeia.

Antes do começo d'este trabalho, quando o jantar terminava cêdo, lá iamos esperar o poente passeiando na estrada a ver as raparigas, as creanças e os ve-

lhos trabalhando nas terras que as mãos vigorosas dos novos se haviam resignado a abandonar, para que elas continuassem, livremente, a produzir para as famílias que lá deixavam. Enquanto era dia claro distrahiamo-nos tambem a ver os aeroplanos da escola de Estrée Blanche fazerem arriscados exercicios de *looping-loop*, de queda em *feuille morte*, de *piquer* de grandes alturas, como se se viessem esmagar de encontro ao solo.

Depois, porem, que a obra de reparação do piano ficara concluida, os passeios só puderam ter lugar com noute fechada. Assim que o jantar terminava cada qual ainda no seu lugar, com um repetido café na frente que o cuidado amigo dos impedidos trazia, já o Ribeiro Gomes a pedido de nós todos se encontrava ao piano passando docemente os dedos sobre as teclas na procura de qualquer cousa que ele sentia lá dentro e esperava definir, exteriorisar em notas. Começava em geral pelos classicos cujos detalhes sahiam pouco a pouco da sua vida latente, para uma existencia real, expressa. Tinhamos primeiro os seus compositores preferidos, Beethoven, Schubert, entrava depois pelas operas e acabava sempre por tocar umas cousas infalveis em cada dia, requeridas pela predileção exigente d'um ou outro companheiro. Assim, tinha de executar com sentimento, com lentição, uma valsa triste que fazia as delicias do Lopes e o Almiro reclamava lá do seu lugar, o cachimbo pendente do canto da bocca, o final do 1.º acto do Amor de Zingaros e a musica das canções napolitanas da Mary Bruni, cuja graciosidade, cuja belleza inteiramente desabrochada, aberta, era doce e suave e consolador evocar, n'aquelle canto triste, em que viviamos isolados do resto do mundo.

Fatigado o pianista, encetavamos então a inevitavel volta, de longada pela estrada, a consumir o tempo

e cançar os musculos, para que eles pedissem um repouso, que levasse uma noite de somno reparador.

Na noite fechada já, o escuro deixava-nos ver lá muito ao longe, bem a quarenta kilometros de distancia, a repetida subida de *very-lights*, cujas estrelas, abrindo-se e cahindo na linha do *front*, faziam morrer a sua luz ainda para áquem do ponto em que nos encontravamos. E por essas horas de socego, de paz e tranquillidade no campo que nos ficava proximo, mas de lucta muito ao longe, o ruido ininterrupto dos tiros de canhões davam-nos a impressão de viaturas monstruosas e inumeraveis, rodando interminavelmente, pesadas e metalicas, em estradas que o ventre da terra escondesse.

* * *

As relações entre a unidade e os desconfiados habitantes da aldeia haviam melhorado consideravelmente, ou antes tinham-se tornado verdadeiramente amigaveis. Os officiaes sempre cuidadosos e desejosos de desfazerem a má atmosfera que os que tinham partido haviam creado, fiscalisavam com cuidado, com rigor o proceder dos seus soldados, e dia a dia se inteiravam da conducta d'elles para com os civis que os alojavam. Demais, os soldados aproveitavam algumas tardes e por vezes os domingos depois da revista para darem áquella gente o esforço dos seus braços e a sua pratica, o seu conhecimento de trabalhos no campo.

As machinas cegadoras, *faucheuses*, que eles usavam, cortavam, derrubavam as espigas, abrindo ruas n'aquelle mar de trigaes, ruas que alastravam, alargavam constantemente, até que todo o trigo estivesse por terra. As raparigas e os pequenos, apanhavam-o com cuidado, com escrupulo, enfeixavam-o e depois,

por series de dez, dispunham-os como um tecto de colmo. Havia alinhamentos enormes d'estes *cavaliers* com distancias e intervalos regulares — uma disposição geometrica perfeita. E as espigas ao alto, longe da terra, escorriam a agua que cahia, secavam, e não grelavam. Outras vezes porem os feixes amontoados por milhares em *meules*, enormes, aguardavam a sua vez de ida ás *bateuses*, onde ha de separar-se, o grão farto, grado e seco, da palha que enofará a cama dos animaes.

N'um dos dias precedentes, uma ventania rija soprara do oeste derrubando os *cavaliers* sob a terra, que uma chuva grossa e demorada empapara inteiramente. Dois dias o trigo em semelhante situação e uma parte d'aquella colheita estaria gelada e perdida. Era porem impossivel recolher tudo com aquelle escasso numero de braços fracos. Sabendo que a guerra se não faz só com armas mas tambem com viveres, e que n'esta ocasião tudo deve aproveitar-se, economisar-se, solicito que superiormente me seja permitido enviar os meus homens ao trabalho, pondo-os á disposição da população civil. Cuidadosamente lhes expliquei os motivos porque considerava aquelle serviço de ordem militar e tão importante como o dos outros homens que se encontram nas linhas, com a espingarda nas mãos. E todos eles gostosamente se lançaram àquella occupação que a muitos trazia mais que a forte evocação da vida d'outrora, a realidade, o regresso ao trabalho pacifico dos campos em que o esforço do homem se casa á terra que se lhe oferece, para haver da sua fertilidade os bens que necessita.

D'esta convivencia, do estabelecimento dos officiaes nas casas d'um e d'outro, da permanencia dos homens na constante ausencia dos maridos, dos paes, dos amantes, resultou o habito do *collage* com o *nouveau arrivé*, a que poucas d'estas mulheres se escapam, e

antes procuram com interesse, talvez mesmo com avaricia, com vício. Diz-se que esta terra é imoral, porque as mulheres, abandonadas, se entregam áqueles que as interessam, ao fim d'alguns dias de estada aqui. Mesmo as raparigas casadoiras, com os noivos no *front*, se acostumaram á vida, á intimidade amorosa com estes homens que agora lhes estão proximos. Talvez, mais tarde, quando esta guerra terminar e cada qual recolher ao lar, elas se tornem fieis esposas, em nada mais cuidando alem da felicidade da familia, amor e atenções para o marido que tanto sofreu, carinhos para os filhos que serão os continuadores, das laboriosas, apagadas mas felizes familias. Eu sei que aqueles que vivem lá ao longe, não podem comprehender, sentir a influencia que este meio exerce sobre as creaturas que n'ele são forçadas a viver. Mas eu que respiro este mesmo ar, que habito este mesmo meio, que palpo, sinto esta mesma situação, comprehendo que estas mulheres entregando-se, todas, são ainda mais victimas enfileirando na longa, imensa legião dos atingidos pela guerra.

E o que é certo é que, pela simples afeição, pelo reconhecimento, pelo amor, pelos desejos da carne, por distração mesmo se quizerem, toda esta população vive agora em excelentes relações connosco — os ultimos intrusos aqui apparecidos na sua aldeia, instalados no interior das suas casas, estabelecidos na sua intimidade.

* * *

Por disposição especial das aldeias em que os dois acantonamentos se fizeram, a 4.^a companhia ficou sempre isolada das outras o que lhe merece *extra serviço*, as designações amigaveis e jocosas do comandante, de *ego-centrica* e *Republica da Andorra*.

A 4.^a agora, distanciada do comando por um estirado kilometro, de estrada lamacenta, uma vez o trabalho terminado, deixa-se ficar n'aquelle canto d'aldeia procurando bastar-se, a si mesma, para distração, divertimento, dos elementos que a compoem. Começa porem, de ter adidos o M. Ferreira e o Lopes, que á *messe* veem comer.

Fóra das horas de instrução, do serviço, raras vezes vemos os demais camaradas.

O comandante, leva por vezes a sua amabilidade, até ás visitas de ordem pessoal á Republica de Andorra, e quer que, diariamente, um representante d'aquelle estado, d'aquelle firme esteio do batalhão, vá á sua *messe* jantar. A despeito da gentileza, com que somos recebidos, do bom jantar com que somos apapericados, da atmosfera de amizade, de á vontade que á sua meza se respira, cada membro da 4.^a e adidos, com muita pena se separa dos seus companheiros, se aparta d'este cantinho, mesmo pelas escassas horas que o jantar pode demorar.

É uma vez terminado este, quando uma moleza beata e satisfeita começa de invadir o comando, surgem as despedidas, e eil-o a caminho de casa a vêr se ainda encontra os companheiros em volta da mesa no consumo d'um derradeiro café, emquanto o pianista olhando de vez em quando o alto da parede na sua frente, procura na sua memoria a forma inteira, rigorosa, detalhada, da composição com que de-seja encantar os ouvintes.

Estas idas, porem, aos jantares do comando, determinaram necessariamente a obrigação de solicitar do comandante o favor da sua comparencia n'um jantar na séde da 4.^a e adidos. A questão foi posta, aprovada, mas o seu detalhe implica melindres. Primeiro, tendo a *messe* do comando, varios officiaes, com os quaes a 4.^a e adidos jantou, não é admissivel que

se deixe de convidal-os todos. Depois o 2.^o comandante, que não faz parte da *messe*, não pode ser excluído desde o momento que são convidados outros officiaes alem do comandante. Mas ha ainda uns rapazes da nossa especial afeição que queremos trazer á nossa casa, outros cujas susceptibilidades não desejamos beliscar, emfim, toda uma complicada rêde de que resolvemos sahir, começando por contar o numero de pratos, de que a velha *fermière* pode dispor para serviço nosso.

Emfim, fixado o dia enviamos um dos companheiros ao Aire, com o encargo de nos trazer com auxilio de duas ordenanças, o Champagne, os licores, as fructas e os doces que por lá fossem encontrados, e convidamos quasi todos os camaradas — aqueles que a extensão da meza e do trem permite reunir. Os *menús* são feitos de colaboração, na vespera ao fim do jantar em bilhetes postaes com a bandeira portugueza em sêda. São feitos em gracejo perfeitamente de harmonia com os pobres e pouco variados manjares que aqui podemos oferecer mas tambem de acordo com o prazer que todos temos de vêr os demais camaradas sentados á nossa meza. Naturalmente ao alto da columna, figuram as palavras — *ab introibo* — vindo depois—segundo a frase da revista — o Ele... é canja. Como o comandante tem o habito de dizer; ora viva o nosso amigo e nós devemos servir aqui em França um portuguezissimo prato de bacalhau, entra naturalmente com a designação: — Ora viva o nosso *fiel* amigo...

E' preciso, porem, aproveitar as galinhas que apenas serviram a engordurar a canja e que para ali ficariam depenadas, escorridas, inuteis. Pois, alouram-se, e servem-se com arroz. E quanto á designação... *penosa*, acudiu um. O Lopes achou reles, achou rasca aquele termo, indigno de figurar no cartão, até que

um propoz que se substituisse por *plumivera* que, sendo com arroz, á chineza, poderia muito bem por conta nossa ser á *Sun-yat-Sen*.

E' necessario porem interpôr, aos dois pratos de carne, a *plumivera* e o assado, qualquer cousa de ligeiro, de fôfo que evite o encontro rapido d'estas comidas fortes. Não ha, porem, cousa alguma n'este tempo que vae correndo, a não ser a habitual couve flor, cozida com toda a singeleza em agua e sal e apresentada tambem em toda a sua modestia apenas com um dourado molho de manteiga. Mas entra muito bem, e assenta-lhe á maravilha a exclamação — oh! as simples! com que o *menu* a anuncia. Depois a carne, a perseguidora carne que dia a dia temos de comer, cosida, assada, frita, panada, desfiada, grelhada e estufada, disfarçada, mas sempre a carne, a inevitavel, com batatinhas, com arroz, com feijões, com castanhas, com o diabo. Mas lá vae tambem, — A inevitavel com *Millsses* alimenticias, que assim chamamos ás batatas assadas de esterior tostado e forma oval. E d'esta vez a odiada, a execravel, a fatal vem ainda assada. Segue-se o *Doce*. . . como todos nós o . . . Queijo!! . . . e as *Fructas* . . não proibidas. Mais abaixo os vinhos e em letras grandes, bem negras, a palavra *Assombro!!!* seguida de — *Champagne* — escripto de maneira apagada, sumida. Depois, como os licores são todos fradescos e de circulação defeza, vá de se lhes chamar *Monasticum*. . . fugido ao controle. E para terminar, em baixo, em nota e em recordação dos gazes lacrimogeneos que tanto nos fizeram chorar e para evitar os exageros sentimentaes d'uns camaradas que trazem sempre no espirito as familias quando veem a estas festas, diz-se que. . . São prohibidos os brindes lacrimogeneos.

* * *

No dia seguinte, porem, um facto de que não tinhamos sido prevenidos, retarda o jantar d'uma hora, determinando que ele só tenha começo ao chegar das oito. Uma festa inesperada, que mete um espectáculo unico no mundo, original, comico, realisa-se na aldeia só terminando pelas 7 $\frac{1}{2}$. Os convidados precisam de meia hora para os comentarios e para o caminho, de forma que só bastante tarde conseguem estar livres.

Resolvemos portanto ir todos, com excepção do director geral dos negocios culinarios, assistir á procissão das virgens, que um reclame insistente feito pelas mulheres da terra, quasi nos apresentava como uma das sete maravilhas do mundo.

Quando avistamos a porta da igreja, já a ela assomam figuras de mulher em duas filas, portadoras de altas tochas acesas, a despeito do sol alto que espalha uma luz viva e forte sobre toda a terra.

E estas filas vão crescendo, desentranhando-se, alongando-se como uma cobra arrastando-se sobre o solo, com paragens rapidas, que refazem a ordem, a geometria do aspecto. Um cantico religioso faz-se ouvir cada vez mais perto da porta, em voz, velada, usada, gasta. Depois sae um andôr com uma imagem, trazida aos hombros por mulheres, e a voz velada que canta, plangendo, arrastada, á porta, deixa-nos já vêr o sr. *maire*, pequenito, enfezado, encarquilhado como uma castanha pilada, precedendo atraz do andôr, o sr. cura.

Desfila já deante de mim, o carnavalesco, inacreditavel espectáculo. A' frente, os garotos da aldeia, irreverentes, fazendo travessuras, abrindo o cortejo, metendo-se com os assistentes, gritando alcunhas, fazendo troça, jogando o sopapo. Depois as mulheres,

conduzindo tochas. São de todas as idades e de todos os estados, casadas, solteiras, viúvas, mesmo pertencentes a um quarto estado, mas todas cobertas d'um manto branco, apertado d'encontro ao cabelo, por uma coroa de flores de laranjeira e cahindo até aos pés por sobre um vestido escuro. São todas virgens as mulheres n'esta terra, diz um iconoclasta do lado. Segue-se um pendão, sustentado por uma virgem também, ás borlas do qual pegam quatro outras mais... Ainda quatro também disfarçadas de virgens entre as quaes avulta a filha do sr. *maire*, pegam ao andor, que conduz uma imagem de Nossa Senhora, que olha anciadamente o ceu, certamente a suplicar ao bom Deus que a livre da espantosa farçada, d'aquilo que é uma vergonha, mas nem é uma hipocrisia, porque os maridos e os amantes ali estão.

Agora é o sr. cura, esgrouviado, alto como a torre da egreja, um ar arteiro de rapousa velha, astuta, sob o qual não pode assentar a tranquila unção religiosa, o aspecto sereno de quem se alheia dos góssos terrenos, para elevar o espirito ao ceu e pela oração, pelo sacrificio, pela renuncia, conquistar a segurança da felicidade eterna.

Atraz d'ele o sr. *maire* rachitico, beato, canta sentidamente, religiosamente, como se o fizesse aos pés de Deus rodeado dos anjos e dos santos, qualquer cousa em latim que eu não consigo comprehender. E lá vae accumulando as funções d'auctoridade e de cântor de egreja e procissão, completamente estranho ao que se passa em volta, entregue ao seu papel, que ele desempenha, seguro de que o Eterno o ha de considerar, no dia em que tiver de comparar as suas más ações e as suas virtudes.

Depois os que acompanham o cortejo, rebanho desordenado de crentes, acotovelando-se, empurrando-

do-se no desejo de marcharem perto da santa, que querem seguir a través das ruas.

A procissão passa, alonga-se, estira-se pela estrada, volta lá ao fundo, e desaparece. E nós resolvemos entrar apressadamente afim de aguardarmos a chegada dos nossos camaradas.

A velha decidiu-se a arrancar das profundidades da arca velha, uma tonga toalha com que conseguimos cobrir as duas longas mezas unidas topo a topo. Candelabros feitos de granadas a que adaptamos serpentinhas de arame, suportam numerosas velas prestes a serem accesas e emprestam um aspecto de alegre bohemia áquela casa de jantar improvisada.

Outras granadas com as espoletas já tiradas fazem de solitarios ostentando flores. Com muitas flores, muita luz e uma toalha bem branca, come-se com gosto, mesmo um mau jantar. O Martins Ferreira, compõe ainda dentro dos pratos as torres que vem de construir com os guardanapos, quando os convidados começam de chegar, dizendo antecipadamente palavras d'agradecimento pela atenção inesperada...

O jantar começa como todos os jantares, silencioso, sobretudo quando a hora é tardia. De tempos a tempos um diz uma ou outra palavra, mas depressa se recae no silêncio que inutilmente se procura quebrar.

O bacalhau que entrara, loiro e espesso, fumegando, gretando-se em lascas, cercado d'uma verdadeira muralha de batatas cozidas, ajoujando no meio da enorme travessa ao peso dos ovos duros, encontra-se já servido, meio comido, desfeito.

Ha um fremito quando ele assoma. Depois as narinas d'aquela quinzena de portuguezes sorve em haustos os vapores que d'ele sobem, e instinctivamente, todos olham as garrafas em que repousa o imprescindivel vinho com que o devem regar. Em se-

guida precipitam-se sobre ele, indefezos, já feito em postas, derrotam-o, devoram-o. E as linguas desprendem-se, soltam-se, evocam-se os muitos logares onde o bacalhau se come cosido, ou assado, com um azeite maravilhoso — melhor ainda do que este com que agora é embebido. Os rostos começam de corar, os olhos de adquirir brilho, a conversa de ganhar vivacidade. N'este jantar mais d'amigos que de militares, o comandante sabe pôr os seus officiaes inteiramente á vontade, correndo apenas dentro, d'aquelas praxes, que a boa educação e o bom gosto estabelecem.

A maré d'animacão cresceu, subiu, a conversação é mais rapida, o metal de voz mais alto, a alegria mais franca, mais ruidosa. Chega o momento do assado, do Champagne. Tem de haver um instante um só, de seriedade, no qual o mais antigo da 4.^a e adidos, em palavras simples, agradece ao comandante a honra da sua comparencia. Um agradecimento geral aos demais camaradas, e o dever da quarta e adidos encontra-se cumprido. Vae-se entrar no á vontade. O comandante porem, põe-se de pé, retribue, dirige palavras encomiasticas, faz cumprimentos, exagera. Um gole de Champanhe e todos nos sentamos de novo.

Começam então os numerosos brindes, ao camarada A, ao amigo B, ao companheiro C, até que a certa altura já todos os presentes estão brindados e mais, rebrindados.

O Pinto levanta-se então, assume um ar de tristeza grave e começa de falar na nossa terra e diz que visto que ali estamos todos reunidos devemos beber á saude das nossas. . . N'esta altura porem o protesto estala, faz ruido, impede-o de continuar. De todos os lados se grita que são defezos os brindes lacrimogeenos. Tem um sorriso amarelo, encavaca e torna a sentar-se a disfarçar.

Fala-se já de mulheres, de prazeres, de viagens,

por *epater* os menos cultos, falam alguns de cousas de arte, de literatura, mas na altura do café, dos licores, recahimos na infalível má lingua a proposito de questões militares.

O Bertoldo que foi tambem convidado, discute com o Martins, melhor, expõe as más qualidades d'um camarada que n'outro batalhão «vae meter tudo no bico do comandante.» E diz isto, enraivecido já, o olhinho redondo a puxar para esgaseado, as faces vermelhas. O outro responde, só para ter alguma cousa a contestar, e logo o Bertoldo salta, orgulhoso de ter atrahido a atenção geral, e descarrega sobre o infeliz ausente uma feroz catilinaria, que termina por esta frase violenta, arrasadora. «Já disse ; aquele gajo, é o *alcoolicô* do comandante !»

Uma tempestade de gargalhada resoou por toda a sala, àquela nova forma de designar um acólito. E Bertoldo não percebendo, imaginando que se riam do camarada, do Martins, sentindo-o já á mercê, vibra-lhe o golpe de misericórdia: digo-t'ô eu, que esse homem é a *chicoria* da sociedade. Aqui nova gargalhada unisona — que Bertoldo ri tambem — um delirio que põe em risco os botões dos cós e que deixa os olhos em cascatas. O Martins desconfiado, encorda, e declara que «aquilo não era processo de discutir».

* * *

No dia seguinte ao romper da manhã, Ribeiro Gomes, entrando na casa de jantar protestava, indignadamente, contra o procedimento da pobre velha, cuja avareza a levava a esconder tudo quanto nos apanhava, mesmo os restos das velas que ficavam no *candelabro*. «Esta maldita velha rouba-nos tudo. Temos de pôr cobro a isto, quando não um de nós, mesmo todos talvez, dentro de poucos dias acorda-

mos guardados n'um armario. Raio da velha.» Metido ainda no calor dos lençoes, a cabeça apenas a emergir da sua abertura, digo-lhe para o arrelhar: — Ainda V. ha de ter saudades d'esta adoravel velhinha que nos rouba tudo. V. saberá o que são as outras, que se encontram mais perto do *front*, quando lá chegarmos. Que quer V. ? Já vi outras peores e tenho agora uma quasi adoração por esta. A população que permanece na região do *front* compõe-se de foragidos das aldeias destruidas, invadidas, ou de avaros ou miseraveis que não querem d'ali afastar-se. E V. ouvirá muitas vezes os portuguezes falando do povo francez, conhecendo apenas estes frangalhos de população que a situação de guerra acabou por amoralisar.

Le Thouret

A ordem recebida na vespera começava já a ter execução.

Pelas oito horas da manhã, depois das despedidas áquela gente que bem nos acolhera, durante um longo mez, dirigimo-nos á frente dos soldados já formados e conduzimo-los para defronte d'uma longa fiada de automoveis que fariam o transporte. Divididos por grupos com dois sargentos e um oficial, cada um se destinou a um camion esperando a pé firme a ordem de embarcar.

E passado um quarto de hora já nós deixavamos de vez aquella região para corrermos estradas que cuidadosamente seguíamos sobre as cartas que nos haviam distribuido. Cada um de nós, tomado o café pela manhã, levava as rações de biscoitos e *corned beef* correspondente áquele dia.

Pela uma hora da tarde, depois de termos visto avultar a distancia a casaria, as altas torres de Bethune e de termos atravessado as ruas de Locon, já nós nos encontramos em Le Thouret onde nos fazem descer na estrada, junto a um campo com meia duzia de barracas de madeira, muito perto d'uma aldeia bastante arruinada.

Os homens ficam nos restos maltratados de anti-

gas *fermes* e os officiaes são alojados nas inconfortáveis barracas de madeira.

Os amigos, generosos impedidos, procuram cada qual, uma vez arriados os equipamentos, escolher um logar para o seu official, e arranjar palha e madeira e teias de arame com que lhe possa fazer a cama. Restos d'outras camas, ajudaram esta improvisação dos meios de evitarmos dormir com os ossos sobre a dureza do sobrado.

Repousamos todo o resto do dia. Pela tarde reconhecemos que uns casinhotos proximos de nós são abrigos de peças de artilharia. Ha homens, guarnições de peças, que para ali se dirigem. É pouco depois começa o fogo sobre as linhas alemãs que interessadamente podemos seguir.

Pela noute porem quando nos encontravamos já todos recolhidos começa a resposta do inimigo, procurando a bateria cuja posição sabia proxima d'ali. A cada granada, pesada, rebentando perto toda a terra estremecia e as barracas gingavam, gemendo.

A certa altura, inesperadamente, um official que ficara n'uma casa perto dos soldados, appareceu a procurar-me na escuridão da barraca: «Você não quiere ir dar um passeio?»

— Mas já estou deitado, inetido entre as mantas!

— É V. Ribeiro Gomes, não quiere ir?

— Tambem já estou, dizia este, como quem assegura que d'ali já ninguem o arranca.

— É' que lá em cima não se pode estar, a casa treme toda, ameaça desabar e eu já senti cahir alguma cal sobre mim.

Nas suas palavras, nos seus desejos de passeio longe d'ali, sentia-se o receio que o invadira de más consequencias d'aquello bombardeamento. Procuramos tranquilisal-o. Aquilo não era nada, não tinha importancia, ia parar. E ele lá foi, procurar um companheiro

n'outra barraca que consentisse em sahir da cama.

Deviamos partir pelas 10 horas da manhã immediata para as linhas afim de reconhecermos o local onde os nossos soldados tinham de ser estabelecidos, as companhias em que iam trabalhar. Uma noite tinha de ser ali passada.

Officiaes inglezes veem para nos acompanhar. Perto de mim aparece um, gordo, loiro, glabro, um nariz curto e arrebitado no circulo pastado da cara, onde uns olhinhos pequenos e esgaseados, apanhados aos cantos, riem constantemente. Tem um ar comico de clown, e era verdadeiramente ridiculo pela manhã, quando se encontrava com umas calças justas de tecido, em grandes quadrados, sapatos de sala e um bonet escocez, tombado ao lado, com duas fitas pendentes. Agora lá tem um ar mais militar, capacete metalico, botas altas.

Dirige-se a mim n'um horrivel portuguez que eu não sei mesmo se os demais portuguezes conseguirão comprehender. Fixo-o bem e noto que os seus gestos, a sua expressão quasi dizem o que falta nas palavras que não acodem. E para responder-lhe sirvo-me do meu detestavel inglez, que ele, amavelmente, acha excelente. Arranjo n'um instante um amigo, quando ele vê que falo, sei duas palavras na sua lingua.

Conversamos estrada abaixo. E' escocez, esteve em Cabo Verde, no telegrafo, e no Brazil mas nunca aprendeu portuguez. O tempo fôra todo para trabalhar e beber. Chama-se Johnstone e adora o wiskey. «V. tambem gosta?» E á minha resposta afirmativa ele sorridente acrescenta: «V. ser muito simpatico.» Agradeço e ele contra o costume dos individuos da sua terra, fala constantemente, cita os portuguezes que já conhece, desentranha-se na descripção de jantares, de tardes de *estaminet*, de borracheiras.

Chegamos. Fazemos as apresentações e seguimos em direcção ás linhas que precisamos vêr. Acompanha-nos o major do nosso batalhão e veem alguns officiaes das companhias em primeira linha.

Vemos tudo com detalhe, com minucia, com cuidado. Subo a uma banquetta e olho o terreno na minha frente, plano, cortado de drenos.

A um official que me imita pergunto o que é a linha que distingo a distancia, escangalhada. E' uma antiga trincheira onde hoje só estabelecemos postos de noute. Vejo um carreiro que conduz até lá. — Pode-se lá ir ? — Só de noute.

A linha alemã, porem fica para alem, muito mais longe, bem a quatrocentas jardas d'onde estamos. Resolvo ir n'aquelle momento vêr os postos de noute. O meu comandante protesta, os inglezes tambem protestam. Ha *snipers* que não erram um tiro, é uma imprudencia. Insisto, mergulho n'um buraco que ha por baixo do parapeito e que oferece sahida para o carreiro. N'um momento estou sobre ele e olho todo o campo na minha frente. Tenho a sensação de que me encontro exposto ao perigo, o coração tem os movimentos mais apressados, penso que a infantilidade me pode custar a vida. Mas é tarde. Com aqueles inglezes a olharem-me lá de dentro, por cousa alguma volto para traz. Avanço por lances, correndo, dobrado, e para ver bem se ha alguma cousa na minha frente; depois outro lance e outra paragem e outro, até que chego á trincheira.

Tudo é ruina, abandono e eu não sei como os soldados ali podem passar uma noute especialmente se a chuva cahir, abundante, e a alagar.

Ha pedaços de parapeitos que me protegem, que me deixam ver á vontade. As grades de fundo estão partidas, cobertas já de terra, os sacos a desfazerem-se, o parapeito completamente arrazado aqui e alem.

A linha alemã ainda é longe e eu não compreendo porque motivo a ingleza não é no ponto, em que me encontro. Se o que se pretende é a aproximação do inimigo, se ha tanta mais facilidade de o inquietar, de lhe dar um golpe, de o repelir, quanto mais perto se está, não percebo o motivo do abandono de toda esta extensa região. Mas deve haver certamente uma razão embora eu a não atinja.

O *boche* está tranquilo, quieto, lá a distancia. Com algumas noutes de trabalho cuidadoso podia fazer-se postos fortes e trincheiras de comunicação. Depois ligar-se-ia esses postos pouco a pouco e a occupação estava feita. Mas emfim, eles não querem.

Volto para traz. Aqueles momentos lá em baixo, a observação para que fui solicitado deixam-me já tranquilo. Faço lances de novo, olho para traz, nada.

Reentro no parapeito, na linha. Os que assistiam tinham receiado pela minha vida. O meu recente amigo Johnstone diz na sua descosida algaravia em ar de reprovação «V. fazer mal». Concorde.

Vemos todo o resto: aqui um posto com tantos homens, tantas sentinelas, tantas de ligação; este posto é de metralhadoras, aquele de granadeiros de espingarda, este de granadeiros de mão e de atiradores. Ha porem uma dificuldade: eles teem 4 metralhadoras por companhia e nós 3; falta portanto uma, mas os inglezes emprestam e fazem a sua guarnição.

Está tudo visto, estudado, destinado. Voltemos á linha de apoio onde devo passar a noute.

Como com o inglez uns biscoitos e o *corned-beef* que levava, bebemos agua e falamos calorosamente de wiskey, de que adquiri uma caixa que deve vir com a bagagem do estado maior do batalhão, por deferencia do comandante. E terminada a refeição, enviamos um desolado até amanhã á deliciosa bebida.

Começo então a preocupar-me com o problema da noite visto que pouco terei que fazer. Destinam-me um abrigo com fundo de madeira irregular. Não tem cama, nem palha, nem cobertores. Tive o cuidado de trazer uma manta, mas de quasi nada servirá. Não tenho que pôr debaixo da cabeça. Resolvo o caso simplesmente quando a hora chega. Embrulho-me na manta, e estendo-me no chão sobre as taboas cujas irregularidades me impedem de dormir um somno largo. A cabeça encosto-a sobre um braço puxado á frente. Foi uma noite longa, foi, mas já passou.

O comandante da brigada ingleza auctoriza que partamos e todos nos retiramos a caminho das nossas anteriores instalações onde permaneceremos até á tarde do dia immediato.

Terei a consolação de tomar um banho frio, de mudar de roupa, de dormir umas horas sobre palha. O inglez não me larga, fala constantemente no frio e na necessidade de reconforto. Compreendo.

A' chegada, porem, tinha eu uma desilusão. Os camions portuguezes que traziam todo o material não haviam chegado ainda. Os homens tinham apenas as suas espingardas e os cartuchos distribuidos. Metralhadoras ligeiras, granadas, sacos, baldes, etc., tudo ficara para traz nas arrecadações á espera dos camions que no proprio dia da nossa vinda deveriam ir carregar. Adeus banho, adeus roupa.

O inglez é mais feliz. A caixa do whiskey veio no carro do esquadrão. Abrimo-la. Começamos a beber. Passam mais inglezes para a barraca ao fundo. Creio que o olfacto lhes acusa a presença do liquido miraculoso, que agora só adquirem com grande difficuldade. Ou então é Johnstone que os atrae. Ao fim d'algum tempo a garrafa tem o fundo exposto ao ar. Resolvemos almoçar. Mas ha um problema importante a resolver que é o de material.

Vou a um telefone proximo e falo para o quartel general a um amigo. As ordens estão dadas. Deve chegar ahi tudo hoje mesmo.

Outro amigo tambem sabendo quem fala, vem ao telefone e diz que vae ele proprio tratar da questão. Volto, mas pelo sim pelo não, como os quarteis generaes, são estações com muitissimo trabalho, com uma grande complexidade de serviços, proponho ao comandante que mandemos todos os nossos carros á rectaguarda só para carregarem o material de guerra indispensavel. Aceite. O caso é que possam percorrer esta distancia, carregar e voltar n'estas vinte e quatro horas. Tenta-se.

Passa-se todo esse dia, a manhã do dia seguinte. Volto ao telefone, chego a dizer, imprudentemente, que não temos ao menos as nossas metralhadoras, e do quartel general dizem que tudo está a chegar, que certamente chegará antes da hora da partida, que não pode faltar, etc.. As ordens estão dadas, rematam.

Ao cahir da tarde, já nós estavamos formados ao longo da estrada, divididos em grupos pequenos, distanciados de cem metros uns dos outros, conforme é de boa prudencia marchar quando nos dirigimos ás linhas.

Oficiaes inglezes interpretes, acompanham-nos visto que precisamos de quem traduza o que dizemos aos camaradas com quem vamos estar em contacto. Outros pertencentes á brigada com que vamos trabalhar, veem á rectaguarda para nos servirem de guias. E quando a noute começa a descer, lá vamos nós em direcção ás trincheiras onde devemos passar tres dias sem responsabilidades na direcção do serviço, visto que se trata de aprendizagem para soldados, graduados e officiaes.

A noute é passada nas linhas, vendo as trincheiras,

a disposição dos meus homens, recomendando-lhes todo o cuidado e toda a disciplina e todo o aceio, de forma a não sermos envergonhados deante de estrangeiros. Façamos mesmo o impossível para ficarmos bem conceituados porque tudo só serve para honra e prestígio do nosso paiz.

Perto da madrugada, inglezes e portuguezes preparam-se para o *a postos* e sobem depois ás banquetas ocupando as posições de combate. E ali aguardam, os olhos cravados na bruma que na frente dificulta a visão, que o dia se torne claro para gosarem enfim umas horas de repouso. Reentro tambem para descançar e dirijo-me ao pequeno abrigo que me destinaram. Tenho de dobrar-me para caber lá dentro e quasi não consigo estender-me ao comprido. Deito-me no chão sobre um fundo de taboas, irregular, que me magoa. Se não fôra o cuidado de transportar a minha manta ficaria sem nenhuma especie de cobertura. E n'esta manhã, depois d'uma noute inteira sem dormir, eu sinto a despeito da estação, um frio de gelar.

Quando desperto, já o sol ia alto, batendo-me apenas á porta da barraca. Ali alguém conversava e percebi que se falava de mim e de wiskey. Chamei, fiz saber que estava acordado e a face loura e glabra de Johnstone assomou á entrada com um ar fingido de doença. *Good morning. I am very ill.* Compreendo de novo. Tenho de cural-o.

* * *

Na manhã seguinte sou chamado pelo comandante da minha unidade que deseja falar-me d'um assunto urgente. O comandante da brigada ingleza lamentara a sua sorte dizendo que em dois mezes de estada ali não conseguiu um simples botão d'um soldado alemão.

Ele estava desolado com aquela situação tanto mais que depois de muitos dias vinha um *sniper* inimigo meter-se entre dois postos de noute, inglezes, tendo conseguido já matar-lhe alguns soldados.

O meu comandante comprehende bem o que o official inglez quer dizer e eu, leio tambem o pensamento que o levou a chamar-me, pensamento que ele expressa a breve trecho. Lembrei-me de V., a vêr se se poderia caçar o *sniper* com uma patrulha.

Dou a unica resposta que posso dar. — Farei todos os esforços para isso.

Um official inglez acompanha-me á primeira linha, afim de mostrar-me o ponto onde habitualmente se instala o ousado alemão. Duzentos metros na minha frente ha a linha, abandonada, desfeita de distancia em distancia. Nas partes que ainda restam, diz o inglez, são instalados uns postos de noute, mas, atrevidamente um homem tem vindo em cada noute estabelecer-se com a sua certa espingarda, entre os dois postos que na nossa frente ficam á direita e esquerda.

Acho o facto que me é contado verdadeiramente extraordinario e proponho que vamos ver o terreno n'aquelle momento.

— Só quando escurecer se póde ali ir. — Resolvo no entanto fazel-o immediatamente.

O reconhecimento feito, reentro na trincheira e vou á linha d'apoio afim de conduzir o sargento a vêr o terreno que de noute deve percorrer como verdadeiro comandante da patrulha. Escolho um homem que antes havia pertencido á Legião Estrangeira, onde permanecera dois annos e que deixara para entrar no exercito portuguez. A sua pratica d'aquelle serviço, os seus tres ferimentos passados, acreditavam-no como o melhor a ser escolhido. Foi-lhe marcado o ponto de sahida, a missão a desempenhar, o ponto de en-

trada, e durante uma hora, estudou comigo o campo que na nossa frente se desdobrava.

O grupo dos patrulheiros foi organizado com tres das minhas ordenanças e tres outros homens escolhidos pelo seu desembaraço e valentia. As ordenanças devem ser nomeadas para ganharem experiencia, coragem, para se afazerem ao risco, e ainda para que este logar não seja como muitas vezes é, uma conezia, um posto onde são colocados os afilhados, os que teem protecções, recomendações, e que alguns officiaes por vezes, desejam subtrahir quanto possivel, aos maiores perigos da vida de trincheiras. E seja-me permitido lembrar áqueles que porventura possam demover-se por solicitações, por pedidos, que no momento dos combates a missão das ordenanças é importantissima, que na maior parte das vezes as communicações são cortadas, e que são aquellas a substituil-as, e que se ali põem homens sem valor, sem ousadia, cousa alguma farão do que é essencial, indispensavel.

A' hora marcada, reuno os homens para seguirmos em direção ao ponto de sahida. Um official inglez dispõe-se tambem a acompanhar-me.

Johnstone surge e declara que tambem vae, mas encontra-se em tal estado de embriaguez que mal se tem nas pernas. Pelo caminho, na difficil marcha sobre as grades de fundo, escorrega aqui, cae acolá, tomba sobre os soldados, que já vão descontentes, receiosos d'aquella embaraçadora e perigosa companhia.

Tranquiliso-os dizendo-lhes a minha resolução de que iremos sós, os portuguezes para fóra do para-peito.

De facto, Johnstone, já na primeira linha, enquanto faço as derradeiras recomendações senta-se por terra e vencido pelo wiskey de que abusara, adormece em poucos momentos e para ali fica a resonar.

Como os meus homens não haviam nunca sahido o parapeito, sinto a obrigação de lhes dar o exemplo e sou o primeiro a subir e a sahir. Não houve uma hesitação — todos eles dispostos á caça d'aquelle *boche* atrevido, todos animados do desejo de fazerem ali um prisioneiro, quando depois de longa estada, nunca os inglezes o haviam conseguido.

Levo-os ao ponto onde devem estender e dobrar em direção ao meu parapeito e volto então á recta-guarda para poder apoiar a minha patrulha.

Um nutrido fogo começa do lado dos alemães, a que a patrulha responde com valor. Não são porem tiros de *sniper* que partem do ponto indicado mas sim de metralhadora e granadas de espingarda. Um homem é ferido, o Rilhó, e são necessarios dois outros para o transportar. Restam apenas tres e o sargento e estamos em face de todo um posto, solidamente organizado, que sobre os patrulheiros atira sem interrupção.

A informação dos inglezes era evidentemente incompleta, errada. Os seus postos de noute ali, nunca eram guarnecidos, e os alemães haviam aproveitado essa circumstancia para se estabelecerem, e mais perto, fazerem fogo, causarem baixas.

O Rilhó começa de gemer vencido pela dôr. Os camaradas pedem-lhe que se contenha sem o que toda a patrulha ali pode ficar. Nada ha a fazer. E' preciso voltar.

Reentrado o parapeito, nota-se que o Rilhó abandonou a espingarda no terreno e logo dois camaradas, o 619 e o 310, se dispõem a procural-a.

E a despeito do risco, do escuro, encontram-na, não ficando sobre o terreno um só traço da nossa passagem.

Faço o relatório dos factos ao meu comandante e particularmente, informo-o do credito que deveriam

merecer as informações recebidas por ele e por mim para execução d'aquela operação.

Dois dias depois abandonavamos aquelas linhas, em direção a Fosse onde deveríamos aguardar, segundo me informavam, a definitiva entrada no nosso sector.

Fósse

Na distribuição do batalhão pela aldeia de Fósse, refazia-se a situação da *Republica de Andorra ou do Mexico*, porquanto deveríamos ficar separados dos outros companheiros por algumas centenas de metros, e instalados em tres *fermes* isoladas junto ao canto da estrada que leva a Bout de Ville. Ribeiro Gomes e eu tomamos quarto em casa de mademoiselle Bonneau, uma velha toda cumprimentos e atenções com um sorriso a bailar-lhe forçadamente ao canto dos labios descorados. Aos outros companheiros foram destinados commodos nas outras *fermes*, porquanto esta, habitada por numerosos refugiados, mais parecia um cortiço do què uma residencia de pessoas.

O Lopes investido na situação de comandante d'uma companhia, estava condenado a separar-se de nós, porque esta casa lhe ficava afastada d'um estirado kilometro e meio de distancia. Demais parecia não haver logar n'aqueles formigueiros humanos em que tinhamos que ocupar um escasso aposento.

Rejeitei enojado um cubiculo sujo, sob a escada que leva ao sotão e proponho ao Ribeiro Gomes, meu constante companheiro, convidarmos a velha a desfazer um arremedo de sala, para ahi meter duas camas.

O Lopes, por seu lado, prefere antes o vão de escada perto de nós, a um palacio distante e assim se dispõe ao sacrificio de encacifrar-se n'aquela buraco que o cuidado d'um impedido procura ao menos tornar aceado.

Pela manhã cedo, pouco antes das 6 já todos estamos a pé, fazendo uma rapida *toilette* que nos permita apresentarmo-nos deante dos nossos soldados com o cuidado e a correção que servem um pouco a prestigiar o official aos olhos dos seus subordinados. É seis e meia soadas, seguimos em direção ao campo de Vieille Chapelle — dois kilometros e meio — onde damos uma instrução, aturada, insistente, sabendo bem o que convem ensinar praticamente, para que seja mais eficaz a acção dos homens.

Tres horas d'instrução em que ha apenas meia hora de descanso. Os homens trabalham com interesse, com desembaraço, e salvo um outro desajeitado incorrigivel, são bons soldados que nós podemos formar ao lado de quaesquer outros estrangeiros. Estão já longe do ar pastoso, ronceirão e lorpa que tinham em Portugal quando os acompanhei nas manobras de Torres Vedras. Officiaes e sargentos são incansaveis, já desconhecem a fadiga, ou escondem-na cuidadosamente para que os homens a não possam suspeitar.

Faz-se esgrima rapida ás horas matinaes, frias. Ha treino de lançamento de granadas, pratica de metralhadoras, simulacro de assalto de trincheiras. Depois, os dois kilometros e meio de regresso, a que se segue um almoço rapido, uma rapida revista ás cosinhas, ás casernas, a todas as dependencias ocupadas pelos soldados, depois do que novamente os homens entram na forma para outra instrução de quatro horas.

Com o sol alto, quasi a prumo sobre nós, ainda quente n'esta epoca do anno, contrastando com o frio

intenso das manhãs, mais convem uma instrução quasi parada de defeza de trincheiras e sua guarnição, do que um exercicio que actue violentamente sobre os musculos. Depois á medida que a tarde avança e arrefece, a intensidade da aprendizagem vae aumentando até que pelas quatro e meia da tarde, fatigados já d'aquelas oito horas de trabalho e de dez kilometros de caminho, vamos então repousar um pouco. O quarto porem, com o tecto quasi a tocar-nos as cabeças, está quasi repleto com as duas camas, o fogão apagado e saliente, a comoda sobre que se aperta una profusão de imagens e bibelots baratos, a meza redonda ao centro com cartas empilhadas que os soldados escreveram e nós devemos censurar, os papeis da companhia, as pretensões dos soldados, com tudo enfim, que torna aquele canto aborrecido, insupportavel. Saio, passeio sobre a estrada defronte da minha porta, aguardando resignadamente que cheguem os outros companheiros e que se avisinhe a hora do jantar, o cavaco, um pouco de distração que afaste a minha nostalgia, que me arranque por momentos á saudade d'outras horas bem mais felizes. Soldados e sargentos a cada instante nos procuram. A's vezes entretenho-me com eles conversando da nossa terra, fazendo-lhes ver como é por ela que, n'este canto da França trabalhamos e luctamos. E tenho ao menos a consolação de sentir nas suas palavras que muitas amisades ali me cercam, a despeito da mão que n'eles tenho e que pretendo ser firme. Mas converso com eles, largamente, ás vezes; e quantas outras nos intervalos das instruções os tenho sentado em volta de mim, ouvindo o que lhes conto da historia do nosso paiz, das epochas em que fomos ricos, fortes, poderosos e nas quaes maravillámos o mundo, com o arrojo das nossas empresas! Creio que eles sentem em mim um chefe mas tambem um amigo e sobretudo eles sabem bem, que,

na vida das linhas, nos logares e sobretudo nas horas graves, de perigo, os não deixo, que os não abandono e que lhes dou o exemplo que se deve esperar d'um bom soldado.

Os companheiros vão chegando um a um. Entramos para a *messe* instalada n'uma *ferme* ao lado na qual alugamos um vasto quarto desguarnecido em que só ha ao centro uma mesa e algumas velhas cadeiras.

O jantar é alegre, animado, ás vezes mesmo barulhento. Procuramos sempre prolongal-o, dominados pelo terror das horas aborrecidas que se lhe devem succeder. Ah! se ao menos tivéssemos um piano, mesmo aquele velho piano de Enguinegattes!!

Resolvemos ir a Bethune, cidadezita situada a dez kilometros de distancia, que eu conheço já d'alguns passeios a cavalo pela tarde, quando ás vezes procuro fugir ao aborrecimento, onde vou mesmo em procura dos ultimos jornaes de Paris. Ali servindo-nos do conhecimento, da formosa-proprietaria da casa em que eu os comprava, procuramos saber onde poderíamos encontrar alguém que quizesse alugar-nos um piano. Lá nos foi indicada a casa de M.^{elle} Frohillet e uma outra, no admiravel Boulevard de Frederic Degeorges, onde nos dirigimos.

Todos os pianos porem estavam alugados; os inglezes tomavam-os assim que eles apareciam. Estavamos verdadeiramente desolados. No entanto solicitamos da *mademoiselle* que nos reserve o primeiro que aparecer, e que nos faça prevenir para a direcção que lhe oferecemos. Demais, viremos de vez em quando importunal-a a lembrar-lhe o nosso desejo.

Mademoiselle surprehende-se da facilidade com que todos falamos o francez, mes: no melhor do que a gente d'aquella região em que a pronuncia se resente da proximidade, do contagio do *patois*. É alar-

ga-se, espraia-se n'uma longa palestra, terminada por um Champagne pago bem caro, n'um café ao lado, tambem de sua propriedade.

Mademoiselle tinha sido aluna distincta do Conservatorio de Boulogne e concedeu-nos sem dificuldade, fazer-se ouvir no seu excelente Rönich. Tocou Chopin, com lentidão, com sentimento, com tristeza; depois deliciou-nos, extasiou-nos com a Sonata Patefica. E para a primeira visita ela prometia-nos fazer-se ouvir no violino, que jazia ao lado, mudo, na sua caixa já ruça, usada.

Uns momentos admiraveis, inesperados haviam sido passados já, mas fóra, a caminho do *estaminet* dos jornaes — como lhe chamava o Roquette — refeitos das impressões que nos haviam dominado, voltamos á desolação.

Colhemos de novo da minha admiravel, recente conhecida, uma outra indicação para a rua Sadi Carnot. E depois d'algumas palavras de agradecimento caloroso, — talvez mesmo excessivo — vamos de abalada na esteira d'aquela esperança. Infelizmente porrem o estabelecimento está fechado. Insistente, resolvo saber quando abrirá, se tem ou não pianos e dirijo-me a uma camisaria, ao lado, que pelas cores que vende, fornece certamente os portuguezes.

Do acolhimento que ali nos foi feito nunca me esquecerei, porque senti bem que não era o espirito interesseiro que o ditava mas sim uma especial simpatia pelos portuguezes. Compramos uma insignificancia de colarinhos e obtivemos da desenvolta e gentil vizinha todas as informações. A casa estava agora quasi sempre fechada por doença e velhice do seu proprietario e unico empregado.

De resto limita-se agora á venda de instrumentos de musica. E inquiriu, curiosa, se algum de nós tocava, se tinhamos gosto pela musica. Respondi-lhe

que o Ribeiro Gomes era um pianista cuja modestia se casava mal ao seu valor. E logo ela — visto que estamos em dia de encontro de pianistas — nos declarou que tinha feito o curso do Conservatorio de Lille e que a sua unica distração era o piano. Ela tinha-o ali perto, no interior da casa, e se quizessemos entrar ela ficaria encantada d'ouvir um estrangeiro, tocar o instrumento da sua especial predilecção. Chamou logo a mamã para que nos fizesse passagem no quarto onde trabalhavam as costureiras e onde o velho pae de oculos encavalitados na ponta do nariz, a um canto do quarto, junto d'um velho cofre, ronzeiramente, fazia com cuidado, com segurança, a escripta da casa.

Lá fomos todos. A mamã entrou tambem para a salinha interior onde o piano avultava como elemento principal e toda mesuras, cumprimentos, dizia que tinha já muitos portuguezes clientes mas que estimava tambem ter agora alguns como visitas. E a acolhedora rapariga depois de insistencia nossa lá se resolveu a fazer-nos ouvir, tocada com arte, com mestria, um Preludio de Debussy, talvez o maior dos compositores modernos.

Durante uma hora que passou rapida, ela acedeu sem dificuldade aos pedidos que lhes fizemos—cada qual querendo ouvir o seu compositor preferido — e só a deixamos quando havia muito tempo nos reconheciamos importunos e *mademoiselle*, debil, dava evidentes signaes de cansaço.

Fôra uma tarde de arte, verdadeira arte, aquela que a simples procura d'um piano nos havia proporcionado. Mas fôra, sobretudo, um alargamento de relações que nos atrahiria mais vezes a Bethune dado que ali conheciamos agora desde a senhoril, perfeita beleza plastica da minha fornecedora de jornaes, até aquela encantadora *mademoiselle* Froissart, que gen-

tilmente nos pedia que ali vóltaſſemos, sempre que á cidade fossemos.

Depois com o pretexto da procura do piano, de saber uma resposta, mas com o real desejo de ir a Bethune, ali voltamos com frequencia, alargando constantemente o ambito das nossas relações.

Pela tarde, findos todos os trabalhos, fica um de serviço — em geral R. Gomes que difficilmente se arranca a este ermo — e lá vamos, os outros, esquecidos da fadiga do dia, escarranchados sobre cavallos a caminho da terra desejada. Acolhidos por toda a parte com simpathia, as demoras n'um e n'outro estabelecimento, permitem-nos mesmo cimentar amizades. E' assim que já somos dos mais amigos clientes de madame Fournier, e que fazemos quasi o club portuguez na grande casa Herman, onde a amoravel Louise e a acolhedora Titine atraem e prendem com as amabilidades que nos dirigem. Aqui ficam os nossos volumes de compras até á hora da partida, deixamos recados uns aos outros, fazemos encomendas, trocamos as notas grandes quando necessitamos, para pagamento aos soldados. E o canto lá dentro, ao fundo, onde fica o fogão, tem de ser visitado de cada vez que á cidade vamos.

Nos dias em que a *Ordonnance* abre para os portuguezes e que ali temos de ir cêdo, vamos lá por vezes, com Madeira, Porto ou Alto Douro que compramos nas cantinas portuguezas, e alguns bolos; e passamos uns momentos ágradaveis, de intimidade. E isto é quasi a felicidade, um oásis n'este deserto de aborrecimento, de isolamento, de tristeza. As vizinhas afluem; madame Fournier alta, loura, uma admiravel cabeça de primitivo flamengo, o busto forte, aprumado, um ar seguro de grande dama, madame Nille, uma parisiense ali cahida a administrar um estabelecimento, morena, basta como um Ticiano, uns

olhos muito pretos e redondos que trazem prezo um tenente inglez que cegamente lhe oferece casamento. Como o *flirt* discreto é permitido, o tempo passa rapido, v^oa, dando-nos a illusão da vida d'outrora, longe d'ali, na independencia, na liberdade, sem trabalhos fatigantes, sem cuidados que inquietam, sem nostalgicas tristezas que esmagam.

O numero dos habitués de Bethune começa porem, de elevar-se e aqui surgem as dificuldades de transporte. Em cada dia de passeio uns teem de ficar, para que os outros tenham o desejado cavallo, e este facto dá logar a aborrecimentos, a contrariedades. Resolvemos então alugar um *break* d'uma *ferme* proxima, que nos transporta com decencia e com comodidade e que nos permite irmos todos em alegre, animada, viva companhia.

N'uma tarde de passeio, mademoiselle Frohillet anuncia-nos que tem enfim um piano á disposição e tão bom quanto inesperado. O contracto fechou-se immediatamente e no dia seguinte vem a caminho de casa, acondicionado em fofos cobertores, n'um solido e espaçoso carro de esquadrão.

Temos enfim a almejada distração, mas o vicio d'aquellas idas pela tarde, determina que só seja o encanto das nossas noutes. A nossa *messe* porem, arranjando divertimentos, começa de perder o character de estreita intimidade, atrahindo muitos outros camaradas que até o momento, de nós haviam vivido arredados.

* * *

A ordem de marcha, recebida na vespera leva-nos a deixar aquele canto, a caminho de Saily-sur-la-Lys, onde permanecemos um dia, para seguirmos depois para Fleurbaix, e d'ali às linhas, tres kilometros mais á frente.

Temos de passar uma semana n'elas, dispondo o batalhão á esquerda d'um outro, inglez, formando os dois uma brigada sob o comando d'um general inglez.

E' ainda uma especie de aprendisagem, mas d'esta vez com a responsabilidade do sub-sector que nos é confiado. Quando fiz o reconhecimento da parte em que deveria estabelecer-me com os meus soldados, foi-me destinada uma parte das linhas, á rectaguarda da qual havia os restos arruinados d'uma vasta *ferme*, que deveria ter sido outr'ora uma admiravel, rica moradia campezina, construida n'um terreno ubere, que ainda, ha quasi tres annos de guerra, de abandono de mãos que o tratem, sem cuidados, impossiveis ali, se desentranha em productos, verdadeiro *jardin potager*, de que o vento forte é o unico sementeiro. As macieiras e as pereiras meias destruidas pelos estilhaços que as feriram, recobriram-se uma vez mais de flôr, e d'elas pendem agora sasonados fructos, que os soldados menos timidos vão colher pela escuridão da noute. Por detraz da antiga habitação, corre docemente um largo canal onde jazem pequenos barcos, apodrecendo, inaproveitaveis. Mais alem n'uma larga baixa de terreno, coberta das vistas do inimigo, está organizado um campo de instrucção e de *sport* onde ás horas de socego, os homens se entregam á pratica de exercicios e de jogos. Pelas tardes tranquilas, deve ser d'uma doce suavidade, gosar momentos de meditação, de evocação, de calma nostalgia, de saudade, junto d'estas ruinas, á beira do canal, debruçado sobre a agua azul e transparente reflectindo lá no fundo, invertidas, as imagens das margens e das arvores e do ceu. Se os alemães o permitissem, passaria aqui dias de relativa felicidade no meio d'este conjuncto, que os annos, os trabalhos, as luctas, casam ao actual estado do meu espirito. Infelizmente,

porém, no momento da rendição por alterações da última hora destinam-me á companhia de apoio, onde sou acolhido pelos camaradas inglezes mais do que com cortezia, com afabilidade. É aproveito a ocasião para dizer áqueles dos insociaveis portuguezes que aborrecem sistematicamente os estrangeiros, que se comprazem em encontrar-lhes defeitos e em bisbilhotar pequenas intrigas, procurando generalisar procedimentos verdadeiramente de excepção, que tendo trabalhado muitas vezes com camaradas inglezes nunca recebi d'elles senão atenção, respeito, consideração quando não favores.

Nada mais tenho que fazer do que percorrer a instalação destinada aos meus subordinados enquanto o 1.º sargento faz cuidadosamente a conferencia do material em carga. Acompanha-me um advogado, que os azares da guerra, fizeram capitão e uma creança quasi, que os mesmos tinham tornado alferes e que comandando uma secção de metralhadoras, deve ficar fazendo serviço junto de mim.

Terminada a visita reentramos na acanhada habitação que para estes dias me é destinada ao fundo da qual vejo a minha cama e a de mr. Torney — o alferes inglez.

O capitão pergunta imediatamente se desejo *whisky*, de que ha pouco ou rum que um *bidon* contem em abundancia. Contento-me com um rum, melhor, com tres rhums — que tantos são os que me vejo forçado a beber enquanto eu estudo todos os detalhes referentes à execução do meu serviço. E tudo terminado, ele já de pé, promete-me uma visita antes da minha partida d'aqui.

Enceto então uma palestra arrastada, difficil, com o alferes, de quem inquiri se o sector é agitado ou tranquilo, pontos onde ficam as outras companhias, condições em que estão instaladas, distancia a que

se encontram os postos de primeira linha e de segunda, recorrendo ao mesmo tempo aos *croquis* e ás fotografias aéreas, para vêr no conjuncto os logares exactos em que eles ficam. Mr. Torney porem não conhece bem o sector onde acaba de chegar, de maneira que os seus esclarecimentos são quasi todos embaraçados como o meu inglez, em que procuro suprir pelo excesso de palavras, a qualidade, a propriedade e o rigor da pronuncia com que as emprego. Ele ficou, porque á frente cada companhia tem quatro postos de metralhadoras, enquanto que nas companhias portuguezas nós temos apenas tres. Mas ali conhece apenas a sua arma que é excelente e os seus homens que são bons soldados, segundo ele; nada mais.

Cabendo-me a situação d'apoio, estando distante das linhas e não devendo afastar-me àquella hora muito do meu posto, resolvo aguardar o dia seguinte para fazer o estudo da região onde me encontro. E como isso me era permitido e as duas da manhã tinham já passado, estendi-me sobre umas mantas para repousar um pouco e estar preparado para trabalhar, algumas horas depois.

A sentinela, cumprindo a minha recomendação, acorda-me quando a claridade apenas promete romper para que eu possa assistir ao *a postos* da manhã. Levanto-me d'um salto, esirego os olhos, componho bem o meu equipamento e saio a vêr se o serviço corre com regularidade. Os homens estremunhados, formam, faz-se a chamada a que ninguem falta e dentro em pouco, seguem a guarnecer os seus postos de combate conforme é regulamentar no serviço de trincheiras. Tudo está em ordem, reentro um instante no meu abrigo.

Passado pouco porem, uma voz irada protesta lá no exterior, solta imprecações furiosas em inglez.

Saio a vêr de que se trata, quem perturba a quietação d'aquêle lugar a uma hora tão matinal. Em frente da sentinela está um rapaz alto, delgado, muito loiro, gestos sacudidos, que se esforça para fazer comprehender que a guarda deveria ter forinado á sua chegada. Com grande surpresa minha reconheço na lapela as insignias de general. O pobre *taparoto*, porem, ao vêr um rapaz na idade em que no nosso exercito só se pode ser capitão moderno, limitou-se a fazer a continencia que a estes era devida. Eo general increpava-o com gesticulação desabrida, depois do que se foi ás caves onde estavam as metralhadoras inglezas. D'ali a sua voz recomeça de novo a ecoar ao meu ouvido, com raiva, com furia, depois do que sae praguejando ainda para percorrer a pernadas longas todas as dependencias da *ferme*. Dirijo-me ao abrigo onde o alferes inglez se encontra ainda na cama e chamo-o: *mr. Torney. Your general is here.*

Levantou a cabeça e perguntou *My general?* E á minha resposta afirmativa, depois d'um *well* tranquilamente pronunciado, envolveu a cabeça nos cobertores, tornou a deitar-se e, socegradamente, adormeceu. Resolvo deixal-o entregue aquela reparadora consumissão das horas, sempre amargas e sempre trabalhosas, quando estamos despertos.

* * *

Após o almoço, solicito licença para vêr as linhas, ausentando-me portanto do meu posto. Foi-me concedida. Embrenho-me n'um verdadeiro dedalo de linhas onde me serve de guia um soldado inglez, que n'elas caminha como na sua aldeia.

Alguns minutos depois caminhando pela trincheira de comunicação vejo-a cortada por uma outra larga, espaçosa, com banquetta para atiradores, na esquina

da qual leio *B Line*. Tomo por esta onde estão instaladas duas outras companhias do meu batalhão.

Ouço as impressões colhidas pelos meus camaradas, dos officiaes inglezes rendidos e sei que aqui, a quatrocentos metros da frente alemã se vive n'uma amiga quietação, n'uma santa paz do Senhor. As companhias que aqui estiveram tinham effectivos reduzidos de sessenta a setenta homens, dizendo-se desfalcadas pela lucta no Somme e em Ipres e vinham para repouso n'este sector. E aqui onde a lucta de artilharia é rara, e o alcance dos morteiros os não pode atingir, passavam com segurança o tempo, emquanto a sorte os não atirasse para peor logar.

Tendo os morteiros arruinado em grande parte a primeira linha d'ali tinham retirado sobre quasi toda a extensão, ficando apenas na frente uma companhia que destacava por seu lado para a primeira linha apenas o *Six Post*. Esta companhia porem, colocada mais á frente pagava toda a tranquillidade das outras tres estabelecidas cá muito atraz.

O abrigo do comandante é conhecido pelo quartel general dos morteiros, porque os alemães constantemente batem aquele ponto com esse genero de projectil. N'uns curtos minutos que ali passo falando ao comandante conto o melhor de trinta e cinco, dos medios, que já abrem no terreno uma redonda, regular cratera, cujo diametro varia de trez a cinco metros.

No interior do abrigo, quasi assentados no chão para que as cabeças não toquem no tecto, temos sob o bombardeamento a impressão do porão d'um pequeno barco, que ondas agitadas balançassem. Os morteiros rebentando perto, sacodem a pequena habitação, que jinga e range e ameaça a cada instante desfazer-se. Depois, ha instantes de menor intensidade em que excluindo a hypothese d'um projectil

atingir em cheio o abrigo, aqui se está em perfeita segurança.

Quero porem aproximar-me das linhas alemãs. Despeço-me dos camaradas e acompanhado do meu guia, que me esperou no abrigo das ordenanças, tomo a trincheira que deve levar-me ao *Six Post*.

As trincheiras estão completamente arruinadas sob aquele bombardeamento constante, que as desfaz. De resto os efectivos reduzidos sobre uma grande extensão, não consentem as obras de reparação constante que são indispensaveis. De vez em quando tenho de dobrar-me para atravessar rasgões sistematicamente batidos por metralhadoras sempre promptas a romper fogo, as pontarias já reguladas. Por outras ouvido o disparo de partida do morteiro do lado de lá, espreito a vêr se descubro a trajectoria alta, curva e quando ele sopra perto de mim, colo-me bem contra o parapeito para abrigar-me e assim esperar o seu rebentamento.

Chego, enfim, ao posto de primeira linha onde, só fica um official com duas dezenas de soldados. É verdadeiramente um posto avançado porque quer d'um lado quer d'outro, os alemães desmantelaram, desfizeram completamente os parapeitos, arrazaram-os, destruíram-os. O proprio posto só por prodigios de reparação, e de coragem consegue manter-se aqui.

Os inglezes prudentemente, abandonaram o resto da linha onde não podiam ao menos conseguir refazer em cada dia o que os outros porfiavam em derruir. E agora não sei que esforço enorme será necessario dispender para conseguir voltar á antiga situação. Demais toda aquela zona é ininterruptamente martelada pelos morteiros e o trabalho alem de ser arduo é extremamente arriscado. A' rectaguarda porem fazem-se trabalhos que impeçam sempre o inimigo d'ocupar a trincheira abandonada.

As linhas alemãs são ainda distantes, a nada menos de duzentos metros do parapeito em que me encontro. O soldado inglez, sentado em baixo sobre a banquetta diz pouco tranquilo — *take care*. Olho, espreito n'este desejo que tem todo o homem lançado nas linhas de vêr do outro lado um adversario. Nada distingo porem. Apenas o meu ouvido recolhe o continuo ruido das metralhadoras, o disparo dos morteiros lá longe e a sua explosão perto. Tenho já uma impressão do conjuncto das linhas, da missão que verei desempenhar e do local a que posso ser chamado. Retomo pois o caminho do meu abrigo, onde deixei os meus homens já por bastante tempo fóra da minha acção, do meu controle.

* * *

Dois dias depois, sou constringido a deixar a agradável e já familiar companhia de Mr. Torney, para ir render com a minha companhia uma outra, que se encontra mais á frente. Umias palavras amigas de despedida, e d'este conhecimento nada mais restará do que uma amavel recordação.

Em baixo porem encontro um outro inglez, o alferes Mac Tavish, artista deslocado que ocupa mais o seu espirito com a paixão pelo violino do que com os cuidados de ordem militar. Simples, d'uma simplicidade quasi infantil, ingenua, ela empresta a este interior onde habitam homens de moral disposto á guerra, uma doçura, uma suavidade que me faz enternecer. Escossês d'origem, o seu inglez mais celta, refugiado lá no alto defensivo das montanhas do seu paiz, rebelde á influencia germanica, difere d'aquelle que o meu ouvido mais vezes escutara, é-me penosamente comprehensivel, nos primeiros momentos da nossa conversação. Mas ele, cuidadoso, delicado, fala pausada-

mente, separando cada uma das palavras para que eu possa *saisir* o desenho do seu pensamento.

Ribeiro Gomes que me acompanha não sabe uma só palavra de inglez e pede nos primeiros momentos de intimidade que lhes sirva de interprete. Pela minha boca tem já desfilado o nome de quanto compositor tem um pouco de renome de muitos cuja existencia a minha ignorancia nem ao menos deixára suspeitar. Algumas horas depois — e isto parece gracejo — já trocam impressões com um á vontade de velhos companheiros, por musica.

Tavish diz que a vida ali é de paz e de socego. Os morteiros que são o peor inimigo do dia a dia da vida de trincheira só caem lá longe, na zona onde está a companhia da frente. Só a porta do nosso abrigo é perigosa porque o *boche* d'um ponto alto nos descobre e põe por vezes a metralhadora a funcionar na nossa frente. Digo-lhe tranquilamente que *the boche is a good fellow, a good boy*, com o que a sua simplicidade parece divertir-se.

Pela tarde outros camaradas inglezes das companhias do flanco esquerdo, veem em visita ao meu novo companheiro. Recebe-os no meu abrigo, onde procuro obsequial-os com um pouco de café. Nada mais tenho alem d'um pouco de vinho de pasto portuguez, que nem á refeição quiz tomar. Pois preferem em unisono o vinho, que lhes faço servir imediatamente.

Pouco depois um outro, interprete, aparece á porta, a cara dilatada n'um sorriso que quasi lhe esconde os olhos e alarga desmesuradamente a boca que deixa á mostra a dentadura irregular. E' Johnstone que vem vêr-me e declarar que esta é que é a sua companhia, que ele desejaría ficar, que na outra não ha *wisky* nem nada.

Digo-lhe desoladamente que tambem ali não tenho e que d'isso me lamento. Os seus companheiros tive-

ram que sujeitar-se a beber vinho, bem peor do que aquele a que em Portugal chamamos despresivelmente *carrascão*. Johnstone porem resignado e heroico, quere partilhar a dura sorte dos companheiros, quere que ali todos sofram o mesmo martirio de trocar um pouco de reconfortante, tentador *wisky* por aquela horrivel escura mistela avinagrada. Com a mão sempre tremula avançou pressuroso o copo, e transportando-o cautelosamente aos labios, esvasiou-o d'um trago. Piscou um olho em signal de regalo, arriscou um *very good* e estendeu de novo a mão tremula, em busca d'um suplemento.

Quando d'aqui partiram já a noute ia alta e o vinho tinha desaparecido. Os primeiros depois de polidos, já amigaveis agradecimentos parfiram ao seu serviço — não sem terem pedido licença para voltar e Johnstone tambem se foi — que deveria levantar-se cedo na manhã seguinte. Mas voltaria a ver-me. Tanto mais que talvez no dia imediato se procedesse á instalação d'um morteiro para bater a trincheira inimiga na frente. Nada menos de tres mil morteiros! E já de pé, dobrado — que não cahia em toda a altura dentro do abrigo — disse um derradeiro *till to morrow* e desapareceu.

* * *

Pouco depois do dia ter clareado, quando regresso do *a postos* da manhã, encontro já o meu abrigo visitado por um inglez, amigo e companheiro de Tavish que se não levantara ainda, tiritando sob o impermeavel, — unica cobertura que nas linhas usa. Chamo a ordenança para que diga ao cozinheiro que nos prepare café e recebo com alegria a noticia que a amabilidade do comandante me tornou senhor, d'uma apreciavel quantidade de vinho, com que posso obsequiar os inglezes. Este mesmo que agora acaba de

chegar, fala com tanto calor no precioso liquido, que immediatamente lhe pergunto se quer tomar um pouco em seguida ao café. Dispensa porem o café, prefere o vinho a despeito da hora matinal.

Tavish levantado, tendo já o seu amigo companheiro para a palestra, estendo-me sobre as mantas e adormeço pesadamente por algumas horas. Ribeiro Gomes que fica n'uma barraca ao lado e que pode dormir a noute, fará o serviço enquanto eu me refizer da fadiga de toda uma noute sem descanso.

Ao acordar, os dois escassos bancos do meu abrigo, e as extremidades das camas encontram-se ocupadas. Os inglezes afluíram aqui, abancaram, instalaram-se n'um á vontade familiar. Ouviram já dizer que se é bem acolhido e acorrem a visitar-nos.

Alguns, trazidos das suas afastadas terras, não haviam nunca conversado com portuguezes e estranham a forma como falam o francez e sobretudo, como alguns falam o inglez. E de tal forma se propõem ser amaveis que até o meu reduzido, precario inglez, dizem excelente. Mas acharam melhor ainda o vinho.

Falou-se animadamente do bombardeamento das linhas inimigas com o morteiro em instalação, alguns metros á rectaguarda da linha que os meus homens guarneciam; mas a quantidade de projecteis a lançar já não é de tres mil, acha-se lamentavelmente reduzida a mil e quinhentos.

Mil e quinhentos projecteis, porem, de tão fortes, destruidores effeitos, sobre uma reduzida extensão de terreno é ainda cousa apreciavel e sobretudo uma novidade e uma resposta n'este subsector. E todos falam com vivacidade, direi mesmo com entusiasmo d'este facto, d'este verdadeiro acontecimento que deve produzir-se pelo cahir da tarde. Johnstone está no meio d'eles, a face glabra, um ar de sapo amarello. mas a sua animação não emparelha com a dos outros.

Falta o elixir que aviva a chama do seu pensamento e para ali está entorpecido, embrutecido, quasi indifferente, abandonado da graça que habitualmente o visita e tantas vezes nos distrae. As propriedades diluidas d'um Torres falsificado antes do embarque, durante a viagem e depois d'esta, não tinham ainda conseguido sacudil-o do seu torpôr a despeito das repetidas libações. Por isso quando todos os outros partem ele fica, menos dominado pela sua simpathia por nós, do que pela ancia de colher pouco a pouco, nas grandes quantidades ingeridas, a porção de alcool que o seu organismo, afeito, insistentemente, continuamente, reclama.

Disponho-me no entanto a sahir do meu abrigo a ir de novo ver os homens e a instalação do morteiro na qual supponho que afanosamente se trabalha. Infelizmente porem a instalação da *camouflage* que foi necessario fazer, e a dificuldade no transporte dos cimentos durante o dia, atrazaram tudo e já não poderá ser terminado o trabalho antes da noute que se aproxima. Demais é preciso ainda esperar que a argamassa seque, endureça, ganhe a resistencia que lhe é indispensavel para suportar uma acção tão violenta, tão prolongada. É mais uma noute, uma longa, aborrecida, fatigante noute de linhas passou, antes que o *crapouillot* estivesse prompto a vomitar a morte e a destruição sobre o campo do inimigo.

O peor porém, é que em cada dia que passa a quantidade de projecteis se vae reduzindo d'uma maneira espantosa a ponto que a que agora se fixa é de ridiculas proporções comparativamente ao primeiro projecto feito.

Já só são, simplesmente, setecentos morteiros, os agora anunciados para a tarde que se aproxima; mas emfim, n'um sub-sector onde nem um só é atirado, mesmo estes, são esperados com impaciencia.

Dificuldades porem sobreveem e é preciso ainda adiar.

Se entre nós, portuguezes, tal se tivesse passado, que de criticas, de discussões, de juizos emitidos sobre o caso, que hecatombe de dislates e de inconveniencias se teria desencadeado, sobre os dirigentes da acção militar portugueza na França! Mas passava-se isto no exercito inglez, no mais numeroso e por ventura mais rico dos exercitos aliados.

Uma noute mais, passada sobre nós e ficam emfim, terminados os trabalhos que por tantas horas se arrastaram. A quantidade de projecteis definhou porem visivelmente: apenas trezentos.

Pelas 14 horas, a artilharia ingleza, alvejou a frente dos postos de observação inimigos e ahi fez uma bargagem com granadas de fumo. Este começou de subir lentamente da terra, espalhando-se em barra larga que impedia a visão do inimigo. Ao mesmo tempo duas metralhadoras pesadas postadas a um e outro lado do morteiro começam um fogo nutrido, razando os parapeitos inimigos na intenção de impedir este de observar, de descobrir o ponto em que a sua posição foi estabelecida. E logo a seguir, o morteiro começa o seu trabalho com um disparo sêco, rapido e os projecteis perseguem-se em trajectorias muito altas, muito regulares, indo recurvar-se lá em cima e cahir para alem das linhas inimigas, onde os vejo rebentar, desfazendo trincheiras e abrigos, fazendo saltar a alturas enormes terra, pedras, ferros e vigas.

Apenas cento e sessenta projecteis teem partido quando o morteiro, inesperadamente se cala, encravado. A reparação não é facil nem rapida de forma que se resolve cobrir tudo com a *camouflage* que deve escondel-o, e aguardar ulterior possibilidade.

Pela tarde, quando disponho os meus homens na linha para a rendição, um bombardeamento terrivel

se desencadeia sobre ela. O inimigo faz a represalia, apalpa-a toda e concentra depois os seus fogos no ponto em que supõe instalada a posição do morteiro.

Corro d'um a outro extremo, todos os postos onde os homens se encontram estabelecidos e em todos eles forço-os a abrigarem-se, bem colados contra o fundo da trincheira. Quando as granadas avançam, resfolegando no ar, baixamo-nos e encostamo-nos cuidadosamente contra o parapeito. Produzido o rebentamento recomeçamos a espreitar na frente no desejo que tudo termine. De resto, sob o bombardeamento, — este raro mas violento bombardeamento — a rendição é impossível ou só se fará com numerosas perdas a lamentar, porque o *boche* distrae alguns projecteis para as trincheiras de comunicação. Uma hora porem passada tudo recae na primitiva paz. Só no momento de sahida, tendo-se apercebido de barulho, de movimento nas nossas linhas, recomeça o bombardeamento sobre as de comunicação. Felizmente que apenas uma pequena fracção da minha companhia resta por sahir, de forma que não temos desastre de maior a lamentar.

A caminho de Fauquissart

Depois d'uma noite socegradamente passada n'uma *ferme* de Saily sur la Lys, vasta, espaçosa onde toda uma companhia ficou instalada, com comodidade relativa, com á vontade, voltamos após tres horas e meia de viagem a rever a nossa modesta instalação de Fosse onde devemos aguardar a entrada definitiva nas frentes, no dia e no ponto que nos forem superiormente determinados.

Os primeiros momentos são de alegria, de consolação para nós que d'aqui partiramos, levando escondidamente, no intimo de nós mesmos esta pergunta um tanto ou quanto ansiosa. Voltaremos ?

Os soldados tambem se entregam a demonstrações de alegria cumprimentando com efusão as raparigas, os poucos habitantes d'este canto isolado que acorrem á nossa chegada, e retomando com ruido, com alegria, os antigos cantos nas construcções destinadas ao seu abrigo.

Mademoiselle Bonneau, corcovada, ao peso dos annos, beata e fôna, tambem emprestava um riso pos-tiço á face descolorida, amarelenta. Avara como é, regala-se de sentir ali á mão, a realidade palpavel, da venda cara, d'uns milhares de peras que lhe apodreceriam improductivas no *grainier* e que agora te-

rão uma sahida facil pelo alto preço d'um *sous* por cada tres.

Terá tambem alem d'este beneficio, o de cinco centimos diarios por cada um dos cento e fantos soldados a que apenas fornece abrigo, e ainda o d'um franco por cada um dos quatro officiaes a instalar na sua já muito populosa moradia. Tudo isto sem contar com as receitas provenientes do comercio que com uns e outros ha de fazer. Faz parte dos poucos francezes que vivem nas regiões imediatamente ameaçadas de bombardeamento ou de invasão, os quaes servem aos portuguezes que nunca haviam viajado em França ou desconhecem o paiz, para base de falsos juizos criticos sobre a alma do povo francez, sobre os seus costumes, a sua nobreza, a sua galhardia, o seu desinteresse, a sua hospitalidade. Agrupa na casta dos vampiros, que vivem de sugar os francos recebidos pelas tropas que junto do *front* se estabelecem.

Toda mesuras para nós, ordena com dureza ás refugiadas que alberga, que para ela trabalham sem justa recompensa, que preparem de novo os quartos para *messieurs les officiers*, e dentro de poucos momentos, mergulhamos de novo na vida que ha oito dias haviamos abandonado.

Manhãs de frio e de exercicio no campo de instrução. de Vieille-Chapelle, meios dias de sol quente, a escorregar lentamente para o oeste, tardes de aborrecimento, de tristeza, de saudade sobre a estrada em frente á minha casa, outras de visita, de convivio e de quasi alegria em Bethune, tudo volta para mim, tudo me ganha apressadamente, como se d'aqui nunca tivesse saído, não ficando da vida do *front*, do verdadeiro *front*, das linhas, mais do que a recordação amiga d'alguns camaradas que lá encontrei e a lembrança dos momentos de perigo ali vividos.

Tudo isto dura pouco, porém, porquanto o facto

que eu via sem contrariedade, aproximar-se, vem a breve trecho; a ordem chega para ser feito por nós o reconhecimento do sector de Fauquissart onde devemos render forças da quarta brigada já fatigadas d'uma longa permanencia nas linhas e absolutamente necessitadas d'um largo periodo de descanso em que refaçam o fisico e o espirito.

Tres dias dura o estudo detalhado do sub-sector que nos é destinado. E' necessario vel-o desde a altura em que se encontra a brigada até ao comando do batalhão — uns dois kilometros á frente — e d'este para deante, conhecer as trincheiras de comunicação para a segunda linha, para os comandos de companhia, e para a primeira linha, saber a disposição dos postos de observação, dos de rações, dos de munições, e com toda a minucia, todo o detalhe, a disposição dos soldados sabendo que o posto n.º 1 é de espingarda metralhadora, o n.º 3 de granadeiros de espingarda, o n.º 6 ou 7 de atiradores ou de granadeiros de mão, ou mixto, etc. A seguir é necessario verificar as diferentes posições de metralhadores e de morteiros medios e ligeiros, bem como os caminhos de emergencia entre as duas primeiras linhas e entre a segunda e o comando do batalhão. Só depois de tudo isto bem visto, bem fixado, se pode estudar conscienciosamente o plano de defeza do sub-sector, que seria grave imprudencia desconhecer no momento de fazer o seu guarnecimento.

No entanto dizem-me que tal facto se deu repetidas vezes, que por virtude de exigencias de serviço, vieram officiaes e soldados para linhas que completamente desconheciam. Isto succede tambem, mesmo muitas vezes, nos demais exercitos aliados, quando se torna necessaria a rapida substituição de forças que se encontram na frente e que uma acção dura, subitamente esgotou deixando as outras de apoio e

de reserva em situação de as não poderem render.

* * *

Tres dias depois do estudo terminado, por um cair da tarde frio de Novembro, as companhias divididas em pequenas frações, separadas por grandes distancias, seguem com ordem, com silencio, com aprumo, com confiança, pela estrada que passa no extremo leste de La Gorgne e se dirige d'ali a Laventie. Os guias enviados pela manhã aguardam-nos á entrada afim de rapidamente nos levarem aos acantonamentos que temos de ocupar. Aqui devemos passar uma noute como reserva dos batalhões na frente. As companhias são espalhadas pela vila, subordinada esta dispersão ás condições de destruição em que se encontra.

Mesmo no escuro da noute, Laventie oferece-nos um espectáculo desolador de ruina e devastação. Pelas janelas, pelos rasgões nos muros se vê o ceu, atravez d'estas casas já sem tectos nem paredes interiores. De vez em quando enxerga-se coando-se atravez das frinchas nas madeiras das janelas e das brechas abertas nas paredes, uma luz sumida, que nos diz que ali existe ainda alguem. Tudo é tristeza, recolhimento, disfarce ás vistas, á observação do inimigo.

Passo ao longo d'uma larga rua, bordada de arvores umbrosas que resistem ainda á furia assoladora das granadas. Algumas casas parecem ter sido poupadas tambem. É ali que fica a brigada, n'um *chateau* que os canhões inimigos não atingiram até agora.

Dobro depois sobre a direita, e encontro-me n'uma outra larga rua, talvez outr'ora a mais importante d'aquelle logar. As casas, a um e outro lado, estão na sua quasi totalidade desmanteladas, desfeitas, não res-

tando de muitas d'elas mais do que frangalhos de muros, restos inaproveitaveis do que elas foram.

Os guias indicam-me uma enorme construcção em parte desabada na qual devo alojar como puder, os homens que pertencem á minha companhia. Uma noite facilmente se passa. Divido-os em harmonia com as condições da habitação, instalo-os cuidadosamente e quando eles procuram repousar dirijo-me tambem ao meu alojamento para descançar as poucas horas que de noite ainda me restam. N'um angulo, no cruzamento de ruas, uma alta construcção, esgarçada, escura, eleva para o ceu o seu aspecto de desgraça de lastima. Era a antiga igreja da terra da qual não resta mais que pedaços de torre, subindo para o ceu, aguentando-se lá no alto, não sei bem por que maravilha de equilíbrio.

Avanço alguns metros mais, até á porta da habitação que me é destinada, uma casa já muito experimentada por estilhaços, no interior da qual encontro duas velhas camas sem roupas, e um mobiliario, que faria corar de vergonha mesmo em dia de semana, a inacreditavel feira da ladra.

Que posso porem desejar de melhor, se apenas aqui devo passar umas cinco horas— até á madrugada que se aproxima ?

* * *

E assim é que passadas elas, quando a ordenança me desperta, tenho apenas o trabalho de desenrolar-me da minha inseparavel manta, de esfregar os olhos, e de partir a reunir-me aos meus soldados. Faço-os levantar e agrupar ao longo da estrada, que percorrida nos leva a Read Hause, onde por conveniencia da rendição devemos ainda passar um dia, em apoio dos dois batalhões na frente do sub-sector. Aqui, somos de novo divididos por postos, de harmonia com as ne-

cessidades de defeza do sub-sector e são dadas instruções sobre a forma de agir no caso de terem de ser empenhadas as nossas forças, apoiando as que em primeira e segunda linha se encontram. Os caminhos a seguir são estes, os pontos a guarnecer são aqueles, a resistencia será sempre á *outrance* quando atacados na segunda linha, etc.

Depois preparamos a nossa entrada pela noute, estudamos os postos na linha, vemos a melhor forma de por eles dividirmos o efectivo e fazemos chegar todo o material de que nas linhas temos de usar. O resto do tempo é consumido na trabalhosa conferencia das cargas, no estudo, na verificação assustadora dos papeis que nos indicam todos os artigos, os mais insignificantes, existentes na larga frente d'um kilometro a guarnecer por cada companhia. Os papeis n'esta guerra, são com certeza dos peores inimigos conhecidos. Por mim confesso que, tão complicados e tão numerosos como são, lhes tenho mais receio, muito mais medo mesmo, do que aos alemães, com os quizes terei que defrontar-me. E' porem preciso fazel-os com minucia, com cuidado, com rigor para se poder ser considerado um bom official de linhas, — que a tirania dos papeis até a estes logares de perigo devia perseguir-nos.

E pela noute fatigado já de rendições successivas e de mapas de cargas, mudado o comando do batalhão para Temple Bar, ao fundo da rua Baquerot, sigo, enfim, para as linhas onde pela primeira vez, com os meus soldados vou guarnecer uma parte de trincheiras portuguezas.

* * *

Para traz do ponto onde me encontro ha apenas terrenos devastados d'onde emergem de longe em longe os restos desfeitos das herdades e onde sulcam

as linhas sinuosas das trincheiras de comunicação, conduzindo lá para traz, para a tranquilidade, para a alegria, para a vida.

Na frente, cem metros adiante de mim atravessa toda a extensão que os meus olhos podem abranger, a ultima trincheira portugueza, onde havemos de espiar com cuidado os movimentos do inimigo, resistir com firmeza aos seus ataques e d'onde havemos de partir com resolução, com decisão, na hora em que nos for ordenado que assaltemos as trincheiras alemãs.

E agora, adeus noutes socegadas, de repouso consolador na comodidade acariciadora d'uns colchões em que eram um requinte, uns velhos lençoes de algodão mal lavado ; adeus horas suaves de intimidade no canto afastado da nossa *messe*, momentos inesqueciveis, já saudosos, em que nos juntavamos em torno da nossa meza, junto do piano que nos fazia ouvir com emoção sentida Beethoven, Schubert, Debussy, e Grieg ; adeus tardes alegres de Merville e de Bethune, amavel prazer do convívio, com acolhedoras relações, que n'esta zona nos dão a ilusão, a evocação dos tempos de paz, nos logares onde tantas afeições nos cercavam. Tudo fica já muito longe, para alem de quanto avisto, para alem de quanto me é possível agora, vivendo apenas na minha memoria, na minha funda saudade.

Aqui sinto bem o meu isolamento, sinto que me encontro bem separado do mundo, que deixei por muito tempo, quem sabe mesmo se para sempre ! Muito tempo — que as horas aqui são seculos — terei de viver entre o vazio que atraz de mim sinto e a ameaça que constantemente na minha frente se disfarça.

Terei seis dias em primeira linha, seis na linha de apoio, outros seis de novo em primeira. Ao todo dezoito dias. Só depois de passados eles teremos em-

fim seis á rectaguarda na derruida Laventie onde iremos ficar na situação de reserva. Lá repousamos um pouco, das intensas fadigas suportadas ; e por vezes quere a má sorte que ali morra sob um bombardeamento, quem escapou a muito tempo de proximidade imediata do *boche*.

Ali, porem, estamos fóra do alcance dos morteiros que são os mais constantes inimigos e temos por vezes a convivencia d'um renitente, raro, habitante que não quiz partir, e por outras a possibilidade d'um rapido passeio, ainda a Bethune ou a Merville. Demais, vamos ás baterias proximas, onde temos amigos e temos á noute a possibilidade do repouso sobre velhos colchões que podemos fazer revestir de lençoes, pelo escasso preço d'um franco e meio pelos seis dias.

E ao fim d'esta outra serie de dias, nas linhas. Quanto tempo viverei entre estas e Laventie ? A necessidade de repouso das unidades o determinará.

De Fauquissart a Paradis e de Paradis a Neuve Chapelle

Novembro, dôce, claro, sem chuvas, toca quasi o seu termo.

O frio que pelas noitadas nos assalta as mãos e a cara, avisa-nos de que o outomno morre e mais um inverno volta para nós. A paisagem em torno é triste, desolada. Da terra remexida pelas granadas, pelos morteiros sobe uma herva crestada de geada, persistente, n'um desejo inconsciente de vida n'este logar de ruina e de morte. Renques longos de troncos esfacelados, cortados a alguns metros do solo revoltó, marcam no ar direcções de estradas que a larga e basta folhagem n'outros tempos sombreava e protegia. Outros troncos, muito curtos, terminando em cabeça erriçada indicam as rectas dos drenos que foram fortuna, alegria, d'aquelle farta região. Restos d'árvores que em tempos ajujaram de frutos, apenas ramos que um milagre conserva, agitam no ar folhas amareladas que o vento ainda lhes não arrancou. Na minha frente desce o terreno, quasi insensivelmente até á linha inimiga que eu vejo lá em baixo, para subir depois até ás alturas de Aubers, a que infelizmente fica exposto todo o nosso sistema de defeza, d'onde

se pode espiar e seguir todos os nossos movimentos, talvez mesmo surprehender muitas das nossas intenções. De longe em longe, na terra revolvida, torturada, emergem restos de pequenas, modestas casas, de grandes *fermes*, de vastas fabricas que o furor dos bombardeamentos desmoronou, destruiu. Aqui e alem ha cemiterios onde alvejam numerosas cruces com que a piedade dos vivos marca a ultima jazida de combatentes que na rudeza, na ferocidade barbara da lucta, sucumbiram e se glorificaram. Para qualquer lado que a nossa vista se alongue, sobre eles vae passar, numerosos, dispersos sobre esta terra que foi madrastra. Espraiam-se enormes, populosos — quasi todos testemunhas entristecidas, da horrivel carnificina que foi a batalha de Neuve-Chapelle em 1915. Mesmo na vertente d'Aubers, muito dentro das linhas alemãs um branqueja, desmesurado, onde a terra acolheu centenaes de combatentes.

A olhal-os vae-se o pensamento para aqueles que nos são queridos, e assalta-nos vagamente o receio, a repulsa de ahi ficarmos sem os vermos mais, perdidos entre aqueles vencidos de que nada mais restará dentro em pouco, do que uma latente amargura tranquila nos corações que os estimaram.

Detraz de mim, do fragil abrigo que me destinaram junto á 1.^a linha, corre paralela á frente, a Thilleloy, bordada de frangalhos de muros de casas que a artilharia inimiga não conseguiu ainda fazer desaparecer. Batida constantemente por metralhadoras é defezo e perigoso aventurar-se alguém á sua travessia. Conta-se que, quando do guarnecimento pelos inglezes, junto á estrada, n'um posto de sentinela, em cada noute aparecia morto um homem. Os menos corajosos começaram de receiar o serviço n'aquello ponto, os mais audazes, aventureiros, de sollicital-o. Alguns d'elles sucumbiram, até que uma noute em que

ali se encontrava um mais valoroso e mais astuto escondido n'uma sombra protectora a pequena distancia do local, viu surgir na sua frente rastejando cautelosamente um vulto que se aproximava. Visando bem, desfechou a sua arma. Um gemido longo fez-se ouvir no silencio que se seguiu. Quando alguns camaradas acudiram já a sentinela se encontrava junto d'um alemão que agonisava. Por onde passava ele em cada noute? Algum caminho subterraneo, alguma mina? Ninguem o sabe; parece que o segredo d'aquella passagem com ele morreu tambem, porque nenhum outro mais ali voltou.

A uma centena de metros á minha direita, sobre a estrada, elevam-se lamentaveis, esboroados, os destroços quasi irreconheciveis da antiga risonha Fauquissart. Não é um montão de ruinas porque nem assim estas aqui conseguem repousar. São restos de parede uns ainda de pé no terreno, tombados, dispersos outros, em migalhas sobre a terra revolvida, irregular. Uma nesga de frente mural eleva-se alta, equilibrada entre aquele conjuncto de destruição. Já não ha indício de portas, vestigio de janela, de rosacia, e não sei porquê, eu ao fital-a tenho a impressão de que ali foi a igreja, onde a laboriosa e crente população d'esta zona que me cerca, se reuniu, para fazer subir aos pés d'um Deus que a não escutou, nem protegeu, a sua prece sentida e fervorosa. Todos que a veem teem esta mesma, equal, impressão.

Junto à igreja um ramo de estrada inflete para o leste, cortando perpendicularmente a minha 1.^a linha, cruzando o terreno de ninguem, para ir entrar lá em baixo na linha alemã na direcção de Fromelles. Os terrenos comprehendidos entre este ramo de estrada a Thilleloy, o Red Lamp Corner — ponta metida nas linhas alemãs—e as trincheiras inimigas, são por estes dias mais proximos a região que me é praticavel, o

meu mundo. Do exterior só recebo comunicações do que respeita á minha vida ali. Para traz não posso andar, não posso voltar senão ao fim de cada estagio. Mas tenho de dispôr o meu espirito, para marchar para a frente quando isso me fôr ordenado.

De resto isso não me será difficil. Quando me offereci para aqui vir desempenhar o meu serviço, comecei por dispôr o meu espirito para o cumprimento de qualquer ordem por mais risco que a sua execução implique. Digo-o com esta franqueza para que se saiba que julgo que por este facto não tenho merecimento algum. Penso até que aqueles que não procederam ao afinamento da sua vontade de forma a poderem executar sem hesitação qualquer ordem que recebam, não têm direito a conservarem-se na classe dos officiaes. Os que veem, no que respeita ao moral não podem deixar de estar providos de submissão para o acatamento das determinações superiores, de calma e sangue frio para as resoluções, de audacia para os empreendimentos. Em Portugal como em quasi todos os paizes agora em guerra bastou ter-se habilitações preparatorias, para se ascender á classe dos officiaes, quando é certo que se pode ser diplomado e culto não se tendo aptidão para ser-se mais do que um mediocre soldado, um pessimo sargento, um injustificavel official.

O inimigo, tem estado socegado, tranquilo. Os seus morteiros só atingem a minha linha junto ao Red Lamp Corner. São porem ligeiros e alguns medios que não abrem crateras de mais de quatro a cinco metros de diametro. Teem por vezes cahido insistentes, repetidos. Mal o disparo, porem, se faz ouvir do outro lado, já nós prescutamos anciosamente o ar a vêr se descobrimos a trajectoria do projctil dobrando-se sobre as nossas cabeças. Como a marcha d'este é relativamente lenta, ao avistal-o, ainda temos tempo

de fugir interpondo ao seu ponto de queda e aos nossos corpos a massa resistente d'alguns travezes. Se eles são numerosos, porem, só ha que colarmos ao parapeito, esperando ali ao acaso, jogandô, na espera, a nossa vida.

O centro da linha tem sido mais poupado. Apenas quando o inimigo nota movimento em qualquer ponto d'ela, bombardeia com granadas de calibre reduzido entre as quaes veem umas em que ao apagado do tiro se segue imediatamente o rebentamento, fraco, junto de nós. Chamam-lhes os soldados o *jin-bum*. As outras são um pouco maiores, mas tambem não teem produzido grande estrago. São de calibre 72, com balas, mas por este facto, sendo de rebentamento a altura, contra homens, não deveriam enterrar-se, rebentando surdamente no interior abafado da terra.

Dizem alguns, possuidos d'um respeito fetichista religioso, pela *machina militar* alemã, verdadeiras maravilhas da sua admiravel artilharia. Tendo suportado já alguns bombardeamentos attribuo o facto de ainda me encontrar vivo, á detestavel qualidade das suas munições que muitas vezes nem rebentam, ao erro dos seus atiradores que fazem enterrar, mesmo os *shrapnell*.

Outros mais timidos, desesperam-se a acreditar que os alemães lhes estão a referenciar os abrigos, que dispõem d'uma possibilidade de rigor na pontaria capaz de atingir com precisão de milímetros o ponto que desejam bater. Muitos ainda pensam, embalados em suave inconsciencia, que os alemães sabem, com detalhe, com segurança, com certeza, o ponto onde se encontram os abrigos dos comandantes dos batalhões, das companhias, dos pelotões, os depositos, enfim que conhecem tão bem a nossa vida de trincheira e as nossas disposições como se dentro da zona por nós occupada tivessem mil olhos clarividentes e mil ouvidos apurados.

Mas factos da minha modesta observação — que aqui não posso curar por informações — me dizem quanto estes juizos são precarios, filhos por vezes d'um despeitado e criminoso desejo de exaltar o *boche*, por outros d'um receio inajustavel á situação d'um homem que tem de guiar muitos outros á lucta.

Alguns dos meus homens tendo-se dirigido no desejo curioso de verem duas ruinas proximas, a um e outro lado do meu abrigo, onde antigamente estiveram instalados observatorios e tendo sido vistos pelos postos de observação alemã deram lugar a que um copioso bombardeamento com granadas já de calibre grosso, sobre nós impiedosamente desabasse. Setenta e quatro projecteis ali cahiram dentro d'um espaço de minutos. Explosões horriveis, um ruido ensurdecedor, montanhas de terra, de pedras, de destroços de toda a ordem, dispersando-se no ar e abateendo-se de novo sobre o sólo.

Resultados? Em primeiro lugar não tive mortos, nem feridos. Em segundo o inimigo ignorava que as ruinas se encontravam já abandonadas. Em terceiro as granadas procuraram baldadamente atingir o alvo visado indo apenas destruir um inocente abrigo que felizmente se encontrava deserto n'aquelle momento.

Alguns porem, para que o inimigo não seja apeado do pedestal, do altar em que a sua cega admiração o colocou, aceitavam, e mais afirmavam que aquele não queria incomodar os comandantes de companhia ou de batalhão, que havia uma especie de convenção tacita, entre as tropas em presença para se respeitar a integridade dos abrigos de comando, etc. E estes pareceres, estas opiniões, repetidas por vezes na presença de soldados quando não eram traductoras d'uma absoluta incapacidade, eram evidenciadoras de dissolventes intenções. De facto, engrandecer o adversario e estimular o desejo orgulhoso de o vencer, é uma

prática necessaria a quem comanda. Apresentar ao espirito simples dos seus soldados o adversario como um papão, um semi-deus, contra o qual todo o proposito de lucta é ineficaz, é tentar uma criminosa depressão do seu espirito, do seu valor, executar uma inconcebivel obra de dissolução moral dos combatentes. Mas revertendo; o inimigo tem umas duzias de granadas gastas, nós um abrigo desfeito.

Tiros d'uma trincheira para outra, espingarda-metralhadora, granadas de mão, tudo tem sido reduzido, limitado. O *boche* não se deixa vêr, e mais parece não passar o dia na primeira linha, porquanto me não tem feito mal, durante o tempo d'algumas sahidas que tenho feito á luz do sol para verificar com exactidão o estado dos meus arames. E' preciso dizer que estes passeios são imprudentes e mais impossiveis n'uma linha em que haja *snipers*, cujas espingardas armadas d'alça telescópica não erram meio palmo a uma distancia de duzentos metros.

A despeito porem d'esta quasi tranquillidade a vida é fatigante, esgota mesmo o mais resistente, ao fim d'alguns dias. Desde a hora do *a postos* da tarde, quando o sol vem de se esconder, até o *a postos* da manhã seguinte é impossivel dormir um instante. A seguir a este, porem, é indispensavel, mandar proceder á limpeza da trincheira e do armamento e das munições, depois do que ha revista geral. N'este tempo não pode o serviço terminar antes das oito e meia. Ha então ordem para o descanso até ás 13 horas ou sejam quatro e meia horas de repouso! A's 13 começa o trabalho de reparação das trincheiras feitas pelo proprio pessoal que as guarnece. São os officiaes que ali vão destinar as tarefas e fiscalisar a sua execução. E estas duram de novo até o *a postos* da tarde continuando-se depois d'este para os homens que não estão de momento vigilantes.

Ao fim de seis ou sete dias d'este regimen violento os mais fortes teem uma indispensavel necessidade de descanso, os mais fracos adoecem. Faz-se porem uma selecção de resistencias.

A vida torna-se monotona, arrastada, estirada. Não ha uma hora de prazer, de quietação, de alegria. As unicas distrações que nos ajudam a passar o tempo são o trabalho por um lado, as aventuras no terreno em frente do nosso parapetto durante a noute, e durante o dia, a observação do vôo dos aeroplanos de exploração e ligação com a artilharia. Estes começam a levantar-se nas manhãs claras, assim que nasce o dia, e nas outras assim que se dissipa a bruma que n'este tempo, habitualmente, cobre, envolve a terra.

Uns, em esquadrilhas, voando muito alto, veem da nossa rectaguarda e atravessam as linhas inimigas para alem das quaes os vemos caminhar envolvidos em pontos negros que o rebentamento das granadas pinta, em torno, e que o vento n'um momento esfarrapa e torna nuvem tenue. Indo muito altos, e em movimento não havendo pontos de referencia, os canhões anti-aerios difficilmente podem acertar-lhes. Até hoje, tenho assistido a inumeros e intensos, demorados bombardeamentos; e ainda não vi derrubar por este processo um só que fosse. Por vezes quando as barragens são muito densas retrocedem.

Habitualmente porem seguem, ousadamente, quer para observação dos movimentos á rectaguarda das linhas inimigas quer para deitarem bombas sobre um ou outro objectivo.

Outros aparelhos são empregados na observação do que se passa nas linhas e na regulação do tiro da artilharia. Andam em geral, baixos. Aproximam-se das linhas inimigas e ahí são bombardeados. Quando o tiro sobre eles está quasi regulado, mudam de direcção, sobem, descem, ziguezagueiam, retrocedem.

A's vezes outros veem da rectaguarda quasi razando as arvores, a terra para evitar o tiro dos anti-aerios. Passam junto das trincheiras, vão até ás linhas inimigas, correm ao longo d'estas, pondo em acção as suas metralhadoras. Os *boches* defendem-se como podem, com metralhadoras pesadas, com Lewis, com espingardas. Agora começam mesmo de atirar-lhes com morteiros para o que cortam a mecha das espoletas d'estes de forma a rebentarem quando atingem a maior altura a que podem subir. Alguns podem teimosos na proeza, insistentes no arrojo, voltam ainda uma vez e outra e outra. A's vezes, mas raras, tanta vez vae o cantaro á fonte. . .

Um dos trabalhos mais curiosos é a descida das *saucisses*, nome que vulgarmente se dá aos balões captivos que servem de observatorio. Estes elevam-se quatro, cinco, e oito kilometros á rectaguarda das linhas e sobem algumas vezes a uma altura de oitocentos e mil metros. Estão dispostos de distancia em distancia ao longo de toda a frente, e são em geral conhecidos pelos nomes das terras sobre que se elevam. Assim na minha frente vejo varios dos quaes o mais proximo é o que se eleva defraz de Aubers. Atraz de mim, do nosso lado, espreitam o de Fosse e o de Locon, juntos á estrada que vae a Bethune.

A descida faz-se algumas vezes atirando às *saucisses* com artilharia. As mais d'elas porem são os aeroplanos que se encarregam d'essa missão. Por isso cada *saucisse* é defendida por um certo numero de canhões anti-aerios.

Quatro, cinco, aeroplanos avançam na direcção da frente e enquanto os outros servem de apoio, um a toda a velocidade, avança resolutamente para o balão sobre o qual atira repetidamente com uma metralhadora. Um instante depois, o balão está em chamas, arde no ar e d'ele se desprende uma massa que se

vê cair, rápida, negra e fumegante. É a *nacelle*, com o emaranhado dos cabos, tudo que tornava possível, lá no alto, a estada dos observadores. Estes porem mal sentem o ruido do motor do aeroplano que se aproxima ou veem proximo o rebentamento de granadas com que são visados, tomam os pára-quedas e atiram-se lá do alto vindo a balouçar sob a umbella branca que se abre e se enfuna amortecendo a queda.

Vi incendiar todos os tres que acimo cito. O de Fosse foi descido á distancia d'alguns metros do ponto em que me encontrava. Acudi á queda, estando então á rectaguarda, dos dois aviadores que d'ele se atiraram, e á parte o pequeno choque que sofreram ao aterrar, cousa alguma os molestou.

Parece que o serviço n'este genero de observatorio é simplesmente horrivel. Os observadores (são sempre aviadores) sobem á hora em que a visibilidade torna proficua a observação do terreno inimigo. Lá no alto são batidos violentamente pelo vento, sacudidos, agitados, balouçados como se se encontrassem em mar alto n'um temporal desfeito. Contou-me um, que a permanencia no ar por um espaço de seis ou oito horas é de tal forma fatigante, que um homem, normalmente, só o pode fazer uma vez por semana. Alem de tudo o mais, um frio horrivel que faz sofrer d'uma maneira cruel. É tinha um suggestivo ar de arrepio ao evocar o seu sofrimento.

Combatentes e cachapins

Dezembro aproxima-se do fim, portador de frios de enregelar, envolto em nevoeiros. Dias curtos, sombrios, noites geladas, intermináveis. Os *a postos* fazem-se ás sete da manhã e meia hora depois ainda não conseguimos vêr claro. A' tarde, pelas quatro e meia já nos encontramos envolvidos em sombra. Se o trabalho nos mezes precedentes foi arduo, agora é exgotante, n'estas longas, intensas vigilancias de desasseis horas seguidas, no escuro profector de surpresas e de traições.

Ha pouco mais d'um mez de serviço aqui, os efectivos encontram-se reduzidos faltos de renovação, de substituições, dos poucos que a luca tem posto fora de combate, dos muitos que o trabalho e os frios levaram ao termo da resistencia. Officiaes e soldados, começam a suspirar pela hora, entrevista a distancia, d'um repouso largo á rectaguarda, que os refaça dos esforços até agora dispendidos. Sinto porem que vamos só a meio d'esta primeira étape, e que temos ainda deante de nós a longa, desesperante perspectiva do mez de Janeiro, tão mau como este que para nós vae correndo agora.

Somos já um reduzido numero de officiaes — que os hospitaes guardam alguns que não mais voltarão

ás linhas, outros que necessitam de repouso e de tratamento.

Ha companhias que teem apenas dois. Um tem de permanecer constantemente no posto de comando para ligar com o comando do batalhão e ao mesmo tempo para acudir á constante correspondencia, e aos inumeraveis mapas e communicações que é forçoso enviar a todo o instante. E' uma séca, uma arrelia, uma obsessão, e na quasi totalidade das vezes uma inutilidade. A mim mesmo tenho perguntado muitas vezes se é mais difficil fazer a guerra aos alemães, do que participar d'esta campanha de papeis, as mais das vezes inuteis. Assoberbado com trabalho, e responsabilidades, sem um escasso minuto de descanso, eu maldigo estas chinezices em que os officiaes da rectaguarda se comprazem.

O official que se encontra na linha tambem vae meditando na amarga existencia que o fórça em cada dia a doze horas seguidas de trincheira para vir passar as outras doze, sem dormir, sentado á banca em que a escripta é occupação constante. Pedimos a vinda de officiaes, insistimos, reclamamos. Tudo inutil, que as estações superiores não teem um só para nos enviar. Insistimos na impossibilidade de continuarmos assim, nós os que nos dispomos a todos os sacrificios e não desejamos recorrer ao hospital ou a meios illicitos para nos escaparmos ás duras contingencias da guerra. Da rectaguarda continuam dizendo, que não ha officiaes, que não teem vindo de Portugal.

No entanto fazemos as nossas contas, olhamos espantados os nossos quadros de officiaes, desmesuradamente alargados para as nossas necessidades, assistimos a um inconcebivel delirio de promoções de individuos que ás linhas não veem bater. Ha fornadas de capitães, de tenentes, d'alferes, mas abismam-se em sorvedoiros, d'onde não surgem para a vida ar-

riscada das linhas, para a fadiga extenuante d'estas noutes.

N'esta guerra parada, de posição, que alguém justamente classificou de guerra de baterias, de companhias e de pelotões, toda a gente procura estar precisamente onde ela se não faz. Os comandos dos batalhões das brigadas, das divisões, não teem uma só vaga em qualquer dos seus serviços. E não são poucos os que teem organizado e que eu modesto oficial d'uma companhia me atrevo a julgar perfeitamente dispensáveis.

Ha n'um batalhão, alem d'um comandante e d'um segundo comandante, um ajudante, um observador, um oficial das ligações, um especialista dos gases, de granadas, um especialista de metralhadoras, que sei eu toda uma serie de nichos, onde uma quantidade de felizes ou de protegidos, vae esperar quasi em segurança, e em conforto que esta crua guerra chegue ao seu fim. Assim que um d'estes logares vaga immediatamente se recorre ás companhias para que forneçam o escolhido, o beneficiado, com evidente prejuizo do serviço d'estas. A quasi totalidade, porem, d'estes officiaes não passou nunca um só dia nas linhas, não contou nunca os minutos d'uma noute de constante vigilancia, não se atreveu aos trabalhos d'alem trincheiras, nem sofreu o risco constante da granada, do morteiro, da traiçoeira metralhadora.

Dormem quasi sempre as suas noutes em socego, fiados no serviço e na coragem dos que estão na frente, comem a horas regulares um almoço e um jantar sempre quentes, conversam com calma, lêem mesmo por vezes o seu romance para matar o tempo e não irei alem da verdade, se afirmar que uma ou outra vez, se permitem o luxo e o prazer de deixar regalar a pele com a caricia fresca d'uns lençoes lavados.

No entanto, vivendo na atmosfera do comando, deixando-se impregnar, influenciar por ela, sentem-se participantes na acção directiva, e vá, por vezes de causar trabalhos, de arranjar cuidados e dificuldades, sem necessidade e sem generosidade, aos camaradas que vivem cá na frente, ajuizados de labor, respirando iminencia de perigo, procurando fazer face ás responsabilidades.

Muitas vezes sustentei que com quatro officiaes, um medico e um provisor, ao todo seis, todo o serviço do comando d'um batalhão é possibile e não vi nunca que um só dos que ali teem situação de privilegio, apresentasse um esboço sequer de contestação. A unica razão que em seus pareceres justifica as suas situações é a organização, que não foi feita por elles, mas copiada dos inglezes, ha mais de trez annos lançados na guerra. Mas todos são arrastados, impellidos, forçados a concordar que em verdade as suas funções são de reduzida utilidade que poderiam, sem grande inconveniente, ser os seus numerosos cargos concentrados em dois.

Esta diferença de situações, contribuiu para estabelecer uma funda scisão entre o official das linhas e o feliz do comando a quem foi dado o nome de *cachapim*.

Um facto estranho tem agora contribuido para acentuar ainda mais esta lamentavel separação dos dois grupos de officiaes. Chegada a data das licenças, para idas a Portugal, para os officiaes das quatro companhias, mais duramente experimentados, mais sacrificados, mais arriscados, houve apenas uma permissão. Dos officiaes do comando, de vida mais folgada, mais descançada, seguiram immediatamente o commandante do batalhão, o ajudante, o telegrafista e o official das granadas. E para isto ainda foi necessario desfalcar em um official mais, uma das companhias !!

Os beneficios são para os que descansam; para os que sacrificam ha apenas... mais sacrificios.

Os factos que venho de citar e que não são só de pratica corrente n'este ou n'aquelle batalhão mas em todos, encontram-se avolumados, agravados, á medida que vamos caminhando para traz, interpondo á primeira linha e ás diferentes estações uma zona mais profunda e mais segura.

Quando atingimos as brigadas, encontramos ali todo um luzido, brilhante estado maior, comodamente instalado n'algun *chateau* ainda conservado, vivendo com regalo, vestindo com cuidado e com gosto, passeando com prazer e por via de regra com póse e dormindo com tranquillidade.

Ali ha já numerosos officiaes, capitães, tenentes, alferes, que pela quantidade e pela boa disposição, tornam a vida agradável, a guerra uma occupação quasi desejavel e segura. Entre eles todos, que são 18 ou 20, apenas dois ou tres trabalham verdadeiramente, talvez por feitio, talvez por desejo de cohonestar aquella situação.

Estes pertencem á categoria dos que eu chamarei os remediados d'esta guerra. Trabalham pouco, arriscam-se ainda menos, mas em compensação passeiam mais, com mais vontade e mais importancia. São o que eu poderei classificar a burguezia da tropa em operações.

O que é certo, porém, é que esta permanencia d'uma grande quantidade d'officiaes nas brigadas tem muito mais inconvenientes do que á primeira vista se possa imaginar. O portuguezissimo leitor, afeito ao nacional regimen do compadrio que tudo vence, e tudo alcança, dirá á primeira impressão que cada um se arranja como pode e que não devem uns dar largas á inveja, porque outros conseguiram uma melhor situação, que se não deve ter mau coração desejando o mal de quem quer que seja.

Desconhece, porém, este genero de leitor, que os officiaes que á rectaguarda se anicham e acumulam, faltam no serviço das trincheiras que sendo alem de penoso, de grande responsabilidade, recae injustamente sobre um numero muito reduzido de officiaes. E quando estes, pela violencia do esforço ou pelas contingencias da lucta vão para o hospital ou para o cemiterio, o mesmo arduo serviço recae sobre um numero de officiaes mais diminuto ainda. Os das brigadas é que d'ali não sahem, para as linhas, como o burguez não desce a hombraear com as classes populares, a sentir-lhes com orgulho e com prazer os cotovellos *sans gene* e a ouvir-lhes com agrado a palavra franca e justa.

O que eles fazem para justificarem as respectivas situações. é popular as varias repartições do quartel general, e entrincheirados ali, importunarem de lá com infantilidades, com chinezices, com inoportunidades; com papeis, emfim, os firmes, os sacrificados infelizes camaradas que cá na frente lhes dão exemplos de trabalho, de coragem, de espirito de sacrificio que eles nem podem avaliar nem sabem reconhecer.

Depois se a atmosfera do comando d'um batalhão é sufficiente para influenciar os individuos de graduação ainda limitada, a das brigadas, com uma mais larga autoridade, deve naturalmente exercer uma maior acção no espirito dos que n'ela vivem.

Sentem-se tambem comparticpantes na funcção de direcção e autoridade, não ligam importancia ao apagado camarada dos pelotões ou das companhias e falam de mão a mão senão com ar de superioridade ao comandante do batalhão. Não me esqueço nunca, que ainda á rectaguarda quando dava instrução aos meus soldados, a brigada tentou fiscalisar a minha acção de official de maior graduação e de largos annos de serviço, por intermedio d'um alferes

que vinha de sahir d'uma escola de officiaes milicianos, o qual deveria naturalmente fornecer informações sobre a forma como eu desempenhava as minhas funções. É o referido official, na minha ausencia, armado apenas da autoridade que lhe vinha de ter enfiado um vistoso braçal verde e vermelho, julgando mais larga a area das suas atribuições permitiu-se a liberdade de inspecionar o estado em que se encontravam as instalações dos meus soldados. A esse tempo, eram assiduos no desempenho das suas funções fiscalisadoras e informadoras. N'aquella região calma, tranquila, distante d'estes logares malditos, repetidas vezes nos aborreciam, nos vexavam e nos diminuiam com a sua visita official muito embora por vezes fóra dos serviços a presença das suas pessoas nos fósse estimavel.

Agora porém, n'esta zona de morte, em que sobre nós desaba de vez em quando uma chuva de granadas, de morteiros ou uma saraivada de balas de metralhadoras, ou em que se é facilmente colhido n'uma passagem de trincheira ou n'um cruzamento de estrada por uma bala traiçoeira, comquanto a execução dos serviços deva ser mais cuidada e mais rigorosa e tenha portanto de reclamar um controle mais minucioso e mais aturado, julgam escusaveis, dispensadas as suas visitas até junto de nós, muito raramente nos apparecem, e nós sentir-nos-iamos verdadeiramente abandonados aqui na frente, se não fóra a visita dos dispensaveis papeis com que fartamente nos incomodam, nos importunam, nos aborrecem.

Só nos apparecem de longe em longe, de passagem, ás horas calmas em que se faz a travessia d'uma secção de trincheira, quasi com segurança. E' que nas trincheiras,—sabem-no todos que aqui viveram—ha em cada dia de vida normal de guerra de posição, umas horas de repouso e de calma, as unicas

que os officiaes um pouco á rectaguarda, conhecem.

De cada vez porém que aqui veem, é segura uma comunicação das estações superiores a censurar o facto de haver uma lata por terra no ponto tal, um papel em tal outro, uma grade de fundo partida, outra de revestimento que ameaça cair, um dreno que não foi devidamente limpo. E o comando espraia-se em considerações, fala de responsabilidades, de punições, — que sei eu! — sob a informação de quem fez uma rapida passagem n'uma linha, não sabendo o que custa o serviço n'este logar, onde o informador passa como um meteoro, accionado não sei por que forças interiores, assaltado por que receios.

O que é certo porém — e isso constitue a sua unica desculpa — é que não tem a noção das difficuldades do serviço de trincheiras, onde tudo é feito por nós, exclusivamente por nós, sem nenhuma especie de auxilio da rectaguarda. Vigilancia, limpeza, reparação, conservação constante do estado de aceio, nas primeiras e segundas linhas, nos reductos, nas trincheiras, nos depositos; nos paioes, sobre uma zona longa d'um kilometro e profunda de trezentos metros, tudo está inteiramente a cargo do já muito diminuido efectivo d'uma companhia.

A engenharia que antigamente trabalhava na reparação de trincheiras, limita-se a fazer aqui as raras construcções dos grandes abrigos. Os nossos antigos sapadores, foram constituir companhias de pioneiros que só trabalham para a rectaguarda da 2.^a linha, trabalho que começa das seis para as sete para terminar ás onze da manhã. Ao todo, umas escassas quatro a cinco horas de trabalho por dia, se por acaso não é antes interrompido por algum providencial bombardeamento.

Os officiaes que vêm da rectaguarda desconhecem

completamente a prática do serviço que nas suas informações aos superiores que os enviam, apreciam e criticam.

Não foram escolhidos entre os que no serviço de trincheiras deram as suas provas e conhecem o funcionamento de toda a parte da engrenagem militar até aqui estendida. Foram quasi todos individuos bafejados pela fortuna amparados de protecções que ali aportaram e ali se apegaram, receiosos da vida cá da frente. Raramente vão da frente para a rearguarda — que os que aqui veem cahir ficam muito longe, separados, esquecidos do resto do mundo. Que podem, pois, eles ajuizar d'um serviço que não executaram, cujas exigencias não conhecem, cujas difficuldades não experimentaram ?

N'uma brigada a cujo quartel general fui, nem um só dos seus numerosos officiaes tinha feito serviço de linhas. Uma das suas repartições — a de operações militares — tinha por chefe um official, que d'aquelas poderia saber só, o que por ter ouvido dizer lá muito atraz, conseguiria ter aprendido. A elas, nem uma só vez, uma rapida, precaria vez assistiu. Mas instalado na autoridade da designação do seu logar empresta-se uma grande categoria e fala de papo, talha com largueza e detalha com minucia, no que respeita a operações de que nem pode conhecer os melindres de pratica, que nunca executou nem viu executar. E se este serviço, o de maior responsabilidade, o que joga directamente com a disposição de tropas na frente com o exito das empresas em que se aventurem e com a segurança das que devem defender-se, é dirigido com esta proficiencia e organizado com este escrupulo, suponha-se o que irá de irregularidade e de favoritismo, de incompetencia, nos outros cuja importancia é menos consideravel.

Não se procura, porém, competencias, não se es-

colhe aqueles cujas provas já dadas acreditariam para o desempenho d'esta ou d'aquela função.

Cede-se á força do pedido, cujo vicio, não conseguimos dominar nem n'estas paragens já distantes do acanhado meio portuguez em que nos moviamos, nem n'estes momentos heroicos em que partilhamos da colossal lucta em que talvez se jogue a existencia politica d'alguns povos, e da qual deveremos sahir, divisando horisontes mais vastos, abrangendo regiões distantes, onde será possível um entendimento humano entre os estados, regiões que ficam situadas muito para além d'esta arena barbara em que nos degladiamos n'uma guerra fratricida, que já merece a maldição dos vivos, e ha de causar o assombro, e infundir horror aos que ao mundo vierem depois de nós.

Este é filho do sr. A, aquele é recomendado pelo sr. B, este outro é parente do general C, do ministro D, etc.. E com estas ligações familiares, com algumas cartas de solicitação se acode a questões que deveriam ser de ordem technica, com motivos de natureza particular.

Remontemos porém um pouco, atravessemos a zona cada vez mais segura que se interpõe á brigada e á divisão, seis, sete, oito kilometros para a recta-guarda d'aquela.

Ali, n'alguma pequena cidade ou importante vila, populosa e a recato das contingencias que não sejam de bombardeamentos a grande distancia, existe o quartel general, colmeia ruidosa, populosa, numerosa, de muitas dezenas d'oficiaes. Ali tem moradia feliz, socegada e comoda o que eu chamarei, uma parte da aristocracia d'esta tropa em operações.

Fardas vistosas, pelissas deslumbrantes, braços acusadores da sua gerarchia militar, entram e saem em bandos garrulos uns, trabalham silenciosamente á secretaria outros, dispõem-se ainda outros a pas-

seios longos nas zonas da rectaguarda, agradável e pomposamente instalados na comodidade rápida dos numerosos automoveis constantemente em movimento.

Dormem na vastidão fôfa d'uns bons colchões, em quartos espaçosos e claros onde as mais vezes merecem os carinhosos cuidados de mãos femininas, que lhes sugerem impressões de vida familiar que todos abandonamos.

Comem em *messes* que para nós são luxuosas, alegres, direi mesmo opulentas, vestem com cuidado com esmero e teem para nós — pobres, apagados, inglorios operarios da trincheira — pelos nossos fatos manchados, pelas nossas botas, com cardas e com lama, um soberano, repulsivo desprezo. Para eles nós somos a maltrapilhagem das linhas, da qual é necessario passar de largo e com cuidado.

Um dia um d'esses felizes, junto á porta d'uma cantina a que haviam chegado generos vindos de Portugal, ao avistar ao longe um grupo d'oficiaes das linhas, que d'uma situação de repouso ali iam fazer compras, disse prudente para os camaradas: rapazes, façamos depressa o nosso fornecimento que ahi vem a *malta das trincheiras*.

Esta frase, esta designação define com rigor a impressão que causamos ao cuidado *cachapim* quando com ele deparamos na sua zona de *operações*.

Raros são os que veem até nós, quasi nenhuns até agora tenho conseguido encontrar n'estes desagradaveis logares de lucta, de incertezas, de traições; e os poucos que por aqui teem passado conhecem apenas as horas tranquilas da nossa existencia aqui na frente. As nossas madrugadas cheias de ameaças, as nossas noites estiradas, de surpresas e de combates, essas não as conhecem porque as não viram, as não experimentaram, as não sofreram.

Na sua quasi totalidade, eles são para brilhar, para

gosar, para mandar. Nós para obedecer, para trabalhar, para lutar, para sofrer, para morrer.

Não são porém estes os unicos felizes d'esta violenta, dolorosa, aspera, interminavel guerra.

Para alem das divisões existe o C. E. P. onde a vida é mais suave e mais descuidosa, nucleo mais numeroso, mais brilhante, mais feliz e mais seguro dos que eu venho de referir. E' segundo a minha apagada opinião uma estação indispensavel e reputo a sua organização, a sua constituição, como um consideravel triunfo politico militar coroando o esforço porfiado e inteligente de militares portuguezes e diplomatas. Tem elementos de valor e não esqueçerei nunca que n'este quasi abandono a que somos votados, um d'eles o coronel Roberto Baptista, percorre repetidas vezes estas paragens com serenidade e com interesse, com o cuidado e o escrupulo que lhe exigem as suas funções, procurando vêr as necessidades que soffremos, as dificuldades que atravessamos, os males de que enfermamos, no intuito de acudir, de compôr, de prover, de remediar. E a sua figura alta, muito esguia, distincta, séria e afavel ao mesmo tempo é sempre acolhida com agrado, com satisfação.

Nem eu refiro aqui aqueles que são indispensaveis ao serviço do C. E. P. e que desempenham a sua missão, perfeitamente integrados n'um conjuncto e dando dentro da sua esfera de acção todo o seu esforço, toda a sua intelligente actividade para que a nossa participação n'esta guerra seja a mais eficaz, a mais util, e a mais nobilitante para o nosso paiz cujos destinos são tambem jogados n'este momento.

Quero simplesmente falar d'aqueles que as protecções collocaram, excusavelmente ali, uns para se permitirem a pretensão de terem tomado parte n'uma guerra, outros para se anicharem em logares em que prudentemente se eximissem aos sacrificios e aos

perigos d'esta lucta cruel, que os factos tornaram inevitavel para o nosso paiz.

E estes, os que compõem a côrte dos inuteis, já não são contados por dezenas, mas por centenas, dispersos por secretarias onde pouco fazem mais do que um decorativo acto de corpo presente. Perlencem ás repartições das informações, os serviços das reclamações, da instrução, dos enterros, dos boletos — que sei eu! desempenham as funções mais estranhas, mais disparatadas e mais, muitos veem já de Lisboa destinados, melhor, nomeados para logares de que em verdade só poderia dispor, o proprio comandante das tropas em operações. É o que é certo é que, enquanto o ministerio da guerra dizendo-se forçado pela necessidade prepara e promove verdadeiras legiões de officiaes que diz fallarem-lhe para o serviço das tropas, uma quantidade inumeravel d'elles se encontra disparatadamente, inutilmente colocada nos mais extraordinarios logares. Um tenente-coronel de cavalaria dirige — o que imagina o leitor? — o serviço dos enterros. Um outro de infantaria, quando officiaes da sua patente faltam nos batalhões e nas brigadas — o que leva ainda a promover — é o chefe do serviço de reclamações, a despeito de valido, apto para o comando de tropas. Alferes, tenentes, capitães de todas as armas per ali se encontram tambem, enquanto nós aqui, devendo ter cinco officiaes por companhia, temos muitas vezes dois, quantas outras apenas um!!

E' certo que alguns são de cavalaria e que esta guerra de posições torna de momento dispensavel a acção d'esta arma. Mas eu sei — que os tive por companheiros nos sectores inglezes — que o exercito da poderosa, da rica Inglaterra, tinha officiaes de cavalaria nas suas companhias de infantaria, nos seus morteiros, nas suas metralhadoras.

Portugal, pobre, exhaure-se na preparação e sustentação d'um imenso quadro d'oficiaes, não se preocupando em fazer de cada oficial um valor a contar e da sua distribuição uma medida de necessaria, indispensavel economia.

Oficiaes do Estado Maior ha tambem numerosos mas até hoje só transitaram por aqui ao alcance dos meus olhos, n'este limitado horisonte, o chefe do estado maior do C. E. P. que já-acima referi, o da divisão a que pertenço, e o meu velho amigo Helder Ribeiro que aqui passou uma noute e comigo se aventurou em caminhadas ao escuro pela terra inter-trincheiras. Dos outros até este momento nada sei, não os vejo agora, mas via-os, numerosos, sempre em movimento, em fiscalisação, em passeio, quando a minha situação á rectaguarda me permitia a estada longe d'estes logares.

Eles são, procuram ser o cerebro da organização militar, querem mandar, dirigir, superintender, em todas as armas e todos os serviços.

Nos tempos de paz são obrigados a tirocinios longos em unidades das diferentes armas, para efeitos de promoção, melhor, para conhecerem tão bem a technica de cada uma d'elas como qualquer dos officiaes que a elas pertencem.

Pois agora, havendo em grande quantidade officiaes do Estado Maior, originarios das armas de infantaria, de cavalaria, de artilharia, eu não vejo que algum d'eles comande um pelotão, uma companhia, uma bateria, ou qualquer outra unidade cujo comando seja de harmonia com a respectiva graduação. É certamente que um só mez de vida aqui lhes ensinaria muito mais no que respeita á pratica da guerra, do que alguns annos de estudo pelos compendios e de permanencia quasi inutil dos quartéis a fazerem serviço de prevenção e dia.

Como podem eles saber com detalhe o que aqui se passa, se cousa alguma viram, como se estabelece uma companhia, ou um batalhão, posições de morteiros e de metralhadoras, serviços de patrulhas, de *raids* e de combates, enfim tudo que preenche o dia a dia da guerra? Que conhecimento pratico podem ter das necessidades d'uma tropa em operações aqui na frente?

Antes da guerra dirigiam já o exercito e não tinham visto, na sua quasi totalidade, operações militares de vulto. O exercito portuguez não se tendo lançado n'uma grande empreza militar, não lhes havia proporcionado a occasião de estudarem *de visu*, com consciencia e com detalhe, como a guerra se faz. Nem a estes, nem aos outros. Por isso os seus estudos de ordem teorica lhes determinavam uma situação de destaque entre os camaradas das diversas armas.

Agora não. Lançado o exercito portuguez n'esta formidavel lucta, tendo de desempenhar n'ela um papel apreciavel, se atentarmos nos nossos recursos financeiros e na distancia a que nos encontramos dos diversos theatros de operações, não ha explicação, ou melhor justificação alguma, para o facto de não terem visto, de não conhecerem por estudo directo e por dura experiencia propria, o assunto, a arte, a sciencia militar — como eles dizem — em que pretendem ser arbitros.

O seu aperfeiçoamento sob o ponto de vista tecnico, consegue-se não na comodidade pingue e segura da rectaguarda, mas na dureza da vida das linhas, na disposição e dispersão organizada dos homens sobre o terreno, nos riscos das suas emprezas, dos seus lances. Demais eles são os juizes, os julgadores de tudo quanto na frente se passa e que conhecem como qualquer civil por o terem ouvido ou lido em relatorios ou em jornaes.

O serviço de patrulha do sr. alferes F. não foi devidamente executado, não deu os resultados desejados, e vá de apresentar um motivo justificativo do seu asserto ao superior que deve aplicar-lhe uma sanção, quando em verdade o official do Estado Maior não pode conhecer das dificuldades de ordem pratica que o official em questão pode ter encontrado e que podem mesmo ser impeditivas da realisação da sua missão. «O remuniamento de tal bateria não foi devidamente feito.» Mas pôde o official que nunca desempenhou esse serviço n'um momento de lucta, nem o viu desempenhar, nem conhece as suas dificuldades de execução, assentar um juizo seguro sobre o assunto? Temos de confessar francamente que não, e que todos eles podem conhecer estes assuntos, como eu percebia, quando da minha já distante sahida da Escola de Guerra, como se manobrava com uma divisão ou um corpo de exercito. Valha a verdade que não sabia comandar um pelotão e que me foi necessario um estagio na Escola Pratica de Mafra para conseguir aprendel-o. Creio-os n'uma situação semelhante á minha d'outros tempos. Conhecem minuciosamente as campanhas de Napoleão, as de 66 e 70, a guerra russa japoneza, mesmo a guerra do Transvaal. Conhecem organisações militares, estudos de defeza, planos de campanhas, que estudaram compulsando livros no silencio, no vagar, na quietação dos seus gabinetes de trabalho.

Ainda ha dias quando me encontrava n'uma escola ingleza assistindo com camaradas portuguezes a uns exercicios que n'ela se realisavam, falando eu das cousas correntes n'este genero de guerra, um d'elles, portador das palmas na gola, tentou esborrachar-me com cousas transcendentales que não deveriam ser chamadas á colação, e cegar-me com o brilho refulgente do, em sua opinião, maravilhoso feito d'armas, que foi a

retirada do general von Kluck por *estradas divergentes*. Uma vez mais, alem de tantas, procurava deslumbrar com sciencia de livro, de relatorio, com cousas que são desmesuradas, grandes de mais, para a concepção da sua cabeça joven e para a amplitude da sua actividade. E não lhe tendo dito cousa alguma que pudesse atingir a sua pretensão de clarividente chefe militar, fiquei-me a pensar, alargando a sentença d'um grande escriptor, que o portuguez, mesmo militar, não tem o sentimento das proporções. Teorias, altas concepções de estrategia, nomes de generaes, logares onde duras guerras se travaram creio firmemente que sabem.

D'esta guerra porém, do que é a sua pratica e o seu detalhe cousa alguma devem saber, porque não teem visto, pior, porque até agora não teem querido vêr.

* * *

Aqueles que pouco conhecem da disposição das nossas forças em França deverão imaginar que atingimos aqui, a ultima estação das que se escalonam para a rectaguarda do ponto em que estou. Não acontece porém, assim, para delicia de muitos felizes mortaes que junto ao mar na alegria inalterada de praias, e de cidades, desempenham na sua quasi totalidade, ligeiras funções, que lhes deixam tempo, para que a vida lhes seja verdadeiramente paradisiaca.

Em Calais, em Boulogne, em Paris-Plage, em Étapes, ha uma quantidade enorme de repartições, de serviços, de estabelecimentos de instrução, a cujo conjuncto nós damos a designação englobante de Base.

Pelo desenvolvimento que adquiriu, por o que consideram os seus elementos, que ha de separado de nós outros, direi mesmo, do proprio C. E. P. já nem

lhe quero chamar uma estação por que creou, ganhou fóros d'uma verdadeira solida e vasta instituição.

Não a conheço, por nunca a ter visto, mas tenho ouvido muitas, longas e instrutivas conversas, sobre as cousas estranhas que n'ela se passam.

Oficiaes que de Portugal partiram antes de mim para preencherem logares vagos nas unidades da frente, por ali pairam ainda, como almas que pela sua pureza devessem planar junto de Deus, e não descer nunca a este inferno de juizo final. Por ali vagueiam não sei com que sorte de pretexto ou de emprego, de forma que escoados muitos mezes de estada em França, ainda não aportaram a este destino que logicamente os deveria aguardar. Outros, que para ali vieram para serviço em escolas, aguardando a entrada na frente, das unidades com que haviam mobilizado, apegaram-se aos seus logares com evidente prejuizo d'elas e lamentavel desprestigio das suas pessoas.

Os mezes passam-lhes rapidos, rolam uns sobre os outros e não ha forças que os arranquem ás delicias em que se deixaram mergulhar. Comquanto sintam suspensa constantemente sobre as cabeças a ameaça, a possibilidade de serem um dia remetidos aos seus necessarios logares, aos seus devidos destinos, vão saboreando à comodidade, o prazer, e alimentando a grata esperança de que o fim da guerra os encontre ali ainda. Que os outros se batam cá na frente, que se sacrifiquem no *front*, como hoje se diz, para substituir o esforço que eles não dão, a que se furtam por todos os processos, porque não são de conformação moral propria o desejarem sentir o orgulho de n'este momento excepcional da vida da Patria, terem cumprido ao menos uma pequena parte dos deveres que a ela os deveriam ligar.

Parecerá que tudo isto que venho de dizer é tudo e é demais. E no entanto ainda diante da minha ima-

ginação passam factos e pessoas que me levam a continuar esta exposição necessaria mas dolorosa, que a mim proprio impuz, forçado apenas pelo desejo de contribuir para que de futuro os erros que aponto sejam corrigidos, não havendo officiaes senão para o desempenho das funções precisas e colocados nos logares que lhes cabem por necessidade.

Alem d'estes officiaes que já citei e que logicamente deveriam estar no *front*, porque ás suas unidades pertencem ou a elas vieram destinados, outros ha que pertencem aos quadros d'organisação da Base. São numerosos, segundo me dizem, — e assim deve ser, — porque não esqueço o verdadeiro assalto que, quando ainda da minha estada em Lisboa, era feito ás pessoas com situação no ministerio da guerra, para collocações aqui em França. E lembro bem que um dia o sr. Norton de Matos, ministro da guerra, dizia n'uma reunião restricta de amigos, que em Portugal muita gente desejava fazer a guerra... na Base.

Vivem na alegria descuidosa das praias e das cidades, instalados em bons hotéis, em excelentes *appartements*, tendo alguns preparado ali uma confortavel, agradável existencia familiar. Dizem que ha mesmo, quem tenha conseguido uma situação para esposa e filhos, tudo dentro da organisação da Base.

E a vida ali deve ser facil, compensadora. Com efeito, nós aqui na frente recebemos uma subvenção de campanha, que nos torna mais bem pagos do que os officiaes da rica Inglaterra, desde que lhe juntemos o que as nossas familias recebem em Portugal.

Creio que essa subvenção assim elevada visa dois fins essenciaes. Em primeiro lugar prover a nossa sustentação, em segundo, pagar devidamente estas horas trabalhosas e arriscadas, de responsabilidade e de perigo que aqui atravessamos.

O que vemos porém, succeder? A subvenção de

campanha, é perfeitamente igual para os que aqui vivem e para os que d'aqui se encontram bastante longe, onde semelhante vencimento é desmesurado só para compensação do esforço que dispendem.

Mas mais. A estes officiaes tem sido arbitrado a mais da subvenção que nós aqui na frente recebemos, um subsidio de vinte francos diarios para casa e alimentação. Mas mais ainda. N'estes dias de horrivel frio que nos cresta a pele e nos atravessa a carne, enquanto nós aqui na frente não temos aquecimento, os officiaes da Base recebem a dinheiro uma importancia consideravel para compra de carvão. Por um lado a vida segura, em logares aprasiveis. Por outro, os vencimentos fartos, pingues, atrahindo, fixando ali, officiaes que talvez sem a solicitação d'esta imoralidade tivessem marchado sem relutancia para o cumprimento do seu dever.

Não imagine o leitor que os officiaes que prestam os seus serviços na Base foram escolhidos entre aqueles que pelo seu quadro, pela sua idade, ou pela sua condição fisica, estão em situação de não convir ao serviço nas linhas.

Esta escolha, esta seleção indispensavel, não foi feita e agora ali, entre os individuos que por lá se collocaram, nós encontramos as cousas mais estranhas que é possivel conceber.

Um capitão de infantaria — no momento em que tantos capitães faltam na frente — official que tem por primacial papel comandar uma companhia, desempenha as funções de chefe d'uma repartição de estatistica. Pode argumentar-se que este official é especializado n'este assunto, e que faria falta na referida repartição. Mas não. No exercito existem muitos officiaes em diferentes armas e no serviço da Administração Militar, formados em Direito ou já com parte d'este curso tendo feito a cadeira de Estatistica e es-

tando portanto oficialmente habilitados ao desempenho d'aquelle logar.

Outros officiaes d'infanteria e não poucos ali se encontram tambem — imagine o leitor a fazer o quê? — no serviço de censura que de rigor deveria ser concedido a quasi invalidos, e que cumprem de forma que verdadeiramente, somos nós a censural-os com dureza e com razão.

São dezenas sobre dezenas de casos semelhantes, que a muitos trazem má vontade contra esta organização em que ha filhos e enteados e na qual colhem prazeres e fartos proventos, precisamente os que fogem ao cumprimento do seu dever, os que teem uma vida tranquila, sem responsabilidades, sem sofrimentos e sem perigos.

Mas o que é mais lamentavel, ainda o que d'algu- ma maneira desmerece a acção dos que vivem e fazem verdadeiramente a guerra aqui, é o impudor com que muitos, durante as suas faceis e repetidas permissões a Lisboa falam da sua vida em França chamando *front* a toda a zona que vae d'aqui até ao mar, da qual eles conhecem apenas a orla exterior, a costa. Não teem a coragem das suas situações e procuram avocar a si um prestigio que eles bem sabem que só a outros com justiça pode caber. E se as suas palavras portadoras de confusão, são uma mentira para aqueles que talvez embasbacados os ouçam em falsos relatos de aventuras guerreiras, para nós são uma imperdoavel pungente ironia que nós outros nunca mais saberemos esquecer.

Poderão alguns imaginar que eu exagero e que no meu paiz se sabe fazer a justa distincção entre os operarios, os burguezes, e os aristocratas da guerra. Aqui tenho á mão porém, dois jornaes, dois orientadores da opinião publica, que em duas locaes n'um proposito de saudação dizem: chegou do *front* acompa-

nhado de sua esposa o sr. F. — Chegou do *front* o sr. Dr. B. chefe dos hospitaes da Base.

E ao publico digo eu em primeiro lugar, que o *front* ainda não é um local onde haja possibilidade de passeio para senhoras, e em segundo, que os dois officiaes em questão se encontravam colocados um em S. Venant. outro em Etaples e portanto em logares muito distantes d'estes em que a guerra tem lugar. E para fechar este capitulo que eu escrevo com quasi mais amargura, do que indignação, em que não tenho intenções de agravo mas simples desejo de fazer critica util, direi que as tropas portuguezas em França me sugerem a impressão d'um enorme rocaz cuja desproporcionada cabeça se encontra, na sua sêde de segurança, junto ao mar, e cujo corpo se vem afilando constantemente gradualmente, atravez da distancia, para vir terminar, lamentavelmente n'esta esguia fragil cauda a que verdadeiramente se pode chamar —
o *Front*.

Fracos e Valentes

Circunstancias especiaes, determinaram forçosamente o meu afastamento da primeira linha, levando-me a convivencia dos meus soldados e aquella excitação que é filha da proximidade do inimigo e da necessidade de constante trabalho. Levado pelas exigencias do meu novo cargo, — que fui chamado a desempenhar bem contra minha vontade — e pela nostalgia da minha vida anterior, em cada dia, fazendo-me substituir, vou de abalada até lá, atravessando estes estirados oitocentos metros que da primeira linha me separam. Por ali me demoro horas, conversando aqui com um official, ali com um soldado, revistando os postos, fiscalizando os trabalhos de reparação e de defeza, visitando observatorios, gastando o meu tempo junto dos meus antigos companheiros de linha, e só reentrando, quando depois de muitas horas sou esperado com impaciencia, e faço falta á indispensavel resolução de assuntos urgentes.

A vida nas linhas dá impressões diferentes, conformes á estructura moral de cada um. Homens que eu conheci, derimindo com decisão graves conflitos de natureza pessoal, em cuja coragem eu julgava poder confiar, passam deante de mim deprimidos, um receio permanente a atormental-os, a vontade vencida, o es-

pirito devastado. Os seus feitos são predispostos para assomos violentos, que por isso não podem ser de longa duração. Passados aqueles, em que se fatigaram, a coragem relaxa-se, a vontade afrouxa, o receio domina.

Outros, calmos, sempre tranquilos quando longe d'aqui, não abandonam aquele estado de espirito. Isso lhes permite fazer uma justa analyse da situação em que se encontram, dos perigos que os ameaçam assentando ao mesmo proposito de defeza em que medem de antemão tudo que devem e podem fazer n'esta ou n'outra conjuntura.

Alguns ainda, vejo eu, debeis de conformação, considerados tímidos, outrora pobres de energia quando em frente d'um adversario cujos musculos sabem ser mais fortes do que os proprios. Agora são olhados com admiração pelos seus soldados. Lançados n'um genero de guerra, na qual a força fisica não desempenha papel apreciavel, libertos da depressora influencia da noção da sua inferioridade, criam uma alma nova, aventuram-se em atrevidas emprezas, afazem-se a elas, embriagam-se na atmosfera de perigo e tornam-se excelentes officiaes, exemplos de audacia e de bravura. Quasi se fez taboa raza das antigas qualidades militares. A cada acção, surgem heroes inesperados, relega-se para a categoria dos inuteis homens em quem demais depositamos confiança.

Ha quem receie a permanencia aqui, quem se abandone, quem se desmoralize. Mas aparece tambem quem não deseje partir das linhas, mais, quem deixe comodos, agradaveis, representativos logares á recta-guarda, para vir ocupar aqui postos de sacrificio e talvez de morte.

Aqui mesmo, encontro o capitão Jayme Baptista que sahiu d'um logar no quartel general da Divisão para vir comandar uma companhia.

Noite e dia, anda constantemente em movimento atravez das suas trincheiras de comunicação, ao longo da sua frente que ele conhece tão bem como os cantos d'uma casa que tivesse habitado muito tempo. Os seus soldados estimam-no e receiam-no ao mesmo tempo, porque ele é cuidadoso com os seus interesses, mas violento nos seus acessos de colera quando em face d'uma falta, de aceio, de vigilancia, de coragem. Admiram como eu o seu gesto de renuncia, e mais do que eu porque vivem mais perto d'ele, o seu desembaraço, o seu valor.

Alto, magro, esgrouviado, as pernas muito delgadas especadas como palitos no tronco curto, um chapéu metalico na cabeça, uma expressão inalteravelmente zangada, irritada, lembra-me constantemente a figura de D. Quichote coroado pelo elmo arrancado á porta d'um figaro. Rio-me ás vezes da sua figura e da sua expressão, e ele ri tambem comigo, deixando subir do intimo e espriar-se sobre o seu rosto o que de bom, de infantil, de amoravel, esconde sob a mascara severa.

Quando dezenas d'oficiaes se servem de pretextos, recorrem a hospitaes no intuito de se eximirem ao serviço nas trincheiras, quando muitos outros se agarram a situações as mais injustificaveis, este oficial abandona comodidades, segurança, prazeres da rectaguarda para vir jogar a vida junto de soldados, colado contra os parapeitos, metido nas trincheiras cavadas na terra lamacenta. Deu um nobre exemplo, a todos quantos vivem longe d'estes logares, mas até agora ainda não vi que tenha tido imitadores. Este facto, sendo lamentavel, por todos os motivos, contribue ainda para que o seu procedimento tenha maior realce, maior grandeza.

Na companhia que agora ocupa o centro, ha duas figuras curiosas, dois alferes de feitos inteiramente

diferentes, mas dois admiraveis officiaes. Uma, a de Saldanha Carreira, pequenito, franzino, todo maneiras comedidas, com qualquer cousa de triste e doentio ao mesmo tempo. Tem a paixão do esperanto, que o leva a fazer a sua propaganda mesmo aos sargentos com quem fala e a pobres lapuses de soldados que para ele olham surprezos. Passeia nas linhas, inalteravelmente sereno, falando a todos, soldados ou officiaes, com maneiras muito atenciosas, muito cortezes. Que caiam ou não as granadas ou os morteiros, ele lá está sempre com o mesmo ar, como se não tivesse a consciencia do perigo que atravessa.

Carlos de Moura, é um admiravel rapaz que faz a guerra como faz os sports em que é perito. De regular altura, com braços e pernas d'um desproporcionado comprimento, dispõe d'uma agilidade de gato que lhe permite percorrer a sua frente n'um rapido instante. Os soldados adoram-no. Mal começa um bombardeamento, sem se saber como, ele surge junto dos seus homens, corre d'uns a outros, encoraja-os, dispõe-nos á lucta. O resto do tempo passa-o cuidando d'eles completamente entregue ao seu trabalho. O que ele lamenta sinceramente, é que se não possa fazer um campo de *foot ball* na terra de ninguem, corridas pedestres ao longo das trincheiras e regatas na ribeira da Lave, que corre lá em baixo, entrando nas linhas inimigas.

Fui forçado a privar-me da permanente companhia d'estes rapazes, mas a saudade que d'eles me ficou, a nostalgia das nossas horas vividas em conjunto, atraem-me e levam-me diariamente para junto d'eles.

Visitas

Tinha terminado o almoço que aqui na frente me permitira oferecer ao querido e antigo amigo que é o coronel Sá Cardoso.

A minha situação de apoio na *Red House*, no encontro da rue d'Enfer vinda de Laventie com a Bacquerot, concede-me esta alegria de poder ter junto de mim, uma vez ou outra, algum amigo, que não receie estes sitios onde as granadas são visitas frequentes.

Os soldados encontram-se em postos d'onde devem acudir prontamente á frente em caso de necessidade. E durante a noute alguns d'elles vão reforçar o batalhão que se encontra em primeira linha.

Por isso estas horas que sucedem ao almoço podem ser consumidas com prazer, gosadas com descanço, quando temos a felicidade de rever amigos dos quaes ha tanto andamos afastados.

Lá fora faz um frio d'arrepiaar. Uma nevada de muitas horas seguidas em cada um dos dias precedentes, cobriu toda a terra d'uma espessa camada branca que seria d'uma alvura perfeita, se n'ela não avultassem os buracos lamacentos das ultimas granadas cahidas em volta. Cá dentro porém, junto do fogo um lume forte arde e aquece, envolvendo-nos.

n'uma temperatura agradável. Sá Cardoso, dá-me notícias de Portugal, do que se passa lá para traz, evoca momentos bem mais felizes e mais descuidados do que este que agora atravessamos.

Falamos com orgulho, com desvanecimento, d'este admiravel gesto que foi a nossa participação na guerra. Quaesquer que sejam os trabalhos que tenhamos que passar, as amarguras que tenhamos de viver, e os perigos que na nossa frente se levantem, nós bem-dizemos a hora em que nos lançamos no caminho da lucta, por um lado correspondendo ás obrigações da nossa aliança com a Inglaterra, por outro collocando-nos ao lado da França e da Italia, nossas irmãs latinas, que se batem por uma civilisação que é tambem nossa e pela Liberdade e pelo Direito.

Lamentamos com desgosto, a attitude de muitos, que não comprehendendo todo o alcance e todo o imperio das suas obrigações para com a Patria, deprimem o nosso esforço, malsinam os actos dos homens que foram interpretes da vontade e dos interesses do paiz, criticam-nos e difamam-nos, julgando-se com direito não já a discutir a nossa participação, mas até a proceder de forma que ela seja depreciada, diminuida. E quantos com este criminoso intento, murmuram na presença dos seus soldados de todas as ordens que recebem, tratam de ignorantes e de estupidos os seus comandantes e os seus generaes, dizem ter sido arrastados a esta guerra *como carneiros*, proclamam a Inglaterra um paiz com exclusivos instinctos de rapina e o alemão um povo inventivel, uma nação de semi-déuses !!!

A despeito de tudo porém, da má vontade, dos egoistas, dos comodistas, das palavras e dos actos dos officiaes exclusivamente preparados para vida de paz, da maledicencia a que muitos se entregam, nós, olhando o caminho já percorrido, sentimos a alegria con-

soladora, o orgulho de vermos o pequenino Portugal lado a lado com os grandes povos, fazendo a sua quota parte de sacrificio, dando o seu esforço á causa dos aliados, representando a Liberdade e o Direito.

Que officiaes murmurem por lhes não terem deixado avocar funções que lhes não pertenciam, que aqui e alem fujam ao cumprimento dos seus deveres, que politicos se lancem n'uma campanha anti-patriotica de perturbação da nossa acção militar, que se façam movimentos revolucionarios, que se caluniem e persigam mesmo os homens que nos conduziram a esta aventura guerreira, a fidelidade á sua palavra, ás disposições dos seus tratados, o soccorro á sua aliada, o concurso para o triunfo da civilização latina, ficarão para sempre na historia do mundo, testemunhos eternos e fulgidos do espirito de sacrificio, da honra, do cavalheirismo d'um pequeno povo.

A palavra amiga de Sá Cardoso exprime uma vez mais a confiança n'uma victoria que é certa qualquer que seja o tempo que d'ela nos separe, victoria para a qual teremos contribuido. Diz-me depois cousas sobre a sua artilharia á qual ele consagra todos os seus instantes e ensina-me melhor ainda, que ela não tem que corar da dos demais aliados. Mas diz-me tambem — e eu não esquecerei nunca as suas palavras — que se até aqui a infantaria tinha merecido a sua admiração, lhe merece já adoração, um culto em que ele se enternece.

Já de pé n'um preparativo de partida, ouvimos um rumor de automovel aproximando-se da *Red House*, termo da zona a que eles se podem aventurar. E um momento depois assoma á porta a face inalteravelmente risonha de Victorino Godinho seguido do meu amigo, o pintor Sousa Lopes, que eu ainda não conseguira vêr em França a despeito de aqui nos en-

contrarmos um e outro ha uma soma consideravel de meses.

Sousa Lopes, fardado, ostentando n'um braço o distinctivo da sua equiparação a capitão, a face gorda e rosada irreprehensivelmente escanhoadá, ofereceu-se á memoria traiçoeira de Sá Cardoso, como um dos capelães fazendo serviço nos quartéis generaes. O pintor córa ainda mais e Sá Cardoso depois d'uma desculpa pressurosa e d'uma despedida já cheia de saudade, toma logar no automovel que me rouba a sua estimavel, preciosa companhia.

O Artista

Não é a mim que Sousa Lopes procura junto da frente. O seu dever d'artista probo, encarregado de quadros da guerra, tral-o a estes logares onde ninguém pôde aventurar-se sem risco. Ele bem os podia fazer muito lá para traz no confortavel atelier de S. Floris, socorrendo-se da sua imaginação, ou do que lhe ficasse na retina depois d'uma rapida e prudente passagem pelas trincheiras a horas quietas em que ali quasi se pode passar com segurança. Que ainda assim passar n'uma trincheira é simples e o que é difficil é viver n'ela com permanencia.

Sousa Lopes porém, quer colher aqui este efeito maravilhoso da neve, cobrindo, amortalhando a terra, que se oferece ao ceu, ao sol, pura e fria, quasi sem palpação, sem vida. Vinha disposto a ficar as noites na brigada vindo em cada dia ás linhas, afim de colher *sur place*, os seus elementos, fazer os seus croquis. Mas encontrando-me aqui, agrada-lhe a idéa de se acolher á minha hospitalidade por um ou dois dias — que tantos lhe bastarão para levar o indispensavel para alguns trabalhos, que juntará a muitos outros, dos sectores onde já esteve. Tinha porém de voltar á brigada onde se comprometera a jantar n'aquela tarde, mas tomou o compromisso de me aparecer com

valise e apetrechos e com' vagar, ao almoço em Temple Bar, lá ao fundo de Bacquerot, que o comando do batalhão irá ocupar guarnecendo de novo as linhas.



Se a pontualidade do amigo cousa alguma deixa a desejar, a disposição do artista encontra-se inteiramente modificada.

Uma chuva abundante, presistente e inesperada, cahiu durante a noute, e fundiu inteiramente a neve, deixando a terra empapada, lamacenta. O aspecto especial que ele desejava colher em flagrante, escapallhe precisamente no momento em que os seus pinceis julgavam poder fixal-o nas telas de que se fizera acompanhar. Uma decepção, uma arrelia.

Esperará porém para a primeira vez. Voltará de novo. E no entretanto aproveitará o dia para fazer alguns croquis.

Já tinha muitos. Visitara escolas de instrução, tendo surprehendido scenas á rectaguarda. Depois avançara até Ferme du Bois onde se demorou algum tempo. Com mais algumas paisagens de neve arranjaria a bagagem indispensavel á preparação da sua obra de guerra. No momento porém de as alcançar, elas fogem-lhe, fundem-se, desfazem-se em lama.

Tomado um café e um rhum, indispensavel n'estes dias de frio horrivel, sobre o almoço, disponho-me a ir ás linhas no desempenho do meu serviço. O pintor, porém quer acompanhar-me tambem — que talvez por lá encontre algum assunto que lhe convenha. A não ser que a sua vinda me perturbe. . . É uma vez, assegurado que não, que a sua companhia me é agradável na missão de fiscalisação que tenho de desempenhar, o artista toma os seus lapis, os papeis, entrega cavalete e telas á ordenança que ponho á sua

disposição, e segue-me na estreita passagem sobre grades de fundo que nos separa de Bacquerot, que teremos de cruzar.

Mal sobre esta desembocamos, logo os olhos do artista, são atraídos por alguns soldados cobertos com os portuguezissimos pelicos, sahindo da Regent que ali vinha dar.

«Veja o meu amigo, como isto é interessante, o que este pequenino canto dá!!! A *camouflage* ao alto escondendo ao inimigo o movimento da estrada. Dificil de pintar, cousa nova sobre o fundo das telas. Soldados vindo das linhas, cobertos com peles que os protegem do frio, enlameados, as caras mal rapadas, um ar de esmagadora fadiga. Esta sahida da trincheira, o primeiro cotovelo que lhe descortinamos ao fundo e estes homem que sahem, quasi definem as linhas e a sua vida. Repare porém como a trincheira vem sahir junto ao cemiterio, onde repousam muitos dos que morreram pela Patria. Acredite que me interessa imensamente este trecho. Vamos porém ao seu serviço.»

Retomamos o caminho, seguimos um pouco a Bacquerot, de vez em quando batida por metralhadoras, e enveredamos pela Masselot que conduz justamente ao centro do meu sub-sector. Marchamos vagarosamente. O pintor pouco afeito ao piso escorregadio das ripas de madeira, do fundo, a agua que aqui e alem alaga a trincheira, tornam a caminhada penosa. Ha muitos minutos que andamos n'estes zig-zagues, difficilmente, arrastadamente. Cruzamos enfim a 2.^a linha e metemos nela sobre a esquerda. Subimos á banqueta e alongamos a vista até á nossa primeira linha e para alem, até as alturas d'Aubers, em cujas ruinas se elevam ainda torres e chaminés.

A trincheira em que nos detemos, corre na direção norte sul, estendendo-se para um e outro lado, a perder de vista, com o desenho sinuoso d'uma cobra

imensa que na terra se tivesse imobilizado. De distancia em distancia junto ao seu contorno, grandes *fermes* em ruínas, são testemunhas desoladoras e desfeitas d'esta guerra. Algumas são d'uma beleza amargurada, e emprestam á paisagem que as circunda um ar de profunda pena, de estranha e indizível tristeza. A luz fraca, que sobre elas desce, melhor desenha o duro dos seus reconvos, dos seus escuros.

Sousa Lopes de pé, a cabeça acima do parapeito olha, surpresa, para aquella beleza inesperada, e pede um momento de demora, para fixar em meia duzia de traços, as impressões que a sua retina e a sua alma experimentam. Ele só quer riscar algumas linhas, que sejam integraes evocadoras do que os seus olhos veem e das emoções que a sua alma sente. E passados alguns momentos — muito poucos que eles foram — fechando o seu caderno, dispõe-se a partir. Mais um olhar de despedida ás ruínas que clamam sobre a terra rasgada a sua desdita, e retomamos o caminho, protegidos pelo espesso parapeito que forma aqui a nossa principal posição de combate. Depois voltamos á direita, por uma trincheira de reserva que liga aos abrigos das companhias da esquerda do meu sub-sector e direita do imediato.

São duas *fermes* que os combates na região e os continuos bombardeamentos reduziram a pouco menos do que destroços. Dos tectos e dos altos muros só restam alguns frangalhos e mesmo as bases parecem de tal forma arruinadas, que só por maravilha de equilibrio devem encontrar-se de pé. Foram espaçosas, opulentas, abertas sobre a linda estrada Thileloy que lá ao longe sobre a nossa direita vae cortar de meio a meio a aldeia em ruínas, de Fanquisart. Uma d'elas, a da esquerda, com uma larga varanda á rectaguarda, os alicerces altos em relação ao ponto em que nos encontramos, lembra não sei por

que natureza de evocações, por que semelhança, a ponté d'um navio.

Sousa Lopes acha-a adoravel, envolve-a toda n'um olhar de curiosidade e de carinho, tem o ar de encontrar n'ela, de vêr aspectos, expressões que eu não sei, que eu não consigo *saisir*. E aquela ruina lá ao fundo, isolada, que ar triste e infeliz, ela nos apresenta! O que ela nos diz do horror d'esta guerra! E assente uma resolução, diz-me que aqui fará uma das suas telas.

Ribeiro Gomes que comanda a companhia da esquerda convida-nos a tomar uma chavena de chá no interior d'aquella ruina, que o pintor considera um instante como a perguntar se todo o conjuncto se não encontra na eminencia de desmoronar-se sobre nós. Entramos.

Logo á porta sobre a nossa direita um *dug out*, abrigo em tunel de ferro canelado revestido de espessa camada de cimento, apoia-se contra as derruidas paredes da antiga *ferme*, melhor apoia estas, que por seu turno o escondem ás vistas do inimigo. Serve de instalação ás numerosas ordenanças, absolutamente indispensaveis a um comandante de companhia.

Ao fundo do corredor tambem protegido a cimento, vê-se na claridade escassa das velas a porta da accidental moradia de Ribeiro Gomes — abrigo equal, tambem fortemente revestido. Um pequeno *guichet* dá comunicação immediata para o acanhado cacifo dos telefonistas.

A Sousa Lopes é oferecido um môcho junto á acanhada mesa emquanto que eu, sendo de casa, me assento familiarmente á beira d'uma cama. E ali os tres naquele pequeno interior, muito perto do inimigo tomamos em amigavel, plena tranquillidade, iluminados pomposamente a tres velas, um chá quente, reconfortante por estes frios asperos que vão correndo.

Retomamos o caminho. Perpendicular a Thileloy abre-se a Rotten Row que conduz á primeira linha e vae enconral-a no extremo esquerdo do sub-sector, no Red-Lamp-Corner, ponta aguçando-se na *terra de ninguem* até perto das trincheiras alemãs. Uma fila de grandes arvores decepadas umas, cortadas, e derubadas outras, acompanha em grande extensão esta trincheira. Dispostas perpendicularmente á frente, as primeiras, que suportaram em cheio o choque do bombardeamento, foram cortadas cerces, as ramagens e os troncos inteiramente desfeitos. Os restos porém, foram pouco a pouco servindo de escudo, protegendo outras que á rectaguarda se elevam — as que não foram colhidas de travez.

Chegamos enfim á primeira linha. O sol desceu, escondeu-se ha pouco para traz de nós, muito para alem das paragens quietas em que vivem os felizes d'esta guerra. Uma sombra gradual desce suavemente sobre o campo, tornando as cousas religiosas e recolhidas e indecisas. Os homens no *a postos*, alinhados sobre as banquetas, espreitam cuidadosamente o terreno de ninguem, procuram vêr para alem da nevoa que paira e se adensa sobre a ribeira da Lave e sobre os drenos distantes. Lá fora, arvores cortadas, bordando valas, restos de trincheiras destruidas ganham forma e movimento, na indecisão do escuro, sob o olhar fixo dos homens e sob o influxo do receio que esta hora de traição traz aos menos corajosos.

Ao chegarmos ao encontro da Masselot com a primeira linha no posto de metralhadora que aqui está estabelecido, o pintor pede um momento de espera e começa a desenhar. Pouco a pouco dos seus traços sae o parapeito, e contra ele os homens com os seus chapéus metallicos rasando-lhe a crista. Mas sai mais ainda, na postura dos soldados e no conjuncto, o misterio que vae para alem da nossa linha, as surpresas.

que ahí germinam, a atmospherá de temor em que uns vivem, a de decisão em que outros se encontram.

O silencio é inteiro, completo, afoga toda a terra, emprestando, no impreciso da sombra, uma vida irreal ás cousas inertes.

Subimos a Masselot na disposição de regresso a Temple Bar de que nos encontramos bastante afastados. Ao cruzarmos de novo a Thileloy junto á aldeia de Fauquissart, Sousa Lopes acha beleza, grandeza e magestade, ao conjuncto d'aquelas ruinas de cristas eriçadas, esfarrapadas. Ficam porém para outra ocasião porque a luz falta e ele tomou a resolução de por aqui se demorar dois ou tres dias mais.

Continuamos a Masselot, lentamente,— que as pernas do pintor não estão ainda afeitas á ginastica especial a que força o piso da trincheira e ele confessa que começa a fatigar-se. E ao chegarmos, emfim, n'uma inteira paz, sem termos ouvido um só tiro, ao meu abrigo, *dug-out* coberto d'algumas fiadas de sacos de terra, já a noute tinha desdobrado inteiramente o seu veu de sombra densa.

Dia de perseguição

A Natureza não quiz ser ingrata com o pintor que a ama com tanto enternecimento. Desde as quatro da manhã que uma nevada cae ininterruptamente vindo depôr docemente e fôfamente, os seus flocos d'uma brancura purissima. Nos primeiros momentos a terra tem um ar de noiva envolvida n'um veu leve como espuma. A pouco e pouco, porém, a neve torna-se mais espessa, mais dura, acama-se lentamente e torna-se mortalha fria.

Mal rompe a manhã, acordo Sousa Lopes e dou-lhe a boa nova que o pintor difficilmente acredita. Sob a minha afirmativa, porém, arranca-se pressurosamente á confortavel temperatura das mantas com que se cobria, faz rapidamente a sua *toilette* sempre cuidadosa, e assoma deslumbrado á porta do posto de socorros onde lhe arranjei um alojamento de campanha. O tempo admiravel que faz, promete-lhe d'esta vez uma larga duração á paisagem estranha que aqui o atrahiu.

Por isso resolvemos perder algum tempo a reconfortar-nos, com um matinal café e umas torradas que as ordenanças cuidadosas servem com aceio e com abundancia, no interior do meu abrigo, onde um fogão nos envolve tambem n'uma temperatura morna, beata.

Dispomo-nos já a partir quando um tiro distante, de artilharia ligeira, se fez ouvir do lado do inimigo, seguido do ruído de projétil que de nós se aproximava, vertiginosamente. Uma explosão surda produziu-se junto de nós fazendo estremecer, balançar, o abrigo em que nos encontramos. Saiu para vêr onde cahem as granadas e com estranheza minha, o pintor vem vêr também, não procurando a relativa segurança do *dug-out*. Outro tiro lá ao longe e nova granada junto de nós, rebentando surdamente no interior da terra.

Encostamo-nos os dois contra o pára-estilhaços que temos na nossa frente e deixamos passar assim a terra, as pedras e os estilhaços que a explosão nos atira. Depois outro tiro e outro e outro, — um bombardeamento a desabar sobre nós. Apenas, duas ou tres granadas com balas rebentam no ar, e ameaçam d'um real perigo. Não ha dúvida que com semelhante projétil o inimigo não procura os nossos abrigos mas simplesmente, rebentar ao alto sobre a Bacquerot, impedindo movimento que ali presume. As granadas porém, mal reguladas, veem na sua quasi totalidade enterrar-se tornando o bombardeamento quasi risível.

Vinte e tantas teem cahido já, quando o medico, o Dr. Bonifacio, sahe esbaforido pela porta do seu abrigo, correndo rapidamente para o meu.

Duas tinham acertado na carcassa dura do seu *dug-out* e tudo aquilo havia gingado n'uma ameaça de desmoronamento. E ele procura segurança longe d'aquêle ponto ameaçado.

O inimigo não pára. Uma granada mesmo junto de nós corta-me uma série de linhas telefonicas. Conserve porém a comunicação com a brigada d'onde me perguntam, alarmados, o que se passa.

«Umás granadas sem importancia, mas já numerosas. Quando terminarem direi o que houver.»

O inimigo porém não pára, imaginando talvez que com aquele bombardeamento quasi incessante, nos causa um grande prejuizo. Cincoenta e duas tinham cahido, quando, enfim, resolveu terminar.

Almoçamos á pressa e partimos, levando o pintor os seus lapis e o caderno dos croquis, e a ordenança as telas e as tintas.

Descemos apressadamente a Masselot para aproveitarmos tempo. Ao chegarmos á 2.^o linha o inimigo recomeça um bombardeamento sobre a nossa esquerda.

Recomendo a Sousa Lopes que ao sentir aproximar as granadas, se abrigue bem no fundo da trincheira, colando-se contra o parapeito.

Pergunto-lhe se quer que paremos até que o inimigo se cale, e ele, sorridente, responde que não. Sinto, comprehendendo que ha n'ele alem d'uma alma d'artista, uma coragem de soldado.

Por coincidencia, á medida que avançamos, o bombardeamento vae tambem inclinando o seu tiro, como se quizesse acompanhar-nos. Metemos á trincheira de reserva que conduz á entrada da Rotten Row — que o artista deseja ir trabalhar, no comando da companhia da esquerda.

Mal chegamos, o pintor instala o seu cavalete e dispõe-se a representar as ruinas da *ferme* n'uma paisagem de neve. Não tem tido ainda o tempo de abrir a caixa das tintas, quando um tiro de canhão se faz ouvir ao longe, seguido do ruido da granada aproximando-se, para rebentar uns trezentos metros na nossa frente. Logo a seguir outro tiro e novo ruido de granada que o meu instincto e o meu ouvido habituado me dizem vir na minha direção. Dou dois saltos á rectaguarda e atiro-me ao chão de encontro a um muro, que me serviu de parapeito. O projectil passou sobre mim e foi cravar-se a uns quinze metros de distan-

cia atirando ao ar uma massa enorme de lama e pedras que se dispersou para se abater de novo sobre a terra.

Quando os verdadeiros coelhos de lama que sobre mim impiedosamente se despenham, me permitem levantar a cabeça, o pintor que eu deixara a alguns metros de distancia, sae de traz d'uma lona que pende defronte da entrada d'uma barraca. Na iminencia do perigo, sem medir o que fazia, acolhera-se ali, como um naufrago se agarra a uma rôlha. E em tão boa hora o fez, com tanta sorte, que lona e pintor ficaram intactos.

Recolhemos ao abrigo proximo, um instante, á espera que passe a furia. O que o inimigo procura, porém, é o abrigo, e depois de dois ou tres tiros mais, uma granada acerta-lhe em cheio no alto, sacudindo tudo como em pleno tremor de terra. Mas ele, resistente, volta logo á quietação e passados mais tres tiros que erram o alvo, o *boche* deixou-nos em tranquillidade.

Decididamente não estamos em maré de sorte.

Sousa Lopes trabalha em socego durante algumas horas, depois do que o procuro para fazermos uma volta á primeira linha que lhe pode proporcionar uma ou outra impressão.

Descemos a Rotten Row. Quasi ao fim d'esta um aeroplano inglez vindo da rectaguarda em serviço de exploração, desafia um bombardeamento dos anti-aereos alemães. Recolhemos os hombros quanto podemos, debaixo das abas largas do chapéu metalico, para nos protegermos da chuva de estilhaços que cae junto de nós. Não ha dúvida que estamos sem sorte alguma.

Ao atingirmos a primeira linha voltamos sobre a direita. O pintor aproveita todas as minhas demoras, para riscar no seu caderno, notas, impressões. Saio

o parapeito, entro n'um ou n'outro abrigo e á volta dou com ele empunhando o lapis e trabalhando. Scenas de trincheira, ruinas, uma ponte sobre um dreno, sepulturas de desconhecidos que a piedade dos vivos em cada dia vae cuidar, tudo serve para a sua documentação. De vez em quando pede uma espera para completar este ou aquele apontamento.

A tarde começa a descer, a bruma a cerrar-se tornando-se mais e mais opaca n'estes dias frigididos que vão correndo.

Subimos agora a Masselot em direção á estrada de Thileloy. O pintor mostra desejo de ir por ela para colher no seu caderno as ruinas de Fauquissart cheias de gravidade e de recolhimento, a esta hora cinzenta da tarde. Indico-lhe o distico que assignala o perigo, que prohibe aos incautos a passagem por ali. Responde-me sorridente, que está aqui para pintar quadros da guerra com os riscos que a ela são inerentes. E aventuramo-nos, sobre a estrada cavada de granadas, que as metralhadoras inimigas batem tão repetidas vezes.

Alguns momentos depois, quando o escuro impede já a visão, atravessamos o pequeno troço que nos separa da trincheira Elgin, limite direito do meu subsector. Por sorte nossa, só então rajadas de metralhadora varrem a Thileloy e o pintor tem a noção exacta do perigo que atravessou.

Seguimos o caminho de Temple Bar, apressadamente, porque o inimigo bombardeia com insistencia para a rectaguarda, talvez na direcção d'aquelle ponto, e certamente a Brigada já perguntou, alarmada, o que se passa.

Ao chegarmos a Road-Bend-post, o bombardeamento incidia sobre a estrada de Fauquissart que se abre na nossa frente e que devemos atravessar em direção a Temple Bar.

Paramos um instante na esperança de que o bombardeamento cesse. O inimigo porém, prosegue teimosamente, despejando com regularidade, de dois em dois minutos, que conto pelo relógio, uma granada explosiva. Cautelosamente, aproximamo-nos do ponto de queda dos projeteis e aguardamos deitados que um caia e faça explosão. E passados os estilhaços, que zunem em todas as direções, levantamo-nos apressadamente e atravessamos em corrida rápida a zona mais perigosa. E assim terminou a jornada estranha, que as coincidencias faziam parecer de verdadeira perseguição.

* * *

Ha dezesseis dias que está junto de nós o pintor, fazendo ao mesmo tempo vida de artista e militar. Acompanhou-nos a Laventie onde ficamos em reserva, aproveitando o tempo a completar alguns trabalhos, e foi tambem meu companheiro — n'uma rápida visita que fizemos a Bethune, onde imediatamente creou agradaveis relações.

Agora encontramos-nos de novo no sub sector de Fauquissart n.º 1, onde ele trabalha com paixão sobretudo, no seu grande quadro «A Rendição». O inimigo, porém, forneceu-lhe, por mal nosso, novos elementos, que ele aproveita consumindo todas as suas horas, quasi esgotando-se.

Como represalia a um bombardeamento, desencadeou sobre as nossas linhas um outro que as deixou em muitos pontos rasgadas, destruidas, arrasadas. Nem a segunda linha de cuja espessura de parapeito e solidez tanto confiáramos, consegue resistir — que o inimigo d'esta vez atira com artilharia pesada.

Aqui uma das granadas rasgou d'alto a baixo uma janela no parapeito, desfez n'ele inteiramente um abrigo e os pobres soldados que lá se encontravam.

Do que o abrigo era não existe mais do que um buraco negro, queimado, no interior do qual se dispersam restos de fato, de armas, de materiaes de construção tudo manchado do sangue que espadanou, semeado dos restos repugnantes de carne enegrecida que ainda nem houve tempo de recolher e limpar. Alem, outras granadas desfizeram, revolveram, mataram, oferecendo-nos um espectaculo horrivel de furia, de devastação. Abrigos tornados poços, trincheiras feitas aterros, vidas desaparecidas, aniquiladas, e deante de nós a urgencia, de reparar todo este mal, toda esta destruição!

O pintor porém, não vem a estes logares malditos, para fazer uma obra de delicadeza, de doçura, de suavidade. Procura principalmente, o que a guerra tem de barbaro, de horrivel, toda a sua violencia, a sua tragica devastação, a morte dos homens e das cousas. Procura fixar, para oferecer aos que vivem e aos que hão de vir depois de nós, flagrantés de côr, palpitan-tes de verdade, frementés de horror, os testemunhos vivos de selvageria, de deshumanidade crua que sob os seus olhos surprezos se desenrolam. Nem ele tenta ao menos ser juiz d'esta pugna em que os povos se destroem, mas simplesmente um colaborador da historia detalhada d'esta guerra, em testemunhos rigorosos de verdade, expressos em desenhos e em côres.

E com a sua bagagem d'arte basta e valiosa, diz um adeus agradecido ao que ele chama o seu batalhão e deixa entre nós, um vazio, uma saudade, que nenhuma outra companhia pode preencher nem apagar.

Paradis

Nos começos de fevereiro, a fadiga, o quasi esgotamento em que os homens se encontravam e a redução que haviam sofrido os efectivos, tornaram urgente, indispensavel, á rendição da Brigada a que pertenceo.

Paradis foi a terra que me destinaram para o chamado repouso, e nunca conheci tão pungente ironia como a applicação de nome tão evocador, a esta meia duzia de velhas *fermes*, arruinadas e dispersas, sobre uma planicie, virgem do menor traço de beleza.

Os soldados occupam como sempre os *grainiers* das *fermes*, os officiaes quartos pobres, acanhados, que são no entanto um ceu aberto para quem traz mais de dois longos meses, nos abrigos sem ar e sem luz, povoados de numerosas ratas que ali são comensaes constantes e *sans gêne*, mesmo verdadeiramente familiares. Ao menos aqui não teremos de comer por vezes os restos que elas nos deixam e de as sacudir violentamente, quando ás horas em que nos deitamos se permitem a ousadia de passeiar á vontade sobre nós. E teremos sobre tudo o prazer das nossas noites socegadas, na frescura quasi esquecida d'uns lençoes lavados, ás vezes mergulhados na vastidão d'uma velha cama franceza de molas gastas, relaxadas.

Por mim preparo a minha habitação n'uma *ferme* com os meus habituaes companheiros. N'ela e no grande moinho que me fica a uns cem metros, tenho alojados os meus soldados.

Alugamos na propria casa em que dormimos, um quarto espaçoso em que fazemos *messe*, escriptorio, e sala. Mandamos vir o piano que deixamos em Fosse cuidadosamente guardado, e ficamos preparados para passar este mez de descanso, em que devemos refazer-nos.

Os soldados merecem tambem os cuidados dos officiaes. Logo á chegada foram pedidos aos serviços administrativos da Brigada, roupas e fardamentos, palha para as camas e os banhos indispensaveis. Naturaes dificuldades — não havia o numero de fardamentos sufficiente, as roupas tambem não chegavam, as desinfecções e os banhos só poderiam ter logar quando houvesse vagas... E como a agua só é pura e abundante quando colhida na fonte, tiro-me dos meus cuidados, e sobre os lombos fortes do meu cavato, dirijo-me a La Gorgue onde ponho ao corrente da situação o meu amigo Victorino Guimarães chefe dos respectivos serviços, que immediatamente forneceu tudo quanto me faltava, não encontrando mesmo objeção alguma a opôr á satisfação das necessidades que lhe expuz.

A tres dias de estada aqui — já todos os homens com ar de aceio e de cuidado, quasi de luxo — quando nos julgavamos em descanso e em segurança por alguns dias á rectaguarda, as necessidades de defeza trahem ingratamente as nossas previsões. Uma ordem chega mandando ir muitos officiaes e nada menos de duzentos e tantos soldados, diariamente, á frente, a oito kilometros de distancia, afim de trabalharem na preparação de redes de arame. Emfim, 16 kilometros de viagem diaria, seguidos d'algumas

horas de trabalho . . . nas linhas. Devemos confessar que como descanso, não é positivamente de apetecer.

São porém necessidades de ordem militar, trabalhos de defeza a executar e é preciso que estes milhares de portuguezes deem exemplos de sacrificio. Uma certa relutancia se manifesta no entanto da parte de alguns soldados, que é necessario desfazer, reprimir, dominar. Para uns bastam as palavras simples convincentes, para outros, a sancção, o castigo. E alguns dias passados todos se conformam com esta situação, em que por falta de efectivos na frente, se descansa . . . indo lá trabalhar.

As tardes e as noutes porém são livres e socegadas. É uma vez ou outra percorremos as estradas que levam a Bethune — a sempre desejada — onde tantas afeições nos esperam, a Merville, a Lestrem onde habita Sá Cardoso, vamos um pouco por toda a parte onde velhas e fortes amisades nos atraem, onde podemos sentir a consoladora alegria de nos encontrarmos junto d'aqueles que foram companheiros de horas de paz e de felicidade, que nós agora lembramos saudosamente e que sentimos já tão longe, para além d'um longo anno de trabalho, de lucta, de sacrificios, de sofrimentos.

S. Floris, pequena vila estendida sobre a estrada que conduz de Merville a S. Venant a tres quilometros d'esta, é moradia de Sousa Lopes que n'um *chateau* junto da igreja, instalou a sua habitação e o seu atelier. Ali o vou ver tambem — conforme o prometido — e sob os meus olhos maravilhados se desdobram, as joias d'arte em que as suas mãos bem fadadas se occupam. Vejo os grupos da Rendição, o *A postos*, as ruinas de Fauquissart, o interior de Temple Bar, tudo enfim que consumiu as suas horas vividas nas trincheiras.

Outras tardes, ficamos na quietação do nosso pe-

quenino interior ouvindo com encanto e com exigencia, Ribeiro Gomes ao piano. Por vezes aparece Sousa Lopes para uma ida a Merville ou a Bethune instalado na comodidade vasta d'um caleche que me permite o luxo de adquirir. E uma vez aqui ele não dispensa uma peregrinação aos seus estimaveis conhecimentos entre os quaes se distinguem a gentil, pequenina, encantadora, mademoiselle Froissart e a alta, senhoril, admiravel madame Fournier, a quem ele chama a Maria Antonieta, rainha de França.

Quando a noute desce e a pequena cidade receiosa dos aeroplanos se some em sombra, retomamos a estrada larga, escura, apagada, onde não luz mais do que a claridade coada pela distancia, dos *very lights* atirados lá muito ao longe pelos soldados em primeira linha.

Martins Ferreira, especialista em assuntos culinarios, prepara com os recursos locais um jantar que nos não deixa grandes saudades, d'outros já muito distantes que comemos pelos restaurants. E depois d'ele, Ribeiro Gomes ao piano acompanha com emoção e com gravidade, a voz forte, longa e modulada do pintor, cantando com arte, com sentimento e com paixão mesmo, o Prologo dos Palhaços, Benevenuto Cellini, que sei eu! — que nós ouvimos religiosamente, com encanto como se nos encontrassemos não importa em que theatro d'Opera. E o grupo familiar é sempre o mesmo n'uma mesma disposição. O pintor e Ribeiro Gomes junto ao piano, M. Ferreira e eu á meza, Carlos de Moura, ao canto, enterrado no velho fauteil de veludo vermelho e coçado, recolhido, vivendo intensamente as suas emoções, dando á alma um consolador, purificador, banho d'arte.

Outros dias porém a vida é mais simples, campeina. Terminada a instrução de muitas horas, feito o erveço de fiscalisação, de administração, de discipli-

na, ou regressados da jornada longa e dos trabalhos nas linhas, juntamo-nos tranquilamente na espaçosa cosinha dos *fermiers* que nos dão abrigo.

Sentamo-nos em volta do fogão, ouvindo pacientemente as historias que nos conta a velha proprietaria e que veem desde os dias mais distantes, da sua mocidade. A um lado e outro da chaminé, fazendo *pendant*, o creado antigo e o patrão, tomam os seus invariaveis logares e fumam como consolo o tabaco que nos sobra da ração. As raparigas trabalham, dobradas sobre a costura ou repassando com cuidado as roupas que lhes confiamos.

As historias arrastam-se, repetem-se, eternizam-se, e não sei porquê, nós gosamos quasi com enternecimento esta simplicidade, esta pacificação. Já todos sabemos que nasceu lá adiante em Bout de Ville, na *ferme* quasi em ruinas junto ás linhas, onde ainda vive, na inconsciencia dos riscos e n'um feimoso apêgo, o centenario pae, em estado encarquilhado de mumia viva; como os irmãos se dispersaram, e as irmãs se casaram, o nascimento dos filhos e das filhas. Todos os factos a que a sua imaginação empresta um nada de relevo, são expostos, ingenuamente, com prazer, como se ela quizesse espraiar até as nossas almas a onda de emoções que a recordação faz subir, avolumar na sua.

As horas passam, escoam-se tranquilamente, e cautelosamente para nos não perturbarem, para nos deixarem medir em paz, involuntariamente, o abismo que nos separa das noutes agitadas, trabalhosas, cheias de sofrimento, de fadiga e de perigos, vividas nas trincheiras. E instintivamente invade-nos o desejo de ali ficarmos, interminavelmente, escutando sem interesse o *patois* da inocente velha, simples pretexto para nos demorarmos ali, esquecidos, junto ao fogão n'aquella suave atmosfera, de simplicidade.

Os velhos porém fatigados do trabalho em que substituem os filhos, agora na guerra, começam a dar mostras de cansasso e de somno. Levantam-se, fazem as suas despedidas, ganham o interior da *ferme* com destino ás camas que os atraem, os chamam. As raparigas vão tambem, que necessitam levantar-se cedo, mungir as vacas, cuidar do *betail* para se ocuparem do arranjo da casa. Mas a velha, continua ainda horas seguidas, insistente até que o somno irresistivel, começa a fazer-lhe pender a cabeça e termina por vencel-a definitivamente. Levantamo-nos então, a boa mulher desperta, fazemos uma despedida amigavel e reconhecida e o silencio desce por fim sobre a *ferme* isolada.

Champigny-Neuve-Chapelle

A vinte e cinco dias de estada em Paradis, recebemos a comunicação de que voltamos novamente para a frente a render a 5.^a brigada, já fatigada d'uma longa permanencia no sub-sector de Champigny. Não temos ainda um mez de repouso, mas a situação de esgotamento da brigada na frente, impõe o nosso sacrificio, a rendição imediata. Em tres dias a contar da chegada da ordem, temos de fazer os reconhecimentos indispensaveis e de deslocar-nos deixando livre o campo aos outros que veem descansar.

Transportamos o parque para Pont Riqueul as arrecadações para Riez Bailleul, ao sul de Laventie, e vamos directamente ás trincheiras onde revezamos o 13 que vae ficar a Pacaut.

Os officiaes do 13 declaram o sector excelente, calmo. Durante a sua longa permanencia ali, tiveram apenas alguns feridos, e sobre as linhas nem um morto. É com a alegria, de estudantes n'um começo de ferias grandes, desejam-nos sinceramente tanta sorte como a que desfructaram durante a longa estada n'este lugar.

Já com noute fechada damos entrada nas linhas, os homens de cada posto devidamente separados e conhecedores do ponto da trincheira que devem occupar. A rendição faz-se vagarosamente, silenciosa-

mente — que o menor ruído pode avisar o inimigo e provocar bombardeamento, sobre as trincheiras de comunicação que são a passagem forçosa dos homens áquela hora, dos que chegam e dos que partem.

E' desagradavel a chegada de noite a um sector que só nos é conhecido d'um simples reconhecimento feito n'algumas horas, quasi sempre em plena claridade. A noite empresta um aspecto diverso ás cousas, afasta-as, indecisa-as, fal-as perder a sua forma, o seu contorno.

Lançados nas trincheiras que só percorremos de dia, sentimo-nos em lugar que nos é inteiramente estranho. Nem caminhos, nem troços de linha, nem paisagem em volta, nem pontos de referencia, se nos tornam familiares á hora da sombra. A cada instante nos perguntamos o que nos cerca, em que direcção seguimos, o ponto em que nos encontramos.

O desconhecido em volta, faz pairar uma atmosfera de receio sobre o espirito dos soldados. Na frente tudo lhes parece ameaças, perigos, prestes a despenharem-se sobre eles. Os olhos não estão afeitos a distinguir a linha alemã, não reconhecem todas as irregularidades da terra de ninguem. A cada instante julgam ver inimigos movendo-se, rastejando, aproximando-se. E os tiros partem, os *very lights* sobem, repetidos, iluminando durante segundos todo o campo, o inimigo apercebe-se de estar em frente de tropas novas, e prepara as suas surpresas.

Quando a manhã rompe, e o campo se liberta da sombra, e se dissipa pouco a pouco a bruma que o esfuma, quando a claridade torna difficil os assaltos, quando vemos enfim o ponto em que nos encontramos, o campo que nos envolve e deante dos nossos olhos se desdobra, a alma dos soldados tranquilisa-se, ganha de novo calma e segurança.

O dia familiarisa-os com os campos que se des-

prenderam do escuro e pela tarde veem depois as cousas reentrar n'ele e tomar gradualmente a apparencia que lhes fica, quando n'ele inertemente se mergulham.

Quando a noute chega já os homens estão admiravelmente dispostos. Demais, o 13 que d'aqui sahio não teve uma só morte a lamentar. Facilmente acreditam todos que a existencia nos correrá tranquila, sem perturbações, sem acontecimento de relêvo. E todos recommçavam, com boa disposição um novo periodo da amarga, real, vida do verdadeiro, infundível *front*.

Quando o meu jantar havia terminado, apparece-me o meu amigo capitão da administração militar Costa Dias, que deseja passar uma noute nas trincheiras. Atrae-o a aventura, quere conhecer por propria experiencia, pelas pulsações do proprio coração, as emoções fortes que os perigos trazem. Digo-lhe que o sector é calmo, que ha muito tempo aqui se não passa factu algum consideravel, e que alem da banal visita aos postos e á trincheira, cousa alguma o pode interessar. Durante o dia, é certo, que os observatorios notaram em direcção á Distillery — vasta fabrica em ruinas — um desusado movimento. Mas não sei porquê, conquanto todas as ordens estejam dadas, o instincto não me diz que esteja sob a iminencia de acontecimentos que possam impressionar. Ele porém quere ver as linhas, assistir a combates, passar riscos. Vem da rectaguarda, onde sempre viveu e quere ter uma vez só que seja, no curto espaço de 24 horas, uma sensação forte de guerra. Tudo faz porém prever que a não experimentará.

Pelas quatro horas da manhã encontro-me eu entendido sobre os cobertores gosando a relativa comodidade e segurança que oferece um comando de batalhão.

Um ar de somno, resultante da fadiga do dia, torna ao redor cousas indistinctas, e o ruído que se faz fóra do meu abrigo chega aos meus ouvidos, com o vago, a imprecisão dos sons que veem de muito longe.

De repente, um formidavel bombardeamento faz-me saltar d'um pulo e correr ao posto onde se olha os signaes que das liuhas fazem com *very lights* coloridos. Um aparelho marca as direções dos extremos do meu subsector. Imediatamente á minha chegada, *very-lights* verdes e vermelhos sobem repetidamente ao ar, indicando um S. O. S. que é o pedido de apoio de artilharia. Corro ao telefone. A companhia da esquerda pede S. O. S., a do centro tambem. Mal tenho acabado de comunicar o pedido á artilharia, rompe esta um fogo nutrido sobre as posições avançadas do inimigo.

Retomo as ligações para os comandos das companhias mas duas d'elas, centro e esquerda, que tem um abrigo comum não respondem. Experimentamos todos os fios de ligação. Impossivel, -- que tudo está cortado. Ligo para a companhia da direita pedindo-lhe para fazer-me a comunicação para a sua esquerda. Chamam durante um instante que me parece um seculo, depois do que me respondem desoladamente que tambem esse ultimo recurso falhou.

O oficial das ligações, parte imediatamente acompanhado de telefonistas e aparelhos mas diz-me d'um ponto da trincheira de comunicação que é impossivel mesmo attingir a 2.^a linha por que a barragem da artilharia inimiga é inultrapassavel. Começo a notar uma certa agitação em volta, o que me leva a pedir que me deixem só com os telefonistas e o oficial da ligação da artilharia, alferes Candeias, que nunca perde o sangue frio.

N'isto chega-me um soldado, ofegante, quasi desvairado. Diz apressadamente que os alemães entra-

ram na primeira linha, mas não sabe mais coisa alguma nem justifica o motivo porque ali se encontra. Emfim, é um tímido que só quer apresentar uma razão da fuga, e isso já me diz que ele exagera. Não sei, porém, como conseguiu passar a salvo para a retaguarda, quando as ordenanças do batalhão não podem atravessar a barragem.

Chamo de novo para a companhia da direita que não é senão ligeiramente atacada, d'onde me responde o alferes Bello. Digo-lhe que me chega a noticia dos alemães terem entrado na esquerda e que é preciso localisal-os, impedir-lhes a sahida. Assesará as suas metralhadoras sobre o seu flanco esquerdo batendo insistentemente a terra de ninguem, procurando impedir a retirada, enquanto se dá reforço às companhias do centro e esquerda com forças da companhia de apoio.

Pede porém o alferes Bello que se lhe mande tambem um reforço para melhor executar a operação. Envio-lhe imediatamente um pelotão com graduados escolhidos.

O bombardeamento prosegue furioso de parte a parte. Uma ordenança chega emfim da frente. Os dois comandos retiram para a posição de resistencia porque as suas comunicações estavam cortadas quer com o batalhão quer com a primeira linha.

Lá de baixo enviam, emfim, a certeza de que se mantem a despeito de tudo. Os alemães assaltaram, entraram, mas a brecha foi localizada e vão ser repellidos. As forças de apoio começam de afluir ao ponto atacado, a situação melhora.

Da companhia da direita dizem emfim que, o alferes Moura chegou ali e seguiu imediatamente à primeira linha a fazer a ligação com as forças da esquerda. Mais ordenanças chegam de lá e dizem que os alemães são repellidos.

E' dada ordem para afrouxar o tiro de artilharia, e agora que a situação é clara, sigo para as trincheiras.

As de comunicação encontram-se arrasadas em muitos pontos, a segunda linha desfeita aqui e alem. N'isto, como por encanto, o tiroteio pára instantaneamente. Vou apressadamente á primeira linha, subo ao parapeito e vejo o signal da cruz vermelha içado sobre o parapeito inimigo. Pedem, enfim, uma tregua, desejam acudir aos feridos que os bombardeamentos e as metralhadoras lhes deixaram por terra.

Soldados meus conduzem já alguns prisioneiros que os alemães deixaram nas nossas mãos. Um, ferido, diz desoladamente as poucas palavras que suppõe que posso compreender-lhe: *Nich Krieg, nich Kaiser*. Recomendo que o levem imediatamente ao posto de socorros para ser devidamente pensado. Depois tomo sobre a esquerda para percorrer a parte atacada da trincheira. Quasi nada d'ela resta agora depois do combate.

O fogo da artilharia inimiga e dos morteiros, reduziu parapeito e abrigos a montes informes de cousas. Aqui arranca-se um morto aos escombros, que o cobrem, mais alem transporta-se em braços ou em macas, feridos da refrega. Percorro os postos e a linha de fiscalisação e conto sete mortos.

Este espectáculo de morte, para quem guarnece trincheiras, torna-se comum, corrente, cai quasi na banalidade. Verdadeiramente só o sentimos muito, quando a victima merecia a nossa simpatia, vivia na nossa intimidade.

N'um posto, porém, encontro um morto que me infunde horror. Um morteiro que lhe cahiu aos pés desfez-lhe completamente as pernas, os quadris, deixando apenas a cabeça e o peito mergulhados debaixo da banqueta. O resto não é mais do que um trapo, um

farrapo humano, uma cousa informe, horrivel, carne esfrangalhada escorrendo sangue e lama, e dispersando-se em volta em bocados, em massa, em pedaços irreconheciveis, repugnantes. É este espectáculo que deveria despertar a minha pena, suscitar a minha piedade, faz-me estremecer a carne n'um arripio, desviar a vista com repulsão.

Mais alem um alemão morto, cahido sobre as costas no fundo da trincheira. Uma bala atravessou-lhe a aba do capacete, fez-lhe um rasgão na frente d'onde o sangue corre ainda em fio. Os seus olhos muito abertos, muito azues, teem um ar de intima serenidade, como se a vida se lhe tivesse apagado insensivelmente, em plena felicidade e a morte não fosse mais do que um abismo em que com volupia se deixasse escorregar perdendo para sempre a noção da sua existencia, desagregando suavemente a sua forma, transformando com gozo a sua substancia. Aqui dois feridos imploram ainda que os transportem, aguardam vez — que as macas de que dispomos estão já todas em serviço. É um d'elles vae contando arrastadamente que o bombardeamento foi terrivel sobre a 1.^a linha e que logo a seguir, se deslocára para a segunda. Quasi no mesmo instante os alemães haviam surgido na frente procurando assaltar o parapeito. Eles porém, haviam luctado sempre, até que uma granada de mão rebentou ali e os feriu a ambos. Tinham visto os alemães passar junto d'elles, mas feridos como estavam, nem atenção lhes haviam merecido. É quando os portuguezes atacaram com mais furor os inimigos, para os atirarem para fora da posição, toda aquela lucta se tinha passado por cima d'elles, sem que tivessem forças para arrastarem-se, para abrigarem-se de encontro a um talude, e haviam então esperado, com resignação, quasi sem pena, abandonando-se mesmo, a morte que sentiam iminente.

Aqui, onde existia um posto de seis homens, não ha mais do que um montão de escombros onde se descobre sem difficuldade os corpos de tres mortos. Dois feridos foram já removidos, enviados rapidamente ao posto de socorros e só um combatente conseguiu ficar ileso. Batera-se sózinho até ao fim com a sua metralhadora, e quando as munições se lhe haviam acabado e os alemães o haviam assaltado, atirara-se com ela a um dreno, d'onde a tirara de novo assim que a refrega cessára.

Por toda a parte vae uma azafama desusada. Feridos, em braços e em macas, seguem rapidamente para a rectaguarda. Soldados empunhando pás e picaretas, abrem passagens nas trincheiras aterradas, trabalham para arrancar mortos soterrados nos abrigos. Trabalha-se já na reparação, na preparação da defeza contra novo assalto que o inimigo projecte. Transporta-se munições, substitue-se armamento destruido.

Lá fora, sobre o *terreno de ninguem*, onde ainda está arvorada a bandeira da cruz vermelha, os alemães levantam corpos uns atrás dos outros, e transportam-nos para o interior das suas linhas. Já levantaram dezenas, e continuam trabalhando. A tregua porém já vae longa, a lucta pode recommençar. Do meu lado são feitos tres tiros para o ar para que o adversario recolha os homens que tem fora do parapeito. E quasi instantaneamente, voltamos de novo ás posições de combate.

No meu sub-sector depois d'este brutal bombardeamento tenho sete mortos e calculo uns quinze a vinte feridos por balas e estilhaços. O peor é que tambem já tenho gazeados que vomitam e se estorcem em convulsões, e são bastante numerosos, victimas das granadas de gazes que cahiram.

O inimigo porém, a cada instante faz levantar a

bandeira da cruz vermelha, e tres homens saltam o parapeito, com braçoes que consigo distinguir de longe, a levantar algum morto, algum ferido, que ficou jazendo sobre o campo.

Só ás quatro da tarde terminou emfim aquele trabalho, — que o inimigo sofreu, certamente, extraordinarias perdas n'este *raid* que planeou e desencadeou sobre nós. De resto assim o afirmam os prisioneiros que nas nossas mãos ficaram, e que pertenciam ás tres companhias de assalto que sobre a companhia da esquerda se lançaram.

* * *

A noute que se segue é relativamente tranquila, mas não tem a calma que as minhas previsões admittiram. O inimigo duramente batido, manifesta o seu desejo de vingança, hostilizando-nos de vez em quando. Os seus morteiros trabalham repetidamente, martelam as nossas trincheiras. Mas os homens, espreitam-nos com cuidado, e quando o projectil lá no alto descreve um arco luminoso e acusa o ponto onde vae cahir, eles furtam-se-lhe, correndo a um e outro lado, colando-se, agachados, aos parapeitos, aos pára-costas, aos travezes. As metralhadoras tambem atiram com insistencia, procuram ao acaso alguma patrulha ou algum incauto que se não encontre devidamente abrigado. As balas porém ou se cravam na nossa frente ou passam sobre nós silvando, zunindo. De longe em longe tambem as granadas de espingarda veem bater adeante de nós que a distancia que nos separa dos seus atiradores é grande de mais para que possamos ser atingidos.

Assim que a manhã rompe, um bombardeamento rebentou de novo sobre alguns dos nossos postos. Pedê-se uma represalia á artilharia que atira doze

granadas. O inimigo repete o bombardeamento e nova represalia é pedida e satisfeita. Ao mesmo tempo peço ao alferes Silvino Saraiva, um bravo e ao mesmo tempo admiravel especialista de morteiros ligeiros, que ponha um ou dois dos seus aparelhos a trabalhar. E alguns momentos passados os projecteis, succedem-se com tal rapidez, que ás vezes chegamos a contar d'uma só vez aos dez e aos doze dirigindo-se em bicha ás trincheiras inimigas, onde produzem o efeito de granadas.

Depois d'uma calma d'algumas horas, recomeça o inimigo por vezes, bombardeamentos, que nós vamos pagando com represalias, agora de artilharia, logo de morteiros.

Um ferido aqui, um outro alem, tres hoje, quatro amanhã, dois ou tres mortos de vez em quando, assim passa a infeliz primeira estada, n'este sector de Champigny tão quieto antes da nossa vinda, tão agitado agora, que nos levou já algumas dezenas de companheiros de lucta.

* * *

Após seis linhas de permanencia na frente, a ordem de rendição mandava-nos estabelecer em Pont du Hem, sobre a estrada de La Bassée, nas casas que infantaria 11 nos deixaria livres. Ao cahir da noute começaram de chegar as forças que nos substituiam. As conferencias do estilo, as verificações, os mapas a assignar e um *bonne chance* de despedida. A noute desceu já sobre nós.

Tomamos a Bacquerot em direcção á Rouge Croix onde os guias que o 11 nos deveria ter deixado, indicariam por companhia o local que cada um deve ocupar. Como os guias não estão, resolvemos seguir até Pont du Hem onde certamente nos encontraríamos. Aqui nova desilusão.

Começamos porém a tirar-nos de dificuldades procurando a um e outro lado indicações sobre o alojamento. E conseguimos depois d'algum trabalho instalar os soldados, chegando enfim a nossa vez de procurarmos oferecer o regalo d'uma cama, aos nossos corpos fatigados.

A artilharia inimiga demora porém a realização d'este desejo, começando a bombardear, furiosamente, a um e outro lado da estrada.

Sem outro abrigo ali ao alcance, metemo-nos nos portaes d'uma casa á esquina de Pont du Hem e aguardamos que o perigo passe. As granadas veem umas após outras, e nós sentimo-las, desde longe, dirigindo-se para nós, resfolegando na nossa direcção.

Caem, os estilhaços dispersam-se, assobiando, zunindo, e constituem uma verdadeira chuva metalica em torno de nós. Esperamos pacientemente durante algum tempo. Mas este corre, o bombardeamento não pára, não temos onde occultar-nos e começamos já a lastimar a nossa vinda para a rectaguarda, para este logar batido.

Ao fim d'uma longa, desesperante hora, tudo, enfim, serena e pômo-nos de novo a caminho á procura da casa que deve acolher-nos. Batemos ás raras portas onde a luz atravez das frinchas acusa ainda um raro morador, até que uma velhinha nos diz que conta connosco e nos aguarda depois de muito tempo.

Entramos n'aquela interior pobre, d'um predio quasi em ruinas, a desfazer-se.

As ordenanças pousam as valises e começam cada uma a arranjar uma cama ao seu official, a dispôr-lhe todas as cousas para que ele tenha o maximo de commodidade, de conforto possivel.

São dois os quartos de que dispomos. Um tem duas janelas sobre a estrada de La Bassée, vedadas a madeiramento crivado, furado de estilhaços. Duas camas

feitas com travessas de madeira taes quaes as da trincheira e sobre elas um pouco de palha sobre que vão estender-se os cobertores que trazemos. E' o melhor quarto da casa. A porta, dá sobre a *casa de jantar* em que ha apenas quatro môchos e duas velhas mezas de pinho. Mas tem uma vasta lareira, um bom fogão que vamos procurar acender.

O outro quarto é interior, sem janelas, e tem apenas por mobilia tres camas do mesmo genero, e os pregos numerosos, ferrugentos que abundam pelas paredes. A velha dorme com uma sobrinha, n'uma cave onde tambem não fica em segurança.

Escolho o quarto maior, a despeito da ameaça dos estilhaços. Intimamente faço a consideração de que eles não hão de entrar precisamente no momento em que eu estiver deitado e, que ainda entrando, não é natural que venham justamente na direcção em que me encontro. É a acertar uma granada em cheio, tão ameaçado estou aqui, como no cubiculo interior sem ar e sem luz. Demais, ali está a boa velha que ainda não morreu e eu conto pelo menos ter tanta sorte como ela. O habito do perigo nas linhas traz-nos esta confiança na boa estrela.

A velha não sabe porquê, tem uma grande alegria em vêr-nos chegar. Senta-se junto ao fogão e confessa no *seu patois* que vendo-nos aqui tem menos receo, sente dissipar-se um pouco o mêdo. Nunca quiz abandonar a sua casa. D'antes a vida aqui era tranquila. Depois porém que os portuguezes tinham instalado as suas baterias a um e outro lado da estrada a vida tornára-se um verdadeiro inferno. Raro era agora o dia em que não suportavam um bombardeamento e quantas vezes dois e tres. A quasi totalidade dos moradores tinha partido, abandonando suas casas e só cá vem de vez em quando a ver o que a terra produz. Outros nem isso — que as casas ha-

viam sido atingidas e as terras revolvidas. Vivem lá para traz refugiados, procurando ganhar a vida com duro trabalho nas vilas proximas, ou alojados em pequenas casitas desmontaveis, em madeira, que instalaram á beira das estradas.

Ela porém não tem coragem de desapegar-se. São as suas cousas, a casa que a viu nascer, em que se seguiu a evolução da sua apagada existencia, tudo que lhe resta, e conta que a paz a encontre aqui se a morte a não buscar antes. E quer conversar, contar talvez pela millessima vez a sua historia, pôr aqui presente os nossos espiritos, os paes mortos já ha muitas desenhas d'annos, a velha avó sobre cujos olhos brincou, os irmãos perdidos, toda uma arvorefamiliar com numerosos, já sêcos ramos. Mas as horas vão adeantadas e nós resolvemos recolher-nos, descansar. Ela então com resignação, confessa que tem muita pena, que ficaria ali até amanhecer, porque é sobretudo á noute que ela sente um mêdo que trase e gela, um mêdo dominador, invencivel.

Na reserva

Pont du Hem encontra-se quasi completamente em ruinas. Por um lado a larga estrada conduzindo á frente, é uma arteria que ao inimigo convem bater, e os golpes sobre ela vibrados, atingem em cheio ou com estilhaços as suas casas. Por outro lado baterias de artilharia de todos os calibres, portuguezas e inglezas, chamam constantemente os tiros inimigos.

A cento e cincoenta metros na frente da casa que agora habito, estão os obuses de Joaquim Ribeiro. A trezentos metros sobre a minha frente e esquerda, os do capitão Roquette. A' minha rectaguarda e direita, uma nova bateria de 75 a que pertence o tenente Barbosa de Magalhães. Para traz de mim á esquerda uma outra, pesada, ingleza e outra para a direita perto de Riez Bailleul, e outra para alem ainda junto de Bout de Ville.

O inimigo procura-as constantemente, escondidas nos seus abrigos disfarçados com as esverdeadas *camouflages* e quando as sente referenciadas, faz desabar sobre elas verdadeiros diluvios de ferro e de explosivos. E tudo que está em volta tem de sofrer: a população, os soldados, que teem mortos e feridos, as propriedades que teem estragos. As granadas pesadas veem lá de longe, com um ruido de plaina

arrancando longas aparas sobre madeira mole e lisa. Sabemos já d'onde vêm, podemos julgar mesmo a direcção que seguem, o ponto onde vêm cair. Se caem perto, abrigamo-nos nos primeiros instantes, de traz de qualquer cousa que possa servir-nos de pára-estilhaços. Na primeira, na incerteza que ha do ponto que ela quer bater é que reside verdadeiramente o perigo. Uma vez porém sabido o que o inimigo pretende, onde ele tem o seu tiro regulado, podemos assistir, tranquilamente a um bombardeamento, apenas a uns quatrocentos metros do ponto de queda dos seus projecteis.

N'estes ultimos dias, porém, o inimigo não nos tem deixado um momento de tranquillidade. Agora sobre um ponto, logo sobre um outro, interrompe por pouco tempo o seu tiroteio.

Na minha frente, a bateria de Joaquim Ribeiro foi fartamente regada de projecteis. Da minha porta, vejo distinctamente um obuz volumoso, envolto n'uma longa *camouflage*, n'um abrigo junto á trincheira de reserva que ali passa. Os habitantes das trez casas que lhe ficam proximas desceram já ás caves ou fugiram para as casas dos vizinhos.

A certa altura uma granada acerta em pleno, sobre a mais proxima e, seguidamente, sob a violencia da explosão, uma nuvem de pó avermelhado sobe ao ar, o tecto desfeito abate, as paredes são projectadas a distancia em mil bocados. De pé, apenas ficam os alicerces a esboroarem-se, um resto de panno de parede em que se vê ainda um bocado de peitoril.

Quasi a seguir outra granada cae, toda a *camouflage* se incendeia, a forma do obuz emerge das labaredas, chamuscada, enegrecida.

Dois soldados, fogem, correm apressadamente na direcção da rectaguarda. Uma granada inimiga havia penetrado no abrigo em que se encontravam, junto

do obuz, fizera ali explosão, incendiara toda a polvora, comunicara então o fogo á *camouflage*, mas eles, não sei como, haviam ficado completamente ilésos, podendo fornecer ás almas tementes a Deus, a noticia de mais um milagre, a acrescentar á longa lista dos muitos que já teem sido realizados.

O que é verdade, é que esta região se tornou agora um verdadeiro inferno em que não ha um instante de silencio, de tranquillidade.

Por vezes é o inimigo que nos bombardeia, por outras, todas estas baterias iuglezas e portuguezas rompem fogo ao mesmo tempo, fazendo um barulho ensurdecedor, dando estremecimentos a toda a terra, verdadeiras sacudidelas ás casas que fendem e se arruinam.

A' noute, jantando nós fora de horas já, Joaquim Ribeiro, os companheiros da minha *messe* e eu, um bombardeamento começa sobre a estrada de La Basée. As granadas cahem tão proximas que a cada instante os muros, o telhado, são fustigados, crivados, pela metralha. De cada vez que uma granada se aproxima, escondemo-nos detraz do grande forno da casa, ponto em que ficamos mais solidamente abrigados.

De instante a instante, nos intervalos, cada um vai junto á meza comer alguma cousa, sempre preparado para voltar ao esconderijo, ao primeiro rumor de aproximação. O bombardeamento é feito com uma unica bateria que os artilheiros portuguezes chamam de *competencia* — bateria ligeira, d'uma extrema mobilidade, cujos projecteis cruzam o ar em muitas direções, lembrando o uivar agudo e agoirento d'um cão pequeno.

Uma granada mais proxima, cahindo sobre a estrada, criva de estilhaços a parede fronteira, o madeiramento das janelas, rasga, destroe as roupas esten-

didias sobre a cama, os objectos pendentes das paredes.

Se me tivesse deitado á hora a que habitualmente o faço, já tinha desaparecido do numero dos vivos.

E de tal forma a vida aqui tem sido agitada que já espero com quasi impaciencia o momento de ir para a frente, a estabelecer-me em situação de apoio das forças em primeira linha. Ao menos ali, já para além da posição das baterias ficarei n'uma zona mais quieta, mais tranquila, fora do alcance dos morteiros e longe ainda d'estes logares constantemente castigados.

Semana de sangue

Da situação d'apoio, estabelecida em restos de velhas *fermes* e em fracos reductos resguardados apenas com sacos de terra, na linha dos comandos dos batalhões, voltamos de novo ás linhas a substituir infantaria 11. Os dias ali não nos foram felizes, porque o inimigo n'este mez de março parece ter enraivecido, e bombardeia constantemente todos os pontos em que consegue descobrir o mais ligeiro indicio de movimento. Algumas perdas tivemos mesmo a deplorar, porque o abrigo d'um reducto cedeu sob o bombardeamento e os homens que lá estavam foram mortos ou feridos.

Aqui porém, ha agora raros momentos de calma. Logo na primeira madrugada, pelas quatro da manhã, desencadeia o inimigo sobre nós um furioso ataque com morteiros e granadas de gaz e outros explosivos. Muitos homens colam as mascaras ao rosto, mal ouvem o som das matracas e das sinetas, mas outros simplesmente quando começam a sentir os primeiros sintomas da sufocação. O tiro inimigo porém não cessa, destroe parapeitos, aterra trincheiras, desmorona abrigos, abre covas aqui, rasgões alem.

Experimentados já, n'outras luctas mais rudes ainda,

todos procuram resistir, sobem ás banquetas, esperando com resolução o assalto inimigo. Mas a mascara dificulta a respiração, os vidros começam a embaciar-se, a visão torna-se difficil, sobretudo a distancia, àquella hora de sombra. Muitos, na convicção da proximidade do inimigo tiram as mascaras, inspiram em haustos profundos o ar fresco exterior, preparam-se para o assalto que sentem iminente. O inimigo, porém, conserva-se prudentemente a distancia e, lá de longe, continua a martelar raivosamente sobre as nossas posições.

Da frente sobem ao ar *very-lights* verdes e vermelhos, a que se segue pelo telefone a comunicação S. O. S. Imediatamente a artilharia portugueza rompe o fogo sobre as linhas inimigas, onde das nossas linhas vemos as explosões succederem-se proximas e violentas. Apoiados assim, os homens ganham confiança, sentem-se protegidos, seguros e não seria mesmo difficil arrancar-os n'esta hora heroica, em direção ás trincheiras alemãs.

De parte a parte a lucta de artilharia e de morteiros prosegue com uma furia inaudita, homens caem gemendo, praguejando, enquanto outros, heroicos, decididos, incitam, encorajam os companheiros á resistencia.

Officiaes e graduados correm, arriscando-se, expondo-se, d'um posto a outro excitados, esquecidos dos perigos que os ameaçam. E n'estes momentos de tragica violencia eu creio que nenhum d'elles tem deante do espirito uma ideia de familia ou de Patria, que os cronistas de guerra constantemente dizem guiar os homens n'estes supremos instantes em que se lucta e se vence e se morre. Cada um parece antes concorrer para uma comum defeza das proprias vidas, movido, arrastado, dominado por um ancestral, selvatico instincto, de destruir, esmagar um adversa-

rio que se levanta, ameaçador, na sua frente. Submete ou domina, vence ou morre, eis o unico dilema que ao espirito de todos se apresenta. As idéas grandiosas que os escriptores na quietude dos seus gabinetes emprestaram aos luctadores, serviram-lhes para escreverem paginas de maravilha, mas creio bem que não vivem nos espiritos d'aqueles, senão nos momentos em que cada um medita serenamente e se prepara e se decide para as situações e para os sacrificios que o cumprimento do dever impõe. N'estes porém, de acesa batalha, nós praticamos sem um momento de reflexão, sem um assomo de generosidade, sem sentimentos de piedade, talvez escusados actos da mais selvatica, cruel, feroz barbaridade.

Deante de nós o inimigo começa de cedêr, afrouxa, diminue a intensidade do seu tiro. O fumo e o nevoeiro dissipam-se e com o dia que já nasceu, podemos nós vêr o terreno na nossa frente onde não distinguimos adversarios, mas simplesmente a queda repetida dos nossos projecteis continuando ali a sua obra de destruição. O nosso fogo diminue tambem e dentro em pouco, reina em volta um egual silencio, uma profunda inalteravel serenidade.

Despertam-se então no nosso intimo os sentimentos generosos, dobramo-nos amorosamente sobre os feridos que se estorcem por terra, ajudamos enternecidamente a levantar-os, a collocal-os com cuidados sobre as macas, a consolal-os, a fazel-os transportar rapidamente para a rectaguarda, onde podem, emfim, ser devidamente soccorridos.

D'um ponto a outro da linha cahiram por terra doze homens muitos dos quaes gravemente feridos, que já tiveram, certamente, as suas derradeiras horas de vida intensa.

Alguns momentos depois, começa a sentir-se os efeitos maleficos do gaz, e cahem homens, uns após

outros, a cabeça estonteada, os pulmões em fogo, uma garra cravando-se-lhes na garganta a sufocal-os, o corpo sacudido de horríveis convulsões. E uma hora passada, sessenta haviam já seguido para o posto de socorros, atacados, vencidos, condenados por este horrível processo de combate.

* * *

As baixas do primeiro dia foram sofridas pelas duas companhias do batalhão que guarneciam o centro e a esquerda.

A terceira, apoiando as companhias na frente, e a quarta na direita, haviam saído quasi ilesas da áspera refréga em que as outras mais se haviam empenhado. O inimigo, agora, parece querer dar uma tregua ao centro e esquerda e de espaço a espaço assesta os seus morteiros sobre o nosso extremo direito, muito proximo das crateras que ele tem organisadas e donde facilmente nos atinge.

De horas a horas rompe o tiroteio. Do nosso lado procuramos com cuidado descobrir onde se encontram as posições de morteiros com que a cada instante nos incomoda.

Só pela tarde quando já contavamos alguns feridos, Ribeiro Gomes conseguiu vêr o ponto certo d'onde partiam muitos dos tiros que cahiam sobre nós. O morteiro estava muito perto, no fundo d'uma das crateras.

O alferes Silvino Saraiva das baterias de morteiros ligeiros foi imediatamente chamado e informado do ponto a bater. E dentro em pouco uma verdadeira chuva de projecteis nossos, abate-se copiosa e destruidora, sobre a posição inimiga indicada, que não responde mais.

Mais uma tregua d'algumas horas permite-nos en-

trar tranquilamente na noute. Mas pela volta das onze, quando tudo em volta era quietação e silencio, inesperadamente, o centro, onde se encontra a primeira companhia faz subir um *very-light* verde seguido d'outro vermelho, a que se segue a rapida comunicação S. O. S.

Ligamos para a artilharia: companhia do centro S. O. S. Dois minutos passados a artilharia portugueza rompia um fogo violento — o 75 a quatro, os obuzes a 2 tiros por minuto.

Servindo-se de cifra, dizem da frente que por surpresa, sem nenhuma especie de preparação de artilharia, o inimigo surgira muito perto, prompto a lançar-se sobre as linhas. E passados alguns instantes, afastado o perigo, pedem a diminuição do tiro dos canhões, até completa paragem.

Deante de nós, junto dos arames mais avançados ouve-se o ruido d'alguem que se move. Talvez algum ferido que ali procura arrastar-se até ás suas linhas. Determinado o ponto, consegue-se de facto descobrir uma forma que se mexe lentamente. O alferes Bello acompanhado d'alguns soldados salta o parapeito, passa além dos arames e dirige-se ao local marcado, procurando com cuidado no terreno, as covas no fundo das quaes ha escuro; e depois d'alguns momentos de busca e de movimento regressa ás linhas, trazendo um alemão, que lá fóra tentava esconder-se.

E' um rapaz, alto, magro, todo rasgado, encharcado, escorrendo lama desde a cabeça aos pés. Tem o ar assustado d'uma ave que acabam de privar da liberdade, olha com receio a um e outro lado, como se esperasse alguma aggressão, alguns maus tratos dos homens que curiosamente o cercam, e chega-se quanto póde para os officiaes a quem entrega sem relutancia, a pistola que traz á cinta.

A caminho do batalhão vem contando, em mau fran-

cez, que é ajudante d'uma companhia d'assalto e que seria promovido dentro d'alguns dias a oficial. Tinha sahido com um tenente e trinta homens em direção ao ponto das linhas em que foi feito prisioneiro. A certa altura, porém, tinham-se separado um pouco,—o oficial com dezoito homens, ficando ele com doze. Contavam vir a um ponto da nossa linha por surpresa mas a nossa artilharia havia atirado com tal violencia e com tal rapidez, que ele não tivera tempo de entrar e os seus homens haviam-lhe fugido, deixando-o embaraçado nos arames. Ali aguardara, metido n'uma cova, completamente enterrado na fama, que a tempestade passasse para desprender-se e voltar ás linhas alemãs. Presentido, tornara a esconder-se, mas haviam-no descoberto, e ele só, não pudéra resistir, cederá. Que ao menos lá do outro lado não o imaginassem desertor.

De resto, ele não ficaria muito tempo no captivo. «Hindenburg e Ludendorff haviam começado a grande ofensiva d'Amiens que proseguia victoriosa. A Alemanha accumulára ali todas as suas forças e separaria fatalmente o exercito francez do inglez, atirando um sobre Calais, o outro sobre Paris, envolvida a sua ala esquerda. Os aliados não poderiam resistir. Hindenburg e Ludendorff são os dois maiores generaes, o exercito alemão o mais forte e o mais aguerrido do mundo inteiro, a Alemanha um paiz invencivel. Demais, os aliados encontram-se quasi á fome, impedidos de navegar, por virtude da guerra submarina.» Desconhece a nossa situação, fala com dificuldade o francez, mas raciocina com clareza, dentro das premissas falsas que do outro lado lhe meteram na cabeça.

Faço-o entrar no meu abrigo onde o vejo, enfim, á claridade das velas. E' imberbe ainda. Treme de frio, molhado, o fato em farrapos, rasgado nos arames, deixando vêr aqui e além a carne enlameada.

Emquanto aguarda que o venham buscar, vai fazendo sempre, e tremendo, arripiado. Dou-lhe roupa minha, enxuta, e forneço-lhe um fato de soldado. Depois reconforto-o com alguns calices de vinho do Porto e dou-lhe de comer por tal fôrma, que as suas ilusões sobre a nossa fome se desvaneceram n'um momento. É sobre tudo, apiedado já, da sua condição de vencido, de prisioneiro, procuro tranquilisar o seu espirito, fazer-lhe entrever uma existencia relativamente feliz nos seus dias de cativo.

* * *

Durante a noite ha movimento na 1.^a linha alemã mesmo em frente do ponto em que a operação se realisou. Não sei se procuram o prisioneiro e os mortos que tivessem tido, ou se preparam nova operação. As escutas, deitadas por terra além do parapeito tambem accusam a todo o instante, ruido de vozes e de passos, e todos estão a postos. Quatro metralhadoras trabalham repetidamente para impedir a possibilidade de formações na nossa frente, sobre o terreno inter-trincheiras.

Mal rompe a manhã, o inimigo arvora nas suas posições uma bandeira da cruz vermelha, como se tivesse de levantar mortos ou feridos, depois do que tres homens saem o parapeito procurando qualquer cousa a um e outro lado junto das suas linhas. E passado algum tempo fatigados d'um trabalho inutil, reentram de novo. Adquiro, enfim, a convicção de que procuram o ajudante. Mas a estas horas deve ele repousar já muito longe d'aqui, das fadigas e das luctas d'alguns annos de guerra.

Pouco depois, pelas sete da manhã, os morteiros alemães em colaboração com baterias de artilharia ligeira, começaram a bater com violencia um posto de

metralhadoras, colocado no arco em frente da trincheira de comunicação Winchester.

Vendo o posto em perigo, os seus homens condenados ao aniquilamento, se ali continuassem, o alferes Carlos de Moura tomou a resolução rápida de lá ir, afim de o deslocar antes de o vêr sacrificado. Correu sem hesitação e fez retirar cinco dos homens, que estavam vivos. Os outros dois, os melhores d'aquêle posto e dos mais valentes soldados da companhia, haviam já morrido sob um morteiro ligeiro. Mas ao regressar, um morteiro cahiu perto de Carlos de Moura que sem dizer uma palavra cahiu de bruços, ficando com a cabeça apoiada contra as grades de revestimento.

O alferes Martins Ferreira que vinha do extremo direito do sub-sector ao seu encontro, quando chegou junto d'ele, vendo-o n'aquela atitude e julgando-o ferido sacudiu-o, anciosamente, e chamou-o. A cabeça pendeu, abandonada, um tenue fio de sangue humedecendo-lhe o buço. Mais nenhuma indicação de ferimento se notava n'ele e por isso os soldados se não julgavam em presença d'um caso de morte que lhes roubasse para sempre um tão querido oficial.

Levam-no rapidamente ao posto de socorros emquanto me previnem do succedido. Quando ali chego, dois medicos começavam a despil-o e antes de pergunta minha dizem-me que está morto.

Para aqueles que lerem estas notas a morte d'este oficial, é um caso vulgar, banal, d'uma campanha em que semelhante factó tanta vez se repete.

Para mim, porém, em cuja intimidade ele sempre viveu, merecendo tanto a minha admiração pela sua bravura como a minha amisade, é a origem da mais profunda, da mais intensa amargura, que até hoje, n'estes mezes de guerra, em que as situações dolorosas são tão repetidas, me tem oprimido o coração.

Procuram os medicos verificar a causa da sua morte. Nada mais apresenta do que duas pequenas feridas junto á articulaco do hombro direito que quasi nem sangram e que difficilmente deixam conceber como a podem produzir. Os medicos porém, insistem em que lhe não resta um sopro de vida e fazem-no transferir para a casa mortuaria.

Poucos momentos depois ali vou vel-o de novo, na esperança que não sei qu me sugere de que ainda esteja vivo.

Tem uma expressão natural, os olhos muito abertos, insensiveis s formas exteriores. Procuro fechar-lh'os e sinto-lhe uma temperatura normal, impossivel quanto a mim n'um morto de tanto tempo. Insisto, pois, com os medicos para que o examinem de novo e eles, já com certeza que me são dolorosas que me querem roubar uma ultima fugidia esperança, consentem em fazel-o voltar ao posto para ser outra vez observado. Concordam em que a temperatura  estranha e conjugam isto com o facto da insignificancia das feridas. Demais eu vou contando que ele por vezes adormece tão profundamente que difficil se torna despertal-o. Os companheiros chamam-lhe mesmo o morto vivo.

Um dos medicos fala de rarissimos casos de morte aparente e toma em conta as referencias que vou fazendo. Insistente, pergunto ainda se  possivel fazer-lhe alguma injecco que o desperte, e imediatamente se ensaia-a cafeina.

Tudo  inutil porém. A reaco salvadora que a minha anciedade esperou, não se produziu, esforço algum conseguiu arrancar-o  sua imobilidade. A temperatura, o mais forte esteio da minha derradeira esperança, continua inalteravel, e s quatro horas depois da morte, começa a diminuir, o olhar a tornar-se vitreo, a certeza indiscutivel a esmagar-me.

* * *

Após um repouso d'algumas horas, o inimigo começou o bombardeamento. Do comando da companhia da direita, informam imediatamente visar um posto d'observação. E poucos momentos passados enviam a notícia do ferimento d'um observador e da morte d'um outro, Primo Frade, também da quarta companhia. Um estilhaço em movimento para a recataguarda do ponto da queda da granada, entrara a porta do observatorio onde ele se abrigava e atinge-o em plena testa dando-lhe morte instantanea. Menos um, e dos bons, com que poderemos contar d'aqui em deante.

Todas as mortes do dia se produziram na quarta companhia, parecendo que uma mão invisivel indicou as victimas, escolhendo-as sempre entre os melhores, soldados e officiaes.

Ao romper da manhã novo bombardeamento se produziu, que levou as companhias da frente a pedirem S. O. S., julgando as suas posições difficilmente sustentaveis, na iminencia d'um assalto. A artilharia portugueza rompeu immediatamente o fogo e durante alguns momentos não se ouviu mais do que o disparo sucessivo das peças e o reventamento dos projecteis, lá na frente, produzindo destruições sobre as linhas inimigas.

Quando o dia se tornou inteiramente claro, o bombardeamento cedeu pouco a pouco até cessar completamente. Por nossa parte a tempestade serenou também e cada um dos dois adversarios, foi certamente pensar, reparar, os estragos sofridos na inutil, curta, mas violenta refrega, que teve por unico resultado poucas mortes, alguns feridos, mas numerosos gaseados.

Pela tarde, o inimigo pondo em acção os seus

morteiros, recomeça a bater com intermitencias sobre as nossas linhas, o que leva de cada vez a uma retaliação de artilharia. Tanta insistencia porém, leva o alferes Bello, a reclamar insistentemente a intervenção dos morteiros do alferes Saraiva, na intenção de pôr um remate sangrento á lucta que se ia alongando demasiadamente. E furioso, já desesperado, reclamava, que fossem atirados nada menos de mil morteiros!!

E' excessivo o pedido, cuja satisfação tem de ser limitada em harmonia com as munições existentes então no subsector. Mas o alferes Saraiva, ele proprio, despeja sobre os alemães nada menos de quatrocentos projecteis, que os deixam sem desejo de recommençar nas doze horas mais proximas.

* * *

Em cada madrugada, porém, a lucta reacende-se, brava, raivosa de parte a parte, sem ser seguida d'assalto. Os hospitaes e os cemiterios em cada dia se abrem para os muitos que das linhas partem. E os que aqui ficam, acostumados ao espectaculo de ferimentos e das mortes, já não acham nem estranha, nem oppressiva a idéa de que o mesmo lhes succeda. A vida é fragil, limitada, mais dia menos dia chegará um termo, que nada vale tentar afastar, porque ele é incerto, inesperado, de surpresa e de traição, mas fatal como um destino. Resignados, sem abandono, dispondo-se com abnegação, sem reservas e sem desalento ao sacrificio da propria vida, estes pobres homens arrancados por necessidade á aprazivel quietação dos seus campos, á amavel alegria dos seus lares, ignorantes, incultos e sem fortuna, dão generosamente á sua Patria, que as mais das vezes lhes foi madrastra, um sacrificio que egoistamente lhes é

negado por aqueles para quem ela foi sempre mãe carinhosa, sobre quem só fez chover benefícios e a quem cercou de seguranças, de proventos, de fortuna e de felicidade.

* * *

Esta semana foi cruel, sangrenta, deixou vacuos que nas nossas fileiras se podem preencher, mas que não desaparecerão mais dos nossos corações, duramente experimentados de amargura e de saudade dos queridos companheiros que não tornaremos a rever. Fica-nos ao menos esta amarga, orgulhosa consolação, de termos visto o sangue portuguez correr heroica e generosamente, regando, empapando, um canto d'esta admiravel França nossa irmã latina, e mais seguro penhor da Liberdade no mundo.

Em seis dias de lucta continuada, teimosa e encarniçada, chegado o momento de sermos rendidos na primeira linha por infantaria 11, contamos perdas numerosas, que nos levaram a quarta parte do efectivo do batalhão. Mas não nos levaram a coragem, a decisão com que luctaremos até ao fim, até á hora da inutilisação ou da morte, ou até ao dia tão ardentemente esperado do triunfo dos principios de Liberdade, de Direito, de Justiça.

Um raid

O automovel da Brigada apareceu, logo pela manhã, em Pont du Hem com a incumbencia de conduzir-me a Laventie onde o comandante me chamava, por desejar falar-me urgentemente. Arranquei-me com dificuldade da cama, onde procurava refazer-me das perturbações trazidas ao meu organismo pelos successivos bombardeamentos com gaz. A minha saude estava seriamente affectada, mas eu não desejava nem ousava queixar-me receioso sempre, de que alguém interpretasse como pretexto para eximir-me a qualquer serviço o que não era mais a confissão verdadeira do meu estado.

Apenas os meus companheiros, me viam pela manhã, sacudido de vomitos violentos, e sentiam o meu cansaço, a minha fadiga extrema ao fim de meia duzia de passos apressados. E o simples movimento respiratorio produzia-me a dolorosa impressão de garras crávando-se-me nos pulmões, ferindo-os, rasgando-os.

Como pude, levantei-me e segui. Era simples o que desejavam.

As operações levadas a efeito pelos alemães em direção a Amiens e que proseguiam victoriosas, determinavam a necessidade de actividade em toda a

linha e eram de molde a dar vulto, mesmo a qualquer operação pequena que se executasse no nosso sector. O general comandante determinava que um *raid* fosse feito, e na Brigada desejava se que eu o comandasse. Aceitei pedindo apenas, que se fizesse constar aos camaradas a quem esse serviço de direito caberia, que eu não tinha tentado preteril-os, visto que me limitava a cumprir uma missão para a qual me nomeavam.

Para os que não conhecem assuntos militares, eu direi que *raid*, é uma operação de detalhe, misto de corrida e de golpe de mão sobre as posições do adversario, com intenção, de ali colher prisioneiros e material, destruindo ao mesmo tempo as suas instalações e abrigos. E' sempre uma operação executada n'um espaço de tempo limitado, feita portanto com rapidez, com decisão, com desembaraço.

A incursão nas linhas inimigas faz-se em geral depois d'uma rapida preparação pela artilharia e morteiros que force a guarnição do ponto a atacar, a abrigar-se, de forma a serem os seus parapeitos assaltados com o minimo de perdas possivel. As linhas devem ser atingidas antes que o inimigo se aperceba do ponto em que a ruptura se produz e por isso se faz muitas vezes uma diversão, bombardeando seja com artilharia, seja com morteiros, não só o ponto a atingir como as trincheiras lateraes e ainda pontos d'ali afastados, de forma que o inimigo não possa determinar o local preciso em que queremos realisar as nossas intenções. Depois a nossa artilharia, isola uma certa zona de terreno, batendo todas as trincheiras de comunicação que ali dão acesso, e as metralhadoras pesadas colaboram, incidindo sobre todos os cruzamentos em que o inimigo possa procurar passar. Chama-se a isto *formar a caixa*. E é dentro da *caixa* que a nossa pesquisa ou a nossa lucta tem lugar.

As tropas entram na posição inimiga, percorrem-na, trazem os homens que lá estejam, o material que consigam encontrar, destruindo depois no momento da retirada os abrigos que lá existam.

Das simples explicações dadas comprehenderão os que me lerem, em primeiro lugar que esta operação de guerra só deve realizar-se sobre um terreno facilmente praticavel, onde portanto os movimentos possam ser rapidos, em segundo que deve ser executada com unidades que tenham uma instrução especialmente cuidada para esse efeito, e se possivel, com batalhões ou companhias de assalto, como o fazem os alemães.

E feitas estas considerações assistirá o leitor, comodamente instalado no gabinete em que enfastiadamente folhear estas paginas, ao desenrolar do *raid* que fui encarregado de executar.

* * *

O plano foi elaborado pela repartição de operações da Brigada da qual nenhum dos seus elementos, que eu saiba, viu de longe sequer o terreno em que ele deveria ser levado a efeito. Tinhamos de operar na frente do terreno que habitualmente guarneciamos, e este infelizmente, em toda a sua extensão, era sulcado de drenos largos e profundos, paralelos aos parapeitos. Do ponto de sahida até ás posições alemãs teria de cruzar nada menos de quatro. A carta, unico elemento que serviu para a escolha do local, bem os acusava, azues e rectos, como linhas d'uma pauta.

Mas, procurando á direita ou á esquerda, estes lá estavam sempre azues e pautados, teimosos, inevitaveis como a fatalidade. Sobre ela, ali mesmo, no confortavel e aquecido interior da repartição, assentaram

definitivamente no ponto a atacar. O comandante da artilharia da Divisão, pessoa cuidadosa, cheia de escrupulo no desempenho da sua missão, foi ás linhas e estudou o papel que a sua arma deveria desempenhar, informou-se com detalhe, das posições de artilharia, morteiros e de metralhadoras inimigas, e estabeleceu confrontando a sua carta com o terreno, todos os alvos que as suas peças deveriam visar e bater.

Baterias de 75 fariam incidir os seus fogos durante dois minutos sobre a primeira linha alemã. depois, durante tres sobre a linha de apoio, formando a caixa na altura da segunda linha.

Outras baterias atirariam sobre as posições de morteiros já conhecidas, e os obuzes, auxiliando a formação da caixa, tomariam á sua conta os angulos d'esta sobre cruzamentos de trincheira de comunicação, conduzindo á zona de assalto. Os morteiros Newton, modernos, acabados de instalar, dispoendo já d'um alcance de setecentos e cincoenta metros, cooperariam com a artilharia, e lá da rectaguarda, canhões ingleses em tiro de contra bateria procurariam neutralisar as posições de artilharia alemãs.

A hora era determinada por mim. Em geral escolhe-se a madrugada, que permite durante o escuro tomar disposições sem que o inimigo d'isso se aperceba e trabalhar depois com relativa claridade. Como a lua é cheia no dia marcado, prefiro trabalhar á sua luz, que me facilita a visão para perto, e a dificulta a distancia para o meu adversario. Marco pois a uma da manhã. Demais, como uma das grandes difficuldades, no terreno de ninguem é a de sabermos a direcção em que caminhamos, o ponto preciso onde ficam as nossas linhas uma vez que d'elas estamos longe, a lua elevando-se na nossa frente, permite-nos, quando terminada a operação, voltar-lhe as costas e marchar seguramente para as nossas posições.

Talvez os que me lerem estranhem o que venho de afirmar. O certo porém, é que muitas vezes a grande dificuldade dos patrulheiros, nas noites enubladas é a de orientar-se, não indo cahir ás linhas dos adversarios supondo entrar nas suas. Muitos d'elles teem passado horas seguidas no *terreno de ninguém*, metidos em covas á espera que um rasgão nocteu os deixe ver, enfim, estrelas que lhes indiquem a direcção a seguir. E um d'elles, o alferes Djalme d'Azevedo, um valente official, ao mesmo tempo cumpridor e audacioso, ali foi cahir n'uma noite de chuva e de escuro.

E assim a lua, mesmo coberta pelas nuvens, trespassando-as com a sua luz, guiava-nos, orientava-nos, prestava-nos um enorme, incalculavel serviço.

Com toda esta complicada preparação, todos estes cuidados a operação afigurava-se-me segura, offerecia-me garantias de exito, não me causava receios, mas antes despertava, desafiava o que no meu intimo ha de espirito de aventura, de latente desejo de situações violentas, de riscos, de perigos.

Officiaes eram em grande parte voluntarios. O alferes Costa Allemão, de engenharia, quere e consegue substituir o seu camarada a quem o serviço compete. O alferes Silvino Saraiva, dos morteiros, encarga-me de pedir na Divisão, que o auctorisem a ir na minha companhia. Os outros officiaes eram do meu batalhão, e todos desejavam de facto acompanhar-me.

Sargentos, tambem na quasi totalidade se offereceram para servir sob as minhas ordens. E não esquecerei nunca que muitos soldados da minha companhia pediram a camaradas que os deixassem ir em seu lugar. Do seu exemplo de dedicação, de bravura, de abnegação, conservarei uma inapagavel, consoladora, lembrança, que me avivará em cada hora do futuro.

a admiração que por eles tenha e o orgulho que sentirei de os ter comandado.

* * *

Todos os trabalhos de preparação se encontravam feitos. Os soldados animados, decididos, começavam já a formar afim de seguirem para as linhas, quando inesperadamente, ás dez e meia da noite, uma ordem chega da Brigada mandando suspender o *raid*. Supuz que qualquer facto grave se tivesse passado, que qualquer motivo imperioso levasse a tão estranha medida. Mas o meu primeiro momento foi de revolta íntima, de desespero. Tanto trabalho perdido, consumido inutilmente, todo este fogo de que nos sentiamos animados condenado a extinguir-se esterilmente. Officiaes, sargentos, soldados, todos foram dominados pela mais completa desolação. As praças de engenharia que deveriam na nossa frente abrir a torpedos as redes d'arame inimigas dando-nos a passagem facil e rapida, juntam-se para voltar aos seus quarteis. Quando lhes digo uma palavra de agradecimento e de despedida, o sargento sae á frente dos seus homens e pede licença para falar. E diz depois que ele e os seus subordinados desejam pedir-me, que se tiver de comandar um *raid*, solicite de novo a sua vinda porque querem acompanhar-me.

Tenho para eles mais uma palavra de comovido agradecimento e de promessa, e eles partem pezarosos, desolados.

Os alferes Costa Allemão e Saraiva oferecem-me o seu concurso para o futuro, que lhes agradeço e que registo. E dispersamo-nos, por fim, cada um aos seus destinos, uma impertinente impressão de arrelia a acompanhar-nos, tornando vãos todos os esforços que fazemos para sacudil-a.

Da Brigada, alguém me telefona, particularmente, na intenção de consolar-me e diz-me que a origem da contra-ordem parece ter sido uma questão caprichosa de *alta politica* dos comandos. Um proposito de *partida* apenas, d'um comando para outro. E isto mais me desespera ainda, a mim, que aqui na frente, tenho uma vida de trabalho, de ocupação, de sacrificio constante, e de lucta feroz desde o começo d'este tragico mez de março, e que vejo tudo isto ser quantidade inconsideravel, em face de pequenas vaidades e de insignificantes despeitos.

* * *

Oito dias depois recebo a ordem de executar o *raid*, no mesmo ponto, com os mesmos elementos e á mesma hora. Todas as ordens á artilharia tinham seguido já. Qualquer alteração seria difficil senão impossivel então. Demais eu não ousaria pedil-a, receioso de que o meu acto pudesse`prestar-se a qualquer interpretação menos justa, duvidosa. E no entanto eu sabia bem que não trabalharia nas mesmas condições, porque pelo menos me faltaria a luz, que é indispensavel, essencial, para a execução de este genero d'operações de guerra.

No meu batalhão todas as ordens foram dadas immediatamente e as devidas communicações feitas aos batalhões estabelecidos a um e outro lado.

Pelo meio dia foi um official, portador de dois relogios buscar a hora official á Brigada, e todos os demais foram por ele regulados. Pelas cinco horas volta de novo á Brigada a conferir os relogios a que se seguirii nova conferencia no batalhão com todas as companhias.

No entretanto, fazem-se rapidamente os preparativos, para que á hora precisa tudo esteja *a postos* —

cada coluna devidamente organizada e municuada, disposição dos telefones a levar, para serem conservadas as comunicações com a reataguarda, preparação de passadeiras para serem atravessados os primeiros drenos, ultimas recomendações e por fim, determinação da hora de formatura e indicação das trincheiras de comunicação a seguir por cada coluna.

Depois jantamos, alegremente, no batalhão, todos os officiaes do *raid* e os camaradas em serviço ali. Não havia em nenhum de nós uma sombra, uma nuvem a atravessar o pensamento. Nas linhas havia uma calma completa.

A's 23 precisas começaram os homens a reunir sobre a estrada junto ao comando do batalhão. Do ceu, repentinamente escurecido, começou a cair uma chuva, basta, constante, que empapava a terra e nos molhava completamente. Ninguém desanimava, comquanto reconhecessemos que as dificuldades cresciam, porque n'esta terra que não filtra, os drenos se tornariam verdadeiros rios e todas as grandes covas, de morteiros e granadas, sobre o terreno inter-trincheiras dariam logar a profundos lagos em que facil era cair, mas d'onde era difficil arrancarmo-nos.

Demais, uma escuridão profunda nos envolvia. Se continuasse, se o ceu presistisse carregado, enevoadado, negro, a nossa missão decuplicaria de dificuldade, e de perigo.

Os homens, completamente encharcados já, bebem por fim um pouco de rum, reconfortante, e as colunas põem-se em marcha para a primeira linha, os seus elementos devidamente distanciados para não haver barulho, nem perigo para eles, nem indício de movimentos para o inimigo, nem confusões uma vez atingido o parapeito nosso, nos pontos que nos devem dar sahida.

Chegadas aqui as tres colunas, distanciadas umas das outras d'uma centena de metros, começaram a passar por grupos para o terreno de ninguem, formando de novo, deitados os homens por terra, para além dos nossos arames.

A' frente de cada' uma, quatro soldados de engenharia, portadores dos torpedos com que devem abrir ruas nos arames inimigos e de bombas com que destruirão os abrigos que encontrarmos. São os homens do alferes Costa Alemão.

As colunas de 60 homens são comandadas á esquerda pelo alferes Bello, direita Lopes Praça, centro alferes Martins Ferreira.

Com esta sigo eu acompanhado das minhas ordenanças e dos telefonistas que fazem constantemente a ligação para a rectaguarda, para o comando do batalhão, por intermedio d'um dos postos de S. O. S. da primeira linha.

Durante todo este tempo artilharia portugueza e ingleza, para atrahir as atenções do inimigo sobre outro ponto, faz uma finta, bombardeando durante algum tempo ao sul do Bosque de Biez, sobre a minha direita.

Aos quarenta minutos todas as minhas disposições estão terminadas e somos então assaltados d'uma verdadeira impaciencia.

Se o inimigo nos descobre aqui n'esta postura, sem possibilidade de abrigo, somos dizimados a granada, a morteiro, a metralhadora. Em volta porém, reina um silencio inalteravel, e uma funesta escuridão profunda, que nem me deixa distinguir ao menos os vultos das colunas que tenho a um e outro lado.

Os minutos passam como seculos, lentos, estirados, desesperadores. Um só, pode destruir desastrosamente todo o trabalho feito até agora. Quarenta e cinco, cinquenta, cinquenta e cinco. Respiramos mais

á vontade — que se aproxima, enfim, o momento desejado.

Aos cinquenta e oito precisos, a nossa preparação de artilharia e de morteiros, rompe subita, a um tempo sobre uma extensa frente, como se uma só voz a comandasse.

Levanto-me d'um pulo e grito para os meus homens: rapazes, preparar! Todos se erguem a um tempo, dobrados sobre a frente.

As granadas vindo da rectaguarda sopram sobre as nossas cabeças, dando-nos a impressão de passarem junto de nós, em direção á primeira linha alemã. Cahem na nossa frente a uns duzentos metros e os seus pontos de quéda são regulares, alinhados, como se batessem constantemente, com precisão, sobre uma mesma recta. Temos apenas dois minutos de tiro ali, mas sentimos o desejo de marchar colados á barragem.

A' frente, grito de novo, Avançar! Todos corremos tão rapidamente, quanto possivel na terra em que a agua encharca. Quando avançamos, para nos colarmos á barragem a cada granada que vem da rectaguarda e sobre nós passa, dobramo-nos instinctivamente para a frente, como se receiassemos que a cabeça nos fosse decepada. No primeiro dreno, — o mais largo de todos — lançamos as pontes que improvisamos com grades de fundo e passamos, parando na altura de não sermos atingidos pelos estilhaços que possam fazer movimento á rectaguarda.

A barragem porém salta mais para a frente, sobre a linha de apoio, e instantaneamente, talvez mesmo cedendo a um instincto de defeza recomeçamos a avançar, com a natural tendencia de nos aproximarmos da nova linha batida pela nossa artilharia. Deante de nós atravessa, largo, transbordante das ultimas chuvas fartas, um novo dreno, tornado tão largo como o primeiro.

Os homens hesitam junto d'ele, nada conhecendo da sua profundidade e eu vejo que os segundos são preciosos n'aquelle momento de assalto. Se aqui se demoram tudo póde estar perdido.

Resolvo atirar-me á agua adeante dos meus homens. Tomo pé, ficando com agua até ao pescoço e passo sobre os hombros os dois primeiros, os que me ficam mais proximos.

Ao verem que poderão atravessar e que os companheiros já estão do outro lado, os homens ganham coragem, lançam-se tambem á agua e passam. Nova corrida, novo dreno e novo banho, para recommençarmos a caminhada.

A certa altura temos de estacar, porque se levantam na nossa frente as redes d'arames com que o inimigo pretende demorar sob os seus fogós, os que pretendam assaltal-o. Deitamo-nos por terra. Os soldados de engenharia, metem-lhes os torpedos e fazem trabalhar os frictores, sucedendo-se as grandes explosões que mais fazem avolumar o ruido causado pela tempestade de fogo.

Encontramo-nos enfim junto da primeira linha. E' o instante supremo. Pelo seu lado exterior corre-lhe paralelo um novo dreno que a carta mal acusava. De novo me lanço á agua, para passar mais rapidamente. Sinto-me, porém, embaraçado por alguma cousa que no fundo se me enrola ás pernas e aos pés, que me arranha as botas e me rasga os calções e a pele. E' que o inimigo para melhor se defender, meteu no proprio fundo do dreno, defezas d'arame farpado.

Desprendo-me como posso e faço com que os homens vão passar mais adeante, aproveitando um ponto mais estreito, auxiliando-se uns aos outros.

Ao irromper nas linhas alemãs, cheios de entusiasmo, os homens incitam-se á procura, correm d'um lado a outro dentro da *caixa* que a artilharia tem for-

mado. Pelo telefone que tem vindo largando fio para a rectaguarda comunico que atingi a primeira linha e que o inimigo a abandonou.

Faço avançar os homens até á linha de apoio, e procede-se ali a nova busca rigorosa. Encontramos dois grandes abrigos em cimento mas estão ambos abandonados.

Batida em primeiro logar a primeira linha durante dois minutos, depois a segunda durante tres, o inimigo fugiu certamente d'uma para outra e depois para a rectaguarda. Deixou apenas uma espingarda, algumas granadas e munições.

Arrancamos-lhe as taboetas que encontramos, os fios dos telefones, destruimos quanto podemos.

Seguidamente dou ordens de retirada á coluna da direita que regressa ás linhas ; depois a da esquerda que regressa tambem. A do centro apoiará aquele movimento das outras duas.

Retira porém uma dezena de metros para permitir aos soldados de engenharia o lançamento no interior dos abrigos, das bombas que os destroem.

Metade da coluna do centro, trinta homens, recebem tambem ordem de voltar, bem como os telefonistas. Ficamos apenas ainda nas linhas alemãs, os alferes Martins Ferreira, Costa Allemão, Saraiva, eu e trinta homens.

O inimigo, porém que tem tido tempo para verificar o ponto onde está formada *caixa* começa a bombardear ferozmente dentro d'ela.

Alguns homens cahem por terra, outros tomados d'uma primeira impressão dispersam-se, outros mais animosos ficam. Os alferes Costa Allemão e Saraiva procuram juntos os que se espalharam para os conduzirem ás nossas posições e levam de facto quantos encontram. Martins Ferreira, eu e os maqueiros levantamos os feridos que fazemos tambem transportar.

As granadas inimigas sucedem-se sobre o ponto em que nos encontramos, sobre o terreno de ninguém, sobre as nossas linhas, n'uma larga extensão de frente.

Levantados os feridos que posso distinguir na escuridão, ou que ouço gemer, disponho-me enfim a regressar, convencido de que os meus homens já todos vão a caminho.

Uma granada rebentando mais perto, faz-me cahir com a violencia da deslocação do ar e deita por terra, atingidos, todos que se encontram ainda junto de mim. O alferes Martins Ferreira cahido por terra diz que está ferido. Levanto-me, corro junto d'ele e faço-o erguer. Tem apenas uma pequena ferida no abdomen; outra, pequena, na testa. Refeito do primeiro choque, como pôde, ajuda-me a levantar os outros quatro homens que caíram.

Um d'elles em estado grave, caê a um dreno. D'ali o tiro como posso, e entrego-o aos dois ultimos machucados que me restam.

Os demais feridos começam apoiados a nós, uma longa, pesada, fatigante jornada atravez das linhas alemãs e do terreno de ninguém. Na noite escura, nós até ha pouco conheciamos as nossas posições pelos clarões dos tiros da nossa artilharia. Agora havendo fogo de todos os lados, sendo as linhas dos parapeitos sinuosas, não tendo pontos alguns de referencia, não sei se tomo a direcção desejada.

As granadas continuam a chover, implacaveis. A cada instante cahimos em charcos, em fossos d'onde difficilmente nos arrancamos. A travessia dos drenos é uma verdadeira tragedia, com os homens que conduzimos e que não abandonamos ainda que ali fiquemos todos.

Perseguidos pelos projecteis inimigos mais de perto, abrigamo-nos um instante dentro de covas que encontramos. E só então um rasgão no ceu nos diz, em-

fim, que caminhamos bem, que nos encontramos perto das nossas linhas e nos deixa adivinhar na frente a sombra escura e indistincta do nosso parapeito!

Chegamos extenuados, mas dos homens que vimos cair por terra nem um só deixamos para traz entregue aos inimigos.

A' chamada porém que nas linhas faço faltam-me nada menos de oito. Morreram? Andam perdidos no escuro? Vão voltar?

A ofensiva de 9 d'abril

Nos principios d'abril, guarnecendo a primeira linha, ouviamos distinctamente, apurando o ouvido por cima dos parapeitos, um continuo, ininterrupto ruido de carros rodando, vagarosamente, na nossa frente a uma distancia que não deveria ser grande.

Algum movimento de vulto se passava para alem das posições inimigas, que sobretudo, o silencio da noite, claramente acusava.

As suposições eram variadas, fantasiosas, cada um procurando encontrar uma explicação áquele estranho facto.

Imaginavam uns, a passagem de viaturas dirigindo-se para os pontos onde as offensivas alemãs se realisavam, ignorantes ou esquecidos, de que os grandes deslocamentos de carros de tracção animal, são naturalmente feitos n'um paiz raiado de linhas ferreas como a Allemanha e com necessidade de movimentos rapidos para efficacia dos seus ataques, em caminho de ferro. Alvitravam outros, tratar-se do motor d'alguma fabrica, trabalhando ao longe, cujo rumor chegava até nós coando-se atravez da distancia. Ainda outros queriam, que fossem tanques, numerosos, arrastando lentamente as carcassas metalicas e pesadas, nas estradas paralelas ao *front*, a caminho

dos pontos onde as grandes ofensivas estavam em curso. O facto, porém, repetidamente comunicado, ás estações superiores parece ter encontrado uma explicação diferente. Tratava-se apenas, com tanto barulho em dias e dias sucessivos, notado n'um mesmo ponto da frente, d'uma . . . simples rendição, que talvez não merecesse uns instantes de cuidado.

Os ultimos dias tinham corrido mais tranquilos, os bombardeamentos tinham-se tornado raros da parte do inimigo, e de cada vez que a nossa artilharia os atacava e sobre as suas posições insistia, sempre uma mesma bateria respondia lá de longe. Era uma das de *competência*, das moveís e ligeiras, que facilmente distinguíamos pelo uivar de cão, longo, sinistro, que acusava a vinda dos seus projecteis. Dizia-se mesmo que as suas baterias, mais pesadas d'ali haviam sido deslocadas, obedecendo a exigencias d'ataque n'outros pontos do *front*.

De sete para oito d'abril tinha havido necessidade de alterar a organização dos sub-sectores. Os nossos efectivos cada vez mais reduzidos pelo facto da suspensão de envio dos contingentes mensaes desde dezembro, não permitiam estabelecer sobre uma tão grande extensão mais do que uma tenue cortina de soldados sobre as trincheiras, sem apoio seguro á retaguarda. Uma vez, rôta esta, não se sabia onde o sector sem consistencia iria reconstituir-se. E para obviar a este facto, ordenava-se uma resistencia á *outrance* sobre a segunda linha, fragil aglomeração alinhada de sacos de terra, muito ás vistas e ao alcance das baterias inimigas, incapaz de resistir a um insignificante bombardeamento com peças de 77.

Resolviam pois, forçados pelas circunstancias, dolorosamente talvez, pela situação que nos criávamos, entregar o extremo direito do nosso sector aos inglezes.

Era uma vergonha mais, sobre a outra já sofrida de termos decaído de corpo de exercito á simples situação de divisão ligada a um corpo inglez. Mas as circumstancias eram imperiosas, forçavam, sobrepunham-se a todas as considerações de natureza patriótica que pudessemos fazer. E sobre tudo já aceitavamos isto sem grande reluctancia, com receio, de que tivesse acolhimento e execução um outro alvitre que já andava em curso e que visava, nada mais nada menos, do que a ida das nossas tropas para a recta-guarda para efeito de repouso e reorganisação.

Direi de passagem como critica a este alvitre que não sei com que elementos tencionavamos fazer reorganisações, dado que, faltando ao cumprimento da nossa convenção militar nos não vinham reforços de Portugal e que muitos dos militares que ali iam de permissão deixavam de voltar, não contando ainda com outros que do *front* eram chamados, tornado *indispensavel* o desenvolvimento das suas actividades, no desempenho de funções no territorio da Patria.

Dos quatro sectores de Fauquissart, Champigny, Neuve Chapelle e Ferme du Bois, passaríamos, pois, a guarnecer apenas tres.

Nos extremos do sub sector, em Fauquissart e Ferme du Bois entregavamos uma certa extensão de frente aos inglezes. O resto de Fauquissart com uma parte de Champigny receberia a designação de *Fauquissart*, ao centro ficaria Neuve Chapelle, com metade de Champigny e apenas metade do antigo sector e á direita o novo Ferme du Bois, participando largamente do antigo Neuve Chapelle.

A' ultima hora, porém, chegou a comunicação de que os inglezes não dispunham das tropas com que contavam, que as haviam mandado para a frente d'Amiens, e tomou-se então a forçosa resolução de esticar as nossas forças sobre toda a antiga frente, da

qual fizemos apenas tres sectores... com a total extensão dos quatro.

Tudo isto porém trouxe uma grande perturbação ao serviço nas linhas. As tropas que em cumprimento das ordens de rendição, entraram nas trincheiras de 7 para 8 d'abril encontraram-se em grande parte em sub-sectôres que desconheciam. Isto, chegando ali com noite fechada, pouco antes de romper a manhã e sem prévio reconhecimento.

Só na madrugada seguinte, nos pudemos inteirar verdadeiramente da situação em que nos estabelecíamos. Estudamos então com todo o cuidado possível a disposição dos nossos homens sobre as extensas zonas de cuja vigilancia e defeza eramos encarregados.

Com a exiguidade das forças de que dispunhamos — algumas companhias não contando mais de oitenta homens — nada mais era possível fazer do que instalar alguns postos de vigilancia em primeira linha. O excedente em cada companhia, que não iria em nenhuma além de trinta homens ficava na segunda, e teria a missão de a guarnecer e de ali oferecer uma seria resistencia! Trinta homens sobre a extensão d'um quilometro e resistencia eficaz são factos que não podem coexistir.

Eu sei, que ordens estavam dadas para que os homens que retirassem da primeira linha, quando lhes fosse impossível sustentar a posição, se estabelecessem na segunda. Mas é preciso considerar, em primeiro logar que os postos difficilmente retiram sem debandar, e depois, que uma vez produzido um ataque de envergadura, aqueles estão fatalmente condenados. De resto nunca uma séria resistencia foi feita com tropas vindo aossadas da frente para a recta-guarda, mas antes com tropas que se encontram em determinada posição e se mantem e são devidamente reforçadas, ou por outras que avançam.

Outros motivos além d'este, tornavam difficil a defesa dos sectores, collocavam companhias, batalhões, inteiros á mercê do inimigo, quando este desencana-se um ataque violento.

As ligações telefonicas entre os batalhões, as companhias e os pelotões eram feitas por meio de fios ou cabos estendidos sobre a terra, sob a ameaça constante da primeira granada, ou do primeiro morteiro que cahisse. Bem se afadigava o official que as dirigia em estabelecer-as numerosas, seguindo caminhos diferentes na esperança de que alguma, no momento preciso, pudesse conservar-se intacta. Elas seguiam porém, muitas vezes, a direção das trincheiras de comunicação indo convergir, qualquer que fosse a direção seguida, aos abrigos dos telefonistas sempre collocados junto dos comandos. E a experiencia de todos os bombardeamentos havia já demonstrado, sobejamente, que estes eram sempre visados que todo o terreno em volta era batido e revolvido, o mesmo acontecendo ás trincheiras de comunicação. Pretendia-se, é certo, que uma vez cortadas todas as ligações telefonicas, as comunicações seguissem por meio de ordenanças. Mas aqueles que nas linhas trabalharam nos momentos em que barragens foram feitas sobre nós, sabem por dura experiencia quanto este processo é falivel, de mais que duvidosos resultados.

O que é certo, pois, é que, pelo menos durante os primeiros momentos d'um ataque, mesmo ligeiro, batalhão, companhias e pelotões se encontravam, completamente isolados, entregues a si proprios, impossibilitados os seus esforços de serem canalizados, guiados, para uma acção comum, para uma obra de colaboração, de conjuncto.

E n'uma guerra de posições como esta tem sido, duas cousas são essenciaes. Abrigos solidos, e cabos de ligação, enterrados, que nem granadas, nem mor-

teiros possam facilmente ir buscar ás profundidades seguras em que se escondam.

Mas ha mais ainda. Os comandos das companhias eram na sua quasi totalidade situados a meia distancia entre a primeira e a segunda linha. Uma vez bombardeados, barrados, isolados, nem podiam transmitir ordens á primeira linha, nem tão pouco á segunda. E sem a certeza da forma por que se desenrolavam as operações em que as suas forças se empenhavam, nenhum podia tomar uma resolução, com probabilidades de ser a justa, conveniente, a necessaria, em determinado momento.

Muitas vezes a atenção das estações superiores foi chamada, solicitada, para estes factos que urgia remediar. Constantemente se insistiu tambem na necessidade indispensavel de reforços, de forma a termos ao menos o sufficiente para serviço e guarneimento das linhas. Mas a despeito do reconhecimento d'esta lamentavel situação, nem lhes foi possivel enviarem-nos os homens que necessitávamos enquadrar, nem tão pouco organizar na nossa rectaguarda as posições que nos deveriam sustentar ou contra as quaes viessem quebrar-se as vagas de assalto que sobre nós conseguissem passar.

Encontravamo-nos n'esta precaria situação, quando sobre nós desabou a formidavel offensiva de 9 d'abril.

Na tarde de 8 d'abril, chegava ao meu abrigo, a comunicação de que, a despeito de chegados na vespera, iam ser rendidos no dia immediato por tropas inglezas. Imediatamente pensei que nos estaria reservado a suprema vergonha de sermos retirados do *front* como quantidade inconsideravel já, que sobre nós pesava a ameaça de perdermos o que nos restava da gloria de enfileirmos ao lado dos aliados n'uma causa admiravel que é tambem nossa, definhados os nossos effectivos pelos mortiferos combates do

mez de março, paralisado o envio de reservas, que nos permitiria preencher os vãos que a lucta e a doença constantemente determinavam. E n'esse momento amargurado, eu desejei, anciosamente, que quando muito o sector portuguez fosse provisoriamente reduzido na extensão em beneficio da profundidade que deveria trazer-lhe a resistencia e a solidéz indispensaveis.

A rendição far-se-hia na noute de 9 para 10 devendo chegar na manhã de 9 os officiaes inglezes que vinham proceder ao reconhecimento.

A noute de 8 para 9 tinha corrido tranquila, terminado já o rodar de carros, que tantas e tão variadas explicações tinha merecido.

Raros tiros quebravam, de longe em longe o silencio em volta, em que nos deixavamos viver com regalo, com quasi felicidade, depois das horas agitadas, tempestuosas, do mez anterior.

A's quatro e quinze minutos, precisas rebentou sobre uma frente de grande extensão um formidavel bombardeamento. Acorri ao telefone justamente no momento, em que da minha primeira linha se fazia a comunicação S. O. S.. Informavam que toda a primeira linha estava sendo bombardeada com grande violencia que fazia prever um assalto inimigo e que se tornava urgente pedir socorro á artilharia, tanto mais que o nevoeiro espesso não deixava ver cousa alguma a dez metros de distancia. Mandeí então recolher as pátrulhas de escuta ao parapeito, e incitei os meus soldados a resistirem até á chegada das ordens que ia pedir.

Liguei para o batalhão e pedi S. O. S. comunicando a situação: nevoeiro espesso, tornado mais denso com granadas de fumo, bombardeamento intenso da primeira linha, do comando e passagem constante de granadas para a rectaguarda. Do batalhão dizem-me

porém que a ligação para a artilharia estava avariada sendo conveniente lançar eu os foguetões de pedido de socorro. Fil-o imediatamente, mas convencido de que o nevoeiro impediria a visão dos signaes luminosos, pedi que uma ordenança fosse enviada imediatamente á bateria proxima.

Um diluvio de ferro abate-se constantemente sobre nós, os canhões e morteiros inimigos são tão numerosos, os tiros tão repetidos que todos os seus sons se juntam, se confundem formando um unico, continuo, pavoroso, rolando constantemente, interminavelmente por sobre a terra, que estremece e vibra, sacudida. Tenho a impressão de que uma tempestade monstruosa se desencadeia sobre nós, que ao meu ouvido echôa constantemente o ribombar proximo de mil trovões a que outros mil se sucedem imediatamente, e outros e outros, continuadamente.

Procuo constantemente as ligações com a minha frente d'onde me respondem ainda, com o batalhão, com as companhias que tenho ao lado, para procurar colaborar n'uma mesma acção, n'um mesmo esforço. Para a minha esquerda está já desfeita a comunicação e vejo-me forçado a enviar uma ordenança que possa trazer-me informações da situação ali. A' minha direita, na companhia immediata, cousa alguma me podiam dizer alem do que eu sabia.

O bombardeamento continua com raiva, com furor. A carcassa de cimento, solida, do meu abrigo, é constantemente atingida por granadas e sacudida, ginguando, a todo o instante na ameaça de desconjuntar-se e abater.

Sentado sobre um baixo caixote, na cabine dos telefones, costas voltadas á porta, procuro ligação para os postos de 1.^a linha, quando sou violentamente projectado sobre a frente, cahindo de bruços. Um morteiro rebentando á minha rectaguarda atirara-me com

tal quantidade de lama, que não pude resistir e tombei. Levanto-me e tento retomar a ligação. Impossível, está já desfeita.

Começa então o difícil, arriscado, incerto trabalho das ordenanças através das trincheiras batidas, ou do terreno, procurando com abnegação, com despreendimento da vida, atravessar barragens, atingir a frente, conseguindo informações, transmitindo ordens.

Hora e meia passada de bombardeamento furioso não lograram ainda desfazer alguns dos postos que se conservam a despeito dos mortos, dos feridos que são numerosos já. Chamo para o batalhão, mas as comunicações estão também cortadas já, não resistiram á destruição pelas granadas. Nova ordenança é enviada para ali afim de fazer saber que me mantenho e de pedir ordens que me indiquem o que é necessario que eu faça. Meia hora passada não tendo tido resposta alguma nova ordenança a caminho sem que tenha tido melhor resultado. Consigo porém falar ainda para a companhia da direita, mas a poucas palavras trocadas fico completamente, definitivamente isolado.

As granadas chovem constantemente, ininterruptamente sobre nós, augmentam a densidade do nevoeiro que nos envolve, e um cheiro acre de mostarda começa de fazer-se sentir, as narinas e a garganta queimam, a respiração acelera-se, torna-se opressa, dolorosa, a cabeça perturba-se. Bombardeavam-nos com gaz, e defendemo-nos colocando as mascaras.

Tive então a esperança de que nos não assaltassem, de que se não abalançassem áquela zona envenenada, julguei que se tratasse apenas d'um bombardeamento, de destruição, de represalia. Os gazes ao fim de duas horas de bombardeamento fizeram-me duvidar de que se tratasse d'uma ofensiva.

Procurei então abrigar bem os ultimos homens que

me restavam — apenas seis ordenanças, os telefonistas e alguns sargentos.

As granadas tanto insistiram sobre o abrigo dos telefones já então inúteis, que o romperam, o desfizeram. Os homens conseguem porém escapar-se e refugiam-se n'um outro, ao lado.

Pouco depois um rugido surdo e monstruoso, formidável, surgiu do ventre da terra e dominou, echoou vasto e rouco, por sobre a tempestade de som que nos envolvia, e um estremeção violento nos sacudiu, toda a construção oscilou a um e outro lado, o solo fugiu-nos sob os pés, como se a propria crosta da terra fosse partir-se, o abrigo desmoronar, abater e o campo em volta subverter-se, despenhar-se, desfeito, n'um abismo insondável que nos projetasse, desamparadamente, no centro ignorado e distante da terra.

Suprehendido, a primeira explicação que encontrei, foi a d'um projétil enorme, mergulhando na terra junto do abrigo e explodindo no sub-solo do ponto em que me encontrava. Alguns homens assustados tentaram fugir, no primeiro momento de surpresa. O inimigo porém, fazendo incidir o fogo sobre os comandos que procuravam isolar e confundir para mais facilmente exercer a sua pressão, continuava a fazer chover sobre nós uma caudalosa torrente de projéteis que tornava difícil a passagem á rectaguarda. Os homens dispersam-se um momento. Refeitos, voltaram de novo ao canto em que eu cuidadosamente os guardava.

Seguidamente novo ruído dominador, e outro e outro, seguidos de intensos tremores de terra, mas afastando-se, distanciando-se já, da zona que eu ocupava.

Um sargento e dois soldados chegam das linhas, ofegantes da corrida, desvairados, das emoções experimentadas. Como podem, informam que a sua parte-

de linha saltou, desapareceu, foi inteiramente destruída. O inimigo fez rebentar minas sob toda a sua extensão e as trincheiras saltaram em terra, pedras e madeiramentos, que se dispersaram no ar e se abateram confundidos sobre o chão. Os postos que na frente existiam, e heroicamente se mantinham sob aquela chuva atroz de granadas e morteiros, não tinham podido resistir — uns homens mortos, soterrados, outros feridos por terra, os demais dispersos, sem comando, acolhendo-se ás covas que encontravam n'um instintivo desejo de defeza e de salvação.

Não contando já com elemento algum de força na minha frente, tinha de tomar uma de duas resoluções. Retirar para a segunda linha ou organizar ali mesmo, a defeza e sacrificar os meus homens e a mim proprio n'uma resistencia que podia ser heroica, mas que não acreditava eficaz.

Junto de mim porém, a quinze metros do local em que estou, passava a Winchester que conduzia á 2.^a linha e ao comando do batalhão. Não sabendo se as companhias a um e outro lado conservavam as suas posições, eu não queria retirar deixando ali aberta uma entrada que o inimigo pudesse transpor, cahindo-lhes sobre os flancos. Resolvi, pois, defender a passagem até receber ordens da rectaguarda, ou até que me chegassem informações que me permitissem julgar claramente da situação.

Coloquei então uma sentinela dobrada no cruzamento da Winchester com a pequena trincheira que dá sahida ao comando, e outra sentinela á direita d'este, n'uma cova larga que ali havia. Os restantes homens eram abrigados, poupados cautelosamente, enquanto o bombardeamento fosse intenso, mas acorreriam pressurosos aos postos de defeza, assim que a diminuição da sua violencia deixasse presumir a possibilidade immediata d'um assalto.

Um morteiro feriu os homens junto da Winchester e foi necessario substituil-os. N'aquela instante tragico, todos se arreceiam de ali ir, para permanecer n'aquela posto, onde só por milagre se poderá escapar á morte. Apelei para duas ordenanças minhas, dois dos meus mais valorosos soldados que para ali seguiram, com a morte na alma, resignados ao aniquilamento de que não podiam duvidar. Todos pedem que retiremos, mas eu recuso, já disposto a aguardar communicações ou ordens, ou a morrer, mas nunca a proceder ao acaso, abandonando o posto que me'deram, e talvez comprometendo a situação das companhias que nos meus flancos trabalhavam.

O tiro inimigo alonga-se, passa para a minha retaguarda e eu faço sahir os meus soldados, convencido que é o momento de resistir ao assalto, que o inimigo vae emfim surgir na minha frente, que supõe devastada, desembaraçada, limpa de luctadores. Foi um momento, apenas, porque as granadas recommençaram imediatamente a chover em torno de nós. Fiz recolher os homens de novo na parte extrema da construção que servia de alojamento ás ordenanças. Os projecteis são agora mais numerosos, mais repetidos, chocando a cada instante a carcassa da construção em que os homens receiam morrer, esborrachados, como ratos n'uma lousa.

Nova paragem, nova sortida, e nova espera do inimigo nas improvisadas posições de combate. Não era porém ainda que se aproximava porque o seu bombardeamento recommença a visar-nos e o inimigo não avançaria para os pontos que de momento estava batendo com a sua artilharia.

Os soldados abrigam-se uma vez mais, mas a casa das ordenanças, abalada já, não resistiu e abateu, soterrando algumas armas e uma parte das munições de que dispunha. Alguns homens ficaram enfão feridos,

mas nenhum gravemente. Um morteiro cahido na Winchester prostrou no entanto os outros dois homens que eu lá deixára. Eram quatro já que ali perdia.

Serenada um pouco a tempestade passamos de novo á frente do abrigo para fazermos face aos assaltantes que por ali ou pela Winchester se aventurassem. Com o nevoeiro espesso que faz não os conseguiremos vêr a mais de dez metros de distancia e procuramos anciosamente, mas decididos, trespassar a bruma que se adensa na nossa frente.

Tinha já passado algum tempo, quando por detraz de nós se fez ouvir um ruido como de tropas que acorressem da rectaguarda em nosso auxilio. Corro a vêl-os para falar-lhes, mas distingo os capacetes alemães. São os inimigos que romperam a linha n'um outro ponto e descem agora sobre nós, cercando-nos. Gritei então para os soldados: rapazes!, os alemães; fogo. Tinha então apenas quatro soldados com armas e dois telefonistas que de nada mais dispunham que das pistolas, quasi inuteis n'aquela conjunctura. Os soldados voltaram-se então, mas uns segundos foram suficientes para que aquele mar humano se espraiasse sobre nós, nos alagasse, nos abafasse, a despeito da resistencia. N'um instante fomos desarmados. Um official alemão, a pistola aperrada, pergunta em francez se ali ha algum official. Respondo que sim, que sou eu mesmo, e digo-lhe friamente, mas com raiva, que não acredita a sua valentia o facto de se encontrar na minha frente, já vencido e desarmado, agarado por numerosos soldados seus, um verdadeiro enxame de centenas d'homens a escolta!-o, apontando-me ainda a sua arma. Reconheceu o seu erro, afastou os seus soldados e indicou-me a direção das suas trincheiras dizendo-me que seguisse para ali.

Depois voltou de novo á rectaguarda e as duas colunas enormes desapareceram no nevoeiro em di-

reção á segunda linha. Junto de nós não fica só um alemão. Procuo então as cartas do sector, todos os papeis importantes e enterro-os n'uma cova que abro na lama. Ganhou-me n'um instante a esperança de poder passar para traz, descahindo sobre a nossa direita. Ha já então um grande movimento na nossa frente, carros atrelados rodam do lado inimigo, faz-se do lado de lá um avanço com enorme quantidade de viaturas, comprehendo emfim que me encontro em face d'uma ofensiva de grande envergadura, precedida d'aquelle pavoroso bombardeamento de cinco horas consecutivas.

A uma centena de metros sobre a direita encontro uma trincheira completamente desfeita e tomo por ela em direção á 2.^a linha nossa. Ali porém avisto outra vez por entre o nevoeiro os capacetes alemães, vastos, desabados sobre as fontes.

Desesperava porém já de passar para a rectaguarda, porque me encontrava completamente cercado, o inimigo já estabelecido muito para traz de mim guardando ali novas linhas onde combatia. A artilharia portugueza só fazia então um outro raro tiro o que me levava ao convencimento de que as suas posições haviam sido atingidas. Apenas na minha esquerda uma peça de 75 soltava constantemente o seu berro, agudo, proximo, que eu conseguia distinguir, n'aquella confusão de sons.

Vou emfim fazer um derradeiro, supremo esforço, para conseguir furar e juntar-me áqueles que lá longe de onde estou, certamente resistiriam até entravarem o avanço alemão.

Volto de novo atraz e vou tentar passar mais á direita.

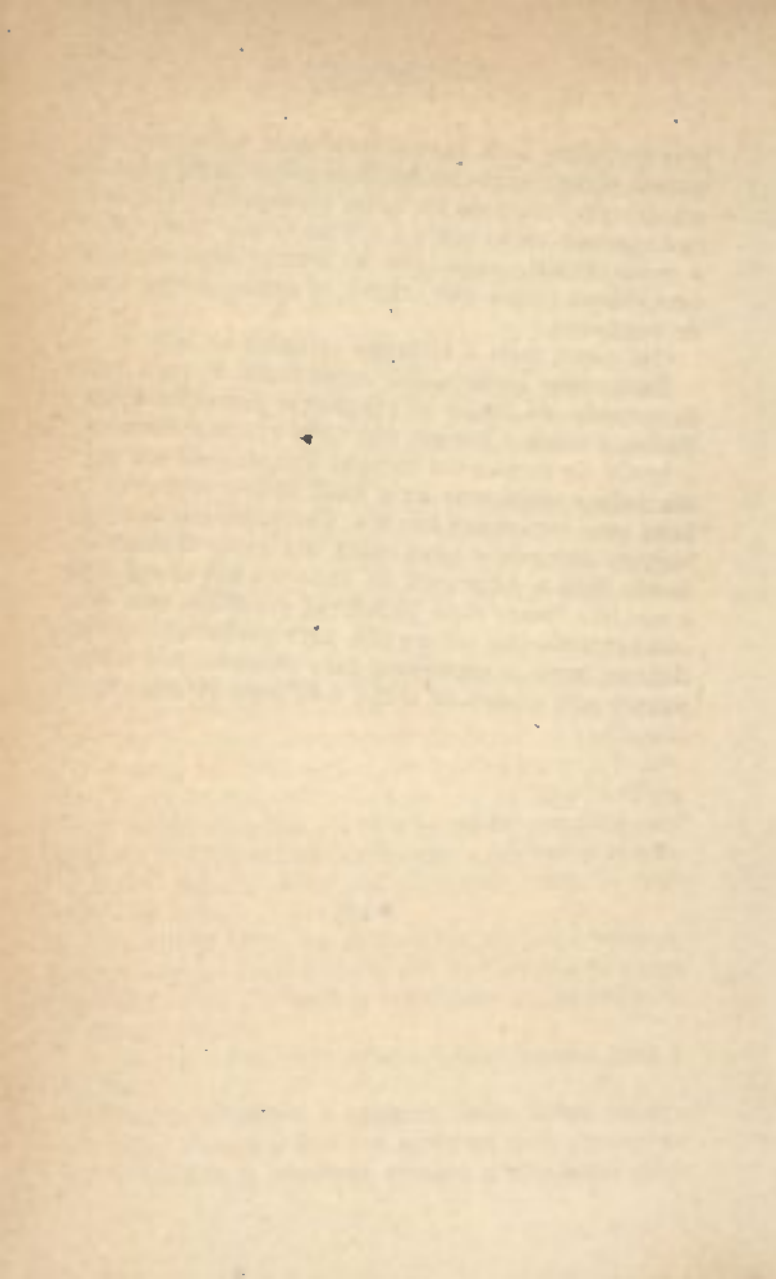
Quando atingimos a segunda linha, fomos avistados pelos inimigos, que nos gritaram para pararmos. Retrocedemos e seguindo sempre a trincheira des-

feita corremos com quanta velocidade pudemos, enquanto eles na nossa retaguarda atiravam de quando em quando, correndo em nossa perseguição. Ao desembocarmos então sobre a trincheira que corre sobre a nossa direita, surgiu-nos na frente, junto de nós, uma coluna alemã que cruzou as armas guarnecidas de bayonetas.

Um passo mais e seríamos crivados de golpes.

Estacamos. Desarmados, extenuados de meia hora de corrida ao longo de trincheiras derruidas e atulhadas, e sobre o terreno removido e lamacento frente a frente de numerosos homens, armados até aos dentes, toda a resistencia seria inutil, todo o proposito de lucta uma impossivel loucura. Cercaram-nos, aos seis homens que nós eramos então, e a partir d'esse momento toda a esperanza de salvacão nos abandonou e nós não fomos mais luctadores decididos, mas *vencidos* caminhando sob escolta, sucumbidos ao peso da derrota, para o captiveiro, para vivermos por tempo incerto sob o jugo da brutal e barbara Allemanha.

F I M



INDICE

| | |
|--|-----|
| A declaração | 5 |
| A viagem | 22 |
| Em Avrault..... | 48 |
| Os amores | 53 |
| Aprendisagem..... | 61 |
| Messe | 68 |
| Em tirocinio | 73 |
| Miserias | 91 |
| Enguinegattes..... | 97 |
| Le Thouret..... | 119 |
| Fósse | 131 |
| A caminho de Fauquissart | 152 |
| De Fauquissart a Paradis e de Paradis a Neuve Chapelle | 160 |
| Combatentes e cachapins..... | 170 |
| Fracos e Valentes | 192 |
| Visitas | 196 |
| O Artista..... | 200 |
| Dia de perseguição..... | 207 |
| Paradis..... | 214 |
| Champigny-Neuve-Chapelle..... | 220 |
| Na reserva | 233 |
| Semana de sangue | 237 |
| Um raiz..... | 249 |
| A ofensiva de 9 d'abril. | 263 |

1/20 June
1870

LIVRARIA EDITORA GUIMARAES & C.

68 - RUA DO MUNDO - 70

Armando Ferrelra

Contos maduros, 1 vol... .. \$50

Luís da Camara Reys

Contos de março, (Lendas-Sonhos-Amores-Ironias), 1 vol. \$60

Azevedo Neves

1 mascara de um actor (Cabeças de expressão) Desenhos originaes e interpretações, de Roque Gameiro, 1 grosso volume edição de grande luxo, br. 2\$00. Encad 3\$20

A. Hamon

As lições da guerra mundial, 1 vol. de 440 pag. 1\$00

Doutor H. Schaefer

E

1. Pereira de Sampaio (Bruno)

Historia de Portugal, 5 grossos vols. 13\$50

Oldemiro Cesar

Comedia da vida, 1 vol. il.... \$60

Alberto Pimentel

Os amores de Camillo, 1 vol. Esgotado

1 corte de D. Pedro IV, 1 vol. \$70

Do portal á claraboia, 1 vol.. \$30

Notas sobre o «Amor de Perdição», 1 vol \$60

1 primeira mulher de Camillo, 1 vol.. \$60

1 Arco de Vandoma, (romance), 1 vol. \$80

1 princesa de Boivão, (romance), 1 vol. \$60

1 porta do paraíso, (romance), 1 vol. in 8.º grande, il. br.

1\$20, enc. 2\$20

Augusto Gil

Gente de palmo e meio..... \$2

O canto da cigarra..... \$2

Brilo Camacho

D. Carlos Intimo..... \$6

Inpressões de Viagem \$7

Do de leve \$7

Por ahi fora..... \$7

Longe da vista. \$8

André Brun

Dez contos em papel..... \$3

Cada vez peor.... \$3

Soldados de Portugal \$7

Praxedes, mulher e filhos.. \$8

Theatro. Codigo penal, art.***

— Ano novo, vida velha — Cavalheiro respeitavel — O primo Isidoro..... \$5

Almas de um outro mundo.... \$5

Outra vez Praxedes. \$5

A malta das trincheiras (migalhas da grande guerra), 1 vol. \$8

D. João da Camara

Dôr Bemdita, trad..... \$5

A Cidade..... \$3

Contos Esgotado

Meia Noite \$6

Aldeia na Corte..... \$5

Tito Martins

Por um óculo.. \$5

João Verdades. notas e comentarios..... \$5

Ideias novas, processos novos . . \$8

Albino Forjaz de Sampaio

O Livro das Cortezãs... .. \$8

Tiberio, filósofo e moralista. . . \$8

Tribly

